



EU ACREDITEI QUE ESTARIA
SALVA AO CHEGAR NO FAROL...

ISSO DÓI?

AUTORA BEST-SELLER INTERNACIONAL
H. D. CARLTON



EU ACREDITEI QUE ESTARIA
SALVA AO CHEGAR NO FAROL...

ISSO DÓI?

AUTORA BEST-SELLER INTERNACIONAL
H. D. CARLTON



Tradução de Sara Lima

COPYRIGHT © 2022 H.D. CARLTON

COPYRIGHT © 2023 EDITORA CABANA VERMELHA

Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL: DOES IT HURT?

DIRETORA EDITORIAL

Elaine Cardoso

EDITORA

Mari Vieira

TRADUÇÃO

Sara Lima

PREPARAÇÃO e COTEJO

Elaine Cardoso

REVISÃO

Barbara Pinheiro

CAPA

Ellen Designer

DIAGRAMAÇÃO

Kaique Martins

Esta obra foi revisada segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo o uso da internet, sem permissão expressa do autor (Lei 9.610 de 19/02/1998).

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa publicação pode ser reproduzida ou transmitida de nenhuma forma, por nenhum meio, incluindo fotocópias, gravações ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem permissão prévia por escrito da editora, exceto no caso de breves citações no corpo de resenhas críticas e outros certos tipos de usos sem fins comerciais, permitidos pela lei de direitos autorais.

Esta é uma obra de ficção. Todos os nomes, personagens, locais e acontecimentos são produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança a eventos, locais ou pessoas, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Sumário

Prólogo

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

Epílogo

Glossário

Agradecimentos

Sobre a Autora

Sinopse:

Quem eu sou?

Já faz muito tempo que esqueci da resposta para essa pergunta. Desde que saí daquela casa, tão desesperada para fugir, apenas com as roupas na mochila e as meias nos pés. Depois desse dia, só andei com sapatos roubados.

Será que sou uma garota que procura o sentido da vida em homens sem rosto? Eram todos tão esquecíveis. Até ele aparecer. Ele me levou para baixo de uma cachoeira e me fez esquecer meu nome. E, em troca, tomei o dele.

Enzo Vitale.

Um homem enigmático que só ama o mar profundo. Ou melhor, os predadores que o habitam. Pelo visto, ele não é tão diferente dos monstros que alimenta. Ele me atraiu para seu barco como um peixe no mar, procurando vingança pelo meu crime. Se tivesse percebido suas intenções, e que uma tempestade nos deixaria naufragados, eu teria fugido.

Agora, sou uma garota que procura refúgio num farol decrépito com um homem que me odeia quase tanto quanto me deseja. Ele quer me machucar, mas o velho zelador da ilha abandonada pode ter intenções muito mais sinistras.

Quem eu sou, já não é uma pergunta importante. Agora preciso saber: vou sobreviver?

CLASSIFICAÇÃO: 18 ANOS
CONTÉM GATILHOS.

Bebê tubarão,
Vá para o seu canto,
Papai tubarão chegou.

Aviso de gatilho:

Este livro é um romance dark com violência extrema, morte, uso de linguagem explícita, pensamentos suicidas, abandono em alto-mar, contato sem consentimento ou com consentimento duvidoso e situações sexuais explícitas para maiores de 18 anos. Menções de suicídio, depressão e ansiedade, TEPT, sequestro, experiências de quase morte, incesto e pedofilia (não retratados), abuso infantil, estupro e outras formas de abuso. Há também certos fetiches, como autassassinofilia (excitação pelo risco de ser morto), asfixia erótica, humilhação e sadomasoquismo.

Nota da Autora

Eu trabalhei com alguém da Itália referente a todos os aspectos relativos à cultura e ao idioma de Enzo, mas observe que algumas das traduções são contextuais e *não* literais. O tradutor tomou algumas liberdades para retratar o significado, mesmo que não digam a mesma coisa no sentido literal. Há um glossário no final do livro com essa comparação.

Espero que gostem!

“Alguns dias sou o oceano.
Outros sou o navio.
Esta noite, sou o farol:
na borda, só e em chamas.”
Vasiliki

Prólogo

Sawyer

Pare de me encarar, porra.

Minha perna está tremendo bastante, e eu me obrigo a pará-la pela milionésima vez. Está na cara que estou nervosa, mas como posso não estar quando a sobrinha do marido da prima da minha mãe está me encarando?

Parece que ela viu um fantasma, e praticamente tenho sido um nos últimos seis anos. Mas se assim fosse, eu não precisaria entrar neste maldito voo.

Estamos sentadas uma na frente da outra, esperando embarcar no avião para Indonésia. Por que ela vai para lá? É quase Natal, caramba.

Suponho que pode ser uma viagem de trabalho, considerando que ela está usando uma saia, um blazer combinando e saltos altos Louboutin. Quem viaja de salto alto Louboutin?

O que importa é que ela reparou em mim, e isso não é nada legal agora.

O suor escorre pelas minhas costas, e tenho quase certeza de que possuo manchas nas axilas.

Estou tentando ser discreta, mas ela também. Parecendo indiferente, mas *nem* um pouco indiferente, ela desliza devagar o celular para fora do bolso. Em princípio, não seria algo suspeito, mas ela também tem manchas de suor nas axilas, e olha para mim a cada dois segundos.

Com cautela, ela leva o telefone ao ouvido, tentando escondê-lo por baixo do cabelo liso. Os fios são tão finos, quase translúcidos,

que não escondem o celular como ela acha.

Que vaca.

Não faço ideia de como posso escapar com ela me observando, mas não tenho escolha. Ou eu saio, ou eles me encontram.

Nem adianta ser discreta, minha vida está em jogo. Pego minha bagagem de mão, me levanto e tento me afastar com calma.

— Ei! — chama ela, mas que se foda. Escapo na multidão, prestes a chorar. Adiei deixar o país por tanto tempo, convencida de que seria pega, e é isso mesmo que pode acontecer.

Com o coração acelerado, vou direto para a loja de presentes, compro um moletom de zíper com capuz, uma calça de moletom e um boné, depois encontro um banheiro para me trocar, o tempo todo olhando por cima do ombro.

Até o banheiro está lotado, por isso mantenho a cabeça baixa e entro às pressas num cubículo. Com as mãos tremendo, enrolo o cabelo em um coque baixo, enfio o boné por cima e, em seguida, deslizo no casaco, colocando o capuz sobre a cabeça para cobrir o resto do cabelo. Por fim, puxo a calça de moletom por cima dos meus shorts, já começando a suar por causa das camadas e da adrenalina.

Em seguida, lavo as mãos e corro para o balcão de passagens, sem fôlego e quase arquejando no rosto da agente. Ela olha para mim, espantada com minha presença repentina.

— Como posso aju...

— Preciso de um bilhete para o próximo voo — interrompo, quase me enrolando com as palavras.

Ela pisca para mim, depois se concentra na tela do computador, clica com o mouse e toca em algumas teclas.

— Um voo para Indoné...

— Não esse — interrompo outra vez. — Outro.

Ela me olha feio. Estou irritando a mulher, mas tenho certeza de que uma grande taça de vinho tinto vai fazê-la esquecer os problemas, por outro lado, se eu for pega, irei sem dúvidas encontrar meu criador.

— Um voo para a Austrália sai em quarenta minutos.

— Perfeito — digo, colocando um maço de dinheiro e minha identidade no balcão. Olhando-me com apatia, ela processa o bilhete e conta as cédulas. Só que devagar pra caralho.

— Faltam 8,09 dólares — fala ela com um tom seco.

Não costumo ser uma pessoa mal-humorada com quem atende clientes. Eles precisam lidar com muita merda. Dito isto, se eu for pega por 8,09 dólares, vou apontar bem para ela e gritar *foi ela* antes de fugir.

Murmurando, pego uma nota de dez dólares do bolso e coloco no balcão.

Olhando-me de cara feia, ela pega a cédula e continua.

O tempo todo verifico por cima do ombro, mas, por sorte, o aeroporto está lotado, e não vejo nenhum rosto zangado usando um uniforme e portando uma arma vindo em minha direção.

— Você tem bagagem para despachar?

— Não, estou só com a bagagem de mão — respondo.

Depois de mais alguns minutos, ela por fim desliza o bilhete para mim, junto com meu troco e minha identidade.

— Portão 102. Terminal B.

Eu os pego do balcão, resmungo um agradecimento rápido e saio em direção ao carrinho elétrico, a bolsa marinheira batendo nas minhas pernas.

Meu coração está quase saindo da garganta quando passo pela inspeção de segurança, saio do carrinho elétrico que me leva até o terminal, e, por fim, chego ao portão. Demorou uma eternidade, e já chamaram meu nome pelo alto-falante. Estou entrando em pânico achando que não vou conseguir chegar a tempo, e eles estão mesmo prestes a fechar a porta quando finalmente chego ao portão.

— Espera! — grito.

O funcionário me vê chegar, e juro por Deus, ele merece um boquete pela bondade de ter se afastado e me deixado passar. Até mesmo ao andar apressada pelo corredor para chegar ao avião, eu olho por cima do ombro.

Meu coração se recusa a voltar para sua área designada até o avião descolar.

Ainda assim, fico esperando que o controle de tráfego aéreo pare o avião e diga que um fugitivo está a bordo.

1

Sawyer

O câncer tem gosto de merda.

Dou uma longa tragada, o gosto mentolado deslizando pela minha língua e preenchendo meus pulmões com produtos químicos industrializados. Quantos destes preciso fumar antes do câncer invadir minhas células, espalhando-se até eu estar dominada pela doença?

Minha garganta fica seca e se revolta contra o tabaco, forçando uma tosse severa. Afasto o cigarro e o encaro, meu rosto contorcido com desgosto enquanto a fumaça sai do meu nariz e da minha boca. Balanço a mão, vendo-o de diferentes ângulos.

Um brilho laranja irradia da ponta, cinzas comendo o papel.

O fogo está na ponta, ardendo como se quisesse me seduzir a envolver meus lábios outra vez.

Não.

Ainda não é apelativo.

Um homem estende a mão bronzeada, agarrando o cigarro antes que eu possa enfiá-lo na areia.

— Passe logo isso pra cá antes de desperdiçá-lo.

Franzo a testa. Será que a areia é inflamável? Aposto que não. É muito densa – não teria nada para alimentar o oxigênio. Não, a menos que se jogue gasolina em cima. Mas aposto que deixaria a praia mais bonita.

Incêndio na costa de um vasto mar azul? Quem não gostaria de ver isso?

Sinto uma lenta rajada de brisa salgada mexer meu cabelo loiro e encaracolado ao redor do meu rosto em uma dança sensual. Coloco as mechas atrás da orelha, cansada demais para recolocá-las no coque baixo simples na minha cabeça.

Olho para o cara sentado ao meu lado. Seus cachos cor de areia, que precisam de um corte, se enrolam em sua nuca e a tatuagem de adaga atrás da orelha é sedutora em sua pele bronzeada. Todas as suas tatuagens são – e todo seu corpo é coberto delas.

Ainda não sei o nome dele, mas seu pau é bom, e isso é tudo o que importa, na verdade. Bem, isso, e sua nicotina assassina. Ele não é o tipo que costumo escolher, mas estava me sentindo sozinha e fiquei com o primeiro cara que não me dava náuseas.

— Que tipo de câncer você acha que vai ter com isso? — pergunto, acenando com a cabeça em direção ao cigarro na sua mão.

Ele ergue uma sobrancelha grossa, seus lindos olhos azuis cintilando no brilho da manhã.

— Não sei. Câncer de pulmão é muito comum. De garganta?

— Acha que vai morrer?

Ele solta uma risada curta.

— Espero que sim.

Aceno com a cabeça, estendendo a mão para que ele o devolva para mim. Ele olha para mim como se eu fosse estranha, um segundo se passa antes dele fazer o que pedi.

Outra tragada, e o gosto é um pouco melhor com o lembrete de que estou ingerindo morte para os meus pulmões.

Sim, o gosto é *muito* melhor.

Ondas altas batem na costa, antes de se espalharem e alcançarem meus dedos do pé com esmalte azul-bebê lascado com garras estendidas, antes de afundarem de volta e arrastarem areia com elas.

O mar é lindo. Mas também não perdoa. Em segundos, pode se virar contra você. Pode arrastá-lo para baixo com tanta violência que você não sabe qual caminho é para cima e alimentá-lo em sua boca cavernosa até que você se afogue ou acabe entre os dentes de algo muito mais assustador.

Dou outra longa tragada, fechando os olhos enquanto sinto a fumaça encher meus pulmões e ficar ali dentro.

Os cigarros também não perdoam, pela maneira que comem você de dentro para fora. Matando pouco a pouco, e depois de uma só vez.

Decido que gosto do mar e de cigarros.

Porque eu... eu também não perdoo.

* * *

— Deu 68,10 dólares — diz o caixa, simpático, com um sorriso no rosto.

— Por um teste de gravidez e um maço de cigarros? — pergunto sem acreditar.

O cara ri.

— Receio que sim.

— Que roubo — murmuro, mas não tenho certeza se ele me ouviu porque ainda está sorrindo.

Adoraria sorver um pouco dessa felicidade para mim, mas depois de três semanas em Port Valen, Austrália, não me sinto mais segura do que nos Estados Unidos.

Após o desembarque, verifiquei as notícias on-line e as autoridades foram informadas de que possivelmente fui avistada no aeroporto e presumiram que fugi em um avião. A mulher do balcão de passagens pode ou não ser capaz de me identificar e confirmar meu voo para a Austrália, apesar de eu usar um nome diferente. No mínimo, ela poderia dizer que eu estava agindo de forma suspeita e dar a eles um motivo para procurar.

Não estou segura neste país – eles me entregariam às autoridades americanas se eu fosse pega –, mas é muito arriscado voar para um país que me concederia asilo. Então, eu me resignei ao fato de que ainda vou ficar aqui por um tempo, e que é hora de assumir a vida de outra pessoa de novo.

Há lugares piores para se estar, acho.

Port Valen é uma bela cidade à beira-mar na costa leste, cercada por um oceano azul-água brilhante e repleta de turistas que procuram mergulhar com tubarões ou explorar os recifes de coral.

Fora da praia, é rica em cachoeiras imensas e buracos azuis para mergulho cercados por vida selvagem e quilômetros de florestas resplandecentes, atraindo alpinistas de todo o mundo.

Também é muito caro aqui.

Vasculho meu surrado porta-moedas, fiapos desgastados nas bordas ficando presos no zíper. Conto as notas e moedas, repreendendo-me por acabar nesta situação. Dinheiro precioso indo ralo abaixo porque mal suporto ficar sozinha, mais o custo extra, já que agora sinto a necessidade de ter uma injeção de nicotina só para aliviar a pressão.

O problema é que essa pressão é afiada e irregular, e não há nenhuma droga neste mundo que a impeça de me machucar.

— Aqui — digo a ele, forçando um sorriso no meu rosto entorpecido. É como quando minha mãe me levava ao dentista, e eu saía com lidocaína injetada na boca e sem controle dos músculos faciais. Costumava rir da sensação estranha, mas não tenho vontade de rir agora.

Ele me entrega o troco e as compras, outro sorriso no rosto. Agora é quase irritante como está feliz.

— Tenha um bom dia — exclama ele, de modo alegre.

— Obrigada — murmuro.

Pego a sacola e corro em direção à saída do mercado, meus chinelos laranja-neon batendo no azulejo branco sujo.

Este estúpido teste de gravidez usou bastante da mesada que me dei. Ainda assim, prefiro saber se um pequeno alienígena está invadindo meu corpo do que viver com medo, verificando obcecada minha barriga em qualquer superfície reflexiva que passo apenas para ver se cresceu um centímetro.

Vivo com medo suficiente, não preciso de mais.

Eles não podem encontrá-la, Sawyer. Você está segura.

Balanço a cabeça, insistindo em ficar no lugar frio e solitário onde o terror reside. *Estou segura?*

Se meu ventre estiver sendo invadido por um alienígena, isso tornará minha vida muito mais difícil. Não posso cuidar de uma criança e me sustentar. Mal consigo fazer isso sozinha, e meus recursos para isso são... Deus, são péssimos.

Meus pensamentos ficam loucos, imaginando um pequeno bebê loiro nos meus braços, aos berros porque está com fome e com assaduras ou algo assim. Precisaria dar o bebê para adoção, sem dúvida.

Mas partiria a porra do meu coração. Ou o que sobrou dele.

Minha respiração está começando a acelerar, e trabalho para controlá-la, lutando para encher meus pulmões apertados. A brilhante luz do sol aquece minhas bochechas quando saio das portas automáticas, corro pelo estacionamento para a calçada, meus chinelos baratos ameaçando quebrar com minha pressa.

Respiro fundo, procurando desesperada por oxigênio, mas está entupindo minha garganta.

Minha menstruação está uma semana atrasada, mas tenho estado estressada. Muito estressada. Nunca rezei tanto – pairando numa bacia sanitária com os polegares no short, implorando aos deuses que me dessem uma razão para usar o absorvente interno na minha mão.

Acho estou na lista dos *pra ferrar* do Céu.

O que é uma grande merda, embora não possa culpar os anjos por me repreenderem em nome do Senhor.

O sabor salgado do mar permanece no ar, revestindo minha língua enquanto continuo a respirar fundo e sinto meu peito apertado afrouxar um pouco. Há algo no cheiro do mar que sempre acalma meus pulmões torturados, seja porque estou abusando deles com um ataque de pânico ou com fumaça de cigarros.

É algo que vou sentir falta quando, por fim, eu for para o próximo destino.

Por ora, aprecio a beleza de Port Valen enquanto posso. A vegetação rodeia as ruas, bem como toques coloridos de rosa, laranja e roxos das flores. Enormes penhascos estão nas minhas costas, e embora a quilômetros de distância, suas estruturas imponentes não devem ser ignoradas.

Um grupo de mulheres passa de biquíni fio-dental, e não posso evitar, mas me apaixono por como esta cidade é descontraída.

Ainda mais perigoso, estou me apaixonando por toda Port Valen, apesar das aranhas comedoras de homens que habitam este país.

Eu ando rápido em direção ao ponto de ônibus e me jogo no banco com um suspiro trêmulo, a sacola de plástico pendurada entre minhas pernas abertas. Há uma pega circulando por cima de mim, deixando-me ainda mais nervosa. Aprendi da maneira mais difícil que os pássaros demoníacos gostam de atacar sem provocação. Ainda estou traumatizada com o último e rezo para que o ônibus chegue antes do programado.

Podia ter dirigido a Suzy Senil, a van que comprei na semana passada. É um Volkswagen velho, amarelo-manteiga – daqueles que você via os hippies nos anos 1970 dirigirem. Viver em uma van é mais ideal do que em um hotel, e tive muita sorte de encontrar uma muito mais barata do que vale. Ele alegou que era da filha que havia falecido, e só queria que o carro desaparecesse da sua frente.

Não tenho minha habilitação aqui de qualquer maneira, e não estou confiante o bastante para dirigir no lado oposto da estrada. Estou convencida de que vou morrer de um acidente de carro ou ser parada e pega por dirigir sem a carteira.

Na hora, a pega grita como se me avisasse que arriscar com a Suzy Senil pode ser mais seguro, mas felizmente, voa para outro lugar.

Com as mãos tremendo de ansiedade residual, vasculho a sacola e pego o maço de cigarros. Eu não deveria estar fumando na minha possível situação, mas o pensamento da morte é muito sedutor, e estou com muito medo de fazer qualquer outra coisa.

Tenho vergonha de mim mesma, mas acho que não sei como é sentir outra coisa.

Não deixe isso virar um vício, Sawyer. Você já tem muitos.

Assim que deslizo um para fora e coloco na boca, percebo duas coisas. Eu me esqueci de comprar um isqueiro, e há alguém sentado do meu lado, o peso do olhar da pessoa endurecendo meu rosto como argila seca.

Eu me viro para encontrar um homem mais velho com pele marrom-escura segurando um isqueiro laranja tão brilhante quanto meus chinelos, seu polegar posicionado no botão e pronto para acendê-lo para mim. Ele está usando uma camisa branca velha e

com um antigo boné de cor cáqui na cabeça. O suor brilha na lateral do rosto, mas ele cheira a Old Spice e sal.

Sorrindo, eu me inclino para a frente e ele acende o isqueiro. Estou tão hipnotizada pelo fogo quanto por vê-lo comer o papel frágil. A fumaça desprende-se do cigarro e vai para o ar salgado, queimando meus olhos ao flutuar até meu rosto.

— Obrigada — digo, afastando a fumaça com a mão. — Quer um?

— Claro.

Entrego um cigarro e observo de perto o homem acender o seu, um brilho laranja cintilando enquanto ele inala.

— Estou tentando reduzir os cigarros, mas nunca consigo parar de vez — comenta ele, iniciando uma conversa.

Um problema terrível de se ter, e um que eu não deveria causar a mim mesma, mas então uma onda de euforia me envolve, e penso que não seria tão ruim. Não vai durar mais do que um minuto, qualquer jeito que torne a pressão afiada suportável, e é tudo o que preciso agora. Isso, e boa companhia.

— Quando fomos capazes de deixar de lado as coisas que mais nos machucam? — murmuro.

— Bem, você tem razão.

Eu sorrio.

— Qual é o seu nome? — pergunto, tentando formar um O com a fumaça, mas sem nem chegar perto.

Ele ri, o som rouco.

— Não me lembro da última vez que uma jovem bonita me perguntou meu nome. É Simon.

Na maioria das vezes, um homem velho e desconhecido me chamando de bonita me faria levantar e ir embora sem olhar para trás, mas a maneira como ele diz não me deixa desconfortável. Na verdade, faz eu me sentir um pouco como um lar devia fazer. Quente e aconchegante. Segura.

Essa sensação de conforto me leva a fazer algo que faço em casos raros. Algo que nunca faço. Dou meu nome verdadeiro.

— Sawyer. Obrigada por me fazer companhia, Simon.

Um segundo de silêncio passa e depois:

— Quer ver minha nova tatuagem?

A surpresa me faz parar por um breve segundo, o cigarro suspenso a meio caminho da boca antes de disparar um rápido:

— Eu adoraria. — E, em seguida, segurar o filtro no canto dos lábios.

Ele enrola a bermuda cargo e mostra sua nova tatuagem. Linhas pretas e irregulares compõem as palavras “vá se foder” empilhadas no meio da coxa, ainda inchadas e irritadas. Desta vez, fui pega desprevenida.

Um riso espantado explode da minha garganta, e quase perco o cigarro nesse tempo, mas não teria me importado se o fizesse.

— Ah, meu Deus, adorei. Provavelmente mais do que meu dedo do pé favorito. Doeu? — pergunto, e me inclino mais para inspecionar a tatuagem. É óbvio que não é feito por um profissional, na verdade, é um trabalho muito ruim, mas acho que é isso que mais gosto.

— Não — diz ele, acenando com a mão. — É terapêutico. Mas não tenho certeza do que você quer dizer com o dedo do pé favorito.

Levanto o pé esquerdo e aponto para ele.

— Meu dedo mindinho é muito fofo, não acha?

Ele se inclina e o inspeciona de perto.

— Tem razão. Eu também gosto desse dedo do pé.

Sorrindo, solto o pé e olho para as palavras disformes. Estou apaixonada por ele. Eu sempre poderia usar um pouco de terapia na forma de uma decisão imprudente – e um pouco maníaca.

Dou outra tragada enchendo a boca de fumaça e exalo, tentando combater o impulso que cresce dentro de mim.

— Onde você conseguiu isso?

Ele encolhe os ombros.

— Eu mesmo fiz. Já ouviu falar de *tebori*?

Balanço a cabeça, então ele cava no bolso e puxa um frasco de tinta preta e um punhado de agulhas vedadas.

Ergo as sobrancelhas, imaginando por que ele carregaria essas coisas, mas fico feliz que esteja pelo menos utilizando agulhas não usadas.

— É um método tradicional japonês. As pessoas as chamam de tatuagens artesanais cutucadas à mão — explica.

— Como funciona?

Ele me explica o processo, o que parece muito simples. Tão simples, que considero fazer um eu mesma. Não tenho tatuagens nem o luxo de ir a um estúdio e pagar por uma.

Assim que abro a boca para perguntar de onde ele tirou os suprimentos, ele interrompe:

— Quer que eu faça uma para você?

Inclino a cabeça para ele, um sorriso atravessando meu rosto.

— Sim — digo, acenando com a cabeça, decidindo que a ideia de um desconhecido me fazer uma tatuagem numa parada de ônibus é boa demais para deixar passar. É o tipo perfeito de espontaneidade que preciso. — O que você quer por ela?

Ele acena para minha sacola plástica.

— Esse maço de cigarros será suficiente.

O olhar que ele me lança me dá a sensação distinta de que ele está mais interessado em me impedir de fumá-los em vez de o fazê-lo. Será que reparou no que mais tinha na sacola?

Eu sorrio.

— Combinado. Quero uma igual a sua. No mesmo lugar também. Podemos combinar.

Gosto da ideia de ter uma tatuagem igual a de Simon. Acho que me faz sentir como se tivesse encontrado um amigo no meu mundinho solitário e terei alguém para me lembrar quando, enfim, for embora.

Mais importante, gosto da mensagem. Porque, na verdade, essas palavras passam pela minha cabeça todos os dias. Que melhor frase para tatuar do que meu mantra diário?

Ele sorri, mostrando dentes um pouco tortos, e faz um movimento para que eu vire minha coxa na sua direção. Shorts jeans são meu traje de todos os dias aqui, por isso ele vai ser capaz de fazer uma tatuagem no mesmo lugar que a dele com facilidade.

O ônibus está se aproximando, então vamos perder o transporte, mas outro vai chegar em trinta minutos — tempo de sobra para fazer minha primeira tatuagem.

Ele tira a tampa do frasco e despeja um pouco de líquido preto na tampa e, em seguida, rasga a embalagem de uma nova agulha.

— Tinta de polvo — diz ele. — A melhor de todas.

Aceno com a cabeça, embora não me importe necessariamente. Tudo sobre isto é anti-higiênico. Se meu corpo rejeitar, vai ficar uma cicatriz bem legal. Apesar de que eu sempre gostei muito de polvos, então acho que vai ser bom ter uma parte deles injetado em mim.

Eles podem desaparecer com tanta facilidade, camuflar-se para se misturar com o ambiente, e isso é tudo o que eu queria de verdade na vida. Talvez com esta nova tatuagem, eu possa fingir que a tinta corroeu tudo o que me faz humana e vai me permitir desaparecer assim como eles.

Franzo a testa, sabendo que nunca é como nos filmes em que uma criança solitária ganha um superpoder incrível. Acho que também me ressinto um pouco com polvos.

Meu novo amigo se inclina perto da minha coxa, seus olhos castanhos nunca se desviam da tarefa enquanto sua mão com uma firmeza surpreendente injeta tinta de uma maneira meticulosa na minha pele. As picadas afiadas liberam todos os tipos de endorfinas no meu corpo, e decido neste exato momento que sou viciada em tatuagens.

Isso é melhor do que cigarros, e apesar de que eles são de Simon agora, ele me permite fumar mais um durante o processo. Para aliviar a pressão, ele diz.

Mais algumas pessoas se juntam a nós, e isso me faz rir quando nenhuma delas parece nem um pouco surpresa ao ver uma garota fazendo uma tatuagem de *tebori* enquanto espera pelo ônibus, como se isso fosse uma ocorrência comum em Port Valen. Um cara até vem e pede uma também, mas Simon diz para ele o encontrar em outro dia.

Toda a experiência é esquisita, mas me trouxe felicidade, e esse sentimento estranho é melhor do que sexo. Desfruto tão pouco de alegria e, muitas vezes, homens desconhecidos se aglomeram em cima de mim e invadem meu corpo.

Mais importante, me fez esquecer.

Vinte e cinco minutos depois, Simon se endireita, o rosto se contorcendo de dor e suas costas se estalam por ficar preso em uma posição desconfortável por tanto tempo.

Eu me sinto mal pela dor que causei, e ele deve notar a expressão no meu rosto porque me lança um olhar severo, muito parecido com o que um pai faria ao repreender um filho.

— Não se sinta mal por mim, mocinha. É uma bênção ser velho, e cada bênção é um pouco agri-doce.

Ainda me sinto mal, mas aceno com a cabeça e me inclino para examinar minha tatuagem. Minha coxa está bem vermelha e irritada, amplificando as linhas ásperas.

Vá se foder, em fortes letras pretas, embora a minha pareça um pouco melhor que a dele. Apesar disso, ainda estão desiguais e oscilantes, e estou aliviada. É por isso que gosto tanto.

— É perfeito.

— Imperfeito — corrige ele, olhando para o trabalho.

— Perfeitamente imperfeito — cedo, dando um grande sorriso para ele. Minhas bochechas doem por estarem sendo tão esticadas, mas assim como todas as vezes que a agulha perfurou minha pele, a dor é boa. — Como todas as melhores coisas.

Ele acende outro cigarro e se inclina para trás como não tivesse que se preocupar com nada. Simon parece que viveu sua vida muito bem, e quero saber o que o levou a esta parada de ônibus, a fazer uma tatuagem em uma garota estranha numa terça-feira à tarde.

— Tem razão — admite ele. — Você também é muito estranha.

Sorrio ainda mais quando ele ecoa meus pensamentos exatos.

— Você também, Simon. Você também.

O olhar que compartilhamos diz tudo – estamos ambos contentes em ser estranhos.

Então, o ônibus para, o motor rugindo alto. Quando as portas sibilam e depois se abrem, eu me levanto e ofereço meu braço, como se estivesse a escoltá-lo para um baile.

Ele acena com a mão, mandando eu ir.

— Prefiro caminhar. Meus ossos velhos precisam do movimento, ou então vão travar para sempre.

Franzo o cenho.

— Então por que estava sentado na parada de ônibus?

Ele encolhe os ombros.

— Eu estava de passagem e você parecia precisar de um amigo.

Abaixando o braço, uma sensação estranha me apunhala no peito. Decepção.

Queria falar mais com Simon. Fazer perguntas e conhecer mais o homem por trás das roupas usadas e da tinta de pólvora.

Ele também é observador, mais uma vez percebendo a expressão no meu rosto. Ou talvez eu deixe transparecer minhas emoções.

— Nossos caminhos vão se cruzar outra vez, Sawyer. A vida tem uma maneira engraçada de jogar as pessoas na sua vida quando vocês estão destinados a colidir. Cabe a você escolher torná-lo permanente.

— Permanência — murmuro, provando a palavra estranha na minha língua. — Você já é permanente, Simon, tanto quanto esta tatuagem.

Ele sorri para mim, um brilho compreensivo no olhar.

— Então eu te vejo em breve, não é?

Sentindo-me um pouco melhor, pego minha sacola plástica e o farfalhar do seu conteúdo me lembra o que mais está nela. O pequeno sorriso no meu rosto desaparece. Simon não vai mais me distrair da minha situação iminente e, de repente, estou com bastante receio desta viagem sozinha.

— Espero que sim. Prazer em conhecê-lo, Simon.

E depois me viro, minha coxa ardendo ao entrar no ônibus. Coloco as moedas na máquina e encontro um lugar lá atrás. O couro sintético está quente e pegajoso na parte de trás das minhas coxas, mas eu mal percebo.

Olho para a janela, tendo um último vislumbre de Simon acenando para mim antes do ônibus partir.

Pelo menos, eu não tenho que ir a uma loja e usar um cartão de crédito ou tirar mais dinheiro. Só vou me dar mais uns dias antes de ir beber.

Então, vou recomeçar como outra pessoa.

Não Sawyer Bennett, mas alguém que desejaria nunca a ter conhecido.

2

Sawyer

Jamie Harris.

Encaro a identidade por um breve segundo antes de deslizá-la para o barman. Ele olha para o documento, para mim e depois para o documento outra vez.

— Você é americana — observa ele.

— Infelizmente — é a minha resposta.

— Você não parece ter 29 anos — comenta ele, antes de devolver a identidade. Isso é um insulto porque sou apenas um ano mais nova do que a identidade diz.

Forço um sorriso.

— Sinto muito por não ter passado pelos seus padrões de como uma mulher de 29 anos deveria ser. Agradeça minha rotina de cuidados com a pele. Posso ter minha bebida agora?

O barman revira os olhos antes de se afastar para fazer a bebida. Assim que ele se afasta, eu esvazio. Meu peito está apertado de ansiedade, mas não me atrevo a deixar isso transparecer.

É o meu rosto na identidade, mas não o meu nome.

Jamie Harris é um empresário de sucesso em Los Angeles, Califórnia, tem uma excelente pontuação de crédito e um enorme limite de 50 mil dólares.

Ele também é um homem e muito bem-sucedido.

Bem, acho que sou *eu* que é bem-sucedida agora.

No entanto, não tenho planos de gastar todo esse dinheiro – não mais do que absolutamente necessário. Antes de voar para cá, tirei dinheiro o suficiente para durar um pouco.

Todas as minhas vítimas são homens, e a maioria delas tem nomes unissex, tornando mais fácil fingir ser eles. Também dormi com quase todos eles. Alguns... eu não queria de verdade, e sentia calafrios na pele a cada toque. Mas era necessário para pegar o que eu precisava.

Não tenho as habilidades para fazer on-line, por isso à moda antiga é meu único método. E para chegar perto o suficiente para obter informações pessoais – eles têm que me levar para casa.

Eu podia conseguir um emprego, mas isso significaria roubar a identidade de uma pessoa morta que ninguém sabe que está morta ou usar meu nome verdadeiro, e tanto um quanto o outro me faz querer vomitar. Para ser sincera, roubar a vida de outras pessoas, para começar, me faz querer morrer.

Sou uma péssima pessoa, sem dúvida. Mas também não sou uma sociopata. Não me falta empatia, e não deixo de me sentir culpada.

No entanto, ninguém pode saber onde estou. *Quem* eu sou.

Então, *não*, não consigo dormir à noite nem me olhar no espelho.

Mas estou fazendo o que posso – a única coisa que sei fazer para sobreviver.

O garçom volta com minha vodca e Sprite e desliza o copo, me atirando um olhar descontente.

— Qual é o seu nome? — pergunto, bebendo um pouco e sorrindo na mesma hora. Para alguém que parece não acreditar em mim, ele fez a bebida bem forte.

O que me alegra, considerando que esta é a única bebida que pretendo pagar. Não posso arriscar ficar bêbada. Não quando estou trabalhando esta noite e preciso ficar bem alerta.

Embora eu não tenha vindo aqui apenas para trabalhar, mas para comemorar também. O teste de gravidez deu negativo. Depois daquele susto, coloquei um DIU o mais rápido possível. Custou um dinheiro que eu não queria gastar, mas é muito mais barato do que uma criança. Sem bebês ou menstruação para o futuro próximo, e isso sem dúvidas é algo para comemorar bastante.

A enfermeira da clínica confirmou que meu ciclo devia estar atrasado devido ao estresse e também apontou algumas outras

preocupações de saúde. Pelo visto, estou abaixo do peso, e quase não conseguir comer não ajuda.

Embora o limite de crédito de Jamie me permita comprar um carro novo, se eu quisesse, não posso comprar mais do que o mínimo. Assim que saio de um lugar, nunca mais volto a usar o cartão deles, caso descubram quem sou e a polícia me localize. Não sei se isso é possível, mas minha paranoia não me deixa agir de outro jeito.

— Tenho um bar movimentado para administrar — é a resposta dele. Olho para os dois lados no referido bar, sem avistar uma única pessoa. É uma hora da tarde de uma quinta-feira. Este bar é uma merda e, pelo visto, a atitude do barman não é melhor do que a decoração desatualizada.

— Você não gosta mesmo de mim. Por quê?

— Você me passa uma vibe de cão selvagem.

Minha boca se abre, antes de um ataque de riso surpreso explodir da garganta.

— Um cão selvagem? — repito sem acreditar. É tão verdade que não posso nem me ofender. Descanso o queixo na mão, um sorriso no rosto. — Conte tudo.

Ele descansa os dois braços no balcão e se apoia.

— Você é destrutiva e incontrolável.

— Você deve ser um psicólogo — retruco, de modo seco.

— Conheço problemas quando vejo.

Aperto os lábios e depois encolho os ombros, tomando outro gole em vez de dar uma resposta verbal. Ainda não está errado.

Ele me observa, esperando uma resposta. Quando só dou outro gole, encarando-o ao mesmo tempo, o barman acena com a cabeça como se estivesse confirmando algo para si mesmo.

— Você está com medo. Isso a torna perigosa — termina ele.

Minha expressão desmorona, e com essa validação, ele estala a língua, deslizando devagar os braços do balcão e indo embora.

Para servir os fantasmas, pelo visto, já que ainda não há ninguém aqui.

Pelo menos, foi o que achei.

— Você não sabia? Uma bebida vem com terapia gratuita nos dias de hoje.

A voz profunda e com sotaque atrás de mim me surpreende, embora não seja o sotaque australiano familiar que estou acostumada a ouvir. Pulo, me viro no banco do bar e dou uma olhada, depois volto para o meu lugar na mesma hora.

— Não. Posso engravidar só de olhar para você. Vá embora.

Ele solta um grunhido.

— Isso não é um rito de passagem para a masculinidade? Engravidar uma menina e ir embora?

Solto uma bufada.

— Isso é o que eles parecem pensar.

O homem se senta ao meu lado, envolvendo-me no cheiro do oceano e uma pitada de sândalo. Ele está usando um calção de banho e uma regata preta – e que homem usa uma regata e fica bonito? Talvez porque ele tem os braços mais deliciosos que eu já vi.

É exatamente o tipo de homem de quem me afasto. Prefiro homens que usam ternos e gravatas e usam hipotecas em seus pulsos. O tipo que é tão sobrecarregado e estressado que desmaiam depois de quinze segundos de... bem, o que *eles* consideram sexo.

Este homem ao meu lado? Eu precisaria trabalhar duro para cansá-lo, e quando eu conseguir isso, então estaria cansada demais para fazer qualquer outra coisa.

Ele é perigoso.

Eu me inclino para ele, quase pressionando meu nariz em seu bíceps musculoso, e respiro fundo, revirando meus olhos para a parte de trás da minha cabeça.

— Também é cheiroso — resmungo. — Afaste-se.

Pego minha bebida com raiva, muito chateada por ele ser tão tentador. Olho para ele, encantada, enquanto ele balança a cabeça, sem dúvida, irritado. No entanto, ele não se afasta.

— Não me cheire.

Ergo as sobrancelhas. Nunca consegui arquear apenas uma, e sempre quis isso. Faria minha próxima resposta mais prazerosa.

— Então vá embora.

O barman disse que eu sou perigosa, mas este homem encarna o perigo. Seu cabelo é raspado perto do couro cabeludo – pequenos espinhos curtos cuja sensação deve ser incrível ao passar minhas mãos – olhos cor de avelã com uma mancha escura no direito e uma pele bastante bronzeada. Uma leve barba por fazer está espalhada por todo o seu maxilar definido, acentuando o olhar quase criminoso dele.

Corpo de um deus grego? Sim.

Poderia arruinar minha vida só com a cabecinha? Sim.

Tem uma permanente expressão carrancuda e se comporta como se odiasse o mundo? Já pode me foder.

— Me obrigue — retruca ele, inclinando o queixo para o barman. O desafio direto em seu tom faz com que arrepios corram pelo meu corpo, mesmo que pareça condescendente. Não me impede de apertar as coxas.

Pigarreando, eu digo:

— Prefiro não te envergonhar na frente de outras pessoas.

Seu olhar desliza sem pressa para o meu, uma expressão estoica em seu rosto tão bonito.

— Pareço ter algo para me envergonhar?

Antes que eu possa responder, o barman se aproxima, seu comportamento muito menos feroz, enquanto o idiota ao meu lado pede sua bebida. Nem sequer pede sua identidade.

Resmungo. *Homens*. Todos são péssimos.

Eu me inclino para o barman.

— Com licença. Este homem... — Faço uma pausa e olho para o lado. — Qual é o seu nome?

— Enzo — informa ele na mesma hora, como se eu não estivesse prestes a fazer queixa dele. Faço uma careta. Ele tem um nome ridiculamente sexy.

— *Enzo* está me incomodando — digo, olhando para o barman e acenando com a cabeça para o culpado. — Temo pela minha vida.

Eu me viro às pressas para Enzo e adiciono um rápido:

— Meu nome é Jamie, a propósito, obrigada por perguntar. — Antes de enfrentar o barman outra vez, dando-lhe um olhar

esperançoso.

Tudo o que recebo dele é um revirar de olhos antes de ir embora. Afundo no banco, e meu novo companheiro ri com vontade do meu lado.

— Ele não gosta mesmo de você.

— Eu sei! — digo, levantando as mãos. — Nunca machuquei uma mosca.

Quase me engasgo com a mentira descarada, e meu humor despenca com o lembrete de que eu só machuco as pessoas como modo de vida.

Parecendo notar a mudança repentina no meu comportamento, ele lança o olhar para mim. Não gosto muito da forma como ele me observa. Eu me mexo no assento, minhas coxas grudando no couro barato.

— Vou sair daqui agora — aviso.

Enzo me encara e eu olho para meu copo vazio. Eu não me mexo. Nem um centímetro. E ele só me deixa ser varrida pelo tornado no meu cérebro.

— E que tal outra bebida em vez disso?

*

— Então, você está me dizendo que nada com *tubarões*? Aqueles monstros grandes e assustadores no mar que comem as pessoas?

Ele me dá um olhar divertido, não impressionado com minha avaliação.

— Eles não comem pessoas. É mais fácil você sofrer um acidente de carro do que ser mordido por um tubarão.

— Sério, aquela estatística chata? Dizem isso com tudo. — Abaixo minha voz de modo zombeteiro e digo: — É mais fácil você sofrer um acidente de carro do que de avião. Por que você não

torna mais interessante e diz que é mais fácil ser morto por um coco caindo da árvore?

Ele balança a cabeça, embora haja um brilho em seu olhar e o canto de sua boca se curva bem de leve e, naquele momento, minha alma deixa meu corpo.

Ele tem covinhas.

Porra. Nada legal.

É também a primeira vez que o faço sorrir. Ou pelo menos, é o que estou dizendo a mim mesma. Quase não chamaria de diversão em qualquer outro momento.

Enzo pode parecer irritado comigo, mas no fundo gosta da minha companhia. Um homem como ele não se forçaria a ficar se não quisesse. Na verdade, acho que ele se divertiria ao me dizer para ir embora.

— É verdade. — Ele encolhe os ombros. — Os tubarões são muito incompreendidos, e a mídia os retrata como bestas comedoras de homens, mas esse não é o caso. São animais curiosos que, na maioria das vezes, confundem humanos com focas. Os tubarões não nos acham apetitosos.

— Então, você está dizendo que se eu entrar na água com um tubarão, ele não faria que nem naquele filme?

Ele semicerra os olhos, e sei que ele não quer parecer sedutor, mas é o semblante mais atraente que já foi direcionado para mim.

Minhas coxas começaram a doer faz muito tempo por mantê-las grudadas sem parar nas últimas duas horas que Enzo e eu conversamos. Mas também vai além do físico. Algo nele me atrai, me faz prestar atenção em cada palavra e torna impossível desviar o olhar.

Talvez sejam as bebidas. Ou talvez não.

Enzo me encara quando eu falo; nunca senti que me escutaram de verdade assim. A melhor parte – ele não oferece conselhos não solicitados ou conforto inexpressivo. Ele apenas... ouve e, ainda por cima, com atenção. Como se a próxima coisa que saísse da minha boca pudesse ser a cura para o câncer. É uma pena que eu seja a porra do câncer.

Nós dois estamos um pouco no brilho agora, e embora Enzo não seja exatamente o mais simpático, é fácil conversar com ele.

Gosto que ele fala como se estivesse morrendo e não tenha tempo para ser agradável quando não tem interesse em fazê-lo. Ele não perde tempo com histórias falsas e garantias. Ele é do tipo que se senta ao seu lado porque quer e fica numa conversa porque liga o suficiente para saber o que você vai dizer depois.

Ele é deliberado.

E, de alguma forma, isso deixa a conversa muito interessante.

— Isso não colocaria um alvo nas suas costas. Mas, no final das contas, eles são animais selvagens e precisam ser respeitados. Eles podem ser temperamentais e territoriais e atacarão se você os agitar ou se eles o confundirem com comida. — Ele encolhe os ombros. — Mas, na maioria das vezes, vão continuar nadando.

Descanso o queixo na mão, encantada pelo jeito dele falar. Enzo é apaixonado pelo trabalho. Seus olhos cor de avelã brilham de empolgação, ele fala com as mãos quando fica bem animado, e há sempre o vestígio de sua covinha no lado direito quando fala da profissão, como se soubesse algo que o resto do mundo não sabe.

Acho que, de certa forma, ele sabe: como é nadar ao lado de um dos predadores mais antigos e temidos do mundo, e poucos poderiam dizer o mesmo.

Ele pode não ter as melhores maneiras, mas posso admirar sua paixão. A única coisa pela qual sempre fui dedicada é por sobreviver e, mesmo assim, sinto vontade de desistir na maioria dos dias.

— Você já foi mordido?

— Não por um tubarão — fala ele de modo arrastado. Dou uma boa olhada nele, sentindo a insinuação nas suas palavras.

— Você fala como se gostasse de ser mordido por não tubarões.

Ele arqueia uma sobrancelha, um leve sorriso empurrando aquela covinha mais fundo na bochecha. Ele pode arquear uma sobrancelha. Acho que não é uma surpresa. Deus sempre teve favoritos.

— Há alguma razão para não gostar?

Suspiro alto.

— Pare de tentar me engravidar, Enzo. Nem somos amigos.

Pego minha bebida e termino apenas para me distrair de testar sua teoria.

— Tentarei ao máximo — afirma, seco.

— E não aceitarei nada menos. O único tipo de papai que me interessa são os que podem me bancar.

— Quer escrever seu número na parede do banheiro? — propõe ele. — Mas não pense que a pessoa que ligar será o tipo de levar para casa dos pais.

As palavras dele são inocentes, mas criam uma dor aguda no meu peito. Afiada o suficiente para me fazer baixar o copo um pouco forte demais.

Percebendo a mudança no meu humor, ele coloca o copo no balcão e olha para mim. Apenas... olha para mim. Espera sem perguntar.

Forço um sorriso e dou um descontraído encolher de ombros.

— Não tenho isso.

— Sem família?

— Apenas eu.

Mais uma vez, ele espera com calma enquanto brinco com o guardanapo molhado absorvendo as gotículas do lado de fora do meu copo.

— Eu os tinha, até que eu e meu irmão, Kevin, tínhamos 18 anos. Dirigiam bêbados para casa e brigavam como sempre. Provavelmente, porque meu pai ficou atrevido com outra mulher. Eles saíram de uma ponte e não foram encontrados até o dia seguinte. Encontramos marcas de arranhões em todo o rosto do meu pai das unhas dela, e os níveis de álcool dos dois estavam altos.

Ele acena devagar, e depois pergunta:

— Gêmeos?

— Sim — confirmo baixinho. — Kev e eu éramos gêmeos. Mas agora sou só eu. — Finalizo a afirmação com um sorriso largo, sinalizando o fim daquela conversa deprimente.

Ele lança um olhar indecifrável para mim, mas por fim diz:

— Vamos, quero te mostrar uma coisa. — Ele acena com a cabeça em direção à saída. — Não quero passar meu dia inteiro

neste bar de merda.

Faz sentido. Então, pego sua bebida e termino.

Uísque, nojento.

— Você é muito rude — observa Enzo, levantando-se e olhando para mim com uma expressão indiferente no rosto.

Ele é tão alto. Tipo, ele tem uns trinta centímetros a mais.

— E você é gigantesco — retruco.

O garçom – que por fim cedeu e me disse que seu nome é Austin – pega os copos ao passar sem olhar para nós, nem mesmo quando Enzo abre a carteira, tira algumas notas e coloca no bar para cobrir nossa conta.

— Você é irritante.

Não é a primeira vez que ouço essa.

— Isso significa que vai cancelar nosso encontro? — pergunto, um toque de esperança no meu tom. Por mais que eu *precise* que Enzo me leve para casa – sempre odeio o que vem depois.

— Não é um encontro. Mas, não, se não quiser ir, então saia sozinha como uma garota adulta.

Meus Deus, ele é mau. Por que é que eu gosto?

— Tanto faz. Vou só pegar o dinheiro para...

— Se pegar qualquer dinheiro, vou enfiá-lo na sua goela — adverte ele, sua voz se aprofundando perigosamente.

Meus olhos se voltam para ele no mesmo instante, arregalados.

— Meu Deus, se quer ser um cavalheiro, apenas diga isso. Esquisitão.

Ele me ignora e passa por mim, indo em direção à saída sem olhar para trás. O idiota apenas assume que vou segui-lo.

Bem.

Ele está certo.

Nunca fui de ter autocontrole. Pulo do banco e corro atrás dele, meus chinelos batendo no chão pegajoso enquanto me apresso para alcançá-lo.

— Adoro seu ritmo irracionalmente rápido — ofego quando emergimos no sol quente australiano. Pisco, a luz forte apunhalando meus olhos sensíveis. — Não perde tempo. Gosto disso. Sou uma mulher ocupada, sabia?

Já estou suando, suas pernas compridas consumindo uma quantidade ímpia de espaço muito mais rápido do que minhas perninhas podem aguentar.

— De alguma forma, duvido disso.

3

Sawyer

— Por que as pessoas dizem que o universo as faz sentir pequenas, mas nunca dizem isso sobre cachoeiras?

— Talvez porque acham que as cachoeiras podem ser conquistadas. Mas ninguém jamais conquistará o universo.

Coloco meu lábio inferior para fora, considerando sua resposta.

— O oceano não foi conquistado. As pessoas também não dizem isso dele.

Ele zomba:

— Essas pessoas nunca estiveram no meio do oceano, então.

Pegando a carteira, Enzo a joga no chão antes de estender o braço atrás da cabeça, agarrar a parte de trás da camisa e puxá-la. Minha boca fica seca quando ele deixa cair o material na rocha molhada, perguntando como ele podia fazer para que uma pedra retenha a umidade melhor do que eu.

Ele só está usando um calção de banho preto, deixando vários palmos de pele expostas. Cada músculo que não deveria ser fisicamente possível de existir... bem, existe. Meus joelhos estão a segundos de cair na rocha.

— Por favor, coloque sua camisa de volta — imploro.

Ele passa por mim sem ouvir meu pedido bastante razoável e mergulha de cabeça no enorme buraco de mergulho à nossa frente. Sua pele mal tocou na minha, mas ainda parece que a eletricidade está dançando no meu corpo.

Se eu pular agora, morrerei por eletrocussão.

— Você podia ter batido com a cabeça! — grito acima da rajada estrondosa de água assim que sua cabeça aparece na superfície azul. Ele me ignora e nada em direção à cachoeira, com as costas bronzeadas brilhando sob a luz do sol.

Sério, nem sei por que ele me convidou.

Mas estou feliz por isso, porque agora que seus músculos não são mais visíveis, posso apreciar a vista direito.

É de tirar o fôlego. Uma pequena alcova cercada por penhascos e vida vegetal de um verde bem vivo que se espalha nas profundidades azuis cintilantes. Bem na minha frente está uma enorme cachoeira, sua força faz meus ossos vibrarem. Os cipós rastejam por centenas de metros de rocha, e estou considerando de verdade me agarrar a um e testar minhas habilidades *Tarzan*. Sempre quis saltar de um cipó e pular na água. De estar em harmonia com a natureza e tal.

Enzo se vira para me olhar, e meu coração para por um segundo.

— Vem comigo?

— Só se você prometer não me tocar — respondo.

— Prometo não fazer nada a não ser que me implore.

Então, ele se vira e mergulha, desaparecendo sob as cataratas.

Solto um gemido em voz alta, jogando a cabeça para trás. Estou tão aliviada quanto chateada por ele não ter feito a promessa. Ele está enviando sinais muito confusos.

Com um suspiro de resignação, tiro minha regata pela cabeça, desabotoo o short jeans e o deixo cair. Felizmente, aprendi a não ir a lugar nenhum sem usar roupa de banho.

Deslizo os dedos na tatuagem fresca na minha coxa. Só passaram alguns dias, e estou arriscando uma infecção ao entrar na água. Mas *não* entrar e nunca descobrir o que vai acontecer atrás da cachoeira parece pior.

Acho que a única decisão sábia que tomarei hoje é não balançar em um cipó. Não vou exhibir meu rei da selva hoje, se bem que eu gostaria que Enzo não tivesse desaparecido para poder perguntar se é seguro fazer uma bala de canhão na água. Ele pode ter mergulhado, mas eu também tenho a sensação de que ele poderia

mergulhar em mais de um metro de água e nem sequer coçar o nariz.

Decidindo ir em frente, corro, pulo, me enrolo numa bola e bato na água como uma verdadeira imbecil. A maioria das meninas provavelmente iria rebolar até a água como se estivessem em uma sessão de fotos, mas minha vida é uma incógnita muito grande para não fazer as coisas que quero fazer de verdade.

Tipo, seduzir o homem mais gostoso que já vi atrás de uma cachoeira. Resmungo de novo, desta vez para mim mesma. Demorou dois segundos para me convencer, embora eu já soubesse que não ia dizer não.

Gosto de mentir para mim mesma.

Vou até a superfície por tempo suficiente para respirar fundo e depois mergulho de volta, passando sob a cachoeira.

Está tão quente aqui, é como estar enrolado num cobertor aquecido em um dia frio. Tão reconfortante que dá arrepios.

Quando volto a emergir, Enzo está sentado no chão de rocha na beira da piscina natural, um joelho para cima apoiando o braço e o outro ainda na água enquanto me espera. Seu corpo brilha, e uma gotícula em particular chama minha atenção, arrastando-se pelo abdômen definido em direção ao cós do short.

Engolindo em seco, o encaro de volta, ficando na água onde é seguro. Não consigo decifrar as emoções nos seus olhos. Ele os tem em confinamento, e não saber como Enzo está se sentindo ou o que está pensando – é desconcertante.

— Vai me matar agora? — pergunto, minha voz mal supera o som estrondoso da cachoeira. Seria bastante fácil para meus gritos serem encobertos.

— Alguém ia te procurar? — retruca ele.

Eu sorrio com sarcasmo.

— Sim. Tenho pessoas me procurando neste exato momento.

Ele nunca vai entender a verdade dessa afirmação. Não até ser tarde demais, pelo menos.

— Esta cachoeira não é bem conhecida — argumenta ele, arrastando o olhar pelo meu pescoço antes de voltar para meus olhos. — Levaria algum tempo para te encontrarem.

Apesar do fato de que estou suando por causa do calor, sua resposta – não, sua voz – me dá calafrios.

Encolho os ombros.

— Nunca quero ser encontrada.

— Então acho que tenho você bem onde eu quero — fala ele de modo arrastado e lento.

Estou em apuros, mas é o tipo de perigo que faz você sorrir sem controle enquanto balança entre a linha da vida e da morte. O tipo de perigo que a faz vibrar, que faz você se sentir viva, e depois lhe deixa desolada e esgotada quando acaba.

— Quer saber o que eu pensava de você quando estávamos no bar? — questiono.

— Que eu poderia engravidar você com um olhar — reitera ele, seco.

Um calor se acumula no meu ventre com suas palavras. Eu nem quero filhos, então é vergonhoso admitir que estou tão excitada.

É como se sua celebridade favorita falasse em engravidar você. Não importa se quer ter filhos ou não, sua calcinha derrete na mesma hora só de pensar.

Balanço a cabeça, respirando fundo, esperando inalar oxigênio o suficiente para limpar o delírio da minha mente.

— Que você poderia me arruinar só com a cabecinha — admito, sorrindo quando ele parece um pouco surpreso.

— Por que achou que transaria com você?

Ai.

Dou de ombros, ignorando o constrangimento começando a rastejar pelas minhas bochechas.

— Está dizendo que não transaria?

Ele olha para mim por um segundo, seus olhos me avaliando. Parece que ele tem um abridor de fechadura e está usando no meu cérebro, tentando desvendar todos os meus segredos.

Mas eu nunca vou contar.

Por fim, ele balança a cabeça devagar, a língua passando pelo lábio inferior. Eu me concentro no ato, minha boca abrindo e salivando.

Ele desce o joelho, ambas as pernas agora submersas na água, e se inclina para a frente. Eu me arrepio sob a intensidade do seu olhar, sem saber se os olhos de Enzo estão ardendo porque também está atraído por mim, ou se está cansado das minhas perguntas.

— Você também vai me arruinar. Mas, infelizmente para você, é onde me sinto mais confortável.

Reúno coragem suficiente para me aproximar dele, mas não o suficiente para Enzo me agarrar. Ainda não sou tão corajosa assim.

Nunca fui corajosa.

— Como assim? — pergunto, me distraíndo com outra gotícula descendo por seu peito.

— Se algo acontecer, vai ser agora. Uma noite.

Olho para ele piscando os cílios, e sinto uma gota de água escorrer da minha sobrancelha e descer pela bochecha. Parece simbólico.

— Combinado — digo, minha voz rouca de desejo. — Depois não nos vemos nunca mais.

Antes que ele possa responder, mergulho abaixo da superfície e nado até estar em seus pés. Volto à superfície, passando as mãos no meu cabelo loiro e quase engasgo com o fogo em seus olhos cor de avelã.

Com o coração batendo forte, apoio as mãos em cada um dos seus joelhos e me levanto até ficarmos frente a frente. Ele fica tenso, mas não se afasta. De perto, posso ver como os olhos dele são extraordinários. Os redemoinhos de castanho-dourado e verde se misturam, rodeados por um anel escuro. E no seu olho direito está aquela mancha escura, como se alguém tivesse deixado cair uma gota de tinta por acidente.

— Mas preciso ter certeza de uma coisa primeiro — digo a ele, com a língua para fora para molhar os lábios. Seus olhos caem, observando minha língua desaparecer antes de viajar mais para o sul, permanecendo nos meus seios que estão empinados e a água passando nas minhas curvas. Sem pressa, ele ergue a cabeça e, quando nossos olhos se reconectam, estou quase ofegante. Agora,

posso ver a emoção crua refletida para mim. Um desejo quase selvagem, e é revigorante.

Seus punhos apertam e minha respiração acelera ao ver um homem dominado pelo desejo continuar parado, sem nem mesmo uma respiração expandir seu peito.

Continuando, sussurro:

— Estou cansada de homens que não sabem o que estão fazendo. Então, me beije primeiro. Se não souber como me foder com a boca, também não vai saber como usar seu pau.

Ele ri, o som baixo e profundo. Sem humor, como se eu tivesse acabado de lhe dizer que não tenho medo dele enquanto segura uma faca na minha jugular.

Mesmo que seu sorriso seja impiedoso, faz coisas com meu corpo de qualquer maneira. Parece que sou um pano encharcado de gasolina que acabou de tocar em um fósforo aceso. E sei que nunca mais serei a mesma depois desta noite.

Uma covinha aparece em sua bochecha direita e aqueles dentes brancos afundam em seu lábio inferior, como se ele tentasse evitar uma risada cínica.

— Quer que eu foda você com minha boca? Posso fazer isso, baby. Mas o que vou foder é sua boceta.

Ele levanta a mão, arrastando os dedos pela minha bochecha e pelos meus cabelos. Eu tremo sob seu toque ardente, meus ossos se transformando em geleia com apenas um único toque de sua pele.

Seu aperto fica áspero, me empurrando para a frente e arrancando um suspiro da minha garganta, quase fazendo minhas mãos escorregarem.

— Mas prometi que não faria nada até você me implorar — lembra ele, um desafio perverso em seu tom.

Nunca implorei para ser fodida na minha vida. Nunca precisei, quando os homens são tão simples. Mas acho que isso não é verdade. Houve algumas ocasiões em que eles tocaram no meu ponto G por acidente, e eu implorei para que ficassem ali.

Mas eles nunca ficaram.

— Por favor — murmuro.

Ele apenas nega, e eu tento não me sentir rejeitada. Inclinando a cabeça para Enzo, passo os olhos por seu corpo, questionando se vale a pena implorar.

Notando o olhar no meu rosto, ele coloca a mão entre minhas coxas e pressiona meu clitóris com firmeza, me fazendo balançar sob seu toque.

— Não sou o tipo de homem que você quer duvidar — diz ele, sua voz se aprofundando.

Ele sabe localizar o clitóris. Bom o suficiente para mim.

Mordendo meu lábio, eu me inclino para a frente até meus lábios tocarem seu maxilar, adorando a maneira como ele fica parado.

— Por favor, Enzo. Eu preciso de você — sussurro, garantindo que ele possa ouvir cada nota de desespero.

Um rosnado profundo retumba na base de sua garganta enquanto eu levo minha boca na direção da dele, chegando bem perto antes de Enzo se afastar.

Negando-me seus lábios, ele agarra minha cintura e me levanta, aliviando meus braços trêmulos de suportar meu peso. Virando-me, ele me coloca na rocha escorregadia e volta para a água.

Com nossas posições invertidas, ele passa os braços sob meus joelhos, agarra meus quadris e me puxa bruscamente na sua direção. A superfície implacável arranha minha pele, mas apenas aumenta o desejo atravessando minhas terminações nervosas.

O vapor das fontes termais ondula ao nosso redor e da cachoeira a quinze metros de distância. Cobre minha pele, me deixando corada e ofegante. Ou talvez seja a maneira como Enzo se inclina para a frente, olhando para mim com as sobrancelhas bem arqueadas e os cílios grossos, que me deixa em chamas.

Seu dedo provoca a borda da minha roupa de banho no ápice das minhas coxas, criando um arrepio de corpo inteiro forte o suficiente para fazer meus dentes tremerem. Então, seu olhar cai quando ele desliza a roupa para o lado, me expondo por completo.

Ele assobia entre os dentes, e tudo que posso fazer é agradecer a Deus que me depilei hoje.

— Tão bonita — murmura ele antes de dar um beijo lento e suave bem no meu clitóris, olhando para mim ao mesmo tempo. Inspiro

bruscamente, decepcionada quando ele se afasta.

— É esse o tipo de beijo que você queria? — provoca ele, olhando para mim outra vez antes de baixar a cabeça como se ele não pudesse suportar desviar o olhar.

— Não — choramingo. — Você pode fazer melhor do que isso.

— Posso? — pondera ele. — Como eu faria isso? Usando minha língua? — Assim que a última palavra deixa sua língua referida, ela sai de sua boca, atacando meu clitóris antes de desaparecer entre seus dentes.

Solto um gemido, meus quadris rolando sem querer em direção à boca dele, procurando com certo desespero o que ele está me privando com tanta crueldade.

— Sim, assim — ofego, minhas pernas começando a tremer. A excitação está se acumulando lá embaixo e minha boceta lateja com esse desejo potente.

— Assim — ecoa ele, lambendo meu clitóris de novo. Embora desta vez seja mais lento, me fazendo estremecer por ser tão bom.

— Não pare.

Arquejo, minha cabeça caindo para trás e minhas pernas se alargando. Outro gemido ricocheteia nas paredes de pedra quando ele atende ao meu pedido, curvando a língua de modo sensual como faria se estivesse na minha boca travando uma guerra contra a minha.

Começo a ficar desesperada para experimentar isso, também, porque ele *sabe* beijar. E, sem sombra de dúvida, sei que este homem sabe foder também.

Ele geme no meu clitóris.

— Você tem um gosto melhor do que o vinho mais doce, e eu poderia beber você para sempre.

Meu coração acelera, e meus quadris giram, moendo contra sua boca enquanto ele me prova, bebendo de mim como um homem triste desesperado para escapar no conteúdo de uma garrafa. A barba por fazer no seu maxilar só aumenta o prazer, me fazendo moer com mais força contra ele.

Ele chupa meu clitóris, ganhando um gemido agudo seguido pelo seu nome, e é como ver uma flor florescer com a maneira como ele

ganha vida.

As veias em seus braços incham, e eu posso ver a tensão se acumulando em seus ombros à medida que ele me aproxima, a totalidade de sua boca me cobrindo como se ele não pudesse obter o suficiente – *comer* o suficiente.

— Abra mais, *bella*, preciso de mais.

Obedeço, subindo os joelhos o máximo que consigo. Sua língua explora cada centímetro, mergulhando dentro da minha boceta e concentrando minha excitação na ponta antes de abaixar ainda mais e tocar minha entrada apertada. Algo que, na maioria das vezes, evito, mas com Enzo, meu corpo só parece implorar por mais.

É quando sua boca se fecha no meu clitóris de novo, sugando com tudo enquanto lambe com ferocidade, que meus joelhos se fecham, quase esmagando seu crânio entre minhas coxas. Meus olhos perdem o foco por completo, e meus arredores desaparecem, todos os meus sentidos focando nas sensações que irradiam por baixo de sua boca persistente.

Minhas pernas apertam com mais força, mas não cedo – não posso ceder – perdida no prazer sem fim para dar a mínima. Gritos sem fôlego saem da minha garganta, e minhas unhas marcam seu couro cabeludo. O orgasmo que cresce está atingindo um pico aguçado, e meu desespero para alcançá-lo é implacável.

Ele afasta minhas coxas, segurando uma com o braço e sua outra mão desliza até minha entrada, o único aviso que ele me dá antes de dois de seus dedos me penetrarem, arrancando um gemido agudo enquanto ele os dobra e me fode.

Parece que estou à beira de perder o controle da minha bexiga, mas se mistura com a intensa necessidade de gozar. Então, ele atinge um ponto que me deixa cega e, meu Deus, ele não para nem se mexe um centímetro.

Perco todo o controle.

Só consigo me engasgar com a euforia, todos os sons cessam enquanto tento respirar. Minha boca se abre num grito silencioso, incapaz de dar qualquer outra coisa quando meu corpo perdeu o controle.

Meus olhos perdem o foco e sinto algo apenas... estalar. Cada um dos meus órgãos vitais foi dominado pelo orgasmo que me envolve, e parece que estou explodindo de verdade. Não é até que eu esteja à beira de desmaiar que meus pulmões, por fim, se abrem, me permitindo soltar um grito agudo.

— Porra — xinga ele, continuando seu ataque com os dedos. Aos poucos, vislumbro uma poça de líquido na sua mão, mas estou delirando demais para me importar contanto que ele continue fazendo... meu Deus, aquilo.

— Ah, meu Deus, *Enzo* — soluço, meu corpo convulsionando enquanto o dele está tenso, lutando para me manter parada. Seus dedos saem, substituídos pela língua, e ele bebe avidamente do meu corpo.

Quando se torna demais, ele se retira, e sinto minha alma desmoronar, exausta do orgasmo mais alucinante que já experimentei.

— Isso — suspiro, sem fôlego —, *não* foi normal.

Minhas pernas estão tremendo, e choques tardios devastam meu corpo e ele se levanta da água e rasteja para cima de mim.

É preciso esforço para fazer meus olhos turvos se concentrarem e, quando o fazem, eu corro por causa do seu semblante. Seu rosto está... encharcado e seus olhos estão ardentes.

— Acabei de...? — Eu paro de falar, envergonhada demais para dizer isso em voz alta. Nunca ejaculei antes e o momento foi tão místico como outras afirmaram.

— Sim — confirma ele, sua voz se aprofundando com desejo irrestrito. — E agora quero ver você gozar assim no meu pau. — Ele se inclina, fazendo minha pele se arrepiar ao sussurrar: — Não vou parar até que você o faça.

Ah, merda. Estou morta, não estou? Sofri algum tipo de ataque cardíaco. Sem dúvida, um homem determinado a fazer uma garota gozar mais de uma vez não existe, não é?

Ele puxa as cordas em volta do meu pescoço, o biquíni amarelo-manteiga desliza dos meus seios quando o nó se solta.

Um barulho profundo se acumula em seu peito e suas mãos deslizam para cima e seguram meus seios em suas grandes

palmas, arrastando o polegar no meu mamilo duro e arrancando um gemido da minha garganta.

— Linda — murmura ele.

Mordo o lábio, espiando-o por trás dos cílios. Ele olha para mim como se eu fosse uma obra-prima, um santuário para adorar, e não posso negar como isso é revigorante.

Molho os lábios e depois solto um fraco:

— Obrigada. Eu mesma que cultivei.

Ele não presta atenção, apenas se abaixa e captura um mamilo entre os dentes. Arquejando bruscamente, me arqueio em sua boca quente, meus olhos perdendo o foco em sincronia com sua língua.

Ele solta um gemido profundo antes de mudar para o outro. Seu aperto se transforma em punição, e eu me deleito com a sensação de suas mãos me marcando. Quero estar coberta de hematomas pela manhã. Será a última vez que Enzo vai me tocar, e quero algo bom para me lembrar dele antes de estragar tudo.

Ele se afasta com um barulho molhado e depois pragueja.

— Merda.

— O quê, o que foi? — pergunto, procurando ao redor para encontrar a fonte do problema. Ele brochou? Jesus Cristo, só pode ser azar. Encontrar um cara que consegue foder como um deus, mas só quando fica duro.

— Sem preservativo — diz Enzo com a voz engasgada. Ele começa a se afastar, mas eu o paro.

— Hum, sem querer ser estranha porque não nos conhecemos, mas não tenho nenhuma doença e uso DIU.

Sua testa franze, uma careta torcendo seus lábios.

— Não transo sem camisinhas.

— Então por que me trouxe *aqui*? Por que não, tipo, sua casa ou um hotel?

— Porque parecia que você precisava de uma escapulida. Não estava planejando transar.

— Ah — digo, pigarreando desajeitada. — Bem... humm, você providenciou uma ótima escapulida.

Há um indício de suas covinhas e, mais uma vez, sou dominada pela necessidade de fazê-las aparecer.

Devagar, seus olhos percorrem minhas curvas e, pela primeira vez, sinto uma sensação de insegurança. De imperfeição. Como se ele pudesse ver os pecados que cobrem meu corpo como óleo.

— Talvez só desta vez — murmura ele, pelo visto, para si mesmo. Umedeço os lábios, esperando sem paciência que ele decida. Quando seus olhos castanhos se erguem, quase faz meu coração parar. Ele é tão... intenso.

— Você vai me arruinar — reitera.

Eu vou.

— Não vou.

Pelo menos, não como ele pensa.

— Você está mentindo.

Estou.

— Você não será o único que será arruinado, lembra? — esclareço, decidindo falar a verdade.

Sem dúvidas, vou destruí-lo, e mais tarde, vou me odiar por isso mais do que já odeio.

4

Sawyer

— Também não tenho nenhuma doença — diz ele, brusco. — Agora, tire — exige, acenando com a cabeça para seu short.

Meus braços estão zumbindo de alívio, fazendo-os parecer entorpecidos enquanto prendo os polegares no cóis do short e puxo para baixo o máximo que consigo. Ele os chuta o resto do caminho, e meus olhos se arregalam quando ele se ajoelha.

Ele não é apenas longo, mas muito grosso, com veias pulando por todo o comprimento.

— De jeito nenhum — digo, balançando a cabeça. — Não. Nem pensar. Mudei de ideia. — Aponto para seu pau. — Isso vai perfurar um pulmão.

Ele ergue as sobrancelhas, uma pitada de diversão misturando-se com a luxúria em suas esferas cor de avelã.

— Só a cabecinha, lembra? — relembra ele de modo sombrio, com alegria nos olhos. Ele não se diverte o suficiente para libertar as covinhas, mas isso faz meu coração acelerar de qualquer maneira.

Eu olho para ele, irradiando nervosismo enquanto ele puxa os dois laços de cada lado da parte de baixo do biquíni, tirando toda minha roupa. Então, ele me agarra pela cintura e me puxa contra seu peito. Enrosco minhas pernas fracas ao seu redor e envolvo meus braços em seu pescoço, arquejando fundo quando sinto seu pau roçar em mim.

Deslizando uma das mãos entre o vale dos meus seios até minha garganta, ele segura meu queixo e desliza um polegar no meu lábio

inferior.

— Mal posso esperar para provar que você está certa — fala ele com a voz áspera, enviando outra onda de arrepios por todo o meu corpo.

Mas estou com dificuldades em processar suas palavras na espessa nuvem da luxúria.

— O que...? — ofego, a palavra terminando em um gemido quando ele mordisca aquele ponto sensível logo abaixo da minha orelha.

— Só a cabecinha. É tudo o que você pode ter.

Mordo o lábio, excitada e desapontada. Não preciso continuar isto para saber que vou querer tudo e, mesmo assim, não tenho certeza de que será suficiente.

— Você vai me fazer implorar de novo, não vai? — pergunto.

Ele se afasta apenas o suficiente para me encarar, o desejo girando em seus olhos como um poço cheio de cobras.

— Não, *bella*, vou fazer com que tire de mim. Se você quer que um predador se submeta a você, então precisa ser mais forte.

Ele se inclina para a frente, roçando os lábios pelo meu pescoço, provocando faíscas de eletricidade.

— Então, se quiser cada centímetro do meu pau enchendo sua linda bocetinha, é melhor ter certeza de que consegue aguentar.

Em vez de uma resposta, estendo a mão entre nossos corpos, minha mão circulando seu pau. Enzo cerra os dentes, o músculo vibrando em seu maxilar. Parece à beira de estourar, e no momento em que sinto a cabeça deslizar pela minha entrada, sei que não estou muito atrás.

Suas mãos estão nos meus quadris e me empurram para baixo, transbordando de impaciência e desejo. Arquejo, tremendo quando a ponta do seu pau me preenche, embora não seja o suficiente. Ele me para lá, e quando tento me sentar mais, ele resiste, seu aperto se tornando punitivo em meus quadris.

— É tudo o que você pode ter — relembra ele com uma voz baixa, uma melodia irônica em seu tom.

Se ele quer jogar este jogo, então vou jogar.

Eu me inclino para a frente, preparada para tocar meus lábios nos dele, mas Enzo vira a cabeça.

— Você não pode me beijar — avisa ele.

Trapaceiro.

A rejeição magoa, mas não deixo que me detenha. Então, deslizo meus lábios em seu queixo e deslizo as mãos em seu peito, me deleitando com a sensação de seus músculos tensos. Seu corpo é algo para ser venerado, e é uma tortura saber que só tenho uma noite.

— Parece que você se esqueceu de que precisa mais de mim para gozar, mas eu não preciso de você — digo em um tom baixo.

Em seguida, agarro sua garganta e o empurro para baixo até que suas costas fiquem apoiadas na pedra, soltando seu firme aperto na minha cintura. A cabeça dele paira sobre a beira da piscina natural, e ele olha para mim com total espanto, mas eu já estou endireitando minha coluna.

Minhas mãos deslizam pelo meu corpo, lenta e sensualmente, envolvendo seu olhar selvagem como um ímã estalando até sua contraparte.

Tão fácil.

Quando meus dedos tocam meu clitóris sensível, solto um gemido e inclino de leve minha cabeça para trás, mostrando como me sinto bem.

Um grunhido se forma no fundo do seu peito, mas ele não me assusta. A força não reside apenas nos nossos músculos, mas também nas nossas mentes. E as dos homens são tão fáceis de se submeter.

Rebolo meus quadris, lembrando-o do que ele está perdendo, esfregando meu clitóris ainda mais. Minha outra mão sobe para meu seio, apertando com força enquanto me masturbo.

— Porra — xinga ele sem fôlego. Mais uma vez, suas mãos estão nos meus quadris, apertando mais aos poucos.

— Ah, Enzo — gemo, e seu aperto se solta, por ter ficado surpreso ou porque se perdeu para a luxúria, não importa. Eu me sento toda em seu pau, reprimindo um grito de dor.

Sua explosão traz um leve sorriso ao meu rosto, o som uma mistura de um rugido e um gemido. Ofego, meu rosto se contorcendo enquanto meu corpo se ajusta ao seu tamanho. Apesar de estar molhada e excitada, não diminui o ardor.

— Isso dói, *bella*?

— Você é tão grande — digo com a voz entrecortada. Um trovão reverbera pelo seu peito, e acho que ele está ficando desequilibrado.

— E você vai pegar tudo, porra — rosna ele.

Prendendo meu lábio inferior entre os dentes, reajusto minha posição. Planto os pés na pedra e abro as pernas, como se estivesse me agachando em cima dele. Seus olhos observam eu me equilibrar em seu abdômen definido.

Com este novo ângulo, ele vai ver como posso pegar mesmo tudo.

Então, eu me levanto até a cabecinha e me sento nele de uma vez, fazendo com que sua cabeça caia para trás, e a água toque no seu cabelo. Um grito sai da minha garganta, só que desta vez, não dói.

— *Sim* — encoraja ele, levantando a cabeça mais uma vez. — Me fode bem assim, boa garota.

Meus olhos ameaçam encontrar um novo lar na parte de trás do meu crânio quando repito o movimento, encontrando um ritmo constante que envia tremores pelo meu corpo. Se este homem fosse meu reino, eu sentaria neste trono por toda a eternidade.

Cerrando os dentes, ele se levanta para se apoiar em um cotovelo e sua outra mão agarra minha nuca e me puxa para perto dele. Cria a quantidade perfeita de atrito entre sua pélvis e meu clitóris, e um gemido ofegante deixa meus lábios em resposta.

— Assim — ronrona ele. — Assim mesmo, *bella*. *Cazzo, quanto mi fai godere*.

Não faço ideia do que isso significa, mas, *Jesus*, a maneira como ele fala devia ser ilegal — é capaz de causar um maldito ataque cardíaco. Ergo meu corpo e me sento de vez de novo, uma e outra vez, até que um ciclone se forme no fundo do meu ventre.

Não demora muito até ele estar bombeando os quadris e respondendo a meus impulsos com determinação. Sua boca está aberta, com as sobrancelhas franzidas e os olhos fixos entre nossas coxas. É a visão mais erótica que já vi, e ficarei triste em não poder vê-la mais.

— Venha aqui — fala ele com a voz áspera. Com a mão ainda agarrando minha nuca, ele me puxa para baixo até que eu esteja deitada em seu peito, e meus joelhos estejam dobrados em cada lado do seu corpo.

Ele dobra as pernas e planta os pés na pedra. Por um segundo, ele para. Minha boca está suspensa sobre a dele, ainda sendo mantida refém da mão no meu pescoço enquanto Enzo me encara com um brilho diabólico nos olhos.

— Está pronta?

Não.

— Sim — sussurro.

Há um leve sorriso conhecedor em seus lábios, e antes que eu possa encontrar qualquer vitória em quase fazê-lo sorrir, ele agarra meus quadris e se enterra dentro de mim.

Meus olhos se arregalam, um suspiro deixa meus lábios com o novo ângulo, qualquer vitória esquecida sem demora.

Claro, ele não me dá uma trégua. Em vez disso, prende meus quadris enquanto me fode. Minha mão bate na rocha molhada para me segurar, um gemido entrecortado ecoando pelas paredes da caverna oca.

Uma respiração quente passa pela concha da minha orelha e seus lábios provocam a pele sensível.

— Ainda acha que consegue lidar comigo? — pergunta ele, com a voz firme e irregular pelo esforço e prazer.

De jeito nenhum.

Exceto que não consigo dizer nada, o orgasmo se agitando em meu corpo ficando mais exigente.

— Sabe o que eu acho? Você pega tudo tão bem. Mas quero ver como você fica depois de passar horas no meu pau.

Eu não sobreviveria.

Pouco a pouco, meus gemidos se transformam em gritos, e o chão de pedra está começando a arranhar meus joelhos, mas a dor só intensifica o prazer.

Uma das mãos dele mergulha no meu cabelo, apertando meus cachos com força e forçando minha cabeça para trás. Seus dentes mordem meu pescoço um segundo depois, arrancando outro grito dos meus lábios.

Estrelas se formam na minha visão, e estou tão perto de explodir outra vez.

— Enzo — imploro.

— Levante-se — ordena ele. Obedeço, endireitando a coluna e buscando o equilíbrio no seu abdômen mais uma vez. — Toque-se, *bella*. Esfregue seu clitóris e me deixe sentir como sua vagina fica apertada quando você goza.

Ele continua a bombear dentro de mim enquanto minha mão vai até o ápice das minhas coxas, encontra meu clitóris e esfrega com firmeza. Minha cabeça se inclina para trás, seu nome saindo dos meus lábios como se fosse ele quem está me tocando.

Quando penso que não pode melhorar, ele coloca sua palma na minha pélvis e aplica pressão. Minha coluna quase entra em colapso outra vez, despreparada para o ataque de sensações. Eu consigo senti-lo com muito mais intensidade, e de novo, cria essa sensação de necessidade de libertar minha bexiga.

— Ah, meu Deus, Enzo, vou gozar de novo — ofego.

Um rosnado reverbera nas profundezas de seu peito, enviando arrepios pelo meu corpo por ser tão sensual.

— Meu nome e o de Deus não pertencem à mesma frase, *bella* — resmunga ele, sua voz tão áspera quanto a pedra abaixo de nós.
— Um é santo, e o outro é depravado.

Ele enrola os dedos pelos meus lábios com a mão livre e os engancha em volta dos meus dentes de baixo, puxando meu olhar desfocado para o dele, um rosnado em seu rosto.

— Adivinha qual eu sou?

Um grito estrangulado é minha única resposta quando o orgasmo me invade. Entro em erupção, meus dentes mordendo sua pele e minha visão escurecendo por causa das ondas poderosas que

rolavam dentro de mim. Ele me levanta por tempo suficiente para aliviar a pressão, o fluido escorrendo para seu abdômen enquanto sinto os espasmos.

Seria vergonhoso se eu tivesse a capacidade de sentir algo além da euforia.

Em seguida, com sua mão livre, ele me guia de volta para baixo, me penetrando e reacendendo a felicidade a níveis quase dolorosos ao manter seus dedos firmemente tortos nos meus dentes.

Meu corpo treme quando seus impulsos se aceleram, sentindo-o inchar dentro de mim. Então, sua cabeça se inclina para trás, sua garganta forte soltando um gemido para fora da boca enquanto ele explode ao meu lado. Ele fica imóvel, as veias envolvendo suas mãos, seus braços e seu pescoço engrossam e ele vibra sob mim.

Ainda cavalcando enquanto ele goza, eu me esfrego arrancando outro rosnado selvagem e fazendo com que ele levante os olhos para mim, um inferno em chamas naquele semblante.

— Porra, continue me ordenhando até a última gota. Você pode ficar com tudo, baby. Só precisa pegar.

Enzo me puxa mais para ele pelo meu queixo, como um peixe num anzol. Estou babando nele, mas parece que isso só joga combustível na fogueira em seus olhos. Apoio as mãos em seus ombros largos, odiando e amando como minhas mãos parecem pequenas em relação a ele.

Seus olhos vão para minha boca por um segundo, quase como se ele estivesse pensando em me beijar.

Mas não beija. Apenas me encara até o momento passar, criando uma das experiências mais intensas da minha vida. Nenhum homem me olhou como Enzo. Parece que ele está me jogando em uma mesa, passando um bisturi na minha pele e me abrindo para ver minha alma escurecida exposta a ele.

Por fim, ele me solta, e mal fecho a boca a tempo, pegando a baba antes que pingue no seu rosto. Mordo o lábio, saboreando a maneira como suas narinas se arregalam ao me observar.

Ele não se esquivava do meu olhar, embora eu não possa dizer o mesmo de mim. Parece muito íntimo – muito investigador. Como se

olhasse o bastante, veria que sou a pior pessoa a quem ele poderia ter se entregado.

Desvio o olhar, enrolando meus lábios em um sorriso leve.

— Isso foi...

— Não me insulte resumindo o que aconteceu em uma única palavra — interrompe ele, sua voz profunda rouca.

— Ok — digo apenas, saindo de cima dele e estremecendo com a sensação de seu gozo cobrindo o interior das minhas coxas. Outra coisa que parece muito íntima. — Não vou.

— Bom.

Ele ainda está me encarando, e meus instintos de fuga estão começando a aparecer.

— Venha para casa comigo — diz ele como se percebesse.

Na maioria das vezes, eu me sinto aliviada quando sou convidada para a casa deles, mas desta vez, só sinto tristeza. A pior parte é que não é o bastante para me parar. Não é o suficiente para superar minha busca desesperada por sobrevivência.

— Eu adoraria.

5

Sawyer

Os raios da manhã espiam as cortinas de Enzo, o que parece um castigo. Talvez porque meu humor é exatamente o oposto de dias ensolarados e arco-íris.

Com o coração batendo forte, me sento com cuidado e balanço as pernas na beira da cama. Enzo ronca baixinho ao meu lado, o braço jogado por cima da cabeça e os lençóis até a cintura.

É difícil de engolir. Um corpo definido com músculos e um tanquinho que fez minha boca salivar várias vezes ontem à noite está em plena exibição. E aquele V perfeito que aponta direto para a arma entre suas coxas.

Só adormecemos há algumas horas, e sempre que me mexo, meu corpo dói. Meu *núcleo* dói.

O homem foi implacável e insaciável. Seus dedos e sua língua estavam em lugares que nunca haviam sido tocados antes, e só em pensar nisso agora faz meu rosto arder.

Vou sentir saudade de você.

Mas o que preciso mesmo é sobreviver.

Endireitando a coluna, escorrego devagar da cama, pego minhas roupas às pressas e as junto.

Lançando outro olhar para Enzo, pego seu short jogado e vasculho até que meus dedos se fecham em torno de sua carteira. Couro preto e liso envolve sua identidade.

Enzo Vitale. Trinta e quatro anos. Nascido em 12 de novembro – escorpiano; meu Deus, me ajude. Um metro e noventa e três –

então ele é uns trinta centímetros mais alto. Olhos cor de avelã. Ele é tão delicioso no papel quanto em pessoa.

Nunca roubo nada fisicamente. É muito perceptível. Então, tiro uma foto rápida da identidade, e depois coloco a carteira no seu short. Antes de sair do quarto, dou uma última olhada nele, cada batida do meu coração soando oca. Odeio que estou fazendo isto com ele, mas odeio precisar fazer isto com qualquer um.

Fechando de leve a porta atrás de mim, passo pela sala de estar e cozinha.

Ele vive em uma bela casa – muito branco com vigas de madeira marrom alinhando as paredes e o teto. Fico surpresa ao descobrir que Enzo tem bom gosto e habilidades de designer de interiores. Quase tão surpresa quanto ele quando descobriu minha falta de reflexo de vômito.

Caminhando na ponta dos pés pelo espaço, abro portas aleatórias até encontrar minha mina de ouro. Seu escritório. Uma simples mesa de madeira, cadeira de couro preta e vários gráficos de tubarões pendurados nas paredes. Estantes de livros alinham a parede atrás da mesa, cheia de livros didáticos que devem ser para pessoas inteligentes.

A adrenalina corre pelo meu sistema nervoso quando me aproximo da mesa e começo a vasculhar as gavetas. Nada de valor em nenhuma delas – até que puxo a última, encontrando-a trancada.

O que eu preciso, com certeza, está lá dentro. Há um pequeno grampo de cabelo preso na corda da parte de cima do meu biquíni. Sempre tenho um lá. Sempre.

Tiro o grampo, endireito e insiro na fechadura. Fiquei muito boa nisto, então em menos de um minuto, abro a gaveta com cuidado.

Parando de vez em quando para ouvir sons, vasculho o conteúdo, meu coração dispara quando encontro um documento que diz *Repubblica Italiana* no topo, com um monte de números e letras abaixo. Deslizo meu telefone do bolso de trás e faço uma pesquisa rápida no Google, encontrando algo que é chamado de *tessera sanitaria*. Não sei como interpretar o que diz, mas consigo identificar o nome e o sobrenome dele, a data e o local de

nascimento. Tenho quase certeza de que é o equivalente ao documento de segurança social nos Estados Unidos e bem o que eu preciso.

Também acho um documento oficial nomeando Enzo como dono de uma corporação rotulada P.O.V.S., com um endereço empresarial.

A culpa puxa as cordas do meu coração enquanto tiro às pressas fotos deles, fecho a gaveta e saio do cômodo.

Espero que ele pense que esqueceu de trancar a gaveta, mas sei que não vai ser assim, e é por isso que farei tudo ao meu alcance para nunca mais ver Enzo Vitale.

*

A batida alta de uma porta em algum lugar próximo faz meu coração quase explodir do peito. Estou descolorindo minha raiz, então jogo o pincel na tigela e agarro minha arma na pia, a adrenalina fazendo com que minha visão fique aguçada.

Respiro fundo, olho para a entrada do banheiro e para a porta do meu quarto de hotel bem na minha frente, esperando que alguém entre e me leve algemada. O tempo passa, só que nada acontece, mas não tem como acalmar a tempestade no meu peito.

Novamente, respiro fundo e me viro para o espelho, desviando os olhos ao colocar a arma de volta na pia.

Minha arma muito ilegal, mas não pude resistir. Nos Estados Unidos, comprei uma para proteção de um cara esquisito, mas precisei deixá-la para viajar. Aqui, as leis de armas são extremamente rigorosas, e conseguir uma é quase impossível na minha situação.

Eu tinha passado por um campo de tiro quando tive a ideia estúpida. Um homem havia acabado de terminar e colocou a arma num estojo trancado no porta-malas e a munição num segundo estojo trancado ao lado. Eu me escondi atrás de uma árvore na

calçada enquanto ele voltava correndo para o prédio, murmurando para si mesmo que precisava fazer xixi. Ele nem se deu ao trabalho de trancar o carro, distraído demais com o chamado da natureza.

Não pensei naquele momento, apenas agi. Andei na ponta dos pés até o carro, abri a mala e roubei os dois estojos. Por sorte, meu hotel ficava a apenas alguns quarteirões, mas meu coração estava quase saindo pela garganta durante todo o caminho de volta.

Depois, fui forçada a encontrar uma loja de ferragens para invadir os malditos estojos, apesar de que quando estava com a arma em minhas mãos, senti como se pudesse respirar de novo.

Com um lento suspiro, agarro o pincel da tigela, depois volto a passar os produtos químicos na raiz, as mãos trêmulas. Meu castanho natural tem aparecido, e cerca de uma vez a cada dois meses, meu objetivo de vida é me livrar da sua existência.

Odeio essa merda, mas acho que meu couro cabeludo abusado já está acostumado.

Quando termino, jogo o pincel e a tigela vazia no lixo. O quarto de hotel em que estou cheira à água oxigenada, mas também a outras coisas que são provavelmente mais adequadas num laboratório.

Então, pego meu cigarro queimando que está descansando em um cinzeiro em cima do banheiro e inalo, ainda evitando meu reflexo.

Durante os vinte minutos que os produtos químicos levam para fazer sua magia, passo por outro cigarro e engulo um quarto de uma garrafa de vodca. Na verdade, não deveria estar bebendo, mas uma tristeza profunda e incompreensível me domina e o álcool é a única coisa que a afoga.

Depois, tiro a roupa e entro no chuveiro sujo para lavar o produto. Meu corpo parece lento e pesado enquanto enxaguo, e eu não sei se é da vodca ou porque a vida parece tão péssima.

No meio do processo, a vodca começa a fazer efeito e meus arredores começam a girar. Parece que estou presa num foguete que está em lançamento.

— Porra — murmuro, batendo a mão na parede, na tentativa de me equilibrar.

Desligo a água e tropeço para fora do chuveiro, pegando uma toalha na saída. Enrolo no meu corpo, o material agradável e áspero. Muito melhor do que aquela merda macia e suave.

Gotas frias do meu cabelo encharcado descem pelo meu corpo e causam arrepios. Coloco uma regata branca e um short de dormir, a água do meu corpo meio seco encharcando minhas roupas.

O boxe está bem na frente da pia, então no momento em que olho para o espelho, Kev já está me encarando.

As únicas coisas que temos iguais são nossos olhos azuis e sorrisos largos. Ele sempre pareceu mais com nosso pai, com o cabelo liso, os olhos redondos e o nariz forte, e eu parecia mais com nossa mãe, com o cabelo encaracolado selvagem e mais feições élficas.

Não importa, de qualquer maneira. Os olhos sempre foram a pior parte. Não posso ver os meus sem ver os dele também.

— Vá se foder — rosno para o meu — o dele — reflexo. Ele sorri, e isso apenas aumenta minha fúria.

A garrafa meio vazia de vodca está na borda da pia, e eu a pego pelo gargalo, tomando um gole generoso. O ardor parece ácido descendo pela garganta, mas evita o vômito que tentava subir.

— Sabe, às vezes, queria ter comido você quando estávamos na barriga da nossa mãe — digo, e tomo outro gole.

Eu rio porque isso também é meio nojento.

Mas aquele sorriso estúpido está ecoando o meu, o suficiente para me fazer surtar.

Rosnando, pego a arma da pia outra vez, mas desta vez, aponto-a diretamente para Kev. Lágrimas nos meus olhos, e seu sorriso se alarga. Ele ainda está me provocando. Não faço ideia para onde ele foi, mas ele sempre foi bom em me atormentar, mesmo quando estou sozinha.

— Você não pode fazer isso — falo com a voz embargada. — Não pode ganhar. *Eu* ganhei. Não você.

Minha mão treme bastante enquanto eu o encaro, uma lágrima escorregando livremente e descendo pela bochecha. Ele ficava sempre zangado quando eu chorava. Nunca consegui entender por que ele me deixava tão triste.

Você não me ama, pirralha?

— Não — zombo. — Eu te odeio.

Você não está falando sério.

— Eu TE ODEIO! — grito com todas as minhas forças, sentindo meu rosto ficar vermelho e meu peito se despedaçar. Coloco a ponta da arma no vidro, onde está a cabeça dele.

Você só me odeia porque é como eu. Somos iguais, pirralha. E o único que vai amá-la por quem você é sou eu.

Estou balançando a cabeça enquanto o fantasma no espelho continua me torturando.

— Nunca vai me deixar em paz, né? — grito, minha voz quebrando de angústia e derrota.

Não considero minhas ações quando viro a arma para mim, a pressão do cano frio afundando na minha têmpora. O rosto de Kev se contorce de raiva, mas não consigo mais ouvi-lo. A única coisa que posso ouvir é o zumbido alto nos meus ouvidos enquanto meus dedos dançam sobre o gatilho.

Seria tão ruim se eu morresse?

Quem notaria?

Ninguém se importaria. Sou um pontinho que vai desaparecer quase tão rápido quanto aparece.

Então, pelo que estou lutando? Se não estou lutando para ficar viva por outra pessoa, qual é o ponto de ficar viva por mim mesma quando nem quero estar aqui?

Uma risada aguda sai da minha garganta enquanto Kevin continua a se enfurecer. Ele não é real, mas neste momento, nunca me senti tão perto dele.

— Não estava esperando isso, estava?

Aponto para ele num momento *te peguei* com a mão ainda segurando a garrafa, fazendo com que o líquido deslize do gargalo para o chão.

— Você não quer que eu me mate porque sempre quis ser o único a fazê-lo — digo a ele.

Lágrimas escorrem pelas minhas bochechas, e sua imagem se borra com o pranto.

— Mas também não posso fazer isso — grito. — Porque se eu fizer, ainda seria por sua causa.

Meu estômago revira, mas sou incapaz de desviar o olhar enquanto ele se desvanece aos poucos. Mesmo assim, ainda acabo ouvindo a última coisa que ele diz.

Estamos juntos desde o início, pirralha. Nunca vou deixar você fugir de mim.

*

Estou morrendo.

O suor desliza pela minha testa enquanto giro meu crime mais recente nos meus dedos, com “Swimming in the Moonlight” de Bad Suns tocando baixinho no rádio.

Um retângulo de plástico dourado com o nome de Enzo está me olhando. Demorou uma semana e meia, mas meu novo cartão de crédito foi aprovado. Isto devia me salvar, mas tudo o que posso sentir é enjoada. Junto com o fato de que o ar-condicionado da Suzy Senil quebrou e está mais quente do que o fosso de um vulcão aqui.

Infelizmente, é minha casa, e já passei os últimos dias num hotel esperando que o cartão chegasse pelo correio. Eu tinha apenas dinheiro suficiente para usar como depósito da estadia, e acho que tive uma reação alérgica quando paguei a conta depois de recebê-lo no correio.

Suspirando devagar, enxugo uma gota de suor que está se preparando para pingar bem no meu globo ocular e queimar pra caramba quando meu telefone toca; o aviso que um e-mail acabou de chegar.

Meu coração acelera, já sabendo de quem é sem nem precisar abrir. Apesar do meu cérebro gritar para ignorar. *Eles não conseguem te encontrar.* Pego o dispositivo e clico no e-mail mesmo assim.

Fala sério, pirralha, pare de mentir para você mesma e para o resto do mundo sobre o que aconteceu. Você está passando todo este tempo fugindo quando podia já ter encarado o que fez para a única pessoa que mais a amou no mundo.

Só... faça isso pelo Kevin.

Você deve isso a ele.

Garret.

Filho da puta. Rosnando baixinho, ponho o polegar no botão de apagar, depois me ajeito no assento e desligo a van.

Estou no sol escaldante segundos depois, batendo a porta e pisando forte pelas árvores até sair em uma estrada de terra que vai me levar para a cidade.

Conheci Garrett depois de Kev entrar para a academia de polícia, quando tínhamos 20 anos. Ele adotou o apelido que Kevin deu para mim, e sempre que o vejo, quero arrancar meus olhos. Desde que fugi, ele tem me enviado e-mails, implorando para eu volte e *encare o que fiz*. Ele é apenas mais um policial que acreditou no meu irmão em vez de mim.

E por que não fariam? Sempre acreditarão em um policial em vez de um civil. Mesmo que eu seja a irmã gêmea dele.

Vou para a parada de ônibus de mau humor quando vejo Simon. Nem tinha percebido que vinha até aqui. É como se um interruptor fosse ligado no meu corpo e entrasse em piloto automático, gravitando em direção ao meu único amigo nesta cidade. Não há mais ninguém a quem ir. Não há mais ninguém com quem falar.

Na mesma hora, uma faísca acende no meu peito, e corro em direção a ele.

— Simon! — grito, acenando com a mão animada. Ele repete o movimento, um pequeno sorriso aparecendo no rosto quando me vê.

— Olá, garota bonita.

— Senti sua falta. Você não apareceu mais — digo, sentando-me ao lado dele. — Por quê?

Ele ri, o som sacudindo todo o seu corpo. Simon não ri com a boca; e sim com o peito.

— Minha ex-mulher me disse a mesma coisa durante todo o nosso casamento. Deve ser por isso que ela pediu o divórcio. Não consigo ficar no mesmo lugar por muito tempo.

Pressiono os lábios.

— Eu entendo, Simon, eu entendo. Mas acho que sua esposa devia ter ido com você.

Ele acena com a mão.

— Nada, a vida rápida não é para todos. Você é como eu, garota, dá pra ver, sempre em movimento.

Sorrio e aceno com a cabeça.

— Também não consigo ficar no mesmo lugar.

Ele me estuda por um segundo, então estende a mão para o bolso e tira um cigarro do maço.

— Sabe, também somos diferentes. Sempre fugi à procura de algo, sempre em busca de algo que nunca consegui encontrar. Mas suspeito que você é o oposto. Está fugindo *de* alguma coisa.

Meu sorriso desliza e estendo a mão.

— Me dê um.

Ele ri outra vez e entrega o cigarro. Eu o envolvo entre os lábios e me inclino, permitindo que Simon acenda para mim.

Depois de inalar fundo, pergunto:

— Como você sabe?

Ele não responde até que seu cigarro esteja aceso e ele tenha dado umas tragadas.

— Você tem aquele olhar de animal encurralado. Agitado. Assombrado. Como se fosse morder e correr a qualquer momento, sem aviso prévio.

Franzo a testa. Austin, o barman, também me comparou a um animal.

— Pelo visto, não sou tão misteriosa quanto pensava — murmuro, dando outra tragada.

— Querida, você carrega sua bagagem como se fosse seu único pertence.

— Ai — murmuro, embora um sorriso curve meus lábios. — Talvez esse seja o que me torna atraente. Todos querem consertar o que está quebrado, né?

— Não — diz ele. — As pessoas não se importam de verdade em consertar você. Eles só querem moldar suas peças quebradas até se ajustarem aos padrões deles. Alisá-las, torná-las menos afiadas, para que não cortem tanto quando as recolherem. Mas você não está menos quebrada.

— Ele é um sábio — anuncio em voz alta, ganhando alguns olhares de soslaio. — Se sou um cão selvagem, você é uma coruja.

Mais uma risada de corpo inteiro e sinto minha alma se acalmar um pouco. Simon não tem interesse em consertar meus pedaços quebrados, mas ele também os alisa sem nem sequer tentar. Só um pouquinho.

— A tatuagem está cicatrizando bem?

Meu sorriso se alarga e lhe mostro minha perna.

— Está perfeita. Quero outra.

— Podemos fazer outra, mas vamos esperar até que seja a hora certa, ok?

Franzo a testa de novo.

— Como saberei que é o momento certo?

Ele dá um tapinha na minha perna enquanto o ônibus aparece na estrada, parando de modo estridente na nossa frente. Nenhum de nós se levanta para ir embora.

— Você vai saber.

6

Enzo

Ladra.

Minha mão pousa na textura áspera do grande tubarão-branco abaixo de mim. Ela desliza pela água suavemente, seu corpo se movendo para a frente e para trás enquanto nada.

Ela é serena. Não se importou que eu ficasse em sua barbatana.

Há uma embalagem plástica de um pacote de cerveja presa em um dos seus dentes, mas a deixei se habituar à minha presença antes de extrair. Algo que nunca deveria estar na boca de nenhum animal.

Mas não me importaria se estivesse enrolado no pescoço de outra pessoa.

Maldita. Ladra.

É tudo o que consigo pensar – um loop constante na minha cabeça, me lembrando de como fui enganado com tanta facilidade. E o único estúpido o bastante para deixá-la entrar na minha casa fui eu.

Mas duvido que tenha sido o único a ser vítima daqueles grandes olhos tristes.

Quando acordei na manhã seguinte, depois de ter transado com ela, meu coração fez a adrenalina correr pelas minhas veias. Eu *sabia* que ela tinha feito alguma coisa para me ferrar. E quando não a encontrei, meu medo se fortaleceu.

Levei o resto do dia para descobrir o que ela fez. Não faltava nada na minha carteira e meu cofre continuava intacto. Até eu entrar

no escritório e encontrar a última gaveta da mesa destrancada que soube que ela tinha feito alguma coisa.

Não faltava nada, e não conseguia perceber o que ela estava tramando durante vários dias. Isto é, até olhar para meu extrato e descobrir que tinha um novo cartão de crédito. Um que não solicitei.

A vagabunda roubou minha maldita identidade.

Faz algumas semanas desde que isso aconteceu e, desde então, venho ligando para ver as cobranças na conta. Ela não gastou um dinheiro adoidado como eu esperava, mas ainda há tempo. Por mais que me esforce, não consigo entender qual é a intenção dela.

Também não consigo descobrir a minha, já que não bloqueei o cartão nem denunciei às autoridades.

Ainda.

A raiva que percorre meu corpo é espantosa. Se eu não tivesse controle das minhas emoções, teria sido perigoso entrar na água hoje.

Os tubarões sentem quando não estamos relaxados. Uma frequência cardíaca elevada seria o equivalente a passar tripas de foca no meu corpo e ir nadar.

Estou furioso o bastante para enfrentar um animal de duas toneladas, e embora não possa prometer a mim mesmo que ganharia, eu lutaria muito bem. O problema é que não *quero* lutar com um tubarão.

O que eu quero fazer é estrangular a pequena sereia que me enganou.

Jesus Cristo, e pensar que, por um segundo, pensei que talvez quisesse vê-la de novo.

Tiro-a da minha cabeça, por enquanto, concentrando-me na beleza diante de mim. Ela dispara para a esquerda, batendo o rabo de leve e me desequilibrando um pouco.

Aqui, é onde me sinto mais calmo – nadando ao lado da criatura mais feroz da Mãe Natureza.

Passo a mão ao lado da barbatana dela, persuadindo-a de volta a um estado relaxado.

Aos poucos, deslizo pelo lado do corpo dela em direção à boca, continuando a acariciá-la no percurso. Ela tem um pouco mais de

quatro metros de comprimento e é volumosa, também. Coberta de cicatrizes de acasalamento, o que me dá esperança de pesquisa. Não é frequente encontrarmos fêmeas maduras o suficiente para dar à luz.

Mantendo um olho atento na linguagem corporal dela, agarro o plástico e deslizo lentamente para fora do seu dente. Em seguida, solto a barbatana, deixando-a nadar para fora do meu alcance e vou para a escada do recinto a três metros de distância. Assim que minha cabeça sai da água, encontro meu parceiro de pesquisa, Troy, agachado na escada, me esperando.

— Tudo bem, Zo?

Odeio quando ele me chama assim.

Seu cabelo ruivo encaracolado está em um coque hoje, as sardas espalhadas por cada centímetro de seu rosto, proeminentes sob a luz azul.

— Pare de me chamar assim, idiota — é a minha resposta.

— Bem, você estava pisando forte por todo o lugar o dia todo. Estou chocado que ela não mordeu você. Esperava precisar pegar a rede e pescar seus membros hoje.

— Espera que vou jogá-lo na água para que eu possa pescar seus membros em vez disso — retruco, saindo da água e fazendo questão de respingar em Troy. Ele só ri, acostumado com minha atitude.

— Ela já está pronta pra ir embora? — pergunta Troy, referindo-se ao tubarão circulando no enorme recinto.

Há alguns anos, construí este centro de pesquisa do zero – Pesquisa Oceânica Vitale por *Selachimorpha*. É o trabalho da minha vida e algo que tive o privilégio de fazer, já que recebi o financiamento do governo.

É um enorme laboratório construído a algumas centenas de quilômetros da costa. A única maneira de chegar aqui é de barco ou de helicóptero – uma das minhas coisas favoritas de estar aqui. É um oásis.

A superfície é composta principalmente por calçadas em torno dos quatro recintos onde trazemos os tubarões. Há uma plataforma para helicópteros pousarem – às vezes outros cientistas viajam até

aqui para aprender as informações que coletamos – e uma doca para os barcos. Abaixo da superfície é onde a pesquisa é conduzida.

Não se sabe muito sobre rituais de acasalamento para tubarões-brancos, e passei toda a minha carreira tentando aprender o máximo possível sobre isso. Nós os trazemos de vez em quando para conduzir nossa pesquisa e, em seguida, logo os liberamos com etiquetas presas nas barbatanas, para que possamos obter informações de algo que os humanos conhecem muito pouco.

— Sim — digo.

— Você está bem rabugento hoje, mais do que o normal. Um ferrão de arraia ficou preso no seu traseiro?

Meu olho treme de irritação com sua piada de merda. Mas suas piadas são sempre uma merda.

Troy está comigo desde o início. Fomos para a faculdade juntos, e apesar de ser um pé no saco, ele é um ótimo biólogo marinho e tão apaixonado pelo que fazemos quanto eu.

— Roubaram minha identidade — respondo, brusco, não querendo me aprofundar na conversa, mas muito furioso para contê-la.

Os olhos de Troy se arregalam, fazendo-o parecer um personagem de desenho animado. Ele me segue enquanto caminho pela passarela de metal. O sol está brilhando na minha pele, e mais do que tudo, queria voltar para a água. Onde está fresco e *silencioso*.

— Sério? Você caiu em um daqueles e-mails fraudulentos, velhote?

Sou apenas um ano mais velho que Troy, mas ele adora me tratar como se eu fosse um ancião.

— Não — esbravejo, sem falar mais nada.

Estou tendo problemas em me forçar a admitir em voz alta que uma garota me enganou. Troy nunca me deixaria esquecer, e então eu teria que prender blocos de cimento nos tornozelos dele e jogá-lo no oceano para ter paz outra vez.

Bem ao lado de Jamie – ou quem quer que ela seja. Aposto meu último dólar que nem é o seu nome verdadeiro. O verdadeiro Jamie

era outra vítima desavisada?

Meu Deus.

Esfrego a mão a grosso modo no cabelo, os pontos curtos acalmando meus nervos desgastados. O ódio está agitando profundamente no meu estômago e poluindo qualquer coisa boa que eu tenha pensado sobre ela antes.

Quero *machucá-la*. Pior ainda, quero transar com ela ao mesmo tempo. Seu corpo era viciante naquela noite – tão viciante que não consegui deixá-la em paz até as primeiras horas da manhã. E fico enojado que o desejo não se tenha dissipado.

— Você vai recuperá-la, cara — assegura Troy com calma, sentindo minha agitação. Ele sabe que não deve me pressionar. Já estou à beira de pirar, e a última coisa que quero fazer é descontar nas pessoas erradas.

Acenando com a cabeça, vou para a pequena cabana de cimento, P.O.V.S. pintada com letras em negrito pretas. Há apenas um elevador lá dentro, e leva a alguns metros abaixo do nível do mar para o meu laboratório. Depois, passarei o resto do dia vendo o tubarão-fêmea nas imagens da câmera deslizando pelo vasto oceano azul.

— Sim, você tem razão. Vou recuperá-la. Vá marcar o tubarão e depois solte-a do recinto — ordeno, apontando para o tubarão-fêmea com quem eu estava nadando. — Temos muito tempo de vídeo pela frente.

Troy me saúda com uma continência engraçadinha, depois se vira para fazer o que eu digo enquanto esmago o dedo no botão para abrir as portas do elevador.

Vou ter minha identidade de volta. No entanto, não vou esperar o processo legal para fazer isso por mim.

Vou encontrá-la primeiro.

A areia é esmagada sob meus pés enquanto ando pela praia pela quinta vez hoje. Se alguma vez puser as mãos ao redor da garganta dela, ninguém vai discutir de que foi premeditado.

Já faz um pouco mais de três semanas desde que transei com ela, mas a tenho procurado há apenas dois dias. Estou com um pressentimento estranho de que já pode estar fora da cidade, mas me recuso a desistir ainda.

Port Valen é uma pequena cidade litorânea, e Jamie mencionou que ainda está se acostumando com o mar, então é o único lugar que posso pensar em procurar, além do bar em que a conheci.

Uma mulher de biquíni azul-royal começa a caminhar na minha direção, com um sorriso branco imenso à mostra por baixo do seu detestável chapéu de sol.

— Não — corto. Ela para, o sorriso derretendo do rosto como se fosse uma bola de sorvete. Em questão de segundos, seus lábios se transformam em uma carranca.

Só que minha atenção já está longe dela, presa na fonte de toda a minha raiva.

Ecco la mia piccola ladra.

Ela está andando na praia agora, vestindo um biquíni verde-neon e um short jeans minúsculo, a parte de baixo do biquíni combinando com o top espiando pelo jeans desabotoado. Seu corpo esbelto e bronzeado está em plena exibição, o que serve apenas para iluminar o cabelo que passa por seus ombros. A loira está radiante sob a luz do sol, uma brisa suave soprando as mechas ao redor do rosto.

Ela parece cansada – triste –, mas não vou cair nessa merda de novo.

Foi uma das razões pelas quais falei com ela da primeira vez. Ela tinha senso de humor e um sorriso permanente, mas nada nela parecia feliz ou despreocupado. É exatamente por isso que eu gostava dela. Minha escuridão foi atraída pela dela, e parece que aprendi da pior maneira possível como isso é perigoso.

Assim que a vejo, disparo em sua direção. Em vez de ir até ela e agarrá-la pela garganta como eu preferiria, mantenho meu ritmo casual e relaxado.

Segundos depois, nossos olhos se encontram, e os dela se arregalam. Ela enrijece, e posso ver um alarme soando em sua cabeça, batendo o gongo como um louco e gritando com ela para se virar e fugir. Se o fizer, vou jogá-la no chão, sem me importar com quem vê.

Ela se obriga a continuar andando, provavelmente na esperança de que eu não tenha notado seu pequeno crime. O que é mesmo o que pretendo fazê-la pensar.

— Pensei que não queria me ver outra vez — digo de modo casual quando ela está perto o bastante.

Ela força um sorriso, a anos-luz de alcançar seus olhos. Seu nervosismo é palpável; assim como os tubarões à espreita no oceano, posso sentir seu medo.

— Não consegui ficar longe, pelo visto — diz ela, terminando com uma risada constrangedora. — Isso não precisa ser estranho. Já nos vimos nus. Não foi nada especial para nenhum de nós. Não me importo de continuarmos andando.

Isso é uma maldita mentira.

Ergo uma sobrancelha. Ficaria feliz com a maneira que a faz engolir nervosa como de costume, mas esse comentário é suficiente para me enfurecer. Não preciso que ela acaricie meu ego, mas o fato de que, mesmo agora, ela continua mentindo.

Não entendo o motivo.

Foi a melhor trepada da sua vida, e ela nem precisa abrir a boca e me dizer para eu saber. Meus lençóis encharcados e seu rosto vermelho chocado eram uma indicação clara.

— Não foi nada especial? — reitero.

Outra risada constrangedora.

— Não deixe as coisas estranhas, Enzo.

— Ok — digo a ela. — Não vou lembrá-la da melhor noite da sua vida. Mas estou curioso para saber se você quer experimentar o melhor dia da sua vida agora.

As sobrancelhas dela se franzem, e ela olha para mim como se estivesse esperando o fim da piada. Ela até olha em volta como se uma equipe de filmagem fosse aparecer e dizer que é uma pegadinha.

Com toda paciência do mundo, espero que ela se decida.

— Não acho que isso seja uma boa...

— Não é sexo, Jamie. Nem vou perguntar sobre você.

Seria tudo uma mentira mesmo.

Ela pisca.

— O que exatamente vai me dar o melhor dia da minha vida então?

— Um tubarão.

— Ah, você está doido — diz ela com uma risada incrédula e, por um segundo, quase parece genuíno. Isso a faz parecer... inocente.

Mais uma mentira.

— Com medo?

— Hum, quem não estaria?

— Eu.

Ela franze a testa.

— Ok, bem, você me pegou.

— Vou mantê-la a salvo — asseguro. E é a verdade. Vou mantê-la a salvo dos tubarões. Mas não de *mim*.

7

Sawyer

Isso é um erro.

No entanto, aqui estou eu, seguindo Enzo enquanto ele me leva em direção a um enorme barco no porto, um cartão de crédito com seu nome queimando no meu bolso de trás.

A única voz que consigo ouvir agora é a de Kev. Ele me repreendia muitas vezes, sobretudo depois da morte dos nossos pais. Só posso imaginar o que ele diria agora, me vendo entrar num barco com um homem que mal conheço. A pior parte é que *eu* sou a criminosa e permitir que Enzo me leve para sair depois do que eu fiz... passa dos limites, até mesmo para mim.

No entanto, sou egoísta demais para ir embora.

Paramos no final da doca, e ele se vira para me olhar, me observando contemplar o barco diante de mim.

Ele é uma beleza – de um branco reluzente com o nome *Johanna* ao lado em letras grandes e azuis. Janelas revestem as laterais, e tenho certeza de que essa coisa é espaçosa o bastante para ter um ou dois quartos, mas o que é mais notável é a gaiola presa à parte de trás. Uma gaiola de tubarão, para ser mais exata.

— Quer que eu entre nisso? — pergunto, apontando para a miniprisão.

— Se você estiver se sentindo corajosa o bastante — desafia ele, sua voz grave silenciosa, mas perversa. Há uma faísca em seu olhar, embora não consiga decifrar que merda significa.

Esperava um confronto imediato quando ele me viu. A negação estava na ponta da língua, mas ele não parece saber que sua

identidade foi roubada.

A maioria das pessoas não sabe que a identidade foi roubada até ser tarde demais. Ele ainda não tem motivos para suspeitar de mim. Nada desapareceu de sua casa, e apesar da gaveta inferior estar destrancada, quem consideraria roubo de identidade?

Calma, Sawyer, ele nem parece zangado.

Bem, ok, isso não é bem verdade. Enzo sempre está com uma expressão carrancuda como se fosse uma máscara de oxigênio e tivesse vagens no lugar dos pulmões. De acordo com ele, é o que mantém as pessoas muito, muito longe e permite que viva sua vida em paz.

Independentemente disso, permitir que ele me leve para o meio do mar onde não posso escapar não é uma das melhores ideias. Na verdade, é uma puta estupidez.

Esse lembrete se instala bem no fundo da minha mente, e estou começando a sentir todos os tipos de sinais errados outra vez. Não chego a sentir que minha vida corre perigo com Enzo, mas ainda me sinto no limite.

Dou um passo para longe.

— Não tenho certeza — hesito.

Ele olha para mim, silencioso, mas sinto sua decepção, mesmo assim. E como uma típica adulta que cresceu privada de elogios e atenção dos pais, agora estou buscando essas coisas de um homem.

Porra.

— Vou te dar um beijo como recompensa — sussurra ele, sua voz grave e sedutora.

Coloco as mãos nos quadris, odiando o quanto isso soa tentador.

— Isso é muito especial — retruco. — Nunca me disse por que não me beija.

Seus olhos cor de avelã percorrem meu corpo, e ele umedece os lábios antes de voltar a me encarar.

— Não beijo ninguém. Nunca conheci uma mulher que mereça essa intimidade.

Ergo as sobrancelhas. Sem dúvida ele tem problemas maternos. Mas também não posso discordar da sua lógica. Sempre odiei beijar

meus casos amorosos por essa mesma razão. Era apenas algo que sempre parecia ser a coisa natural a fazer quando se tem um pau enfiado dentro de mim. Acho que, por outro lado, me permitiu encontrar maneiras mais interessantes de utilizar a boca de Enzo.

— Até agora — acrescento. — Está dizendo que vai me beijar se eu entrar naquele barco?

Ele faz uma pausa, depois diz:

— *Si*.

— Você está mentindo — retruco, estreitando os olhos. Outra emoção indecifrável brilha em suas íris e desaparece antes de se fixar.

— Só tem um jeito de descobrir — diz ele, seco.

— Acha que um beijo seu equivale a entrar numa gaiola de tubarão? — pergunto com ironia.

— *Si* — responde ele na mesma hora. Confiante.

Não consigo deixar de rir, e até me sinto um pouco bem. Seu olhar se prende na minha boca, fixando-se nela como se fosse uma bola da sorte revelando seu futuro.

— Isso é algo que pouquíssimas pessoas experimentam, Jamie.

O sorriso no meu rosto é incontrolável.

— Um beijo seu é bem especial, né?

Ele me dá um olhar sério.

— Entrar numa gaiola de tubarão — esclarece ele, embora ambos já soubéssemos disso.

Pressiono os lábios e agito os dedos dos pés, contemplando sua proposta. Meus músculos estão repletos de tensão, e há uma sensação profunda e desconfortável na boca do estômago.

Reconheço isso como culpa. Ele ainda não sabe o que eu fiz, e esta pode ser a última vez que o verei. E por mais que odeie admitir, quero passar mais um dia com Enzo antes que ele me odeie para sempre.

A indecisão me captura num círculo vicioso de me convencer a não entrar no barco, apenas para me convencer a entrar. Dando voltas e voltas, até que, por fim, me decido.

— Tudo bem. Mas se eu morrer, certifique-se de que seja *antes* do tubarão me comer.

Estoico, ele desce o olhar pelo meu corpo, depois se vira sem uma palavra, o que parece bem sinistro. Ele entra no barco e estende a mão para mim, uma pitada de fogo em seu semblante.

Pego sua mão.

Nunca fui boa em escolher a coisa certa.

*

O ar salgado do mar balança meus cabelos emaranhados e Enzo acelera o barco pelo vasto oceano azul. A ansiedade está revirando no meu estômago, e não importa quantas vezes limpe as mãos no short, elas ainda estão úmidas.

Não sei quanto tempo passou, mas Port Valen tornou-se um pontinho. A cada segundo, eu me sinto cada vez mais isolada, e meu corpo ainda não consegue descobrir quem está em perigo.

Depois do que parece uma eternidade, o barco enfim desacelera. Escolhi sentir o vento no rosto em vez de ficar na área fechada onde Enzo guia o barco.

Logo atrás de mim está uma área aberta onde vários tanques de oxigênio e equipamentos de mergulho revestem as paredes, como também alguns bancos para se sentar ao trocar de roupa.

— Nervosa? — pergunta ele, entrando no convés.

— Estamos no meio de uma grande tigela de sopa de monstros. Tenho certeza de que deveria ter trazido fraldas.

Nem estou envergonhada com isso. Enzo afirma que me deu a melhor foda da minha vida – e ele não está errado –, mas aposto que fiz o mesmo por ele. Então, quem se importa se preciso de uma fralda quando vou enfrentar uma besta enorme em breve?

Enzo pode ser incrível na cama, mas garanto que esses monstros são muito mais assustadores do que aquele que ele tem entre suas pernas.

Ele balança a cabeça e segue em direção ao lado onde há uma enorme âncora, começa a descê-la e eu me viro para olhar o

horizonte. É tão fácil se sentir sozinha. No entanto, estou rodeada de vida. Tanta vida.

Enzo estava certo – estar no meio do oceano, sem dúvida, faz você se sentir pequena. A água se expande até onde meus olhos conseguem ver, não importa para que direção eu me vire, e nem quero ver o que está por baixo da superfície.

Quando consigo arrastar a vista para longe da água cintilante, encontro Enzo avançando na minha direção, e meu corpo enrijece de antecipação. Por um breve segundo, meu coração para de bater, convencido de que ele está prestes a me jogar no mar, mas, em vez disso, ele agarra um balde cinza perto dos meus pés.

Ele é tão intenso que faria uma lesma ficar tensa ao se aproximar.

Estou confusa com o que Enzo está fazendo até ele abrir o recipiente. Minhas bochechas inflam, o vômito sobe pela minha garganta. O balde está cheio de... entranhas. Pedacos sangrentos de entranhas.

Levantando o balde, ele continua a despejá-lo no oceano, o carmesim nublando a água num piscar de olhos.

— Quanto... quanto tempo eles levam para chegar aqui?

Ele encolhe os ombros.

— Não deve demorar muito. Os tubarões têm um olfato incrível.

Esfregando os lábios, aceno com a cabeça, me sentindo completamente deslocada.

A gaiola está suspensa num guindaste na parte de trás do barco, mas ele não a abaixa. Tenho certeza de que ele vai me explicar como entrar no equipamento de mergulho e no tanque de oxigênio primeiro.

— Você vai nadar com eles fora da gaiola? — pergunto.

— Não. Eu só nado com eles quando estão no meu centro de pesquisa, e não faço isso apenas por diversão. Você nunca deve tocar na vida selvagem no oceano.

Com certeza ficarei bem se nunca os tocar, desde que também não me toquem.

— Eles não vão, tipo, comer o barco, né?

— Por que comer o barco quando podem comer você?

Meus olhos se arregalam, e eu o encaro, esperando que ele sorria. Mas Enzo não sorri – claro que não –, mas há alegria cintilando em seu semblante.

— Você está brincando — declaro.

— Já disse que eles não gostam do nosso sabor — ele me lembra.

— Claro, eles vão dar uma mordidinha, dizer *eca* e continuar nadando. Até lá, eles estão com minha perna presa nos dentes, e vou viver o resto da vida como um meio ciborgue.

Enzo encolhe os ombros.

— Há coisas piores na vida do que ser um meio ciborgue — diz ele, pegando outro balde e jogando no oceano.

Ele saberia, já que é quase um.

— Se não é tão ruim, entre na gaiola e coloque os dedos dos pés para fora. Aí me diz como é bom quando um tubarão estiver jogando você em ambos os lados da gaiola enquanto arranca sua perna bem devagar.

Ele grunhe.

— Não seria devagar. Sua perna teria desaparecido antes que pudesses piscar. Eles têm mordidas bem poderosas.

Talvez ele saiba do que está falando, mas não consigo tirar aquela imagem da cabeça.

— Talvez eu não deva entrar na gaiola. Não quero perder meu dedo do pé favorito.

Enzo franze a testa.

— Será que eu quero saber?

Aponto para meu dedo mindinho.

— É fofo. Tubarões gostam de coisas fofas. Eles comem focas. As focas são fofas.

Ele olha para onde estou apontando, depois balança a cabeça para mim.

— Acho que eles não se importam muito com a aparência. Está mais para o gosto.

— Estou me convencendo a não entrar na gaiola — declaro, a ansiedade começando a me deixar um pouco enjoada.

— Então, pare de fazer isso.

Pressiono meus lábios.

— Sim, você tem razão. Farei isso. Com certeza.

Estou mentindo outra vez, e nós dois sabemos.

— *Vieni qui* — ordena Enzo, de um jeito brusco, seus olhos cor de avelã ardendo quando estende a mão e faz movimentos para que eu vá até ele.

Estremeço, o belo sotaque de sua voz e sua aspereza deslizando pelo meu sistema nervoso.

Engolindo em seco, me aproximo dele e o deixo me agarrar, estremecendo na mesma hora com a sensação de sua pele áspera na minha. Ele me direciona para a parte de trás do barco, onde tem uma beirada aberta.

De alguma forma, isso é ainda mais aterrorizante.

— Fique de joelhos — sussurra ele, sua voz baixando e alcançando a boca do meu estômago, onde a excitação está florescendo.

Estou prestes a interrogá-lo, mas então ele começa a se abaixar também, então meu corpo segue sem mais perguntas.

— Coloque a mão na água — orienta ele.

— De jeito nenhum.

— Nada vai aparecer e te morder. Apenas sinta a água.

Dando um suspiro trêmulo, me inclino para a frente e roço a ponta dos dedos na água fria.

— Você está tocando num universo inteiro neste momento. Uma parte microscópica de um universo. É um ecossistema cheio de milhões de espécies, algumas que você nem poderia imaginar.

Suas mãos flutuam até meus quadris, me segurando em suas palmas grandes e apertando, enviando arrepios deliciosos pelo meu corpo.

— O que você está tocando agora é sagrado. É para ser respeitado.

Uma respiração quente toca a concha da minha orelha, seguida por sua voz perversa:

— É para ser temido.

Engulo em seco, meus olhos tremulando quando seus dedos tocam minha barriga, provocando arrepios.

Um arquejo agudo sai dos meus lábios quando vejo algo maciço e cinza nadar sob a superfície. Pulo para trás, esbarrando em Enzo, mas ele é uma pedra sólida e não me permite ir muito longe.

— Ah, meu Deus — ofego quando um grande tubarão-branco quebra a superfície a apenas alguns metros de distância, engolindo um grande pedaço da isca na água. — Tem outro! — grito, notando outro tubarão-branco uns três metros de distância.

— Humm — murmura ele, sua voz grave, as mãos vagando até o botão do meu short. Não consigo decidir no que me concentrar – as bestas aterrorizantes que estão a vários metros de distância ou o que Enzo está fazendo.

Com destreza, seus dedos passam pelo meu short desabotoado e deslizam pelo cóis da parte de baixo do meu biquíni, roubando toda minha atenção. Fodam-se os tubarões, estou mais preocupada com quem está atrás de mim.

— O que você está fazendo? — sussurro, embora não tenha certeza se me importo.

Em vez de uma resposta, seus polegares se prendem no cóis do meu short e na parte de baixo do biquíni e Enzo os abaixa o máximo que pode.

— Tira o resto — ordena ele, sua voz mais profunda do que o oceano em que estamos acima, outro arrepio atravessando meu corpo.

— Pensei que não fosse sexo — digo, ofegante.

— Quer que eu pare?

— De jeito nenhum — insisto, com a voz entrecortada, removendo as partes de baixo do caminho e jogando-as para o lado.

— Boa garota — ronrona ele, tirando seu short. Sinto seu comprimento roçar minha bunda e, num piscar de olhos, meu corpo é consumido pelo desejo.

Por que ele não pode ser como os outros homens?

Medíocre, na melhor das hipóteses – se eu estiver com sorte. Eram tão mais fáceis de abandonar. De esquecer, até que alguém me chamasse por aquele nome.

— Posso te foder, *bella ladra*?

Não sei o que significa *bella ladra*, mas estou muito perdida na sensação de seus dedos acariciando minha boceta para me importar.

— Sim — gemo, tremendo quando sinto a ponta do seu pau substituindo os dedos.

Meus dentes pressionam meu lábio inferior enquanto ele me penetra lentamente, esticando-me até que o desconforto seja tão catártico quanto o forte aperto ao redor dos meus quadris.

Ele quase não me dá tempo para me ajustar de verdade e define um ritmo rápido e constante, metendo até que meus olhos estejam perdendo o foco.

— Eu precisava de mais uma vez com você — fala ele, com a voz áspera. — *Ancora una volta*.

Com o coração na garganta, um gemido sufocado escapa. A adrenalina explode quando um dos tubarões passa bem na frente do barco, fazendo com que meus músculos se contraíam. Enzo geme em resposta, sentindo meu corpo apertar ao seu redor.

Suas estocadas ficam mais fortes e Enzo estende a mão e desliza os dedos entre minhas coxas, circulando-os no meu clitóris. Minha cabeça recua, e o mundo ao meu redor desaparece, os monstros que se fodam.

— Eles te assustam? — murmura ele.

— Humm? — murmuro, um orgasmo se formando no meu ventre. Todo o meu foco está naquele ponto sensível, tão desesperada para que se rompa, mas sem querer que isso acabe.

— Puta merda, você está me agarrando com tanta força. Suba — exige ele, agarrando meus quadris e me empurrando para a frente. Tento resistir, mas ele me domina com facilidade. Minha respiração para enquanto ele me coage até a beira do barco, onde dois enormes tubarões nadam abaixo.

— Enzo — ofego, medo invadindo minha corrente sanguínea, mas isso só aumenta o prazer que flui por todo o meu corpo enquanto ele rola os quadris.

Minha cabeça cai para trás, um gemido saindo da garganta. Estou tão perto, e meus pulmões estão perdendo todo o oxigênio à medida que ele me leva ao limite. Preciso muito respirar, e não serei

capaz enquanto Enzo estiver dentro de mim. Estendo a mão entre as pernas para estimular meu clitóris, mas ele me para.

— Eu disse que você podia gozar? — pergunta ele, sombrio.

— Por favor, eu preciso — imploro, minhas sobrancelhas franzindo.

— *Cazzo*, não sei como você faz isso — geme ele.

Um suspiro deixa meus lábios quando Enzo estende a mão e me agarra pela garganta, me puxando para mais perto até que minhas costas estejam coladas em seu peito.

— Me diga como — murmura ele no meu ouvido, sua voz hostil. Mesmo com um orgasmo tão perto, um alarme começa a tocar na parte de trás da minha cabeça quando sua mão se fecha ainda mais.

— Como o quê? — digo com a voz entrecortada, seus impulsos se tornando mais selvagens.

— Me diga como você pode me foder com tanta facilidade sabendo que me roubou.

Meus olhos se arregalam e, embora meu corpo vire pedra sólida, ele não para de rolar os quadris.

Ele sabe. Ele sabia esse tempo todo. E eu caí na sua armadilha como um idiota.

— É como se estivesse implorando para eu te quebrar.

Um gemido atravessa a barreira constritiva que sua mão cria ao redor da minha traqueia, e minhas mãos voam até as dele, arranhando-as para me libertar. Ele não para de me foder, e apesar do terror começar a tomar conta, ainda estou na beira de um orgasmo.

— Você quer tirar sangue, baby? — ofega ele, forçando minha cabeça para trás até que seus lábios estejam posicionados sobre os meus. — Posso fazer pior — sussurra, revirando os quadris outra vez, seu pau batendo num ponto que meus olhos ameaçam a perder o foco. Eu os forço à frente, tentando desesperadamente me afastar da distração, mas ele está tornando impossível quando bate... porra, quando bate naquele ponto.

— Me solte — sibilo, arranhando com mais força.

— Eu disse que daria um beijo por ter vindo comigo, não disse? Ao contrário de você, não sou um maldito mentiroso.

E assim que a última palavra escorrega da sua boca, seus dentes prendem meu lábio inferior e mordem. Com *força*.

Eu grito, debatendo contra ele enquanto o gosto de cobre enche minha boca. Isto não é um *beijo*. Parece que ele está tentando arrancar o lábio do meu rosto. Ele se afasta, respirando com dificuldade, meu sangue manchando seu queixo.

Estou ofegante, o medo contraindo meu peito por causa do seu olhar selvagem. Ele está me assustando, e quando seus olhos se concentram no meu lábio sangrando, tenho a sensação de que ele ainda nem começou me assustar de verdade.

— Que bela visão, ver você sangrar por mim — fala ele com a voz áspera. — Mas não acho que sou o único que vai adorar isso.

Antes que suas palavras possam ser processadas, ele está forçando minha cabeça para baixo. Na mesma hora, suas intenções se tornam claras. Meus olhos se arregalam como um horror diferente de qualquer coisa que já senti. Do meu coração, dos meus pulmões, de todo o meu ser.

— Não, não, *não*, NÃO... — grito, lutando como se minha vida dependesse disso, porque *depende*.

— Você queria ser uma especialista em tubarões, meu bem? Queria tirar isso de mim? Então tem que aprender a nadar com eles.

Meus apelos são interrompidos quando ele por fim empurra minha cabeça para a água. Meus olhos se abrem, queimando na mesma hora com o sal, mas mal percebo. Não quando vejo o sangue do meu lábio rodopiando no mar.

O mar onde dois grandes tubarões-brancos estão à espreita.

Bato desesperadamente contra ele, sentindo que o predador na água vai chegar a qualquer segundo e me morder. Enquanto isso, Enzo continua a me foder, com a outra mão segurando meu quadril com força.

Quando minha visão começa a escurecer, ele levanta minha cabeça, e eu respiro fundo, meus olhos arregalados de histeria. Ainda assim, ele me fode enquanto sinto o precioso oxigênio.

— Seu gosto é viciante, devo admitir — ronrona ele no meu ouvido. — Deixe os tubarões provarem também, baby.

— Espera — digo, a palavra dominada por uma tosse carregada. Minhas unhas marcam suas coxas, mas posso senti-lo começar a empurrar minha cabeça para baixo. — Espera!

Tudo o que consigo fazer é dar outro grito antes que ele empurre minha cabeça para debaixo d'água.

Meu coração está batendo descontrolado, e eu me debato contra ele outra vez, mas só consigo me afogar mais rápido. A água enche meus pulmões, e *meu Deus*, sinto a água se mover. Como se algo maciço viesse na minha direção – e bem rápido.

Pela segunda vez, ele me tira da água, e não perco um segundo para buscar o ar, me engasgando e cuspidando a água.

Um soluço irrompe da minha garganta, lágrimas escorrem pelas minhas bochechas e se misturam com a água que escorre pelo meu rosto do cabelo encharcado.

— Enzo! Por favor, não os deixe...

— Não se preocupe, baby, não é deles que deveria ter medo.

Antes que eu possa dizer mais alguma coisa, ele está me forçando a voltar para baixo. Meus olhos se abrem e, desta vez, vejo *algo* se mover abaixo da superfície. Está embaçado, mas é rápido. E está disparando das profundezas do oceano, vindo na minha direção.

Enzo se move dentro de mim mais rápido e, de repente, sai. Mal sinto algo molhado nas minhas costas, mas estou muito mais preocupada com o predador a segundos de me pegar.

Assim que estou convencida de que vou ser comida viva, ele puxa minha cabeça para fora da água de novo. Mais uma vez, estou desesperada por ar, me engasgando e tossindo, meus olhos arregalados.

Segundos depois, o tubarão explode na superfície no exato lugar onde minha cabeça esteve, batendo no barco, a boca aberta ao procurar pela presa.

Eu grito, recuando até Enzo enquanto o barco balança violentamente. Ele se levanta, me arrasta para trás, depois me solta

e me deixa hiperventilando. Ainda estou me afogando, mas apenas do medo absoluto.

Continuo tossindo a água e rastejo para longe de um jeito patético. Não há para onde ir, mas estou me mexendo no piloto automático, e a única coisa que quero mais do que oxigênio é me afastar da beira do barco.

O barco balança desde quando o tubarão bateu nele, mas isso mal se registra. Lágrimas escorrem dos meus olhos, ainda estou nua da cintura para baixo, e tenho quase certeza de que ele gozou nas minhas costas. Eu sinto... eu não sei, mas sei que nada nunca me fez sentir pior.

Nada.

Enzo está encostado na parede de vidro que leva ao equipamento de mergulho, vestido mais uma vez, com os braços e pernas cruzados e a língua na bochecha enquanto me encara, estoico. Como se ele não tivesse gozado enquanto me segurava debaixo d'água.

Evitando seus olhos, meu lábio inferior treme muito, agarro a parte de baixo do meu biquíni e os coloco, sem saber o que dizer.

Talvez eu mereça isso. Talvez mereça algo pior.

Roubei de tantas pessoas – fodi com muitas vidas e causei bastante sofrimento. Sei disso.

Então, fico de boca fechada, pego meu short e limpo as costas o melhor que posso antes de vesti-lo. Estou me repreendendo por ter deixado meu celular na van, mesmo que seja inútil neste momento. Seu cartão de crédito ainda está no bolso de trás, o contorno do objeto queimando o tecido enquanto ele me observa limpar seu orgasmo. Prefiro que minhas roupas estejam cobertas dele do que minha pele.

Em seguida, eu me encolho no canto, rezando para que ele me leve de volta. Eu não tenho um lar de verdade, mas no momento, qualquer lugar, menos aqui, é bom o bastante.

— Por que você fez isso? — pergunta ele depois de um tempo, desprovido de emoção. Estremeço, a frieza em sua voz pior do que a água em que ele me afogou.

Eu o encaro, meus olhos queimando por causa do sal.

— Vou te devolver o dinheiro — murmuro. Minha garganta também está queimando, e as palavras saem entrecortadas e roucas.

Sua sobrancelha se franze.

— Você não consegue parar de mentir, não é?

Um rubor rasteja pelas minhas bochechas, com vergonha porque ele está certo. Eu fugia antes de fazer a coisa certa.

— Quanto usou no cartão de crédito?

Meus ombros sobem até minhas orelhas, envergonhada.

— Menos de mil, acho.

Enzo pressiona os lábios.

— Já ouviu falar de arrumar...

— Um emprego? Sim, já. Posso viver em uma van, mas não sou ignorante — esbravejo, ficando cansada das suas perguntas. Posso lhe dever dinheiro, um pedido de desculpas e talvez até alguns anos na prisão, mas *não* lhe devo uma explicação.

Ou talvez deva, mas é a única coisa que não lhe vou dar.

— Eu poderia mandar prendê-la.

Encolho os ombros e murmuro:

— Então acho que posso parar de fugir.

Ele estreita os olhos, mais uma vez me encarando ao contemplar algo.

— Você é procurada pela polícia, não é? É por isso que não consegue um emprego de verdade.

Pressiono os lábios e digo:

— Sim.

Já trabalhei sem carteira antes, mas a maioria dos lugares requer seguro social, identidade e faz uma verificação de antecedentes. Não sou estúpida o bastante para usar o nome de outra pessoa, e com certeza não posso usar o meu.

Ele zomba, balançando a cabeça.

— Por que não apenas conseguir um emprego aos 16 anos como uma pessoa normal? Por que cavar um buraco como esse para começar?

Eu o encaro e conjuro a energia para ficar de pé. O oxigênio flui pelos meus pulmões como se nunca estivessem cheios de água,

mas ainda estou tremendo muito.

— Você não sabe nada sobre mim. Se quer pensar que cometi pequenos delitos só pela adrenalina, tudo bem. Mas não nos insulte fazendo suposições ignorantes sobre mim.

Enzo rosna, e meu estômago revira de medo. Os tubarões parecem ter ficado entediados e estão se afastando, mas isso não significa que ele não pode me jogar ao mar e deixá-los me encontrar outra vez.

Com uma expressão carrancuda, ele passa a mão no cabelo, visivelmente frustrado.

— Eu estava te chamando pelo nome de outro homem esse tempo todo? Quando te fodi?

Mais uma vez, meu estômago revira, apenas por razões diferentes. Para ser específica, porque qualquer lembrança de Enzo dentro de mim faz meu rosto corar, e eu odeio isso por causa do que ele acabou de fazer comigo. E o quanto ainda me sinto humilhada.

Eu olho para baixo, e isso é resposta suficiente.

— Qual é seu nome verdadeiro? — exige saber.

Não quero dizer. Há uma chance de eu escapar assim que chegarmos em terra firme. Fugir e escapar dele. Posso encontrar outro lugar para me esconder na Austrália até estar pronta para arriscar pegar outro avião.

Ainda há uma chance de sobrevivência, e se ele quiser descobrir meu nome *depois* de eu ter desaparecido, boa sorte. Tenho certeza de que há muitos artigos sobre mim, só que ele não vai encontrar muitas verdades neles também.

Quando continuo a hesitar, ele se aproxima de mim, fazendo com que meus músculos enrijeçam e minha garganta fique seca.

Tento me afastar dele, mas já estou encostada no canto da lateral do barco. Enzo avança até ficar pressionado contra mim, com os braços me prendendo em seu corpo quente.

— *Guardami* — ordena ele, brusco.

Balanço a cabeça, não o entendo, mas sei que não importa o que seja, não quero fazê-lo. Mordo meu lábio inferior, num esforço de esconder como ele treme.

Enzo estende a mão e agarra meu queixo, forçando meus olhos até ele. Rosnando, ainda tento colocar distância entre nós, mas sua força prevalece a minha fraca tentativa.

— Quero saber o nome que eu deveria estar gemendo naquela noite.

As lágrimas voltam a se acumular. Não porque ele está me machucando, mas porque vejo minhas chances de escapar deslizando pelos meus dedos como água nas minhas palmas.

Fechando os olhos, uma lágrima desliza, mas logo se abrem quando ele se inclina para a frente e beija suavemente a lágrima. Afastando-se, ele lambe a gota dos lábios.

— Essas lágrimas... agora são minhas. E vou tirar muito mais de você se não me disser o que eu quero saber.

Meus Deus. Maldito psicopata.

— Candace — rosno.

— Sobrenome?

Eu gaguejo, sem conseguir pensar em algo tão rápido.

Seus lábios deslizam na minha bochecha, sussurrando:

— Estou perdendo a paciência, baby.

Lágrimas nadam nos meus olhos, e por mais que eu queira dizer outro nome falso, tudo o que posso pensar é que não vale a pena ser comida viva por não dizer meu nome.

— Sawyer — admito enfim, às pressas, seguida por outra tentativa inútil de afastar meu rosto de sua mão.

— Sawyer — repete ele lentamente, meu nome parecendo rosas e chocolate na sua língua. — Isso é outra mentira, *bella ladra*?

— Não — esbravejo.

— Sobrenome?

— Bennett — murmuro.

Ele cantarola, algo pronto na ponta da língua, mas então seus olhos se distraem de repente com algo acima da minha cabeça.

— Porra — xinga ele, afastando-se de mim e correndo na direção da âncora.

Confusa, eu me viro, imaginando o que poderia fazê-lo reagir assim – e na mesma hora me arrependo.

O horizonte está quase negro. Nuvens de tempestade estão movendo depressa e daqui posso ver as ondas cada vez mais agitadas. A água abaixo de nós já se tornou mais turbulenta, embora eu tenha certeza de que isso é leve em comparação com o que está por vir.

— Enzo? — grito, preocupada e cautelosa. Meu pobre coração não aguenta todo esse estresse. Ainda não me recuperei de quase ter a cabeça arrancada por um tubarão, e agora isto.

— Deixa eu me concentrar — esbraveja Enzo, puxando a âncora. Assim que ele diz isso, um raio aparece na tempestade que se aproxima com rapidez, arrancando um arquejo da minha garganta.

Apesar da nossa situação muito preocupante, eu quero rir. Muito mesmo.

Um sorriso aparece no meu rosto quando Enzo joga o metal pesado no barco e corre em direção ao leme. Ele vê minha expressão, mas não desiste de seu objetivo.

— Algo engraçado, Sawyer? — pergunta, assegurando-se de usar meu nome. Não sei se é para reafirmar o poder, ou outra coisa, mas faz o sorriso escorregar como cera derretida.

— Você me trouxe aqui para eu achar que ia morrer. E olha só, nós *dois* vamos morrer.

8

Enzo

O barco range e o leme na minha mão desliza quando uma onda poderosa nos atinge, água salgada jorrando por cima do casco. A gaiola nos fundos balança, a carga pesada nos prejudicando enquanto balançamos perigosamente de um lado para o outro. O suor se acumula na minha testa e faço de tudo para impedir que o barco afunde.

Cazzo, cazzo, cazzo!

Ver Sawyer na praia mexeu com minha cabeça mais do que eu esperava. Tinha um monte de merda que planejei dizer, mas o único pensamento concreto era dar uma lição nela. Levá-la para o barco não foi planejado. Transar com ela outra vez, sem dúvida, não foi planejado. E agora, me arrependo de tudo.

Sei muito bem que não devo entrar no mar sem verificar o maldito tempo, mas hoje... puta merda.

A culpa é minha, mas ainda quero matar a ladra loira por isso.

Nunca foi minha intenção matá-la, e meu estômago está embrulhado por saber que posso acabar matando, mesmo assim.

— Enzo! — grita ela, chamando minha atenção. Eu me viro e vejo uma onda gigantesca se acumulando por cima do barco, como se o próprio Poseidon estivesse saindo das profundezas do oceano e se preparando para agarrar e afundar o barco.

O tempo desacelera, e meu coração para de bater. E eu sei... apenas sei que essa onda vai derrubar o barco.

— Sawyer! Vem pra cá! — grito, mas ela já vem na direção do leme, os olhos arregalados de pânico.

Assim que ela bate no meu peito, a onda chega, e eu agarro seu rosto, forçando seu olhar selvagem para o meu.

— Respire fundo, baby.

Segundos depois, a onda está derrubando o barco. Um grito alto soa nos meus ouvidos, mas apenas o eco permanece. Não consigo enxergar, e a água gelada me envolve. Sou arrastado por uma poderosa corrente, e a única coisa que posso fazer é sucumbir à vontade da natureza.

Sinto meu corpo girar enquanto sou afastado de Sawyer e arrastado para o profundo oceano, nada além de escuridão ao meu redor.

Por instinto, chuto as pernas, forçando meus olhos a se abrirem para me orientar. Eles queimam por causa do sal, mas a adrenalina substitui a dor. Acima de mim, *Johanna* está virada e mergulhando bem rápido na minha direção.

Meu peito arde com a necessidade de oxigênio, mas só consigo pensar numa coisa.

Onde ela está?

Nadando com todas as minhas forças, procuro Sawyer, mas não vejo nada além de pedaços quebrados de madeira à deriva.

Nado até a superfície e na mesma hora respiro fundo, mas começo a tossir. Tento outra vez e grito:

— SAWYER!

Mas o mar é implacável, e sou arrastado por outra onda que me faz ficar girando de novo. Já estou ficando cansado, por isso me obrigo a relaxar até a onda me libertar. Nado até a superfície mais uma vez.

O nome dela é a primeira coisa que sai da minha boca no segundo que saio da água, mas não adianta. Minha voz é engolida pelo trovão, e sou arrastado para baixo de novo.

Não posso deixar que isso aconteça. Não posso deixar que termine assim.

Mas bato em algo duro, e tudo fica preto.

*

Enzo.

Acorda, por favor.

Por favor, por favor, acorda.

Mesmo na morte, sua voz me assombra. É trágico que eu não consiga escapar da minha própria ruína. Mas então alguma coisa me puxa para fora do abismo da escuridão que me acomodei. Estou confortável aqui. Satisfeito. Algo que só sinto quando nado com um tubarão-branco.

— *Enzo.*

Sua voz fica mais aguda, tornando-se cada vez mais alta e agressiva para meus ouvidos.

Pouco a pouco, noto a sensação áspera da areia nas minhas bochechas e, em seguida, o toque da água de vez em quando no meu rosto.

É difícil respirar. Meus pulmões produzem um chiado alto e, depois de um segundo, um punho bate nas minhas costas com força. Um líquido sobe pela minha garganta, forçando-me a acordar completamente e ter um ataque de tosse com água escorrendo da boca.

Meu Deus, caralho, ela devia ter deixado eu me afogar.

— Ah, graças a Deus. — Consigo ouvir sua voz doce, coberta de alívio.

Apoiando-me nas mãos e nos joelhos, tento recuperar o fôlego ao abrir os olhos. Piscando para diminuir a sensação de ardor, começo a ver os arredores. Estou encarando areia que se aglomera em pedras cinzentas. Está escuro agora, mas a luz da lua e as estrelas resplandecem aqui.

Sawyer se ajoelha diante de mim, com as mãos apoiadas nos joelhos e me encara. Erguendo o olhar para ela, vejo-a observando meu corpo, provavelmente verificando se há ferimentos. Então, suas íris azuis encontram as minhas outra vez.

Ela não parece muito melhor do que eu me sinto. Seu cabelo encaracolado está bagunçado; seu short jeans, rasgado. Sua pele

está coberta de sujeira e arranhões com sangue seco por cima.

Estou quase zangado com o alívio que sinto por ela estar viva.

Não quero sua morte na minha consciência, digo a mim mesmo. Mas parece mentira até na minha própria cabeça.

Porra.

Quanto tempo se passou? Há quanto tempo estamos aqui? Onde quer que aqui seja.

— Sua cabeça está sangrando — informa ela. — Mas o corte não está tão feio.

Sento-me sobre os calcanhares e passo a mão na têmpora, chiando quando ela queima. A ferida não está mais sangrando, e posso sentir sangue seco na lateral do meu rosto, mas infecção ainda é uma possibilidade.

— Há quanto você tempo está acordada? — pergunto, afastando os olhos dela e erguendo a vista para encontrar um farol imponente e enorme.

É decrepito, as listras vermelhas e brancas que circulam o prédio estão descascadas e sujas. Fica em cima de um rochedo instável, e olhar para ele faz as garras afiadas do medo afundarem na minha pele. Parece que saiu de um filme de terror. Claro que esta é nossa única opção de refúgio.

Está muito escuro para observar direito o tamanho da ilha, mas não parece percorrer mais do que alguns quilômetros. Pelo que consigo ver, a maior parte é de um terreno infértil, exceto pelo que parece ser mais rochedos.

Cazzo.

— Alguns minutos — responde ela, virando-se para olhar o farol por cima do ombro.

Estamos presos aqui, mas ainda não estamos sem sorte.

Com sorte, podemos encontrar um rádio velho lá dentro que ainda funcione ou ligar a luz do farol até que alguém perceba. Se é que ainda funciona. Este lugar parece antigo, mas deve ter algo que podemos usar.

Suspiro e abaixo a cabeça até os ombros, com raiva e frustrado por estar aqui. Com ela.

— Fico feliz em ver que está viva — falo com a voz áspera. Não queria ser sarcástico, mas fui mesmo assim. E não me dou ao trabalho de corrigir.

Posso não a querer morta, mas isso não a torna menos morta para mim.

— Sim — sussurra ela. — Eu também.

Quando ergo a cabeça, ela parece desolada, a testa franzida enquanto mordisca o lábio inchado e machucado. Eu fiz isso, e estou com dificuldade em sentir um pinga de culpa.

Quando a noite chega, uma frieza profunda percorre o ar. Minhas roupas úmidas estão congelando e o frio se instala nos meus ossos.

— *Andiamo* — digo, acenando com a cabeça em direção ao farol. — Precisamos nos aquecer e ver se tem algum rádio lá dentro.

Ela dá uma fungada e acena com a cabeça. As dores ganham vida no momento em que me levanto e gritam comigo enquanto ando atrás de Sawyer.

Ao caminharmos em direção ao penhasco, percebo que a areia está cheia de pedras afiadas. De alguma forma, meus sapatos sobreviveram à tempestade, e estou feliz por isso.

No entanto, em poucos minutos, noto que o passo de Sawyer fica irregular. As rochas começam a cortar seus pés. Ela usava chinelos no barco, então os perdeu faz tempo.

Que bom.

Seu corpo está curvado de exaustão, e, para ser sincero, é um milagre ela estar viva. Ainda não faço ideia de como nós dois conseguimos sobreviver, mas logo me distraio de perguntar quando vejo um lampejo de luz em uma das janelas acima. Aconteceu muito rápido para ver o que era.

Provavelmente, só minha mente pregando peças, mesmo assim fico alerta.

Chegamos a uns degraus de pedra e, à medida que subimos em direção à estrutura em ruínas, aquela terrível sensação na boca do estômago aumenta.

— Alguém ainda mora aqui — diz ela. — Acho que vi o farol aceso mais cedo.

Paro, levando Sawyer a fazer o mesmo e me encarar enquanto olho para o topo do farol. Não parece ter sido usado há anos, mas, talvez, pela primeira vez, acho que ela está dizendo a verdade. Neste caso, temos boas chances de sair daqui.

— Vamos ser cautelosos — asseguro, pedindo que ela continue.

— Ou você acha que é um lugar assombrado? — diz Sawyer de repente, como se fosse fisicamente incapaz de manter a pergunta por mais tempo. — Talvez eu tenha alucinado. Ou um fantasma ligou o farol.

— Acho que os fantasmas são a menor das nossas preocupações — respondo. — Fome e desidratação são um pouco mais preocupantes.

— Bem, o que é pior? Morrer de fome ou morrer por causa de fantasmas assustadores? — retruca ela.

— O que é mais rápido?

Ela acena com a cabeça.

— Ok, você tem razão. Que os deuses dos grãos nos abençoem.

— O quê? — esbravejo, meu aborrecimento aumentando. Mesmo depois de um naufrágio, ela não para de falar.

— Os deuses dos grãos — repete ela, dando último passo e chegando a um caminho de cimento. — Feijão enlatado é o grão que sobrevive ao apocalipse. São sempre a coisa número um nos armários depois do fim do mundo. Então, imagino que estarão neste farol abandonado que é bem capaz de não ver uma alma viva desde os dinossauros.

— Tem tanta coisa errada no que você acabou de dizer.

Ignorando-me, ela me olha por cima do ombro.

— Mas tenha cuidado. Os feijões lhe darão flatulência.

— Puta merda, Sawyer, pare de falar.

— Ajuda minha ansiedade.

— Sim, bem, não ajuda minha dor de cabeça. Agora fica atrás de mim. Quero ter certeza de que é seguro primeiro — esbravejo, agarrando seu braço e arrastando-a quando ela quase pisa num pedaço de vidro.

— Relaxa — resmunga ela, livrando-se da minha mão.

— Você estava prestes a pisar no vidro. Quase se machucou. Use o mesmo caminho que eu.

— Meu herói — ironiza ela, com um tom venenoso. Mas eu a ignoro, aproximando-me de uma porta de madeira suja e lascada. Aquela sensação de mau agouro se aprofunda, e começo a pensar se devo me arriscar no oceano.

Parando diante da porta, bato algumas vezes, esperando por vários minutos. Silêncio.

Devagar, giro a maçaneta enferrujada, encontrando-a destrancada. A porta se abre e na mesma hora fico sobrecarregado com o cheiro de mofo e ar viciado.

Damos de cara com uma pequena área de estar. Tem um sofá azul à direita com uma pequena mesa de apoio ao lado, e uma lâmpada em cima com lixo espalhado ao redor. FRANZO o cenho quando vejo balas e o que parece ser uma chave antiga. O vinco se aprofunda quando observo uma lareira portátil em frente ao sofá, ao lado de uma pequena caixa de televisão em um suporte. Há cinzas empilhadas dentro da lareira. Colocando a mão no metal preto, meu peito aperta ao sentir como está quente.

Meus olhos saltam pela sala, meus músculos ficando tensos ao desconfiar do cenário. A parede mais à esquerda está coberta de estantes, cheia de lombadas rasgadas e o que parecem ser livros infantis. Há uma fina camada de poeira na mesa de apoio e apenas algumas teias de aranha no papel de parede floral descascando. Este lugar devia estar coberto de sujeira e, embora não seja um hotel cinco estrelas, com certeza parece que tem alguém morando aqui.

Bem à frente tem uma passagem que leva a uma grande área com uma cozinha e uma sala de jantar, meu estômago se contorce quando continuo. O armário branco está envergando e em ruínas, e uma das portas está entreaberta. Uma grande mesa de madeira está à esquerda, um tapete sujo debaixo dela. À direita tem uma escada em espiral, ferrugem corroendo o metal preto.

— Isso é um prato sujo na pia? — pergunta Sawyer baixinho.

Sem dúvida, é um prato.

Mas como alguém poderia sobreviver aqui sozinho?

Assim que estou pronto para me virar em direção à escada, uma mão agarra meu braço, o medo se alastra na minha pele sob as unhas afiadas.

Há um barulho desagradável quando alguém desce as escadas, mas logo me distraio ao perceber que estou olhando para o cano de uma espingarda. Atrás dela está um homem baixo, velho, com uma barba até a cintura e uma expressão brava sob o chapéu vermelho gasto.

— Quer me dizer por que está na minha casa? — questiona ele devagar, a voz rangendo mais do que o chão de madeira.

Bem devagar, levanto as mãos e Sawyer se pressiona ao meu lado, colocando-se atrás de mim. Estou tentado a afastá-la, mas ela se agarrar a mim é a menor das minhas preocupações agora.

— Fomos pegos naquela tempestade e naufragamos. Batemos, mas ninguém respondeu — explico com calma.

— Desculpe a intromissão, senhor — fala Sawyer sem demora. — Não temos mesmo outro lugar para ir.

O velho olha para Sawyer, e posso ver seus olhos suavizarem. Com arma ou não, estou a segundos de empurrá-la para trás de mim e dizer ao filho da puta para encontrar outra coisa para sonhar. Ela pode até ser uma sereia, mas é minha tanto para machucar quanto para proteger.

Depois de vários segundos, ele abaixa a arma, lançando um olhar suspeito para mim.

— Dava pra ver a tempestade de longe — resmunga ele.

Cerro os dentes, o músculo do meu maxilar pulsando, mas me abstenho de gritar com o homem. Ele tem mesmo razão.

— Mas tudo bem — continua ele. — Vou deixar vocês ficarem aqui. Quanto mais, melhor, suponho.

Ele cambaleia em direção à cozinha, e é então que percebo que sua perna direita é de madeira. Seu passo é irregular, a prótese antiga muito curta, mesmo para sua baixa estatura.

Franzo a testa. Há quanto tempo este homem está aqui?

— Meu nome é Sylvester — apresenta-se ele, lançando um olhar por cima do ombro.

— Você tem um rádio? — pergunto. Não me importo em saber quem ele é, apenas como podemos sair desta ilha esquecida.

Ele grunhe, abre um armário para pegar duas canecas e, em seguida, fecha, pelo visto incomodado com meus modos.

Apenas o encaro, esperando uma resposta.

— Receio que não — responde ele depois de um tempo, me dando outro olhar indiferente antes de se virar para deslizar o bule de café da máquina.

— O café foi de manhã, então está frio — adverte ele. — Mas vou aquecer antes.

Sawyer cutuca meu braço por trás e sussurra:

— Veja, os deuses dos grãos nos abençoaram. Com grãos de café.

Meus olhos se estreitam.

— Gostaria de saber seus nomes, se não se importam — diz ele, virando-se para enfiar as duas canecas no micro-ondas.

Eu me importo.

— Sawyer — informa a pequena ladra sem demora.

Cerro os dentes com mais força. Pelo visto, Sawyer não sente a necessidade de mentir para *e/e*, e algo nisso me irrita pra caralho. Por outro lado, há pouquíssimas coisas neste mundo que não irritam.

— O nome dele é Enzo. Peço desculpa pelos modos dele. Ele sofreu bullying na escola e ainda não foi a um terapeuta. Agradecemos muito sua gentileza.

Raiva dispara no meu peito e me viro sem pressa para encará-la com um olhar furioso. O micro-ondas apita alto, e o homem velho se vira para pegar as canecas, sem saber como estou perto de envolver minhas mãos em volta da garganta dela. Sawyer me observa antes de voltar sua atenção para Sylvester, que agora está carregando duas xícaras de café fumegante em nossa direção.

Aqui, ela não tem tanto medo de mim. Ela acha que um velho com uma perna de pau vai salvá-la.

Ignorando meu olhar, ela sorri para Sylvester, aceitando a caneca com um calor em sua expressão falsa. Assim como tudo nela.

Não é difícil ver que ela está completamente quebrada – a única coisa que presta nela é sua boceta.

Ainda assim, ela irradia o sol, e me faz querer limpá-lo do seu rosto. Ela é a luz que te cega antes do raio cair.

Em silêncio, aceito a caneca de Sylvester, baixando o queixo um pouco. Sawyer tem razão – não tenho bons modos. Mas também sei que não posso cuspir no prato que como.

— Vocês dois vão para o sofá e relaxem. Vou acender uma fogueira e aquecê-los — orienta ele, grunhindo ao mancar para a pia da cozinha.

— Obrigada, Syl — diz Sawyer com uma voz calorosa. Ela se vira e caminha para o sofá enquanto permaneço parado.

Syl? Ela já está dando um apelido ao filho da mãe?

Rosno para Sawyer quando ela passa, e ela acelera o passo para fugir.

Meu humor piorando a cada segundo, viro-me para o faroleiro, de costas para mim enquanto lava o prato na pia.

— Então, como você consegue todos esses suprimentos? — questiono. Sylvester fica imóvel. — Se você não tem rádios e tal — pressiono, meu tom carregado de incerteza.

Não gosto de mentirosos.

— Meu rádio parou de funcionar há uma semana. A bateria morreu e não tenho uma extra. Um navio de carga vem aqui cerca de uma vez por mês, e compro tudo o que preciso.

— Compra? Você ainda está trabalhando?

Ele me olha feio.

— Estou aposentado. E ser aposentado paga bem. Meu dinheiro não é da sua conta.

Não é, mas a história dele faz sentido.

Ao terminar na pia, ele cambaleia em direção a uma pilha de madeira perto da parede mais à esquerda, e estreito os olhos.

— Quando veio o último navio de carga?

Outro grunhido quando ele começa a empilhar madeira nos braços.

— Três dias atrás — responde ele. — Falei do rádio, e eles não tinham nenhum, então prometeram me trazer no próximo mês.

Mal consigo suprimir uma careta enquanto ele se vira e manca na minha direção. A fúria está borbulhando no meu peito, ameaçando sair da minha boca.

O que ele não disse é que estamos presos aqui durante um mês. Um mês com um homem velho e estranho e uma garota que quase roubou minha vida.

— Tenho certeza de que podemos acender o farol e esperar que alguém apareça.

Ele solta uma bufada.

— Nenhum barco vem pra cá se puder evitar. Estas águas são perigosas, como você mesmo descobriu. É por isso que meu fornecedor só vem uma vez por mês.

Cerro os dentes. Sawyer pode ter me feito de bobo, mas sei que ele está escondendo alguma coisa.

— Gostaria de ver o rádio.

— Fique à vontade, garoto — diz ele com um riso condescendente, pegando o rádio no bolso e depois jogando para mim. Pego, olhando feio para ele.

— Você carrega rádios que não pegam no bolso com frequência? — desafio, franzindo uma sobrancelha.

Ele grunhe.

— Hábito.

É um dispositivo compacto preto e que não pega. O interruptor já está na posição ligado. Sem estar convencido, tiro a parte de trás. A bateria está quente ao toque, o que na mesma hora me deixa desconfiado, mas não posso provar que ele fez alguma coisa ainda. Então, fico em silêncio enquanto ele entra na pequena sala de estar e começa a empilhar a lenha dentro da lareira.

— O café está bom? — pergunta Sylvester a Sawyer. — Levante os pés.

— O café está ótimo — responde animada, levantando os pés para a lareira. A sola está cheia de cortes e sangrando, mas ela não reclama.

— Tem um kit de primeiros-socorros? — pergunto.

Sylvester olha para mim e depois desliza a vista para os pés de Sawyer quando percebe o que estou encarando.

— Meu Deus, minha jovem! — exclama ele. — Você vai ter uma infecção. Estou indo pegar o kit.

Como se eu não tivesse sangue seco na lateral do meu rosto, mas que seja.

Sawyer abre a boca, a culpa estampada em seu rosto e se prepara provavelmente para dizer ao homem não se preocupar, então perco a paciência e digo:

— Deixe-o ir.

Ela olha para mim, agora cerrando o maxilar irritada. Devo ter perdido toda a cautela no oceano.

— Ele tem problemas para andar — murmura ela assim que Sylvester sai, subindo devagar os degraus em espiral.

— Eles vão infeccionar e depois você terá problemas para andar. Quer uma perna de madeira também?

Ela revira os olhos.

— Eu nunca usaria madeira. Seria amaldiçoada com farpas pro resto da vida. Prefiro muito mais ser um ciborgue.

Minha frustração aumenta, tudo é uma piada para ela.

Assim que abro a boca, Sylvester desce as escadas fazendo barulho e gritando:

— Tenho muitas coisas aqui! Devo admitir, acabo não me machucando muito hoje em dia, então use o que precisar.

Cerrando os dentes, encontro-o no meio do caminho e pego o kit de primeiros-socorros, suor brilhando em seu rosto vermelho.

— Obrigado, filho. Na maioria dos dias, uso muletas. Esta perna não é tão agradável comigo. Não tenho muita roupa, mas trouxe camisetas secas e calças de moletom para vocês.

Ele entrega a roupa, a pequena pilha cheirando a mofo. Mais uma vez, fico em silêncio ao me sentar do lado de Sawyer e entregar o kit depois de pegar um lenço antisséptico para mim.

Ela pode limpar as próprias feridas. Desde que se curem e a possam levar para um barco, e depois para uma delegacia quando voltarmos a Port Valen, estou satisfeito.

Murmurando um agradecimento, ela começa a pegar as coisas enquanto limpo o corte na minha têmpora. Minha cabeça parece

que está rachando, e é possível que eu tenha uma concussão, mas não espero dormir muito esta noite.

— Como você ainda tem eletricidade? — questiono, olhando para Sawyer. Sua língua está esticada enquanto limpa a sola do pé.

— Comprei alguns painéis solares e um bom gerador faz um tempo. Essas coisas me custaram uma fortuna, mas acho que eram necessárias.

— Há quanto tempo está aqui? — pergunta Sawyer, terminando a frase com um chiado.

— Desde 1978 — declara ele com orgulho. — Cuido da ilha Raven desde que foi construída. Está fora de serviço há uns doze anos, mas não podia ir embora.

— Ilha Raven — repete Sawyer, olhando para Sylvester. — Esse é o nome daqui?

— Claro que sim. Eu mesmo a nomeei.

— É bonito — comenta ela, embora esteja distraída. Ela continua a tentar girar o pé num ângulo que não é fisicamente possível para conseguir limpar um corte.

— Seu pé não se dobra assim — digo a ela, já que, pelo visto, precisa ser lembrada.

— Dobraria se eu fosse um ciborgue — é seu contra-argumento. Vou matá-la.

Mesmo assim, ela tenta torcê-lo para uma direção diferente, mas isso também não dá certo.

— Jesus Cristo, deixe eu ver. Você vai quebrá-lo.

Olhando-me feio, ela enfia o pé no meu rosto. Agarro seu tornozelo com raiva e o empurro para meu colo, devolvendo sua expressão com maior intensidade.

— Briga de namorados. Já faz muito tempo desde que tive uma — interrompe Sylvester.

Viro meu rosto para ele por um breve instante antes de me concentrar na pele machucada de Sawyer.

— Ele não é meu namorado — diz Sawyer. — Apenas um idiota que nos colocou nesta situação.

Minha mão fecha em torno do seu tornozelo até que ela grite. É preciso esforço para diminuir a força. Adoraria esmagá-lo e vê-la

sofrer.

— Ah — diz o velho, claramente desconfortável com nossa discussão. Não dou a mínima, então fico quieto e começo a limpar os cortes.

Por mais tentado que estivesse em deixá-la se virar sozinha, Sawyer estava me irritando, e eu não preciso mesmo do problema extra de seus ferimentos.

Ela sibila quando limpo uma ferida sem tomar cuidado, com sangue seco cobrindo o machucado.

Só então, sinto-me um pouco melhor. Não é a pior dor que vou lhe causar, mas será o bastante por agora.

9

Sawyer

Eu o odeio.

Eu o detesto.

Se eu pudesse arrancar fisicamente cada palavra que o define como um idiota do dicionário e enfiar goela abaixo nele, eu o faria.

Mas também estou com medo.

Estou presa num farol assustador com um estranho faroleiro e um homem que olha para mim como se preferisse me ver entre os dentes de um tubarão.

Não há como escapar deste lugar – não há como escapar *dele*. Sempre fui capaz de fugir. Foi o que fiz minha vida inteira. E agora que não posso, parece que meu corpo foi invadido por minúsculos parasitas que parecem agulhas. Tenho vontade de colocar as unhas na minha própria pele e começar a me arranhar, mas isso não me levaria mais longe daqui.

É tarde da noite, e tem tão pouca luz artificial quanto natural.

Sombras dançam nos rostos de Enzo e Sylvester, suas feições visíveis apenas sob o brilho laranja que emana da lareira. Há um candeeiro na mesa, mas Sylvester não parece disposto a acendê-lo.

Grito quando Enzo de repente agarra meu outro pé. Ele me olha feio, talvez porque machuquei seus preciosos ouvidos, depois continua limpando meus ferimentos, reacendendo as chamas da dor.

Prefiro enfiar o pé no oceano e acabar com isso, mas sair no escuro parece ainda mais aterrorizante do que a perspectiva de Enzo cuidar de mim. Mas por pouco.

— Quando terminar, vou mostrar o quarto de vocês — anuncia Sylvester. Meu coração dispara, a insinuação em suas palavras faz formigas rastejarem na minha pele.

— Teremos nossos próprios quartos, né? — questiono. Enzo para de limpar, olha para o velho, também à espera de uma resposta.

— Receio que não. Só tenho um quarto extra.

Não, este dia não podia ter piorado, mas, de alguma forma, piorou.

— Posso dormir no sofá — propõe Enzo.

— Não gosto dessa ideia, filho. Esta é minha casa, e não gosto que ninguém durma no meu espaço. Às vezes gosto de ficar acordado até tarde vendo televisão. — Seu tom é severo e não deixa espaço para discussão.

— Só há uma cama? — pergunto, mal-humorada, já sabendo e odiando a resposta.

— Isso mesmo — afirma ele.

Parece que ainda tinha um fio de esperança porque meu coração murcha neste momento.

Ou vou ter que dividir a cama com um homem que me odeia, ou um de nós vai dormir no chão com os insetos.

Engulo em seco. Conhecendo-o, Enzo vai me forçar a dormir no chão enquanto fica com a cama. Ele não é um cavalheiro, sem sombra de dúvida.

Enzo empurra meus pés do seu colo com raiva e se levanta. A tensão no ar fica mais forte e, como esperado, Sylvester não se esquivava do olhar furioso de Enzo. Sem jeito, me levanto, a dor ardendo fazendo meus pés queimarem de novo, e pigarreio.

— Vamos dar um jeito, Syl. Obrigada.

Enzo me encara, mas não sou tão corajosa. Não que planeje deixar o idiota saber disso. Então, apesar da necessidade da minha coluna se dobrar, forço que fique reta. Está enraizado na medula dos meus ossos se encolher sob o peso de um olhar fixo. Se eu permitir que eles observem por muito tempo, podem ver sob a miragem frágil que construí ao meu redor. Eles vão ver as rachaduras e as imperfeições e, com uma cutucada, vão descobrir que não era nada mais do que uma ilusão inteligente.

O homem diante de mim já viu o lado feio sob o arco-íris cintilante. Acontece que ele só estava olhando para seu próprio reflexo.

Posso carregar feiura dentro de mim, mas ele também não é a porra de uma rainha da beleza.

Sylvester gesticula em direção à escada em espiral.

— Gostaria que os dois estivessem no quarto às nove horas todas as noites, se não se importam — diz Sylvester ao nos conduzir para os degraus de metal. — São quase dez horas agora, então vou acomodá-los rápido.

Não me lembro da última vez que me deram hora de dormir. Sem dúvida, nunca depois de crescer. Mas apesar de Sylvester fazer o pedido de modo educado, é óbvio que não ligaria mesmo que eu me importasse. O que faço.

Pigarreando, digo:

— Ok.

Acho que uma hora para dormir não foi a pior coisa que me foi dada nas últimas vinte e quatro horas. Só estou grata por não estar mais submersa no meio do oceano, onde noventa e cinco por cento permanece inexplorado, algo que aprendi depois da minha noite com Enzo. Isso era tudo o que conseguia pensar quando a onda virou o barco. Era tudo o que passava na minha cabeça enquanto a corrente me afundava e depois me cuspiu como comida estragada.

O que se esconde por baixo da superfície? Vai me engolir de uma vez ou me devorar aos poucos?

Não sei por que as criaturas desconhecidas estavam assombrando meus pensamentos mais do que o fato de que eu me afogaria antes que qualquer criatura pudesse colocar os dentes em mim. Mas então, de alguma forma, minhas pernas me impulsionaram em direção à superfície, e era tudo que eu podia fazer além de agarrar pedaço de madeira do barco. Dizia “*ana*”; o resto do nome perdido no mar.

A perna de madeira de Sylvester faz um barulho estridente ao subirmos as escadas. O metal range com nosso peso e, de repente, meu maior medo se transforma de estranhas criaturas do mar para ser empalada por metal deformado, quando a escada por fim ceder.

Chegamos a um corredor estreito e curto. No final há uma pequena escadaria que consiste em apenas alguns degraus que levam a uma porta. Tem mais duas portas, uma de cada lado do corredor.

— O quarto com os degraus é meu. O de vocês está à esquerda.

— E o da direita? — pergunto.

— É o banheiro, mas não gosto de ninguém bisbilhotando pelos meus corredores à noite, então há um balde no quarto se ficarem apertados.

Paro do nada, fazendo com que Enzo bata em mim.

Ele rosna, mas estou atordoada demais para me importar.

— Perdão, não podemos usar o banheiro?

— Bem, é claro que podem! — exclama Sylvester, sua voz alta disparando ao rir para mim. — Só não depois das nove horas — termina como se o que está dizendo fosse remotamente razoável.

Minha boca se abre e fecha, mas a frustração de Enzo anula meu choque. Ele me empurra para a frente e resmunga:

— *Cammina*.

Olho para Enzo por cima do ombro, surpresa por ele não ter nada a dizer das nossas restrições. Mas depois me controlo quando observo sua expressão estrondosa. Enzo pode não estar vocalizando as palavras, mas seu olhar furioso diz tudo. Ele também não está nem um pouco feliz por estar confinado de forma tão rigorosa ao quarto.

Engolindo em seco, fecho a boca quando Sylvester abre a porta, entra, liga a pequena arandela que fica na cabeceira da cama e apresenta o quarto para nós. Não tem muita coisa, exceto uma mesa redonda frágil e duas cadeiras à direita, a madeira desgastada e estilhaçada. As paredes são todas de pedra cinza com uma cama de solteiro empurrada na lateral do canto esquerdo. Uma pequena janela quadrada está em frente à arandela, o belo céu noturno em perfeita vista.

Sylvester aponta para o canto direito do quarto.

— Ali está o balde. Vocês podem esvaziar de manhã — instrui ele, apontando para um depósito branco que parece ter sido usado antes sem ser devidamente limpo.

É preciso esforço para evitar inflar minhas bochechas. De jeito nenhum vou usar aquilo. Prefiro abrir aquela janela, enfiar meu traseiro para fora e deixar a natureza assumir.

Enzo e eu ficamos em silêncio, e a estagnação na conversa fica estranha. Ele espera que a gente agradeça pelas ótimas acomodações?

— O café da manhã é às sete da manhã. Podem descer nessa hora. Depois disso, tenho certeza de que podemos encontrar algo para mantê-los ocupados.

— Ok — digo baixinho.

— Tenham uma boa noite.

Com isso, ele se vira e sai mancando, fechando a porta com cuidado.

Quando vou abrir a boca, curiosa para saber como ele saberia se usássemos o banheiro, ouço um clique suave.

Meus dentes se fecham e meus olhos e os de Enzo se colidem, ambos surpresos.

— Ele...?

Enzo já está indo em direção à porta e girando a maçaneta. Mas não se mexe.

— Porra, ele nos trancou aqui — esbraveja ele, balançando a maçaneta outra vez sem qualquer êxito. — *Stronzo*.

Uma sensação viscosa rasteja pelo meu corpo e envolve cada osso até que eu esteja envolta em uma sensação profunda e insidiosa.

— Por que parece uma prisão? — pergunto em voz alta, murmurando as palavras ao envolver meus braços com firmeza ao meu redor.

— Porque é — rosna ele, o sotaque ficando mais forte com a raiva. Ele bate a mão na porta antes de ir em direção à cama.

Sua expressão está enfurecida, mas calculista, ao se sentar na beira da cama, cotovelos nos joelhos e dedos entrelaçados. Ele encara a porta de madeira, provavelmente decidindo o melhor momento de arrombá-la.

— Não faça nenhuma loucura — digo a ele. — Não temos para onde ir.

Ele vira os olhos ardentes para mim e mais uma vez me recuso a desmoronar sob o fogo.

— Tem razão, não temos para onde ir. Mas não sou o homem mais fraco de nós dois.

Meus olhos ficam esbugalhados.

— Você tem a audácia de me punir pelos meus crimes, e aqui está, planejando roubar a casa de um velho.

O músculo no seu maxilar pulsa, e ele só me olha furioso como resposta.

— É óbvio que a situação é muito fodida, mas é *sua* culpa que ficamos presos naquela tempestade. Não castigue todos os outros pelo seu erro, Enzo.

Ele se levanta do nada e vem na minha direção. Fico pálida, tropeçando para trás até ficar colada na porta. Suas palmas batem contra a madeira de cada lado da minha cabeça, me consumindo numa tempestade furiosa tão violenta quanto a que nos trouxe a este lugar.

— Você pode roubar a identidade de uma pessoa, mas sair de um quarto é demais pra você, baby? Há alguma outra moral imperdoável que queira compartilhar, ou só está tudo bem quando é você que arruína vidas?

Ai.

— Seja melhor do que eu, Enzo — balbucio.

Ele ri sem humor.

— Isso não é muito difícil.

Franzo a testa, suas palavras como um gancho afiado cravando no meu peito.

— Você pode me odiar, mas não nos coloque em uma situação ainda pior do que já colocou — retruco depois de um tempo, minha voz calma ainda firme. — Ele nos deixou ficar em seu lar, nada mais justo que o respeitemos.

Há apenas uma pequena quantidade de espaço entre nós, e está cheio de tensão crepitante. Ele cerra o maxilar, mas se vira, e parece que se arrancou de um campo de força que nos cobria.

Inspiro fundo, por fim capaz de respirar, como se meu corpo tivesse desligado e o interruptor tivesse sido ligado outra vez.

Ele vagueia pelo cômodo como um animal enjaulado, os ombros quase nas orelhas.

Com os membros tremendo, aproveito a oportunidade para tirar minhas roupas cheias de areia enquanto ele está distraído.

Pegando as roupas questionavelmente limpas que Sylvester me deu, franzo o nariz com o cheiro velho e mofado que emana da camiseta e da calça moletom, mas é melhor do que dormir com roupas secas com sal cobertas de areia.

Troco meu traje pelo dele e, o tempo todo, tento me manter coberta o máximo possível, como se Enzo não tivesse me visto nua e aberta de maneiras que Jesus sem dúvida me crucificará depois. Embora ele agora esteja olhando pela janela, de braços cruzados e pensativo.

Quando termino, me certifico de colocar meus pertences numa pequena pilha, já planejando lavá-los amanhã. Surpreendentemente, seu cartão de crédito sobreviveu à tempestade e ainda está alojado no bolso de trás do meu short. Pretendo escondê-lo debaixo do colchão mais tarde, quando ele não estiver olhando, mas, por enquanto, mantenho-o enrolado entre minhas roupas.

Meu lado egoísta e meu lado moralista estão em conflito, ambos aliviados e desapontados. Pior ainda, estou um pouco decepcionada que o oceano não lidou com esse problema e me livrou disso, me concedendo uma separação fácil.

— Vou ficar com a cama — anuncio depois de terminar, forçando um sorriso e pulando no colchão irregular.

— De jeito nenhum — esbraveja ele, a cabeça virando na minha direção.

— Não vou dormir no chão — discuto.

Ele semicerra os olhos.

— E você acha que eu vou?

Cruzo os braços.

— Você não vai ser mesmo um cavalheiro?

— Isso implicaria que há uma dama no cômodo, e tudo o que vejo é uma sanguessuga.

Minha boca se abre e parece que ele me deu um pontapé no estômago. Aquilo magoou, por isso fico chateada.

— Vai se foder — esbravejo.

Eu o *odeio*.

— Já te fodi, e foi o pior erro da minha vida — retruca ele.

Ele se vira de costas, tira toda a roupa e me mostra a bunda nua como se não tivesse enfiado um atizador em chamas no meu peito. É uma bunda linda, mas nem isso me distrai da dor que irradia debaixo da caixa torácica.

As roupas também não cabem bem nele, e está claro que nós dois vamos vestir a nossa assim que estiverem limpas.

Fico surpresa quando ele se deita ao meu lado. Não esperava que ele fosse virtuoso, mas também não esperava que ele dormisse de bom grado ao meu lado. Mas sou teimosa e me recuso a dormir num chão de madeira empoeirado que me dará artrite com uma única noite.

Engolindo em seco, faço outra tentativa fraca:

— Chuto enquanto durmo. Meu pé pode bater na sua bunda por acidente.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— E se isso acontecer, vou fazer muito pior, *bella ladra*.

A tensão queima no ar entre nós, e se não fosse pela falta de fumaça, acharia que este lugar está em chamas. Está quente, e não consigo respirar com ele ao meu lado.

— O que isso quer dizer? — Quando ele não responde na mesma hora, esclareço: — *Bella ladra*. O que isso quer dizer?

Bella é familiar e tenho quase certeza de que significa bonita. E isso por si só é como ligar um liquidificador na minha mente distorcida. Mas não sei o que *ladra* significa, ou se essas duas palavras juntas querem dizer algo diferente.

— Não importa. Estou cansado. Foi um dia longo, então vá pro chão ou durma.

Franzindo a sobrancelha, me encosto na parede e dobro as pernas sob o gasto cobertor azul-marinho.

Não quero mesmo dormir ao seu lado. Ainda assim, minha teimosia é mais forte. E, pelo visto, a dele também.

Filho da mãe.

Ele se cobre e logo se afasta, me dando as costas outra vez. Mesmo que eu não tenha interesse nele apontando o rosto na minha direção, sua frieza acompanha a tensão, transformando meus músculos em blocos de gelo.

Tanto faz.

Ficando à vontade – ou tentando – fecho os olhos, rezando para que, quando acordar, esteja em qualquer outro lugar.

*

Algo pesado bate na lateral da minha cabeça, me tirando do pesadelo que estava tendo e me jogando em outro.

Na mesma hora, eu me lembro de que estou presa numa ilha quase abandonada com dois estranhos. Um deles me odeia e está nas garras de um demônio mental. Isso é como minha mãe costumava chamar os pesadelos quando eu era criança, e não consigo pensar neles de outra maneira.

Eu me sento, tentando descobrir a melhor maneira de acordá-lo, quando um barulho perturbador me distrai.

Há alguma coisa do lado de fora da nossa porta.

Um sentimento assustador percorre meu corpo quando o som se torna mais evidente. Correntes. O tilintar de correntes de metal, arrastando devagar pelo chão de madeira. Isso me lembra o som de um prisioneiro perigoso andando de um lado para o outro.

Franzo as sobancelhas e uma inquietação absorve o ar viciado. Seja lá o que está lá fora, parece sinistro, sua malevolência escorrendo pelas rachaduras na porta e estendendo o braço na minha direção, me desafiando a pegar sua mão.

Inspiro fundo, prendendo a respiração enquanto as correntes sendo arrastadas desaparecem aos poucos. Assim que começo a relaxar, outro membro pesado chicoteia na minha direção.

Grito, mal me esquivando do golpe. Dos membros voadores ao som aterrorizante, meu coração bate forte no meu peito.

Um gemido baixo está crescendo na base da garganta de Enzo. É difícil ver muita coisa, mas o luar que atravessa a janela acentua o olhar dolorido em seu rosto.

— Enzo — chamo. Minha voz oscila, ainda abalada pelo prisioneiro assustador no corredor.

Ele geme outra vez, mas não me atrevo a tocá-lo. Sei o bastante sobre pesadelos para saber como é fácil entrar no modo de ataque quando você está convencido de que ainda está no meio daquilo.

Ele joga a cabeça para o lado, aprisionado pela própria mente.

— Enzo — chamo de novo, mais alto desta vez. Quando ele ainda não acorda, reúno coragem suficiente para cutucá-lo.

Não me lembro de Enzo ter tido pesadelos na noite em que fiquei com ele, mas, para falar a verdade, quando fomos para a cama, estávamos exaustos e acabados. Até os meus demônios permaneceram na escuridão.

Ainda assim, seus sonhos o mantêm preso. Em vez de arriscar ser espancada, deslizo a mão na dele e entrelaço nossos dedos.

Não sei o que estou fazendo ou por que estou fazendo isso, mas não consigo me convencer a soltar sua mão. Sobretudo quando seu peito inquieto se acalma aos poucos e seus traços retorcidos começam a relaxar gradualmente.

À medida que sua ansiedade diminui, a minha aumenta. A realidade da minha situação está se absorvendo agora que estou sozinha com meus pensamentos.

Até este momento, eu era capaz de me distrair do que estava acontecendo, nunca me permitindo relembrar a tempestade e como foi traumatizante. Como foi desorientador acordar no meio do mar, o sol se pondo num piscar de olhos e Enzo flutuando nas proximidades, a cabeça sangrando e inconsciente. Não me deixei pensar em como ele tinha provocado tubarões com meu lábio ensanguentado, e ver seus ferimentos me deixou em colapso, convencida de que os tubarões voltariam, com a intenção de obter a refeição que não conseguiram antes.

Enzo não sabe o pavor que corria pelo meu corpo enquanto eu nadava *até* ele em vez de me afastar dele, com medo de perder minha vida, mas apenas pensando na dele.

Nunca lhe direi como fiquei aliviada quando verifiquei seu pulso e senti que estava forte. Ou como logo me debrucei em lágrimas quando vi uma luz brilhante à distância, nem como nadei e o levei até lá, apenas com um pedaço de madeira para nos manter flutuando. Como foi cansativo. Quantas vezes quase desisti, seu peso demais para mim, mas minha determinação mais forte. O quanto chorei. E como me recusei a soltá-lo.

Como meu coração partiu quando ele acordou e parecia tão decepcionado que eu estava viva.

Lágrimas se acumulam nos meus olhos, e meu peito aperta. As rachaduras se abrem até uma cratera se formar. Um soluço escapa, e coloco a mão livre na boca, olhando às pressas para Enzo para ter certeza de que ele ainda está dormindo. Mas quando meu olhar pousa nele, não consigo desviar a vista. Sua imagem embaça enquanto os rios continuam a cair nas minhas bochechas.

Pela primeira vez em seis anos, não tenho para onde fugir. Estou presa de verdade. Quanto mais essa nova realidade se instala, mais o pânico começa a tomar conta.

Deus, o que Kev diria agora?

Você é mais inteligente do que isto, pirralha, e agora olha para o que fez. Eu disse que os homens não faziam bem para você. É por isso que só precisa de mim.

Aperto a mão de Enzo com mais força, agora querendo conforto do homem com o coração de gelo. Ele é a última pessoa de quem devia procurar alguma coisa. Mas por mais que o odeie por nos colocar nessa situação – algo que poderia ter sido evitado se ele tivesse olhado para a previsão – me odeio mais. Porque, no fim das contas, nada disto teria acontecido se eu não fosse uma pessoa de merda e o tivesse deixado em paz.

Estamos numa situação terrível, mas mesmo que Sylvester faça minha pele formigar, é melhor do que estar naquele oceano frio e solitário. É melhor do que estar morta.

Pelo menos, acho que é.

A mão de Enzo flexiona, então puxo meu braço às pressas antes que ele perceba nossos dedos entrelaçados. Enxugando desesperada as lágrimas das bochechas, consigo me recompor bem quando seus olhos se abrem.

— O que você está fazendo? — pergunta ele, com a voz rouca e fazendo com que a parte inferior do meu ventre se contraia. Mesmo meio adormecido, seu tom é frio e duro, mas o som mais atraente que já ouvi.

Pigarreando, digo:

— Não consegui dormir.

— Você está chorando — observa ele.

— Não estou — minto.

Ele fica quieto por um tempo, o silêncio congelante.

— Tenho certeza de que nunca precisou ser forte antes, Sawyer, mas agora é a hora de aprender.

Então, ele se vira e fecha os olhos, reunindo a força que tanto me falta e segurando as lágrimas enquanto as rachaduras no meu peito se aprofundam.

10

Enzo

A última vez que fui pescar foi na faculdade. Mas chamar de pesca é ser generoso. Na verdade, foram quatro caras saindo de barco e bebendo cerveja demais porque estávamos muito exaustos para fazer qualquer outra coisa. As provas estavam muito difíceis, e eu tinha mais interesse em ir ao mar e nadar com os peixes do que trazê-los *para* o barco.

Minha péssima experiência está agora me dando o troco.

— Você é um especialista em peixes, mas não sabe pescar? Isso não é, tipo, uma parte da Introdução aos Peixes?

Quem disse que exercícios de respiração ajudam a controlar a raiva é um maldito vigarista. Tentei um milhão deles desde que chegamos aqui, e ainda quero sufocá-la.

O maior problema disso é que sempre que entretenho essa fantasia, também a fodo.

Porra.

— Não *pesco*, Sawyer. Isso mata o ecossistema, o que vai contra tudo o que eu literalmente dediquei toda a minha carreira. Estou mais interessado em salvar o oceano.

Ela pressiona os lábios e acena com a cabeça, pensativa.

— Bem, aprecio seu heroísmo galante. Vai ser a missão da minha vida fazer com que escrevam um livro sobre você assim que sairmos desta ilha. Até lá, precisamos comer. Sylvester deixou claro que não tem comida suficiente para nós.

— Sim, estou muito ciente disso. Por isso, a tentativa de pescar — resmungo, acenando com a mão para nosso fracasso de

armadilha. Estamos aqui há horas e nem sequer apanhámos plâncton.

Nós dois dormimos o dia todo ontem e, além de nos levantarmos algumas vezes para fazer xixi antes das nove horas, não saímos do quarto. Nós dois ainda estamos resistindo a usar aquele balde.

Agora é o dia seguinte, e não estou menos exausto e dolorido do naufrágio. E a bruxinha pisando na água não está ajudando.

Hoje é segunda-feira, e tenho certeza de que Troy chamará a polícia quando eu não aparecer no centro de pesquisa. Durante todos os anos que nos conhecemos, ele nunca me viu faltar ao trabalho.

— E se tentarmos a pesca submarina? — sugere Sawyer, alheia ao meu aborrecimento com ela. Isso, ou não se importa, e se for esse o caso, não tenho problemas em fazê-la se importar.

— Como você planeja fazer uma lança?

Em vez de uma resposta verbal, ela corre em direção ao farol, saltando sobre as rochas afiadas com facilidade, apesar de seus pés ainda estarem feridos. Pelo menos, ela os cobriu desta vez.

Dez minutos depois, ela se junta a mim com uma longa bengala de madeira deformada, um cutelo e fita adesiva.

Quando apenas encaro, ela me dá um enorme sorriso.

— Ele me deixou usar a bengala velha dele se eu promettesse não a quebrar.

— Tenho certeza de que você quebra tudo o que toca — comento. Seu sorriso desmorona, mas ela logo o força de volta ao lugar. No entanto, qualquer luz que estava antes em seus olhos se dissipa, e agora *eu* me sinto como o ladrão.

Um pedido de desculpas está na ponta da língua, mas me recuso a abrir a boca. Caí nos seus truques e tive pena dela antes; me recuso a cair nessa de novo.

Em vez de responder, ela começa a trabalhar em silêncio na construção da lança. Cruzo os braços, incapaz de desviar o olhar, não importa o quanto tente.

Há um oceano inteiro na minha frente que merece minha veneração, mas tudo o que quero fazer é dá-la a Sawyer.

E nada... nada me deixou mais zangado.

Ela me tira da minha agitação quando empurra a lança para o ar com um *aha* triunfante!

— Sou uma artesã experiente e agora serei a melhor pescadora com lança do mundo — declara ela com um sorriso.

Quero mesmo fazer algo para Sawyer agora, mas ela me fodeu demais para descobrir o quê.

Mantendo minha expressão inexpressiva, observo-a cambalear de volta para a água, sua pele bronzeada firme contra a superfície azul turva.

— Agora é achar o peixe — murmura ela para si mesma, um franzido determinado entre suas sobrancelhas ao morder o lábio inferior.

Seu arregalar de olhos é meu único aviso antes que ela envie a ponta afiada da lança na água, um grito de batalha ecoando pelas ondas.

— Ah, eu te peguei.

Seus ombros caem quando ela levanta a lança e descobre que não pegou, de fato, o peixe.

Não consigo controlar uma fração de um sorriso, encantado como seu olhar escurece quando ela o vislumbra e vê como é cruel.

Ela se vira, os músculos tensos enquanto procura uma nova vítima.

Quero que ela se sinta pior.

— Você vai esfaquear seu próprio pé antes de pescar um peixe.

— Duvidaram de mim minha vida toda, cara. Sou mais capaz do que você imagina.

Cantarolo, me aproximando devagar dela, intoxicado pela forma como seus músculos ficam tensos. Ela sabe quem é o verdadeiro predador, e não é quem está segurando uma arma como se não houvesse amanhã.

Pressiono suas costas, e ela enrijece ainda mais. Passando a boca na concha da sua orelha, sussurro:

— Sei bem do que você é capaz. Mas ainda não conseguiu escapar de mim, *bella ladra*. Você não é tão boa em fugir quanto pensa.

Ela levanta a cabeça, os cachos loiros roçando meu nariz. Ela cheira a mar e eu odeio isso. É meu perfume favorito, e ela não merece usá-lo.

— Você não é tão bom em muitas coisas quanto pensa que é.

A insinuação é óbvia, e fico feliz em deixá-la fazer suposições. Na verdade, Sawyer podia me gozar com um único olhar.

Mesmo assim, estou sendo honesto. Ela é uma dádiva de Deus quando se trata de chupar meu pau, mas ela não conseguiria mentir para salvar a vida. Agora que posso olhar além da nuvem da luxúria, vejo tudo o que ela não diz. Ela acha que é boa no que faz, mas, na verdade, só chegou até aqui por pura sorte. E com base nas suas circunstâncias, essa merda acabou.

— Vou machucar você. Se afaste de mim — balbucio, o tom coberto de dor.

— Não.

Sawyer assobia entre os dentes, só que continuo antes que ela tente provar um ponto que se arrependeria de verdade.

— Há algo bem nos seus pés. Vamos ver se consegue alguma coisa direito, além de arruinar vidas.

Uma forte rajada de vento chicoteia seus cabelos, jogando os cachos emaranhados na frente de seu rosto. Meu punho se aperta, ignorando o desejo de pegá-los e usá-los para segurá-la enquanto fodo sua boca.

Seja porque ela está aceitando meu desafio ou apenas tentando me ignorar, Sawyer levanta a lança devagar, sem se mover ao rastrear a sombra escura nadando em torno de suas pernas. Parte de mim se surpreende com a facilidade que está no oceano. Pode haver qualquer coisa à espreita por baixo da superfície, mas ela não se esquivava à medida que se aproxima.

Espero que seja uma água-viva.

Um minuto, ela está imóvel. No seguinte, mergulha a ponta da lança na água. E depois se endireita. Consigo sentir a vitória a sair de seu corpo em ondas.

Olhando por cima do ombro, ela me lança um olhar, me encarando sob cílios grossos, um sorriso malicioso puxando o canto dos lábios.

Sem desviar o olhar, ela levanta a arma, uma cavalinha presa na ponta.

Arrastando meus olhos de volta para os dela sinto como se dois carros estivessem colidindo de frente. O ar entre nós fica pesado, e raios correm pelo meu corpo quando suas pálpebras se fecham e suas íris azuis aquecem.

— Ganhei.

Então, Sawyer se vira e passa por mim, preparando-se para me olhar por cima dos ombros, mas a paro antes que ela se mova muito. Minha mão se levanta para o lado, envolvendo sua garganta e fazendo-a enrijecer mais uma vez.

— *Bravissima*. Agora faça de novo.

— Como é que é? Pesque o seu — diz ela, sua voz entrecortada pingando de malícia.

Sua mão agarra meu pulso, as unhas cravando na minha pele ao tentar se libertar, mas isso só me revigora. Antes que possa piscar, eu a solto e arranco o peixe morto da lança improvisada.

Por fim, cedo aos meus impulsos e agarro seu cabelo com a outra mão, aproximando-a.

— Somos uma equipe agora, baby. Faça o que faz de melhor e mate qualquer coisa infeliz que chegue perto de você. — Quando termino de falar, minha mão se move para seu queixo, meu polegar passando pelo lábio inferior inchado, um corte de quando eu a mordi.

Em vez de seu rosto corar como esperava, ela empalidece, os olhos escurecendo como quando o sol mergulha sob o horizonte.

Cautelosa, ela levanta a mão trêmula e remove a minha do rosto. Então, se vira e caminha mais para a água sem dizer mais nada, retomando sua busca por outro peixe.

Apenas fico parado, confuso e desconfiado sobre o que foi aquilo. Enfim, eu me afasto, decidindo que não me importo.

Sawyer não traz apenas uma, mas três cavalinhas.

Ergo uma sobancelha, no processo de estripar a primeira que ela pegou quando joga uma camiseta enrolada no balcão.

Ela estende a mão e solta o tecido, exibindo orgulhosa os peixes mortos. A visão me enoja. Malditos humanos e sua ganância. Praticaram tanta pesca excessiva que até três cavalinhas mortas danificam o ecossistema.

— Uau! — exclama Sylvester, descendo as escadas, quando vê o peixe. — Como conseguiu?

Sawyer encolhe os ombros, um sorriso sem esforço aparecendo em seus lábios, de volta ao seu antigo eu como se não tivesse ficado toda paralisada apenas uma hora atrás.

— Uma lança.

Sylvester ri, impressionado.

— Então era pra isso que precisava da bengala? Na maioria das vezes, atiro neles com minha arma. Levei muitos anos e desperdicei balas para conseguir mirar com tanta precisão. Parece que você tem um talento nato.

— Pelo visto, um talento desconhecido — responde ela alegre.

Arqueio uma sobancelha. Nem sequer vou comentar essa afirmação.

Com a camiseta sendo usada como rede, Sawyer fica apenas de short e a parte de cima do biquíni. Algo que parece ter se arrependido agora que o olhar de Sylvester está fixo nela. Manchas brilhantes se formam em suas bochechas, e seus ombros se curvam. *Che stronzo*. Aperto o cabo da faca, preparando-me para estripá-lo.

Ele deve sentir meu olhar furioso e a ameaça na ponta da minha língua porque vira de repente os olhos para mim. Não é o suficiente para diminuir a necessidade de arrancá-los do seu crânio.

— Cozinhar é seu talento oculto? — pergunta Sylvester.

Estreito os olhos, engolindo relutante o aviso.

— Sempre me virei na cozinha, mas não como peixe, então vamos ver no que vai dar — respondo, meu tom frio.

— Ah — diz ele. — Nunca conheci um homem que recusasse uma boa carne.

Presumo que o silêncio subsequente seja estranho com base em como Sawyer parece preferir ser a cavalinha sob minha faca, embora eu não sinta nada disso. A insinuação dele de que não sou um homem de verdade é óbvia, mas Sylvester estar bem enganado também é óbvio.

Sawyer olha para mim.

— Enzo é um especialista em tubarões. Ele gosta de nadar com peixes. Não comer.

Encontro o olhar dela por um momento antes de me concentrar na minha tarefa. Não sei por que ela está me defendendo para um velho irritante que, sem dúvida, tem uma visão ultrapassada do que significa ser um homem. Nem sei por que ela está sequer me defendendo.

Não me sinto tão ameaçado por Sylvester que me falta confiança na minha masculinidade. Ele pode pensar o que quiser, isso não o torna melhor do que eu.

— Especialista em tubarões, hein? Suponho que você tem que ser corajoso para entrar na água com um deles. Então, vai gostar de estar aqui. Vemos tubarões nesta praia o tempo todo.

Faço uma pausa, olhando para ele e ecoando:

— Vemos?

— O quê? — pergunta ele, sem ter certeza do que quero dizer.

— Você disse *vemos* tubarões — esclareço, pegando outro peixe.

— Há mais alguém aqui?

— Bem, vocês dois estão, não? — resmunga ele. — Este vai ser o lar de vocês pelo próximo mês ou mais.

— Enzo também é um idiota — interrompe Sawyer.

Fico quieto, debatendo se devo pressionar. Normalmente, consideraria uma figura de linguagem, mas não depois de ouvir aquilo ontem à noite.

— Pensei ter ouvido alguém andando por aí ontem à noite — digo depois de um tempo.

Os olhos de Sawyer se voltam para mim, mas evito seu olhar. Depois que ela se deitou de novo, não conseguia voltar a dormir, incomodado por ela chorar e irritado comigo mesmo por não conseguir entender o porquê.

Não tinha certeza de quanto tempo fiquei deitado quando ouvi passos no teto, e o som de metal arrastando.

Uma risada estrondosa sai da garganta de Sylvester, surpreendendo Sawyer.

— Estava querendo saber quanto tempo levariam.

— *Quem* levaria? E pra fazer o quê? — pergunta Sawyer.

— Quando este lugar abriu, muitos navios de carga estavam passando por essas águas. Então, a maior tempestade que eu já vi aconteceu em 1985. Um navio enorme ficou preso. Não sabia no início, mas transportava cerca de oitenta criminosos. Estavam sendo transferidos para uma prisão diferente quando o barco virou. Eu estava com o farol ligado e esperei a noite toda para ver se alguém sobreviveria.

— Sobreviveram?

Sylvester grunhe.

— Com certeza. Quatro. Usaram a madeira do barco para flutuar e nadaram até aqui. Estava preocupado, vou lhes dizer. Eram uns homens perigosos. Condenados por assassinato e estupro. Não podia apenas os deixar morrer, mas não fui estúpido o suficiente para convidá-los para entrar. No que lhes dizia respeito, era seu dia de sorte.

— E o que você fez?

Continuo a cozinhar enquanto Sylvester retoma sua história.

— Dei aos homens algumas tendas, um kit de primeiros-socorros e um pouco de comida e água. A tempestade ainda estava forte por um tempo, então eu estava sozinho até a ajuda chegar. Não os deixei entrar por nada, e eles não estavam muito felizes com isso. Mais tarde, naquela noite, dois deles decidiram arrombar minha porta. Claro que percebi e fui forçado a matá-los. Eles morreram com aquelas correntes ao redor dos tornozelos.

Sawyer arqueja, os olhos azuis arregalados em choque.

— Os outros dois aprenderam a lição e ficaram do lado de fora.

— E depois? — pergunta ela, fascinada pela história. Ainda estou esperando saber como isto tem alguma coisa a ver com o que ouvi ontem à noite.

— Apenas um deles sobreviveu. O outro teve febre e, por fim, bateu as botas. Eu o deixei entrar quando a coisa ficou feia, e tentei ao máximo cuidar dele, mas ele não sobreviveu. Por fim, a ajuda chegou, e levaram o prisioneiro restante. De oitenta homens, ele era o único sobrevivente.

— Uau — ofega Sawyer.

— Aqueles dois que matei decidiram ficar por perto. Ficam se arrastando pelos corredores, desde então. Aquelas malditas correntes se arrastando no chão. Me acostumei, mas admito que demorou alguns anos para parar de dormir com minha espingarda na mão.

Suspiro, coloco uma frigideira de ferro fundido no fogão e jogo um peixe, olhando para a panela enquanto o óleo crepita.

— Então, você está dizendo que este lugar é assombrado — ironizo com uma voz séria.

— Claro que é.

Conversa fiada.

— Interessante — é a minha única resposta.

Nunca acreditei em fantasmas, embora não me considere um descrente, apesar de ter sido criado católico. Mas não acredito em Sylvester nem em nada que sai da sua boca.

O velho faroleiro ri.

— Sei o que está pensando. Verdade seja dita, pensaria a mesma coisa se eu não vivesse com esses filhos da puta nos últimos trinta anos. Está tudo bem. Respeito um cético. Receio que essa seja a única explicação que tenho para os barulhos estranhos à noite.

Os olhos arregalados de Sawyer se voltam para mim. É óbvio que ela acredita nele.

E ainda não sei se isso é bom ou não. Ou ela vai dormir melhor à noite, ou pior.

— Eles, tipo, te tocam e tal? — pergunta ela, voltando o olhar alarmado para ele.

— Não, apenas ficam um pouco inquietos à noite, só isso. Não há razão para se preocupar. São inofensivos.

Eu a olho antes de me concentrar no peixe fritando.

Eles podem ser inofensivos, mas eu não sou.
E algo me diz que Sylvester também não é.

11

Sawyer

— Não confio nele — resmunga Enzo, caminhando pelo corredor com passos pesados até nosso quarto.

Reviro os olhos.

— Percebe que isso é o equivalente a dizer que você é inflexível. Ou que em outra vida, era um dragão e destruiu uma aldeia inteira com fogo em uma única tentativa?

Ele para de andar, se vira e me encara, um olhar incrédulo no rosto e suas íris cor de avelã brilham com desgosto.

Odeio como parece fascinante, mesmo quando está me encarando como se eu tivesse fumado maconha. Ele está longe de ser bonito, mas seu rosto é construído de pinceladas perfeitas, sombreamento intenso e linhas acentuadas que criam uma obra-prima excepcional.

Pena que seu interior esteja coberto de tinta desconhecida, pincéis desgastados e cores lamacentas.

— Que merda você está falando?

Suspiro.

— O que quero dizer é... isso não é uma surpresa. Você não parece que confiaria em uma freira.

O vinco entre suas sobrancelhas se aprofunda.

— As freiras são, tipo, superconfiáveis. Mas os padres, não. Fique longe deles.

Ele balança a cabeça e entra no quarto, sentando-se na beira da cama e colocando o queixo na mão como se contemplasse o significado da vida e por que o céu é azul.

Acabou de dar uma da tarde e não tem nada para fazer por aqui. Comemos o peixe que pesquei no almoço – e preciso admitir: estava muito bom para alguém que não come peixe – e Sylvester nos prometeu bifes hoje à noite. Com nada mais a fazer do que forçar uma conversa enquanto Enzo encara o homem com suspeita, decidimos nos retirar para o quarto por um tempo.

Estou meio tentada a deixar Enzo sozinho em seu lance melodramático e sair para esfregar o chão, mas então ele se levanta na minha frente.

— Vou verificar o quarto dele. Ver se consigo encontrar alguma coisa.

Minha boca se abre.

— Por que você precisa assediar o velho? Ele só está aqui vivendo sua vida, e você está questionando a direção em que ele mija.

Ele pisca.

— O quê?

— Talvez o pênis dele se curve para o lado. — Estendo as mãos em exasperação. Quando seu rosto se contorce de raiva, antes que ele possa resmungar algo rude interrompo: — Olha, a questão é que você não conhece a vida dele, e ele não lhe deu um bom motivo para você questionar tudo sobre ele.

Ele cruza os braços.

— Você acredita na história de fantasmas?

— Em que mais devo acreditar, Enzo? Estou me esforçando muito para não fazer você duvidar da sua própria sanidade, mas além de nos dar uma hora pra dormir, ele não fez nada. Às vezes, as pessoas são apenas estranhas e têm algumas peculiaridades.

Ele encolhe os ombros, um brilho nos olhos.

— E vou descobrir se ele é *muito* estranho.

Ele passa por mim, e inclino a cabeça para trás, frustrada, suspirando alto.

Não discordo por completo que há algo de errado com Sylvester, mas continuo acreditando que ele deve ser apenas um maluco inofensivo. Ele viveu aqui sozinho por décadas, isolado da sociedade. É óbvio que ele não vai conseguir interagir bem com

outras pessoas e vai ter algumas neuras quando dois estranhos aleatórios entram e perturbam sua vida.

E depois da história com os prisioneiros e como tentaram invadir e possivelmente matá-lo, não é de admirar que ele tenha problemas de confiança.

Não o conhecemos, e ele também não nos conhece. Trancar a gente no quarto à noite deve fazê-lo se sentir seguro, e não posso culpá-lo por isso.

Quando chego à porta, Enzo já está subindo os degraus em direção ao quarto de Sylvester.

— Ah, meu Deus, você é desequilibrado. Sem mais peixe pra você. É óbvio que isso mexeu com sua habilidade de raciocinar.

Seu queixo se inclina por cima do ombro.

— Por mais bonita que seja essa boca, vou precisar que a cale.

Abro a boca mencionada, pronta para dizer como um olho roxo ficaria bonito *nele*, mas antes disso, ele rosna, parando as palavras na minha garganta.

— Não me obrigue a fazer isso por você.

Sinto meu rosto corar, seu sotaque fazendo as palavras parecerem mais sensuais do que deveriam e meu estômago contorcer enquanto suas palavras cruéis provocam a reação oposta do que pretendem.

Sem esperar pela minha resposta, ele gira a maçaneta e abre devagar a porta de Sylvester, as dobradiças rangendo bastante.

Meus olhos se esbugalham, e me viro de um lado para o outro, esperando ver – ou ouvir – Sylvester subir os degraus para nos pegar no flagra.

Mas depois de um minuto escutando, não ouço nada. Voltando-me para Enzo, reviro os olhos quando percebo que ele nem se preocupou em ficar por perto e ter certeza de que não estava em perigo de ser pego.

Imbecil convencido.

Fico indecisa entre não querer me envolver e colocar o nariz onde não devo, caso Sylvester *tenha* algo a esconder.

Mordendo o lábio, fecho a porta e deslizo em direção aos três degraus que levam ao quarto.

Por mais que tente negar, tenho uma atração por fazer a coisa errada.

Subo as escadas e entro no cômodo, encontrando Enzo abrindo a gaveta de cima em uma cômoda desequilibrada. Fotos de veleiros e faróis adornam as paredes de pedra, poeira cobrindo as molduras.

A cama dele está bem-feita, e algo nesse fato me acalma. Como se confirmasse minha teoria de que Sylvester é apenas uma pessoa meticulosa, e que isso explica perfeitamente por que tranca nossa porta à noite e nos força a fazer xixi em um balde – não que a gente tenha feito isso ainda.

Adrenalina correndo nas minhas veias, fecho a porta sem fazer barulho.

Perto de uma cômoda alta há um grande armário com portas fechadas deslizantes que chama minha atenção. Com Enzo ao lado, decido olhar a mesa de cabeceira da cama. Qualquer coisa para evitar estar perto daquele bárbaro.

Ele me ignora de qualquer jeito, mas tenho certeza de que ele vai encontrar um momento para me insultar por seguir com seu plano mais tarde.

Abro a gaveta de cima e fico perturbada na mesma hora quando tem um conjunto completo de dentaduras ali, os dentes sujos. Isso já está indo muito bem.

Há moedas soltas, um relógio dourado manchado, uma caixa de balas e algumas fotos Polaroid.

Olhando para Enzo, eu as pego e as folheio.

A primeira é uma foto de uma versão mais jovem de Sylvester sorrindo para uma bebê loira em seus braços. Ele parece ter uns 30 ou 40 anos. Ao lado dele está uma mulher loira, olhando para os dois com um sorriso. No entanto, quando observo melhor, percebo que o homem está segurando o pulso da mulher com a outra mão, os dedos visivelmente cravados na pele dela com força. Estudando o rosto dela mais de perto, noto que o sorriso está tenso e os ombros estão curvados.

Viro a foto e na parte de trás tem um rabisco escrito com uma letra feminina desleixada.

Sylvester, Raven e Trinity, 1994

Raven? Sylvester mencionou que ele mesmo nomeou a ilha. Deve ter dado o nome da sua mulher.

Então, o que aconteceu com ela?

A próxima foto é da mesma bebê loira, alguns anos mais velha, sentada ao lado de Raven que está grávida. A menina – Trinity, presumo – está sentada no chão com um cavaleiro de madeira entre as pernas. O cabelo dela está desganhado e as calças manchadas. Nenhum dos quais é fora do comum para uma criança. Mal sou organizada agora. Viro a foto.

Raven, Trinity, bebê Kacey, 1996

Nas duas fotos, estão no farol, com as mesmas estantes. Acho que isso explica os livros infantis nas prateleiras. Em algum momento, Sylvester tinha uma família.

Passo para a última. Esta é de um pôr do sol na praia. Está escura e granulada e difícil de ver, mas com uma inspeção mais detalhada, parece que há alguém parado na água.

Observo fixamente, me esforçando para descobrir o que estou olhando.

Ela está de frente para a câmera, e parece que está nua, com um braço cruzado no peito para se cobrir. Por um momento, ainda estou confusa, até perceber que a palma da mão dela está levantada, escondendo o rosto.

Meu estômago revira e meu coração acelera por uma razão que não consigo identificar.

Inquieta, coloco as fotos de volta na gaveta e fecho sem fazer barulho.

— Encontrou alguma coisa?

— Sylvester tinha mulher e filhas... — começo e paro, sem saber como explicar como aquelas fotos são sinistras. Parte de mim não quer validar as preocupações de Enzo, mas já estive em situações perigosas o suficiente para saber que é melhor falar do que esconder isso.

Antes que possa continuar, um ruído surdo soa do final do corredor.

Meus olhos se arregalam e o pânico me envolve enquanto giro em direção a Enzo.

Com o olhar fixo na porta, ele fecha devagar a gaveta da cômoda e na mesma hora alcança a porta do armário.

O barulho rítmico continua pelo corredor, vindo bem na nossa direção. É o som da perna de pau de Sylvester.

Cerrando o maxilar, Enzo abre a porta do armário de metal apenas o suficiente para que deslize.

Enzo por fim encontra meu olhar, e algo passa por seus olhos. Sei exatamente o que ele está pensando – me deixar aqui sozinha.

Mas se eu for pega, ele sabe que não levaria a culpa sozinha. Então, ele desliza para o lado e acena para mim.

Sylvester abre a porta do quarto assim que fechamos o armário. Minha respiração está acelerada e meu peito apertado enquanto olhamos pelas persianas. Estou começando a tremer por causa da adrenalina.

Pior ainda, estamos presos num espaço confinado. Embora largo o bastante para caber a gente um do lado do outro, estamos abarrotados com camisas de flanela e casacos mofados. Minha visão fica turva e parece que as paredes estão se fechando ao meu redor.

Não gosto de espaços pequenos. Não gosto de me sentir presa sem uma saída.

Desesperada, olho em volta, mas não tem para onde ir, e o pânico só piora.

Enzo fica parado ao meu lado, parecendo não ser afetado pela nossa situação, e Sylvester se senta na cama, as molas protestando sob seu peso. Ele grunhe ao tirar a perna de madeira, deixando-a cair no chão.

Ah, meu Deus.

Ele não vai embora.

Com os olhos arregalados, eu o vejo balançar as pernas na cama e mudar de posição para ficar confortável.

O velhote está indo tirar um cochilo.

Não posso ficar aqui para sempre. Já estou por um fio e pensando em sair pela porta, que se danem as consequências. O quanto ele ficaria zangado se soubesse que estamos aqui?

Ele vai te matar, pirralha.

A voz de Kevin faz meu coração parar de bater. Fico ainda mais sem fôlego e meus pulmões são reduzidos a macarrões.

Se formos pegos, ele vai apontar a arma para a gente ou nos expulsar. Seremos forçados a sobreviver ao mau tempo com quase nada para nos proteger. É possível sobreviver, mas de repente a cama e o balde parecem tão convidativos.

Mas isso só se ele optar por agir de forma racional.

Devagar, me viro para olhar para Enzo, me sentindo desequilibrada, restrita e tão zangada com ele. Sei que o segui até aqui por conta própria, mas caramba, isto é tudo culpa dele.

Embora esteja escuro, o ar crepita quando ele encontra meu olhar. Não sei o que ele vê, mas o que quer que seja, faz Enzo levantar a mão e colocar o dedo nos seus lábios. Seus olhos cor de avelã me atravessam com um aviso, mas não consigo respirar fundo o suficiente para que ele saiba que não vou dizer nada.

Não consigo decifrar a emoção que sombreia suas íris, mas antes que possa descobrir, um ronco alto me assusta e um grito baixinho escapa dos meus lábios. Bato com a mão na boca, meu coração saindo do peito.

Tremendo, fico aliviada em ver que Sylvester não se moveu. Ele está de lado, a barba espalhada no cobertor vermelho esfarrapado enquanto cochila.

Quando olho para o Enzo, ele parece frustrado. Seu maxilar está cerrado, e uma das suas mãos percorre seus fios curtos.

Minha garganta está se fechando, e não consigo deixar de olhar à minha volta outra vez, absorvendo a falta de espaço do lugar.

Balanço a cabeça, tentando expressar algo, mas nem sei ao certo o quê.

Olhando para Sylvester, Enzo agarra meu braço e me puxa para ele. Enrijeço, resistindo a ele.

Primeiro, não quero que ele me toque.

Segundo, ele está me dando *menos* espaço. Como ele acha que isso vai ajudar?

Mas ele apenas me puxa com mais força até que minhas costas estejam pressionadas contra seu peito. Sua respiração quente toca

a concha da minha orelha um segundo antes de seu sussurro penetrar meu cérebro estridente.

— Quieta, *bella ladra*.

Estou quieta. Ou pelo menos acho que estou. Já não tenho tanta certeza, mas estou bastante confiante de que o idiota está apenas explicando de forma condescendente como se esconder do jeito certo.

Abro a boca, pronta para lhe dizer num sussurro muito calmo, mas firme, para chupar meu dedo do pé favorito, mas a única coisa que consigo pronunciar é um pequeno chiado.

Sua mão envolve meu quadril e pulo em resposta. Meus olhos disparam para onde ele está me tocando, a palma se achatando na minha barriga enquanto ele desliza os dedos pelo cóis do meu short jeans.

Eu me concentro na mão que abre o botão do meu short e desliza o zíper sem pressa.

Não quero isso. Pelo menos é o que entoo para mim mesma.

Então, por que não consigo impedi-lo?

— O que está fazendo? — sussurro.

— Shh — murmura ele. — Não quero ouvir suas palavras.

— Então o que quer ouvir?

Sua língua dispara, lambendo a lateral da minha orelha e provocando um arrepio profundo no meu corpo.

— Quero ouvir os sons que você faz quando vai gozar e não pode gritar. — Assim que a última palavra sai de sua língua, a mão dele desliza para dentro da parte de baixo do meu biquíni e seu dedo pressiona firmemente meu clitóris.

Meus joelhos se dobram, então seu outro braço se curva no meu abdômen, me mantendo imóvel enquanto começa a acariciar sem pressa.

Minha visão ainda está turva, mas agora aquele pequeno pedaço de luz está todo focado no que ele está fazendo comigo.

Com a boca aberta num gemido silencioso, respiro com dificuldade quando ele vai mais para baixo, me dando um pequeno aviso antes que seu dedo médio mergulhe dentro de mim.

Mais uma vez, pulo, mas o prazer que irradia das minhas coxas me faz pressionar mais no peito dele.

— Você acha que é difícil respirar porque não pode escapar ou porque estou dentro de você? — sussurra ele em um tom baixo, mas alto o suficiente para ouvir por cima das ondas rugindo na minha cabeça.

Como se para me lembrar onde estou, outro ronco alto rompe o silêncio. Meu estômago se contorce quando minha atenção começa a se dividir. Mas Enzo acrescenta outro dedo e sem pressa começa a me foder com eles, ultrapassando as barreiras e forçando meu foco de volta para ele.

Apenas ele.

Eu me perco, minha excitação embaraçosamente audível enquanto ele entra e sai. Minha respiração fica mais pesada, e quase não consigo mais ficar quieta.

O braço que me segura contra ele se move, a palma se movendo para meu rosto, cobrindo minha boca e meu nariz enquanto ele tenta me manter em silêncio.

Leva apenas alguns segundos para o meu cérebro perceber que ele está cortando meu suprimento de ar. Mas ele não para de me foder com os dedos. Inclusive, vai tão longe quanto pressionar o calcanhar da palma no meu clitóris e esfregar com firmeza.

Meus olhos reviram e sinto o sangue correr para o meu rosto.

— Isso dói, baby? — pergunta ele baixinho. — Não ser capaz de gritar por mim como você quer.

Fecho os olhos, formando um orgasmo no meu ventre. É como estar na praia e ver a água recuar centenas de metros. Aquele mal-estar iminente que lhe atormenta, sabendo que quando a água voltar, voltará com uma vingança.

Isto dói. Porque sei que quando acabar, estarei destruída.

— Essa bocetinha está tão molhada — continua ele, seu sotaque se aprofundando com o desejo. Com minha respiração silenciada, a única coisa que pode ser ouvida acima do timbre áspero da sua voz é seus dedos bombeando minha boceta encharcada. — Está escutando como canta para mim? Por que não me canta uma canção de ninar, *bella*? Quero ouvir.

Ele acelera o ritmo, continuando a esfregar meu clitóris. Meu peito bate descontrolado, e posso sentir meu batimento cardíaco em cada centímetro do meu corpo.

Estou dividida entre precisar que ele pare para que eu possa respirar e rezar a quem quiser ouvir para que nunca acabe.

— Assim mesmo — encoraja ele, sentindo como estou perto pelo modo como começo a avançar na sua direção. — Quero que goze nos meus dedos agora, *bella*.

Ele que se foda, não vou gozar quando Enzo manda. Ele não consegue controlar meu corpo assim.

Mas então ele se inclina e cerra os dentes logo abaixo da minha orelha, chupando com força enquanto curva os dedos da melhor maneira possível.

Meus joelhos desmoronam quando o orgasmo me atravessa sem permissão, agarrando meu corpo em um ciclone tão devastador quanto eu temia.

Ele move a mão para baixo apenas o suficiente para liberar meu nariz, e respiro fundo por instinto, a onda de ar aumentando meu delírio.

Estremeço contra ele, e ele é forçado a deslizar a mão do meu short e se envolver em torno de mim, tentando me manter quieta e em silêncio.

Se Sylvester acordar, não vou perceber. Também não sei se me importaria.

Estou muito perdida nessa sensação e, neste momento, sou destemida.

Por fim, volto aos meus sentidos, a cabeça confusa e as pernas fracas.

— Você é tão fácil — murmura ele sombrio.

Num piscar de olhos, percebo o que aconteceu.

Tento me afastar, sentindo vergonha por razões que não posso citar, mas ele está segurando meu bíceps com força, me puxando de volta para ele. Eu me contorço quando sinto como meu braço está molhado.

Porque sua maldita mão está encharcada, e ele não se deu ao trabalho de limpá-la.

— Sua canção de ninar o fez dormir, baby?

— Cala a *boca* — sibilo, minhas bochechas queimando, dando uma cotovelada em seu abdômen duro como pedra antes de alcançar a porta de novo.

— Aonde pensa que vai? — rosna ele.

— Pretende ficar aqui para sempre? — retruco.

Se ele pensa que vou ficar por aqui depois disso, então pode chupar mesmo meu dedo do pé. Posso deduzir que ele estava me distraindo do meu aparente ataque de pânico, mas agora me sinto fácil e já me arrependo.

Ele só está sendo cruel.

A tensão rola dele em ondas, então arranco meu braço do seu aperto.

Sylvester ainda está roncando enquanto deslizo a porta do armário com cuidado, tão desesperada para fugir que minhas mãos tremem.

Bem devagar, deslizo do pequeno buraco negro em que Enzo me sugou e ando apressada na ponta dos pés em direção à porta do quarto. Enzo segue logo atrás, certificando-se de fechar o armário antes de sair do cômodo atrás de mim.

Em vez de ir para nosso quarto, desço pelo corredor. Preciso me afastar dele antes que faça algo estúpido e tente ganhar seu perdão.

Ele pode não ter merecido o que fiz, mas isso não significa que mereça meu corpo.

Agora, se ao menos eu pudesse parar de lhe dar.

12

Sawyer

*Acha que alguém vai amar você, pirralha? Sou o único que a ama.
Mas não se for uma puta. Ninguém pode amar uma puta.*

Fecho os olhos com força e tropeço numa pedra.

— Porra! — grito. É estupidez vir aqui descalça com os pés feridos, mas não me importo agora. Só preciso me afastar.

Quero ouvir os sons que você faz quando vai gozar e não pode gritar.

— Cala a boca — murmuro entredentes. — Vocês dois, fiquem calados.

Você é tão fácil.

O sangue está se acumulando na minha cabeça com a vergonha e o constrangimento, e sob o sol quente, tenho certeza de que um avião a 3 mil metros de distância poderia ver meu rosto vermelho-tomate claro como o dia lá de cima.

Quem precisa de um maldito rádio quando meu ódio pelos homens poderia se comunicar com uma raça alienígena de outra galáxia?

Saio com raiva do farol, a transpiração se formando pela minha testa e minha nuca. Não faço ideia para onde vou, mas não me importo, desde que seja longe daquele lugar – longe *dele*. No entanto, nunca estou sozinha. Fujo há seis anos e nunca consegui escapar de Kev.

Também não tenho esperança de escapar de Enzo. Suas palavras cruéis, sua língua ferina e suas intenções sinistras.

E tenho a terrível sensação de que, mesmo quando eu deslizar entre os dedos dele, Enzo vai me seguir aonde quer que eu vá. Como Kev, ele vai me atormentar e não vai parar até eu estar bem onde ele me quer.

Escalo algumas rochas, rosnando mais insultos para os dois homens, quando encontro um enorme monte de pedra, minhas palavras somem. Alguma coisa parece um pouco peculiar do que apenas um penhasco, então caminho com destreza naquela direção, tentando ser cautelosa com as rochas afiadas.

À medida que me aproximo, percebo uma abertura na rocha, um abismo escuro.

É uma caverna.

Meu coração troveja, mas não tenho certeza se é por esforço, excitação ou receio. Hesitante, me aproximo da entrada, procurando ouvir criaturas selvagens.

Este não parece ser o tipo de lugar para qualquer tipo de animal prosperar. Mas já vi muitos filmes ruins de terror com monstros que se dão bem nestas condições.

No entanto, parece que uma corda está amarrada na minha cintura, e algo está me puxando, quer eu queira ir ou não.

Mordendo o lábio, me viro para olhar para o farol ameaçador atrás de mim. Leva apenas alguns segundos para decidir que prefiro estar numa caverna a ficar lá.

Mas primeiro preciso de um lanterna.

A empolgação toma conta quando volto apressada para o farol, voando pela porta da frente e encontrando Sylvester sentado à mesa da sala de jantar, limpando sua espingarda.

Ele já acordou da soneca. Neste momento, estou feliz que meu rosto já esteja vermelho, porque vê-lo faz todo o tipo de lembranças correrem na minha mente.

Ele olha para mim, pelo visto, chocada com a entrada repentina.

— Olá. Você está bem?

Ele parece alheio ao que aconteceu no seu armário.

— Pode me emprestar uma lanterna, por favor? — pergunto, sem fôlego e suada.

Suas sobrancelhas grossas se franzem.

— Para quê?

— Estou apenas explorando a ilha — explico, não querendo contar da caverna. Não sei bem por quê. Pode ser porque não quero que ele conte a Enzo, mas gosto da ideia de ter um lugar para fugir onde ninguém me encontre.

Franzindo a testa, ele se levanta e abre uma gaveta na ilha da cozinha.

— Só não esquece de trazer de volta, ok? Não são baratas — instrui ele, segurando uma pequena lanterna preta.

— Sim, senhor — digo, agradecendo com um enorme sorriso ao pegá-la. Assim que volto a correr, ele me para.

— Vou pegar um sapato pra você antes que se machuque mais. Acho que ainda tenho alguns de quando minha filha morava aqui.

Eu me lembro das fotos antigas na gaveta dele e minha curiosidade sobre onde sua família está agora aumenta. É a primeira vez que ele menciona ter uma filha, e parece que nem percebeu. Mas não tenho tempo para bisbilhotar, então deixo Sylvester sair mancando pelos degraus para pegar os sapatos.

Impaciente, mudo de peso de um pé para o outro, rezando para que, no tempo que Sylvester leve para voltar, Enzo não saia do portal do Inferno e me aterrorize um pouco mais.

Por sorte, apenas Sylvester desce as escadas, segurando sapatos azuis. Sorrio, tirando-os de suas mãos e agradecendo outra vez, mal parando para colocá-los antes de sair da casa de novo.

Quando chego à caverna, ligo a lanterna e entro. Quase na mesma hora, estou em declínio acentuado, e sou forçada a quase me sentar para manter o equilíbrio.

O ar fica mais frio à medida que desço, mas o que é mais desconcertante é um brilho azul-água dançando nas paredes da caverna. Estou em um tipo de túnel, e ele se curva gradualmente para a esquerda, a cor ficando mais brilhante à medida que me aproximo.

Confusa, faço a curva e congelo. Estou paralisada enquanto contemplo a vista.

Diante de mim está uma enorme área aberta cheia de rochas cintilantes que parecem diamantes negros. Todas as superfícies

brilham, e é quase tão fascinante quanto o teto da caverna.

Estranhos pontos azuis cintilam em cada centímetro da superfície. Brilham tanto que é como olhar para o espaço. Há um universo inteiro aqui, e assim como o espaço, estou sem oxigênio.

Minha boca se arregala, observando a visão extraordinária e depois ofegante quando vejo uma enorme piscina no meio da caverna, a superfície tão azul quanto o teto.

— Puta merda — murmuro, indo mais longe no vasto espaço, absorvendo tudo devagar e de uma só vez.

É hipnotizante, e nunca vi nada assim.

Por razões que não consigo explicar, meus olhos se enchem de lágrimas.

Talvez seja porque é tão bonito aqui. Ou talvez seja porque, no meio da escuridão, encontrei um porto seguro.

*

Os prisioneiros estão inquietos outra vez.

E Enzo também.

— Se você vai ficar rolando a cada cinco segundos, pode fazer isso no chão? — resmungo, minha irritação aumentando quando ele balança a cama pela milionésima vez.

— Se você está tão incomodada, então saia da cama — retruca ele, com a voz baixa e profunda com sono não correspondido.

Ele está frio como de costume e, pela primeira vez, estou feliz por isso. Seu fogo é exaustivo, e por mais que essa exaustão me sirva para ter uma boa noite de sono, não vale a pena quando ele está me mantendo acordada.

Passei horas naquela caverna hoje. Deitada na rocha e olhando para as pequenas luzes misteriosas, imaginando como a natureza poderia produzir algo tão bonito em um mundo tão feio.

Quando voltei para o farol, Enzo estava consertando um cano debaixo da pia enquanto Sylvester estava ao seu lado, dizendo

como consertar algo que ele nunca poderia fazer sozinho.

Enzo perdeu a paciência com ele e passamos o jantar em um silêncio constrangedor.

Até mesmo agora, ele age como se eu não existisse. Ou pelo menos está tentando.

E ainda não descobri se isso me incomoda. O buraco no meu estômago seria um ótimo indicador, mas pelo visto, não posso confiar no meu corpo quando se trata dele.

Enzo se mexe outra vez, e minha raiva aumenta. Eu me viro para encará-lo e o empurro. Sua cabeça gira na minha direção, e embora o medo imediato corra pelas minhas veias, não é páreo para minha privação de sono.

— *Saia!* — exclamo entredentes, empurrando-o de novo.

Suas mãos se fecham com força nos meus pulsos, e parece que estão à beira de estalar como galhos.

Logo, sou jogada, por cima do seu corpo e para fora da borda da cama, no chão duro. Caio com um baque, um arquejo forçado para fora da garganta.

Por um momento, tudo o que posso fazer é ficar de boca aberta, em choque absoluto que ele me jogou da cama como uma batata quente.

— *Merda* — xinga ele, passando a mão sobre a cabeça em frustração, então se levanta da cama e me pega. É o suficiente para reiniciar meu cérebro e voltar para minha fúria.

— Ah, vá se foder — esbravejo, me contorcendo em seu domínio até que ele seja forçado a me colocar no chão. Então, começo a atacá-lo com todas as minhas forças. Foda-se a autopreservação, estou muito furiosa.

Furiosa com ele por me ter jogado da cama, e por agir como se não quisesse. Por entrar no quarto de Sylvester e nos deixar presos naquele armário. Por me tocar e me fazer sentir coisas que não deveria sentir – que não *posso* sentir.

Por mexer com minha cabeça.

Bato nele descontrolada, escapando de suas tentativas de segurar meus pulsos de novo algumas vezes antes que ele tenha sucesso, agarrando-os com um aperto que vai deixar marcas.

Então, estou sendo jogada de volta na cama, mas logo me prendo a ele, levando o idiota comigo.

No entanto, me arrependo na mesma hora quando ele pousa em mim, outra respiração forte sendo forçada a sair dos meus pulmões.

— Droga, Sawyer — resmunga ele. — Qual é o seu problema?

— *Você!* — grito, batendo nele de novo. — Sai de cima de mim, seu maldito gigante.

— Pare de me bater — rosna ele, ajustando-se até que esteja sentado em cima de mim, prendendo minhas mãos na cama e me irritando. — Você está agindo como uma maldita pu...

— Não se *atreva* a terminar essa frase ou juro por Deus vou afogá-lo no mar quando menos esperar — ameaço, ofegante. É difícil respirar, mas só porque a proximidade dele é sufocante.

— Acha mesmo que me assusta? Um camarão é mais intimidador do que você.

Arquejo.

— Isso é tão rude.

Ele se inclina mais perto, e é uma descoberta lamentável saber que não consigo me mover através de objetos sólidos. Tento me inclinar, mas não tenho para onde ir, o chão se recusando a se tornar penetrável, não importa a força que pressione a parte de trás da minha cabeça nele.

— Você quer ouvir algo rude, Sawyer? Que tal o fato de ser difícil dormir ao lado de um demônio sugador de almas? E estar tão perto me deixa enjoado.

Enrijeço, uma pedra se formando na base da minha garganta. Pensei que era difícil respirar antes, mas agora parece que estou acorrentada ao fundo do oceano. Não só não tem oxigênio aqui embaixo, mas há tanta pressão em cima de mim, tornando impossível sequer respirar.

— O que é pior? *Ainda* consigo sentir seu cheiro nos meus dedos, apesar de te lavar de mim. Agora me diga como espera que eu encontre paz quando está invadindo cada um dos meus malditos sentidos?

As lascas de gelo nos seus olhos estão derretendo, substituídas pouco a pouco por um fogo tão forte que está irradiando dele em

ondas, me queimando de dentro para fora e deixando o ar pesado.

Ele está me machucando, a dor nos meus pulsos se espalhando para baixo, para baixo, para baixo, até eu estar apertando minhas coxas embaixo dele.

Nunca vou entender por que o quero quando ele é tão cruel.

— Você me confunde pra caralho — exclamo.

— Bom — retruca ele. — Porque não tem um maldito segundo que não me deixa louco. Você é a pior coisa que aconteceu comigo. Todos os dias me arrependo de ter entrado naquele bar. Me odeio por acreditar nas suas mentiras e por pensar que não passava de uma garota triste. Odeio que me deixei ser seduzido por você. E odeio não conseguir parar, nem mesmo agora.

Luto contra seu aperto, suas palavras ásperas perfurando minha pele e agarrando meus nervos. Doem, mas só porque não posso culpá-lo.

— Saia de cima de mim — esbravejo entredentes, levantando os quadris, mas só conseguindo machucar minhas costas. Ele é tão pesado. — É melhor parar de me tocar, Enzo, ou pode ser seduzido por acidente.

Ele mostra os dentes.

— Tudo o que você faz é calculado. Estava mesmo tendo um ataque de pânico no armário ou era outra jogada sua?

Fico boquiaberta.

— Não pedi para você me tocar, seu idiota! Como eu poderia saber o que você ia fazer?

— Você estava fazendo isso para ganhar simpatia — acusa ele.

Estou tão perplexa que fico sem palavras.

Discutir com ele é inútil, então levanto os quadris de novo.

— Sai de cima de mim! — esbravejo, aquela sensação de estar presa me envolvendo. Eu me debato com mais desespero, mas seus lábios só se inclinam cruelmente.

Longe de ser um sorriso, ainda assim divertido.

— Vai entrar em pânico de novo, *bella ladra*? Esperando pelo meu pau desta vez?

— Você é louco — exclamo entredentes. — Não quero aquela coisa perto de mim.

Ele inclina a cabeça de lado.

— Não?

Isso é um desafio, e só agita o pânico. Ele rola os quadris, o comprimento duro pressionando meu clitóris com firmeza.

— Enzo — insisto, mas sai sem fôlego.

Seus lábios deslizam de leve pela concha da minha orelha.

— Você gritaria desta vez? — pergunta ele, sombrio. — Você sempre faz isso quando cria seu próprio pequeno oceano em cima de mim.

— Vá se foder — ofego, com um arrepio de corpo inteiro quando ele rola os quadris de novo.

— Não vou. Já conquistei seu oceano, *amore mio*. Você não tem mais nada para dar que eu quero.

Por fim, ele me liberta, de pé acima de mim com as pernas de cada lado. Deslizo por baixo dele, me pressionando contra a parede de pedra e ofegando.

— Você é uma mentirosa. Até mesmo agora.

Xingamentos aparecem na ponta da minha língua, e abro a boca para soltá-los, esperando que sejam fortes o suficiente para cortar sua pele grossa, mas antes que possa dizer uma sílaba sequer, sua cabeça vira para o lado.

Seus olhos estão presos em alguma coisa do lado de fora da janela. O que vê faz com que fique tenso, sua coluna se endireitando enquanto corre naquela direção.

— O quê? O que foi? — pergunto sem fôlego, me levantando para ficar ao seu lado.

Meus olhos se arregalam, um arquejo nos lábios ao registrar o que está lá fora.

É uma garota. Ela está em pé no oceano, com água até o joelho, uma água negra tocando suas pernas. Apenas um vestido branco fino cobre seu corpo magérrimo, a gola pendurada sobre um ombro e expondo a pele branca como a lua.

— Ah, meu Deus — murmuro, correndo para a cama e estendendo a mão para a fechadura da janela, mas há pregos retorcidos trancando-a, mantendo-a fechada de forma definitiva.

— Que merda é essa? — murmuro, mas minha atenção é desviada outra vez quando a menina caminha mais no oceano, fazendo com que meu coração dispare. — Ei! — grito, batendo a palma no vidro, mas tenho certeza de que o som está sendo engolido pelo vento uivante. A garota fica quieta, por isso, grito mais um pouco, na esperança de que ela se vire. Mas ela só fica lá, parada enquanto as ondas batem nela.

— Sylvester está vindo — alerta Enzo, com a voz baixa enquanto se afasta de mim.

Passos altos estão caminhando pelo corredor, mas não vêm do quarto dele. Ele está vindo da escada.

Eu me viro e saio da cama, a maçaneta da porta balançando enquanto ele a destranca. Já sinto sua raiva escorrendo pela porta.

Quando a abre, ele entra, pisando com força em sua perna de madeira.

— O que diabos está acontecendo aqui? — vocifera Sylvester. Seus olhos encontram os meus e depois deslizam para a janela atrás de mim. — O que danado você está fazendo, mocinha?

— Há uma garota lá fora — explico, passando o polegar por cima do ombro. — Ela estava parada no oceano.

— Uma garota... do que você está falando? — resmunga ele, mancando na nossa direção para olhar pelo vidro. — Não tem nenhuma garota lá fora — exclama.

— O quê? — pergunto com a voz estridente, espiando ao redor dele. Mas ele tem razão.

Não tem ninguém lá fora.

Boca aberta de perplexidade, me viro para Enzo e o encontro olhando pela janela também. Quietos e com o rosto tranquilo, mas seus olhos estão sombreados de suspeitas.

Encarando Sylvester de novo, insisto:

— Tinha uma garota lá fora. Nós dois vimos.

Sylvester se inclina sobre a cama para ver melhor.

— Não tem ninguém lá fora — resmunga ele depois de um tempo. — Vocês estão vendo coisas.

Cerro meu maxilar em frustração, sabendo muito bem que ambos a vimos.

Virando meu olhar para Enzo, eu o vejo encarar Sylvester, sua suspeita tão evidente quanto a perna desaparecida do velho faroleiro.

Enzo encolhe os ombros casualmente, com um brilho nos olhos.

— Deve ter sido apenas outro fantasma.

13

Enzo

— Pra onde você está indo?

A pergunta sai da minha boca antes que eu possa pensar direito. Parece que penso pouquíssimo quando se trata dela.

Faz uma semana desde que ficamos presos no armário, e todos os dias desde então, ela desaparece para algum lugar durante a maior parte do dia. Sai depois do café da manhã e não volta até de noite. Ela age normal o suficiente, brincando com Sylvester, mas depois ignora minha existência à noite, de costas para mim até mesmo durante o sono.

Ela não fala para onde vai e, a cada dia que passa, minha curiosidade aumenta.

Talvez seja porque não gosto de ficar aqui sozinho com Sylvester o dia todo, embora tenha encontrado muito para consertar para me manter ocupado. Ou talvez seja porque não gosto que ela tenha encontrado uma fuga.

Sem pressa, Sawyer se vira para mim, a meio caminho da porta com um olhar inexpressivo no rosto.

Sua pele está começando a ficar pálida, o que indica que ela não está passando tanto tempo no sol. Esta ilha não passa de rochas. Não há para onde ir a não ser para *cima*.

— Não é da sua conta — enfatiza ela, fechando a porta antes que eu possa falar.

Uma risada estrondosa entra na minha pele, enchendo meus músculos de tensão e meu corpo de raiva. Cerrando o maxilar, viro

a cabeça para encarar Sylvester, que está encostado no balcão bebendo café.

— Algo engraçado, *stronzo*? — pergunto.

Ele franze a testa, não entendendo do que eu o chamei, e não tenho vontade de explicar.

Não nos damos bem, embora nenhum de nós tenha falado abertamente da nossa aversão um pelo outro. Ele não gosta que eu não o respeite muito, e eu apenas não gosto dele.

— A garota tem uma boca grande. Não estive muito perto de pessoas nas últimas décadas, mas é sempre interessante ver como as mulheres são determinadas hoje em dia, quando me deparo com elas. Conheci algumas no convés quando os navios de carga chegaram, e, rapaz, elas fizeram esses homens suarem.

Ele está tentando conversar.

Volto o olhar para a porta.

Não gosto de conversas. Muito menos com ele.

Levantando-me, digo por cima do ombro:

— Volto mais tarde.

Sylvester resmunga, claramente descontente com meus modos. Ele não é um homem submisso, mas se tornou cada vez mais evidente ao longo da última semana que mantém a paz comigo por causa de Sawyer.

Ele gosta dela, e também não gosto nem um pouco disso nele.

Quando chego lá fora, ela já não está à vista. Mesmo depois de caminhar por vários minutos, não a vejo escalando nenhum dos penhascos ou deitada pelas rochas irregulares como eu meio que esperava. Não penso logo em algo gracioso quando se trata dela.

No momento em que dou uma volta por toda a ilha e ainda não consigo encontrá-la, há uma semente de preocupação brotando no fundo do meu estômago, se enraizando aos poucos à medida que os minutos passam.

Onde ela pode ter ido?

Esta ilha não é tão grande assim. Há poucos lugares para se esconder. Devemos ter nos desencontrado de algum jeito, e ela já voltou para o farol.

Assim que estou prestes a desistir e voltar, vejo um grande buraco no centro de um penhasco.

E, de repente, percebo por que ela está ficando mais pálida, como parece ter desaparecido sem deixar rasto.

É uma maldita caverna.

Ela esconder isso de mim me irrita por algum motivo.

Por outro lado, tudo a respeito dela consegue me irritar sem ela nem sequer tentar.

Só Deus sabe o tamanho da caverna, e ela bem poderia ter se machucado e não teria como me avisar. À medida que os cenários se desenrolam de todas as maneiras que ela poderia ter se metido em algum tipo de problema, minha fúria só aumenta enquanto entro na caverna. Não consigo ver nada, mas estou consciente de cada passo ao descer. Alcanço o chão plano e caminho por um túnel, um brilho azul cintilante que emite do local.

Estou tão irritado que a beleza da caverna mal se registra quando saio do outro lado. Meu único foco é encontrar Sawyer, certificar-me de que não está ferida, e retornar.

Saciar minha curiosidade.

Parece inútil, mesmo na minha cabeça.

Percorro a caverna, parando por um segundo para notar a piscina azul, antes de continuar a procurar o espinho constante ao meu lado.

— O que você está fazendo aqui embaixo? — pergunta uma voz suave atrás de mim. Eu me viro, encontrando Sawyer parada, os cachos selvagens ao redor do rosto.

— É para cá que veio nos últimos dias?

— Conhece a música “Obsessed” de Mariah Carey? Acho que ela sabia o que estava fazendo quando escreveu — diz ela em vez de uma resposta.

Minha testa franze.

— O quê?

Ela passa por mim e se dirige para a piscina, cantarolando a música.

— Só estou dizendo que a obsessão vem com sérios efeitos colaterais. Talvez queira manter isso sob controle antes de se tornar

um psicopata assassino.

Fico em silêncio por um instante antes de perguntar:

— Quem disse que já não me tornei?

Ela parece congelar por vários segundos antes de chutar sem rumo o pé no chão de pedra.

— Podia ser. Está aqui para me matar, Enzo? É porque não retribuo seus afetos?

— Baby, se alguém ficasse obcecado por você, seria apenas pelo que está entre suas coxas, não porque tem mais alguma coisa para oferecer.

Ela não responde.

Ela sempre tem algo a dizer até se deparar com a verdade de seu caráter e suas ações.

— Por que está aqui, Enzo? Este é o meu lugar seguro, e você está... o transformando em inseguro.

Em vez de responder, por fim contemplo seu *lugar seguro*. Estaria escuro como breu aqui se não fosse pelo teto luminoso e pela piscina brilhante no meio.

È davvero bellissima. Posso dar valor a qualquer coisa que não seja da variedade humana ou feita pelo homem.

Os turistas pagam centenas de dólares para visitar cavernas como esta. As chances de ter uma nesta pequena ilha abandonada são incríveis.

— Você sabe o que está pendurado acima da sua cabeça? — pergunto.

Ela vira a cabeça, dando-me seu perfil. É o suficiente para me dizer que ela está interessada, e ainda assim, não sei por que estou aqui, também.

— Vermes luminosos.

Seu queixo cai um momento antes de seu olhar subir, a cabeça agora inclinada para trás enquanto olha para as pequenas criaturas enganosas.

Esperei que ela desse um gritinho, ficasse enojada, mas Sawyer sempre faz o oposto do que espero. Sem desviar o olhar, ela se levanta como se tentasse se aproximar deles.

— Talvez seja melhor fechar a boca antes que algum caia nela.

Sua boca se fecha, o estalido dos dentes audível a vários metros de distância.

— Por que brilham assim? — pergunta ela com admiração.

— É uma secreção pra atrair presas.

Ela arqueja, e eu continuo:

— Essas cavernas também têm na Nova Zelândia. Na verdade, são cordas de seda que vêm de larvas de ovos. Regurgitam muco e os transformam em cordas de gotículas aquosas e reflexivas. Então, os iluminam com as caudas e atraem moscas. Mais fino do que um fio de cabelo, e podem quebrar, então cuidado com a boca.

Mais uma vez, ela a fecha. Acho que nem percebeu que seu queixo tinha caído de novo. Não posso deixar de admitir que ver uma cair no espaço cavernoso que produz todas as suas mentiras pareceria uma forma de justiça.

Na hora certa, seus lábios sem pressa começam a se separar outra vez.

Lançando um olhar na minha direção, ela indaga:

— Como você sabe tudo isso? Você é uma enciclopédia ambulante?

Dou de ombros.

— Estudei muitas coisas quando estava me formando.

Ela cantarola distraída.

— Quem diria que a secreção de vermes poderia ser tão bonita?

Eu me aproximo dela, gostando do jeito como seu corpo sente o meu. Os músculos de seus delicados ombros ficam tensos e a maneira como seus ossos parecem endurecer.

Gosto que ela me sinta. Que me tema.

Roubar de mim é o pior que ela vai me fazer, mas vou fazer algo muito pior para ela.

Sawyer se afasta da piscina enquanto me aproximo, baixando a cabeça para me observar.

Também gosto disso. Eu a deixo tão nervosa que ela não tira os olhos de mim sempre que me aproximo.

Só me faz querer chegar mais perto para que possa ouvir sua respiração acelerar e ver aqueles azuis escurecerem.

Admito – estava errado antes. Sua boceta não é a única coisa que é viciante. Não quando o medo dela é tão apetitoso.

— Você já esteve na Nova Zelândia? — pergunta ela em um tom baixo, uma tentativa inútil de se distrair.

— Não.

— Por que não?

— Nunca tive um motivo pra visitar.

— Nem mesmo para ver os vermes luminosos?

— Não.

Ela fica quieta, o ar ficando denso com a tensão tão espessa que posso sentir cada mudança de seu corpo dentro do meu.

Ouço-a engolir em seco.

— Você vai me machucar?

— *Si* — digo, meu pau ficando duro só de pensar nisso.

— O que... o que você vai fazer? — Sua voz oscila, as palavras ficando agudas e baixas de medo.

Um canto dos meus lábios se curva.

— Por que eu te diria?

Sawyer se vira e estudo o jeito como ela olha para a frente, além da piscina e em sua própria mente, provavelmente imaginando todas as maneiras pelas quais eu poderia machucá-la.

Excitação escorre pelo meu peito ao circular atrás dela e pressionar suas costas. Ela respira fundo, sentindo meu pau encostado na curva da sua bunda. Sawyer parece uma pedra sólida enquanto me inclino e roço minha boca em sua orelha.

— Isso é o que torna tudo tão divertido — murmuro, permanecendo por mais um segundo para que possa memorizar a maneira como seu lábio treme.

— Você vai tentar me foder? — questiona.

— Não, *bella ladra*. Não vou te foder nunca mais, nem mesmo quando me implorar.

Ela zomba, o lábio superior se enrola de desgosto.

— Eu nunca faria isso.

Estendendo a mão ao seu redor, agarro seu queixo e forço sua cabeça para o lado, seus olhos azuis transparentes agarrando os meus.

Não é o suficiente. Quero aquelas lágrimas caindo.

Aperto com mais força e felicidade percorre na minha corrente sanguínea quando uma lágrima desce.

Agora, essa é uma visão que pode fazer qualquer homem desmoronar.

Inclino-me para mais perto, meus lábios a poucos centímetros dos dela.

— Você já está tão perto, *bugiarda*. Tudo o que eu precisaria fazer é beijar estes lábios bonitos, e as palavras escapariam da sua língua antes que você pudesse pará-las. — Soltando seu queixo, agarro sua mão e a forço entre suas coxas. — Sinta — ordeno.

— Não — esbraveja, a raiva fervendo em seu olhar.

— Eu não estava pedindo — rosno, minha voz baixando com o aviso. — Veja se está molhada, ou eu vejo.

Engolindo em seco, ela enfia os dedos na lateral do short por meio segundo e, em seguida, logo os desliza para fora. Ela resiste quando agarro sua mão e a levanto para que nós dois vejamos, a evidência de sua excitação refletindo a luminosidade de cima na ponta dos dedos, transformando-os em água brilhante.

— Olha só. Você também pode brilhar.

Então, me afasto, não dizendo mais nada ao sair da caverna e vou em direção ao farol. Ela vai ficar aqui, envergonhada e constrangida, e não vai se atrever a mostrar a cara por um tempo.

Tempo o suficiente para eu gozar com a imagem daquela lágrima caindo de seus olhos.

14

Sawyer

Eu o odeio, pra caralho.

Ainda estou fervendo de raiva quando volto para o farol.

Fechando a porta, começo a correr em direção à escada e rezo a Deus para que Enzo não esteja lá. Seria uma forma de justiça se ele escorregasse e batesse a cabeça numa pedra.

Seleção natural, filho da mãe.

Paro no meio do caminho quando uma voz estrondosa fala à direita, me fazendo pular, um grito agudo escorregando da minha boca.

— Ora, ora, você parece bem chateada. Imagino que seria páreo duro para aquela tempestade que derrubou vocês.

Cala a boca, seu dinossauro enrugado.

Forçando um sorriso no rosto, digo:

— Estou bem. Só não peguei nenhum peixe hoje.

Ele acena com a mão como se não fosse nada de mais.

— Na próxima vez você consegue, querida. Venha se sentar, vou fazer com que se sinta melhor.

Uma sensação desconfortável passa por mim enquanto ele dá um tapinha na almofada do sofá ao lado dele, me dando um sorriso torto. Seus dentes estão começando a escurecer – algo que nem tinha notado até agora.

Sylvester tem pedido para eu me sentar ao lado dele nos últimos dias. É estranho, mas tenho ignorado, considerando que Enzo não parecia achar nada de mais.

Você está vendo algo que não existe.

Verdade. Ele só está sendo amigável.

Todos os homens te querem para uma coisa, pirralha. Sou o único que te ama de verdade.

Pressionando os lábios com um sorriso tenso, me sento, coagindo meus músculos rígidos a relaxarem. Não que esteja dando certo.

Sua mão áspera e calejada pousa no meu ombro, enviando uma onda de calafrios pelo meu corpo. Ele me aperta de brincadeira e ri.

— Você está tão tensa! O peixe a deixou tão estressada assim?

Dou de ombros, na esperança de afastar sua mão, mas sem sucesso. Nunca fui boa com confrontos. Fazer o sinal de paz e deslizar para longe é minha resposta.

Mas antes que possa fazer alguma coisa, Enzo entra na sala de estar, seus olhos logo encontram os meus. Na mesma hora, a mão de Sylvester aperta meu ombro e, embora não tenha habilidades de confronto, minhas habilidades de intuição são boas.

Parece que ele está tentando me reivindicar.

O olhar de Enzo se aguça ao se concentrar onde Sylvester está me tocando.

— O que você está fazendo?

— Estávamos conversando, rapaz. O que mais? — responde Sylvester, seu tom insatisfeito e um pouco na defensiva.

— Então por que você está tocando nela? — esbraveja ele, sua voz dura e inflexível.

Minha boca se abre, pronta para estabelecer a paz, mas os olhos de Enzo se viram para mim em alerta. Aperto os lábios e fico quieta por enquanto. Sobretudo porque a mão de Sylvester só ficou mais pesada no meu ombro, como se afirmasse domínio e, pelo olhar sombrio no rosto de Enzo, ele está prestes a subir na perna dele.

— Tem algum problema com isso? Não vejo seu nome escrito em nenhum lugar nela — retruca Sylvester.

— Não vou apenas escrever, vou esculpir. Tire a mão dela, ou farei isso por você.

Do nada, me levanto, saindo do aperto de Sylvester e atraindo a atenção de ambos.

— Não vamos brigar, ok? E embora agradeça por se preocuparem, por favor, não me usem como uma ferramenta na competição idiota de vocês.

Sylvester abre a boca, mas saio correndo da sala antes que possa falar.

Fujo. Porque é o que faço melhor.

*

Estou sentada na cama lendo um livro antigo sobre faróis quando escuto uma batida na porta. Sylvester abre e entra um segundo depois, nem mesmo me dá tempo de dizer que pode entrar.

Suspiro.

Ele não tem nenhum conceito de privacidade, exceto quando se trata da sua. Podia estar trocando de roupa, mas só tenho algumas camisetas e um short de todo jeito. Meu biquíni é a única roupa íntima, e só as tiro o tempo suficiente para lavar antes de voltar a vestir.

— Preciso me desculpar por mais cedo — diz Sylvester, parecendo arrependido.

Já se passaram algumas horas desde que escapei do confronto, mas não vejo Enzo desde então.

O desgraçado deve ter ido até minha caverna, e estou preparada para lutar com ele por ela. Encontrei a maldita caverna, por isso, me reservo ao direito de controlar quem tem a guarda dela e quando.

Encolho os ombros.

— Está tudo bem. A testosterona dominou todo mundo — falo baixinho.

— É, bem, não acho que lhe dominou, mas entendo. Aquele rapaz não tem boas maneiras e meu orgulho atrapalhou. Desculpa se a deixei desconfortável.

— Claro. Acho que, desde que todos mantenham as mãos para si mesmos a partir de agora, não deve haver mais problemas como

esse.

Seu lábio inferior se projeta para fora enquanto ele acena com a cabeça e, por um segundo, ele quase parece descontente com minha resposta. Parece que Sylvester esperava que dissesse que ele me tocar não me deixava desconfortável, mas bem... me *deixou*.

E posso ser uma mentirosa, mas não vou permitir que este velho coloque as mãos em mim quando quiser.

Vou viver com os malditos vermes luminosos antes que isso aconteça.

— Isso inclui seu amigo também? — pergunta ele depois de um tempo, mantendo o olhar fixo no chão de madeira.

Franzo o cenho.

— O que você quer dizer?

Sylvester encolhe os ombros, fingindo indiferença.

— Imagino que qualquer homem teria dificuldade em manter as mãos longe quando a mulher tem sua aparência e está vestida desse jeito. Não pode culpá-los de verdade, pode?

Pisco.

— Parece que está falando de meninos. Um homem não tocaria numa mulher sem seu consentimento — retruco. — Além disso, um biquíni não é um convite para ser violentada.

Claro que é, pirralha. Você está praticamente implorando por atenção.

Ele dá uma gargalhada, o som áspero sem humor.

— Tem sido um dia difícil. A hora de dormir é às sete hoje, ok?

— O quê? Por quê?

Ele resmunga algo, cambaleando até a porta.

— Vamos todos começar de novo amanhã de manhã — é tudo o que diz.

Assim que ele sai, Enzo aparece, seu rosto marcado com desconfiança. Ele está sem camisa, e é quase o suficiente para me distrair do estranho comportamento do faroleiro.

Sylvester fica em silêncio e apenas espera que Enzo entre no quarto, os dois se observando com atenção.

— Vocês dois tenham uma boa noite — enfatiza o velho antes de fechar a porta com firmeza.

Eu me levanto, sem ideia do que dizer, mas preparada para falar *alguma coisa*, até ouvir um clique audível.

— Ele acabou de nos trancar? — grito, correndo para a porta e balançando a maçaneta.

— Durmam bem — retruca ele, antes de mancar pelo corredor.

— Que porra é essa? Ele nos trancou mesmo? — esbraveja Enzo, me empurrando para o lado para tentar a maçaneta da porta.

Enzo bate com a mão na madeira.

— Ei! São sete horas, cara. Deixe-nos sair.

No entanto, Sylvester já se foi, descendo os degraus de metal, se o som metálico for alguma indicação.

— O que diabos aconteceu? — resmunga ele, voltando o olhar acusador para mim.

— Não fiz nada! — grito na defensiva. — Onde você estava, afinal?

— Estive lá embaixo consertando algumas coisas para me concentrar em outra coisa que não fosse estrangulá-lo. Só fui tomar um banho há dez minutos e cheguei pra isso — explica ele, frustração evidente em seu tom.

É só agora que percebo que as gotículas de água estão agarradas ao pelo fino em seu peito, escorrendo pelos contornos de seu abdômen. Seu cabelo e sua barba estão crescendo, mas isso não o faz parecer menos atraente. Acrescente a expressão feroz em seu rosto e, meus órgãos estão em chamas e meu sangue é a gasolina.

— Então, o que aconteceu? — repete ele, a testa franzida de raiva.

Pigarreando, tento me concentrar de novo no assunto em questão.

— Ele veio aqui para pedir desculpas e depois acabou dizendo que se um homem me toca, é porque estou de biquíni e shorts.

Ele dá um passo ameaçador na minha direção, uma sombra escura o cobrindo.

— Ele te tocou de novo? — Ele não espera por uma resposta, virando-se para fuzilar a porta. — *Lo uccido* — esbraveja, mortalmente calmo.

— O que isso significa?

Ele se vira para mim, me queimando sob seu olhar ardente.

— Significa que vou matá-lo, Sawyer.

Eu zombo, perplexa com o motivo de Enzo estar agindo como se se importasse.

— Tanto faz. Você não tem muita moral pra falar disso mesmo.

Ele vira aquele olhar furioso para mim, e eu me mexo. Ele é muito assustador.

— Como é que é? — desafia ele.

— Bem, você não me fodeu enquanto me afogava? Vai agir como se não houvesse algo de errado com isso?

Uma covinha começa a aparecer na sua bochecha e, juro por *Deus*, se o filho da puta sorrir mesmo agora, *eu vou matá-lo*.

— Você está certa — admite ele, fazendo uma pausa antes de dizer: — e faria isso de novo. Sou o único autorizado a tocar em você, *bella ladra*, e sou o único que lhe causará dor. *Capito?*

Meus olhos se arregalam em choque e, por alguns segundos, a única coisa que sou capaz de fazer é balbuciar.

— O que você é... um bárbaro? Os homens das cavernas o criaram?

— Não chamaria freiras de homens das cavernas — responde ele, casual. Apenas o encaro, e ele caminha calmo até a cama, pegando o livro e estudando-o. Tenho a sensação de que ele só está tentando se distrair de mim e, por alguma razão, isso me irrita mais.

— Você não foi criado por freiras.

— Onde conseguiu isso? — pergunta ele, sacudindo o livro e me ignorando.

— Na estante de livros. É uma prateleira que se coloca os livros — enuncio. — Onde conseguiu sua audácia?

Ele continua me ignorando enquanto folheia o livro, recusando-se a me responder.

Minhas mãos se fecham em punhos, um coquetel de emoções se agitando no meu estômago. De suas ameaças na caverna à estranha atitude de Sylvester, e agora isso... estou transbordando de frustração de toda a espécie masculina.

Tenho certeza de que as mulheres conseguem viver bem sem eles, mas aqui estão eles, assolando a Terra como baratas. Um evidente contratempo na evolução.

— Descobriu alguma coisa valiosa sobre faróis? Algo que possa nos ajudar de verdade?

Nos. Não tem *nos*. Só há ele e eu. Não tem nós. Nenhuma unidade nem equipe. Sem parceiros ou mesmo alguém em quem confiar. Só nos tornamos uma pessoa por uma noite. Agora é ele e eu. É isso.

Cruzo os braços.

— Se soubesse, não te diria.

Ele cantarola fundo no peito. Pode muito bem ser um alarme de tornado.

— Isso é porque você quer sair desta ilha sozinha? — questiona ele de leve, embora haja um toque de escuridão em seu tom que é inconfundível.

Eu me afasto de Enzo, preparada para me colocar de castigo e enfiar o nariz na parede apenas para não ter que olhar mais para ele.

Kevin costumava me meter em problemas o tempo todo, e essa sempre foi a solução da minha mãe. Nariz na parede. Eu estava cansada de olhar para a tinta branca descascada, então um dia, decidi enfiar meu nariz na parede com tanta força que quase quebrei. Disse para minha mãe que a parede tinha me atacado e que os castigos eram perigosos demais. Então, a solução dela foi me fazer ficar lá fora, na varanda da frente, de frente para o pequeno parque infantil que compraram para Kev. Ela disse que agora as paredes não podiam mais me machucar.

Apenas a visão do meu irmão brincando sem mim. Livre da culpa.

Ou pelo menos era o que ele dizia.

E o que nossa mãe sempre acreditou porque aceitei em silêncio os castigos para as coisas que *ele* fazia.

Então, por que ficar calada agora?

— Não me importo com o que acontece com você — murmuro.

Só consigo dar mais um passo quando, de repente, uma mão agarra meus cachos e me gira de volta. Um arquejo deixa meus

lábios, e meu coração dispara quando me encontro cara a cara com dois olhos castanhos ferozes. Aquela mancha escura na íris direita está brotando, tornando-a quase negra.

Ele entra no meu espaço pessoal e mostra os dentes, apertando meu cabelo até meu crânio doer.

— Já deixou isso claro, baby, e é tão lamentável que me importo com o que acontece com você.

Empurro seu peito, mas ele não se mexe, e estou sem fôlego quando resmungo:

— Por que se importaria?

Ele se inclina para mais perto, um ciclone de eletricidade se formando no quarto. Cada vez que sua pele desliza na minha, uma nuvem de tempestade escurece, e um raio cai em algum lugar ao redor do mundo.

Quantos outros naufragaram porque ele não consegue parar de me tocar?

— Porque quero ver você sofrer. E farei tudo o que estiver ao meu alcance para garantir que isso aconteça. Se isso significa mantê-la viva apenas para que possa destruí-la, que assim seja.

Então, ele me empurra com força, me fazendo tropeçar e cair de bunda no chão, um suspiro forte saindo dos meus pulmões.

— Idiota — resmungo, as lágrimas ardendo nos meus olhos enquanto uma dor aguda sobe pelo meu corpo.

Meu Deus, não o suporto.

Mais uma vez, ele me ignora. Em vez disso, volta a se sentar na cama, recostando-se na parede de pedra com os pés cruzados, folheando o livro do farol como se não tivesse nada com que se preocupar.

Mas pelo que sei, tenho arruinado vidas há muito mais tempo do que ele.

15

Sawyer

— O que você está fazendo?

O grito que sai da minha boca parece que saiu de *Godzilla*. Ficaria envergonhada se não fosse pelo fato de estar muito ocupada tentando puxar meu coração da garganta.

— Ah, meu Deus — é tudo o que consigo dizer.

Estive batendo de leve nas paredes do corredor do lado de fora do nosso quarto nos últimos minutos, à procura de um ponto oco. Espero que haja uma entrada escondida para uma escadaria em algum lugar.

Enzo me encara, sua sobrancelha grossa curvada de modo indiferente. Agarro meu peito, respirando fundo para acalmar meu ritmo cardíaco errático.

— O que você está fazendo? — pergunto sem fôlego.

Ele ergue o livro do farol.

— À procura da luz do farol?

Ironizo:

— Não. Por que você pensaria isso?

— Você marcou a página.

— Ah. Marquei? — murmuro.

Não consegui dormir ontem à noite, então fiquei acordada até tarde com o livro empurrado contra a janela, tentando ler da melhor maneira possível com o brilho do luar destacando apenas algumas palavras de cada vez.

O livro fala da ilha Raven e de sua história, publicado em 2008. Tem um registro do que parece ser cada evento importante.

Sylvester é até mencionado nele, nomeado o guardião oficial do farol desde 1978.

Ao longo dos anos, ele ajudou com centenas de barcos. Estas águas em torno da ilha Raven são perigosas e rochosas e são conhecidas por naufragar navios. Os faróis podem ter vários significados e este se destinava a alertar e oferecer um porto seguro se já fosse tarde demais.

Há dezenas e dezenas de recontagens de naufrágios e Sylvester guiando-os para sua ilha. Cada um deles lista o navio, o que estava transportando e para onde, e até mesmo os nomes de sobreviventes e mortes conhecidos.

Só que não há registro dos prisioneiros. Nada sobre um navio de transporte naufragando ou qualquer um dos sobreviventes chegando à ilha Raven. Não significa que não aconteceu, mas só me faz pensar por que não foi documentado como os outros.

— Por que você está procurando a luz do farol?

No livro, há uma breve menção de como Sylvester guiava os capitães do mar aqui ao operar o sinal luminoso. O que significa que ele precisava ter algum jeito de se comunicar enquanto estava lá em cima.

É óbvio que deve ter outra escada em algum lugar que leve a esse local, e eu estou curiosa para saber onde. Pode haver outro rádio lá em cima. Talvez uma maneira de enviar algum tipo de pedido de socorro e chamar um navio para nos resgatar.

Ou só para me resgatar.

Seria quase impossível esconder um barco de Enzo. Por outro lado, eu poderia mentir e dizer que ele é perigoso...

Encolho os ombros, tentando parecer indiferente.

— Queria olhar a luz.

Enzo cruza os braços, esperando uma resposta sincera.

O filho da mãe pode continuar esperando.

Virando de costas, coloco as mãos na parede e começo a bater de leve outra vez, retomando minha busca por um ponto oco.

— Sawyer — rosna ele, o timbre áspero de sua voz aprofundando o sotaque e causando arrepios na minha pele. Nunca o ouvi gemer meu nome verdadeiro, e acho que estou feliz por isso.

Se tivesse, acho que nunca teria saído da cama daquele homem, e embora talvez isso tivesse impedido toda esta confusão, não teria impedido de me apaixonar por ele.

E isso é muito mais perigoso do que um naufrágio no meio do oceano durante uma tempestade. Pergunte a quem quiser.

— O quê? — esbravejo, envergonhada pelo rubor subindo aos poucos pelo meu pescoço e pelo fato de que preciso apertar minhas coxas apenas para diminuir a pulsação entre elas.

— Por que você está procurando a luz do farol? — repete ele, a voz mais próxima do que um minuto atrás. — Acho que é melhor não mentir para mim desta vez.

— Não menti. Estava desviando da pergunta. Há uma diferença — defendo baixinho.

Quando sinto sua presença se aproximar de mim, grito, me contorcendo e me pressionando contra a parede.

— Não se aproxime ou eu grito — ameaço, apontando um dedo para ele.

Um de nós é um leão e o outro é um coelho. E não é difícil adivinhar qual está com medo e qual parece estar com fome.

— Pare de me olhar assim — exijo.

Porra. Não funcionou. Ele ainda está me olhando assim.

— Responda minha pergunta. Não vou perguntar de novo — ordena ele, dando mais um passo, seu olhar ardente fixo no meu.

Toda a extensão do meu corpo é achatada contra a parede e, mais uma vez, estou diante do fato inflexível de que não consigo atravessar objetos sólidos.

Ele sempre usa o corpo contra mim. Para me intimidar, para me distrair, para conseguir o que quer.

Inverta o jogo, idiota.

Está bem. Mais fácil falar do que fazer quando pode haver um Minotauro na minha cara, bufando para mim.

Engolindo em seco com dificuldade, forço meus ombros a relaxar e, aos poucos, todos os outros músculos do meu corpo fazem o mesmo.

Lanço meu olhar para o chão por tempo suficiente para reunir coragem que não é verdadeira, depois ergo meu rosto de volta para

ele, me permitindo sentir o pulsar irradiando entre minhas coxas e a maneira como sua proximidade faz meus mamilos ficarem rígidos.

Apesar da minha coragem ser forçada, a forma como meu corpo reage a ele é bem o oposto. Há uma batalha constante entre lutar contra minha atração por Enzo e me convencer de que qualquer homem poderia fazer meus joelhos enfraquecerem com um único olhar. E me livrar daquela guerra interna parece com usar uma fantasia apertada por muito tempo e, por fim, tirá-la para respirar. Não tem desculpas, não há como negar o modo como meu clitóris pulsa sob seu olhar e a umidade que reveste a parte interna das minhas coxas quando ele se aproxima um pouco mais.

Não há persianas sobre meus olhos, escondendo a verdade dele tantas vezes como escondo de mim mesma.

Embora ele não estivesse se movendo, o corpo de Enzo parece parar. Como dar uma pausa num filme. Exceto que eu cliquei duas vezes no botão e, com a mesma velocidade que parou, ele se move, envolvendo a mão na minha garganta e me levantando até que apenas meus dedos dos pés toquem o chão. Seu corpo pressiona tanto o meu, que nossos pulmões podem se entrelaçar.

Como posso respirar se todo o meu oxigênio vai para ele?

— Sei o que você está fazendo — rosna ele. O calor que irradia do seu corpo ameaça me queimar viva, o contorno do meu corpo ficando carbonizado para sempre na parede de pedra atrás de mim.

— Não estou mentindo para você — sussurro, choramingando quando ele aperta minha garganta com mais força. Seus olhos dilatam quando o som impotente atinge seus ouvidos.

Enzo me odeia, mas também me quer. E não tenho intenção de deixá-lo parar quando é a única coisa que me mantém viva.

Aos poucos, arrasto minha perna ao redor do seu quadril, convidando-o a se aproximar das minhas coxas. Um rosnado baixo ressoa profundamente em seu peito, mas ele pressiona seu pau duro na minha boceta, provocando outro grito da minha garganta apertada. Um arrepio percorre meu corpo de tão bom que isso é, e é preciso pouco esforço para me esfregar em sua ereção, buscando algo dele que não deveria.

— Não, você não está — concorda ele antes de se inclinar para mais perto, os lábios sussurrando na minha mandíbula. — Sabe o que mais não está fazendo?

— Humm? — Estou distraída pela maneira como ele começou a girar os quadris, arrancando um gemido sem fôlego. Um nó está se formando no meu ventre, apertando cada vez que seu pau desliza no meu clitóris.

— Você não está implorando, *bella ladra* — murmura ele.

Então, Enzo se afasta apenas um centímetro, o suficiente para eu perder a doce pressão que ele estava criando entre minhas coxas. No lugar, há um calafrio se formando entre nós.

Consigo sentir Enzo se distanciar, e o estou agarrando com mais força, desesperada e carente. Qualquer pensamento coerente fugiu faz séculos do meu cérebro, determinado a escapar do túbulo em colapso da insensatez. Razão e lógica não pertencem lá. Não quando tudo o que importa é como convencê-lo a me fazer gozar.

Enzo e eu estamos no olho do furacão, uma tempestade perfeita de luxúria e ódio.

— Por favor — sussurro, indiferente a como me tornei patética. Reduzida à insensatez e a um único pensamento com um simples impulso dos seus quadris.

Ele faz um barulho insatisfeito do fundo da garganta.

— Eu não disse que não ia te foder mesmo quando me implorasse? Me diga: por que acha que não?

Sua voz é tão fria. Tão, tão fria.

Balanço a cabeça, sentindo o peso da negação mergulhar nos meus ossos. Não apenas negação, mas vergonha também. Não tive a intenção de implorar. Eu não *queria*. Mas a palavra escapou com tanta facilidade quanto minha autopreservação.

— É porque não é bom o bastante, Sawyer. Você não é boa o bastante.

Há lágrimas brotando nos meus olhos antes que eu possa pará-las.

— Sabe por que mais? — questiona entredentes, a raiva começando a brilhar nos seus olhos. — Porque *odeio* você pra caralho — esbraveja, me sacudindo para pontuar suas palavras.

Agarro sua mão, arranhando a pele e deixando rastros de sangue, mas o ardor não o incomoda.

Eu também o odeio – *puta merda*, como odeio. Odeio tudo que ele é. Sua maldita arrogância. Sua atitude prepotente. Tudo, *tudo* nele.

Tanto que quero gritar essas palavras na sua cara, mas mal consigo respirar, quanto mais proferir uma sílaba da minha ira. Antes que possa fazer alguma coisa, há um longo barulho de correntes se arrastando vindo de cima de nós.

Os xingamentos na ponta da minha língua se dissipam como fumaça, e o fogo ardente que brilha nos olhos de Enzo logo congela.

Ambas nossas cabeças se erguem, paralisadas pelo som de correntes se arrastando no teto.

Aos poucos, Enzo me solta, afastando-se enquanto seus olhos seguem os passos.

— Olá? — grita ele, mantendo o volume de sua voz controlado, e acho que é para Sylvester não ouvir.

Os passos não vacilam, e é só quando meu peito começa a doer que percebo como meu coração está batendo forte.

Enzo deixa cair o queixo e me examina, perguntando em voz baixa:

— *Perché*, Sawyer? Me diz por quê.

Pisco, e fico surpresa que, mesmo agora, ele esteja perguntando por que estou procurando a luz do farol.

— Você está perguntando por que acha que estou fazendo o quê? Conspirando com os fantasmas? Porque, para ser bem sincera, não tenho nenhum interesse em subir lá agora.

— *Sawyer*.

— Ah, meu Deus, porque pensei que talvez houvesse um rádio extra lá em cima — sussurro, cansada dele invadir todos os aspectos da minha privacidade. Já é ruim ser forçada a dividir um quarto com ele, mas Enzo tentar entrar na minha cabeça é demais.

Há um pequeno baque de cima, que me faz pular e erguer o olhar. Depois de um segundo de silêncio, o som de correntes se arrastando continua.

Além do prisioneiro acima de nós, há um silêncio estranho ao nosso redor. Olhando em volta, nervosa, observo como este corredor está escuro, sem nenhuma fonte que permita a luz do sol da madrugada.

Apenas um corredor escuro com um espírito aprisionado acima.

— Olá? — chama Enzo de novo, desta vez um pouco mais alto. E desta vez, os passos param.

Prendendo a respiração, um silêncio assustador nos envolve. Tão silencioso que faz meus ouvidos zumbirem enquanto um frio impenetrável se fecha ao meu redor. Não há barulho de Sylvester lá embaixo. Pela primeira vez, parece que estamos sozinhos nesta ilha, exceto pelas almas que a assombram.

Não tenho certeza se gosto.

Com o coração acelerado, tento forçar meus ombros para baixo outra vez com o espírito agora desaparecido. Até que algo bate no teto com força, fazendo com que um grito assustado saia da minha garganta.

Enzo fica firme e em silêncio enquanto outro estrondo alto ondula pela madeira. Por outro lado, estou quase cagando nas calças. Parece que minhas costelas estão se partindo por causa da força com que meu coração bate contra elas.

Parece que alguém está pisando forte ou batendo o punho no chão acima de nós. Com força suficiente para que eu possa sentir o chão sob meus pés tremer.

— Enzo — ofego, meu peito apertado e um perigoso coquetel de terror e adrenalina se misturando nas minhas veias.

— Vamos lá fora — diz ele, calmo, mas o fim de sua frase é interrompida por outro baque estrondoso.

Há uma última pausa e, em seguida, dois membros estão batendo no teto em rápida sucessão, ficando mais alto e frenético.

O pânico se torna muito forte, e estou gritando e correndo em direção aos degraus em espiral, sem olhar para onde vou em meu desespero para fugir. Perco o equilíbrio e tombo para a frente. Outro grito é arrancado da minha garganta quando começo a cair de cara para o chão.

De repente, a mão de Enzo segura meu braço um momento depois, me puxando antes que meu nariz possa se conectar com as escadas de metal.

— Puta merda, Sawyer — rosna ele, quase me arrastando o resto do caminho escada abaixo e para fora do farol.

A explosão da luz do sol é surpreendente e ofuscante enquanto ele quase me arrasta escada abaixo e para a praia. Cubro o rosto, me recuperando dos últimos vinte segundos que com certeza tiraram vinte anos da minha vida.

— O que está acontecendo? — grita Sylvester um pouco abaixo da costa, mas meus nervos estão muito comprometidos, e eu mal o ouço.

— Algo estava batendo contra o teto — responde Enzo, seu tom duro quando Sylvester se aproxima, com dificuldade enquanto sua perna de madeira afunda na areia.

Com os joelhos fracos, eu me agacho e abaixo a cabeça, respirando fundo e tentando controlar meu coração disparado.

— Eu... ataque cardíaco — suspiro.

— Você não está tendo um ataque cardíaco — responde Enzo, seco.

— Morrendo — ofego. — Preciso da polícia da água. Liga pro 911.

Apenas escuto o silêncio, mas seria bem difícil ouvi-los por cima do barulho nos meus ouvidos.

E então:

— Ela acabou de dizer polícia da água?

— Ignore-a — resmunga Enzo. — 911 não é o número certo.

— Bem, ela bateu a cabeça ou algo assim?

Enzo suspira.

— Gostaria de poder dizer que sim. Mas é apenas Sawyer.

16

Sawyer

— *Me deixa te provar, bella.*

Solto um gemido, abrindo as pernas assim que Enzo começa a trilhar beijos suaves na minha coxa.

— *Por favor — sussurro.*

Uma das mãos agitadas de Enzo bate na minha cabeça e me tira do sonho, me acordando de supetão.

Rosno, me sento e olho para Enzo. Ele foi sugado para outro pesadelo. O demônio mental que o atormenta está me causando danos corporais agora, e pelo fato de eu estar no meio de um sonho erótico e sentir que tenho bolas azuis no momento, estou mais do que frustrada.

Estivemos no limite o dia todo depois daquela coisa nos assustar para fora do farol. Estava louca para desmaiar e escapar para algum lugar melhor. Eu também tinha conseguido isso.

Nem sequer me importo que o sonho era sobre ele. Não posso culpar meu subconsciente por querer reviver o melhor sexo que já tive. Mesmo assim, estou furiosa porque o idiota da vida real *estragou* tudo.

— Enzo — resmungo, empurrando seu braço com força. Foda-se não o acordar. Se eu tenho que estar molhada e infeliz, então ele vai ficar com raiva e acordado.

Ele não acorda, então fecho o punho e dou um soco no seu ombro.

Num segundo, Enzo está chacoalhando a cabeça; no outro, sua mão envolve meu pulso e ele rola para cima de mim enquanto sua

outra mão está na minha garganta, apertando com força.

Eu grito, meu cérebro tendo problemas para entender a mudança repentina.

— Enzo — murmuro com a voz estridente, a pressão ao redor do meu pulso e da minha garganta se tornando demais. — Enzo! — grito, minha voz mal conseguindo passar.

Em seguida, suas costas ficam eretas e ele me libera com um suspiro.

— *Che cazzo succede?* — rosna ele. Não consigo ver seus olhos, mas posso senti-los. O calor do fogo que jorra deles está me queimando.

Começo a tossir. Agora que já não estou morrendo, a raiva volta logo.

— Seu idiota! — berro, empurrando seu peito, mas ele é uma besta imóvel. Enzo agarra meus pulsos, forçando-os acima da minha cabeça, nós dois ofegantes.

— Qual é o seu problema? Eu podia ter te matado.

— Ah, não sei. Eu estava tendo um sonho muito bom, e sua mão estúpida me dando um murro na cabeça estragou tudo.

— Foi por *isso* que me acordou? Por causa de um maldito sonho? — pergunta ele incrédulo.

— Era um bom sonho — digo, petulante. — E, além disso, parece que te fiz um favor.

Ele fica em silêncio, e eu suspiro furiosa.

— Qual foi o sonho?

Pisco várias vezes, me perguntando por que ele se importa e, ainda mais, por que ainda está em cima de mim.

— O quê? Por que isso é importante?

— Pelo visto, muito, se isso te faz me bater.

— Você me bateu primeiro.

Isso foi infantil, mas lamento mencionar o sonho. Eu me recuso a admitir que era sobre ele, e estou bem determinada de que ele nunca descubra que estava prestes a me foder no sonho.

— Qual foi o sonho, *bella*? — pergunta ele outra vez, seu tom caindo perversamente. E como se fosse um feiticeiro, abro a boca para lhe dizer o que ele quer saber.

— Sabe de uma coisa? Tanto faz. Quando um homem e uma mulher são atraídos um pelo outro, eles têm relações sexuais. Isso estava *prestes* a acontecer no meu sonho, e você estragou tudo. Feliz? Agora, sai de cima de mim.

Era minha intenção fazer com que parecesse o menos sexy possível – uma técnica de distração fantástica –, mas seu peso parece aumentar à medida que ele se inclina mais.

— Era sobre mim — afirma ele. Abro a boca para negar, mas parece que meus pulmões foram incinerados. O ar entre nós está em chamas, e mesmo que eu tivesse pulmões, não seria capaz de respirar com aquela tensão.

A excitação está borbulhando outra vez entre minhas coxas, e sou levada de volta para aquele lugar no qual preciso de algo que nunca deveria ter experimentado. Nunca devia ter tocado em Enzo Vitale.

— O que eu estava fazendo com você?

— N-nada — gaguejo. — Você me acordou, lembra?

— Essa é outra mentira, Sawyer. Consigo sentir o cheiro da sua boceta daqui. Isso não é nada.

Um gemido sai da minha garganta, apesar das minhas tentativas desesperadas de engoli-lo.

Não sei o que dizer agora. É muito mais fácil abrir as pernas e deixá-lo fazer o que ele quer.

O som das correntes começa, dos degraus de metal até o corredor e em direção ao quarto de Sylvester.

Prendo a respiração, esperando que Enzo saia de cima de mim e deixe os sons de um prisioneiro perdido assumirem o controle.

Só que ele não sai. Em vez disso, Enzo aproxima meus pulsos, segurando-os no lugar com uma das mãos enquanto a outra desce sem pressa pelo meu braço, deixando um rastro de arrepios. Estremeço quando seus dedos agarram a gola da minha camiseta, roçando minha pele e depois se movem para baixo outra vez.

— O que eu estava fazendo? — pergunta ele de novo, mais baixinho desta vez.

Minha boca parece estar cheia de areia, incapaz de formular um pensamento coerente depois do seu toque.

Horas atrás, Enzo jogou na minha cara o quanto me odeia. Ele também jurou que não me foderia mesmo que eu implorasse.

De que adianta essa promessa agora enquanto brinca com as bordas da minha camisa, como se meu corpo fosse uma composição onde seus dedos gravam cada nota de intenção?

Ele não é melhor do que eu – descartando sua integridade por necessidades egoístas.

— Você ia me foder — conto. — Ia fazer exatamente o que disse que nunca mais faria.

Enzo fica quieto por um tempo, e parte de mim deseja ter ficado de boca fechada e o deixado me foder. Esperado para lembrá-lo como ele é mentiroso depois de gozar dentro de mim.

— O que é mais um pesadelo para se viver? — sussurra ele.

É um soco no peito, o suficiente para trazer lágrimas aos meus olhos.

Normalmente, eu me debateria para tirá-lo de cima de mim e o recusaria, mas um tipo diferente de raiva flui por mim. Se Enzo pensa que sou um pesadelo, serei o pior que já teve. Serei eu que o mantém acordado à noite para o resto da vida, acordando sozinho, mas sempre ansiando por mim.

Vou deixá-lo me ter mais uma vez, só porque ele vai se arrepender de me perder depois.

— O que é mais um — ecoo desolada.

Hoje à noite, Enzo está determinado a fazer isso, e eu me pergunto se é apenas para escapar da sua própria mente. Mais do que tudo, quero que me diga o que atormenta seus sonhos à noite, mas a mágoa persistente das suas palavras e a forte pressão do seu pau na parte inferior da minha barriga me mantêm em silêncio.

— Você estava nua? — pergunta ele.

— Sim — sussurro.

Ele cantarola, depois agarra a barra da minha camiseta e a tira, soltando meus braços para remover todo o tecido.

Meus mamilos endurecem quando o ar frio toca minha pele corada, fazendo todo meu corpo se arrepiar. Estremeço, apesar de estar ardendo por dentro.

Em seguida, ele tira a parte de baixo do meu biquíni, depois abre minhas pernas para ficar entre elas.

Minhas bochechas ardem quando sinto como minhas coxas estão molhadas. Meu cérebro está dividido em dois lados da mesma moeda. Quero que Enzo sinta o quanto preciso que me toque, mas não quero que saiba que é só para ele.

Juntando meus pulsos de novo com uma das mãos, ele mais uma vez os prende acima da minha cabeça, pairando acima de mim. Sua respiração quente toca minha pele sensível e não consigo evitar espremer minhas coxas em torno de seus quadris.

— Onde eu te toquei? — questiona ele, mantendo a mão livre em segurança na parte externa da minha coxa. Sua palma arde contra minha pele, mas a mera presença de Enzo irradia calor.

— Meus mamilos — confesso com a voz rouca. — Com a boca.

Enzo cantarola, o som profundo deslizando por cada nervo do meu corpo. Inspiro bruscamente quando ele se inclina e captura meu mamilo direito entre os dentes, puxando o bico para dentro da sua boca quente e chupando com força.

Minhas costas estão curvadas para fora da cama, tremores percorrendo meu corpo enquanto um gemido sai da minha língua.

— Sim — sussurro, moendo minha boceta contra ele, decepcionada ao sentir o material de seu short em vez de seu pau.

Devia ter dito primeiro que *e/e* estava nu, apenas para minha própria satisfação.

Ele dá uma mordida forte antes de soltar meu mamilo, inclinando o queixo para cima apenas o suficiente para o luar captar as formas acentuadas de seu rosto e revelar seus olhos escuros.

É paralisante – a maneira como ele odeia me querer. Faz eu me sentir poderosa.

— Você estava beijando minhas coxas — digo, segurando seu olhar. — Você estava implorando para me lamber.

Um buraquinho aparece em sua bochecha direita, uma curva leve nos lábios. Aquelas covinhas o denunciam, caso contrário, sua diversão só poderia ser detectada em seus olhos.

— Você disse: *me deixa te provar*, bella. Minha boceta estava encharcada como está agora, e você estava quase babando pra

provar.

Um grunhido se forma no fundo do seu peito, e ele se senta, soltando meus pulsos.

— Mantenha as mãos acima da cabeça, Sawyer. Se quiser me tocar, são as mesmas regras e precisa implorar.

Não deve ser um problema.

Exceto que no momento em que ele desliza pelo meu corpo, colocando os ombros entre minhas pernas, estou explodindo com a necessidade de passar as mãos em seus cabelos.

Resisto enquanto ele dá vida aos meus sonhos e dá beijos suaves na minha coxa, mantendo contato visual. As sombras são mais profundas agora que não está mais diretamente ao luar, mas ainda consigo ver seus olhos apenas o suficiente para sentir a intensidade por trás deles.

Quando Enzo chega na minha vagina, ele para, sua respiração se espalhando pela área sensível.

— Me deixa te provar, *bella* — sussurra ele, diabólico, aquele sotaque fazendo as palavras parecerem muito mais deliciosas do que no meu sonho.

Meu coração voa para minha garganta, quase impedindo o desesperado *sim* de escapar.

A covinha reaparece, mas ele me nega a visão, mergulhando o queixo e deslizando a língua em um longo movimento na minha boceta.

Mais uma vez, minhas costas estão arqueadas para fora da cama, e estou curvando minhas mãos em punhos para diminuir a necessidade de tocá-lo.

— Ah, caralho — ofego gemendo quando a ponta de sua língua desliza para cima e para baixo no meu clitóris, colocando em chamas todos os nervos internos.

Como ele consegue acertar cada um deles?

Meus quadris se erguem e meus olhos perdem o foco. Já estou perto de um orgasmo. Esse sonho me empurrou para o limite, e Enzo trazê-lo à vida é transcendente.

Minhas mãos agarram o travesseiro acima de mim, enrolando-se nele com força. Ele desvia a atenção para baixo, mergulhando

dentro da minha vagina com fervor, me lambendo tão completamente que estou convencida de que não há um centímetro de mim que não tenha comido.

Ele canta contra mim antes de rosnar:

— Como é ser comida viva?

— Não é suficiente — murmuro sem fôlego. — Prefiro que me foda até a morte.

Ele fica de joelhos e puxa a camisa pela parte de trás do colarinho. Minha boca saliva ao ver o luar e as sombras se engajando em uma guerra em cada forma e curva em seu físico.

Estou prestes a me sentar e lambe seu abdômen. No entanto, ele já está abaixando os shorts, revelando algo muito mais tentador. Seu pau se projeta para fora, curvando-se para cima apenas um pouquinho. Esse é o segredo para ele acertar todos aqueles pontos perfeitos dentro de mim.

— Por que você é o favorito de Deus?

Ele olha para mim com uma expressão selvagem.

— Você mesma pode perguntar quando eu a levar para vê-Lo.

Mordo o lábio, mas um suspiro passa quando ele agarra meus quadris, levantando-os até a altura dos seus, e depois alinha seu pau na minha entrada com apenas minha parte superior das costas na cama.

Ele me mantém suspensa, tão perto de me sentir completa outra vez.

— Me deixa te levar até Ele, *bella*.

— Puta merda, sim, me preencha...

Enzo me penetra antes que eu possa terminar, um grito agudo substituindo meu apelo. Ele para, dando tempo para eu me ajustar ao seu tamanho. Não é natural, a maneira como me preenche completamente.

— Shh, o faroleiro vai te ouvir — murmura ele.

Na mesma hora, há um rangido do lado de fora da nossa porta, elevando meu ritmo cardíaco a níveis catastróficos. Enrolo os lábios, tentando não fazer barulho enquanto Enzo se afasta, depois me penetra outra vez.

— Enzo, me deixa te tocar — imploro.

Indiferente ao que ia dizer, me agarro aos seus antebraços antes que ele possa responder, sentindo as grossas veias salientes em toda a extensão. Enzo pega um ritmo constante, seu aperto nos meus quadris começando a machucar.

Minha boca se abre num grito silencioso, minhas costas se curvando até que eu esteja quase me equilibrando na minha cabeça enquanto ele me fode.

Estou arranhando seus braços ao mesmo tempo que o som agudo de corpos se unindo surge.

— Ah, Deus — suplico, tentando manter a voz baixa, mas sem conseguir.

— Consegue vê-Lo, baby? Peça perdão.

— Por quê? — ofego, outro gemido agudo quase engolindo a palavra.

— Porque agora você me venera.

Ele termina sua promessa com um impulso forte, este angulado de maneira diferente para atingir aquele ponto dentro de mim que faz uma corrente passar pelo meu corpo.

Deus, como poderia não o venerar? Sexo com ele foi a única vez que rezei.

Mordo o lábio com força, o orgasmo se acumulando sem demora no meu ventre. Estou tentando desacelerar – saborear o momento –, mas meu corpo tem mente própria. Minha mão dispara para minha vagina, e acaricio meu clitóris com firmeza, amplificando o prazer até alturas vertiginosas.

— Enzo, preciso gozar — enfatizo, meu tom sussurrado, mas agudo.

— Você goza quando eu mandar — rosna ele.

Uma de suas mãos solta meu quadril, movendo-se para onde nossos corpos se encontram. Sinto uma pressão e então seu dedo desliza dentro da minha vagina em cima de seu pau, me esticando ainda mais.

Um som não natural escorre da minha garganta, a sensação estranha chocante. Nunca na minha vida um homem me fodeu com o pau e o dedo ao mesmo tempo.

O dedo dele se curva, atingindo meu ponto G com tanta precisão que é quase intenso demais.

— Ah, meu Deus, isso... espera, porra, Enzo — gaguejo, todo o meu corpo começando a vibrar.

Minha bexiga parece que está à beira da libertação, e embora eu saiba exatamente o que ele me vai obrigar a fazer, me sinto fora de controle sobre minhas funções corporais.

— Você vai gozar pra mim, *bella*, e vai me pintar com seu orgasmo. Se eu não estiver coberto, então vou obrigá-la a gozar de novo até que não haja mais nada de você.

Mais uma vez, ele curva o dedo, massageando a área com persistência selvagem. Leva apenas alguns segundos até eu entrar em erupção.

Sou cautelosa o suficiente para colocar minha mão livre em cima da boca numa tentativa de disfarçar o grito que sai da minha garganta.

Depois disso, perco todas as funções cognitivas. Minha alma é arrancada do lugar, sem conseguir ser mantida lá quando foi dizimada por completo neste momento.

Estou consumida pela euforia que me transporta de volta para o meio daquele oceano, onde uma força muito maior tomou o controle sobre mim.

Desta vez, não sei se voltarei a aparecer. Não sei se quero.

À distância, sinto Enzo sair de mim e dar tapas fortes bem na minha boceta, aumentando o prazer. Estou explodindo, mas muito longe para processar o que se passa ao meu redor. Tudo o que sei é que meus olhos perderam o foco e meu corpo está em convulsão.

Então ele me penetra outra vez, retomando sua posição com as duas mãos agarrando meus quadris enquanto gira o quadril no meu. Não demora muito até que se perca ao meu lado; meu nome saindo em um rosnado tão profundo que sinto por toda a minha pele.

No final, a realidade toma conta de mim, me tirando do mar da felicidade. Pouco a pouco, meus sentidos voltam e sou jogada de volta ao meu corpo.

Estou deitada de costas com Enzo pairando, ainda dentro de mim, mas sem se mexer mais. Sua cabeça está inclinada, e ele está

tremendo e em silêncio.

— Enzo? — chamo, ficando preocupada. Há um medo inato de que ele já se lamenta do que acabamos de fazer.

Ele se endireita e meus olhos se arregalam. Assim como exigiu, seu peito e abdômen estão pingando com meu orgasmo, gotículas descendo pelos contornos de seu corpo.

— Ah — ofego, sem palavras. Pego minha camiseta descartada na cama e me sento. — Me deixa limpar isso.

Sua mão agarra meu pulso assim que levanto a camiseta para ele.

— Não.

Sem jeito, puxo minha mão e me afasto para me pressionar contra a parede. A cama está encharcada, e estou feliz que esteja do lado dele.

— Foi o pesadelo que esperava? — murmuro, sentindo a tensão aumentar entre nós.

Ele olha para mim.

— Não. Foi pior.

Engulo a dor, nem sei como interpretar isso. Não sei dizer se é um jogo de palavras ou se ele acha mesmo que o sexo foi horrível.

Isso é o que menos importa agora.

Voltamos a nos odiar.

O silêncio é sufocante quando deslizo para baixo das cobertas e me afasto dele.

Na nossa primeira noite juntos, conversamos ou nos aquecemos em silêncio após uma boa foda. Agora, tudo o que sinto é frio enquanto ouço o rangido baixo do outro lado da nossa porta, seguido pelo som de correntes se arrastando pelo chão.

17

Enzo

— Quantas vezes a ilha é cercada por tubarões? — questiono, encarando sem parar as duas barbatanas que aparecem de vez em quando. Acho que há um terceiro, mas não tenho certeza.

Sylvester aparece ao meu lado, ofegante enquanto se apoia na perna boa.

— O tempo todo — responde ele. — Uma das coisas que tornam esta ilha perigosa. Temos focas aqui, então eles costumam ficar por perto.

Aceno com a cabeça, cruzando os braços e desejando mais do que qualquer coisa que pudesse estar lá com eles, segurando suas barbatanas e sentindo-os se moverem sob minha mão ao deslizarem pela água. É um sentimento completamente diferente e só faz eu me lembrar de como estou preso.

— Você, hum, gosta deles, né? — pergunta Sylvester, sem jeito. Toda a manhã foi desconfortável. Tenho quase certeza de que ele nos ouviu ontem à noite, e não estou nem um pouco envergonhado. No entanto, o faroleiro costuma dizer algo caso se sinta desrespeitado, o que me diz que ele também gostou.

Filho da puta nojento.

Ainda não ligamos um para o outro, mas para não deixar as coisas mais tensas do que já estão, respondo:

— Sim. São criaturas incríveis.

— Já estive na água com um?

— O tempo todo.

Ele gargalha, balançando a cabeça, parecendo ter dificuldade em imaginar.

— Fora da gaiola também?

— Com certeza. Se estou no oceano, não toco neles, respeito o espaço dos tubarões. Sou dono de um centro de pesquisa em Port Valen, Austrália, e há uma área para trazê-los quando precisarmos realizar certos testes. Na maioria das vezes, entro na água com eles.

— Você os prende?

— Não, nunca. Eles não devem ser presos.

Sylvester concorda, um silêncio constrangedor se alastrando. Não ligo para ele, minha atenção concentrada no tubarão. A inquietação está me consumindo, e sou quase estúpido o suficiente para pensar em nadar para fora daqui. Mas apesar da minha experiência com tubarões, é muito perigoso, sobretudo se este é um terreno de caça deles.

— Sinto muito pelo pequeno susto que tiveram ontem — desculpa-se ele. — Nunca vi isso acontecer, mas imagino que vocês ficaram muito desconfortáveis.

Arrastando meu olhar para longe da água, observo-o com atenção. Ele está olhando para a areia, observando como as ondas chegam até a perna de madeira que está criando aos poucos um buraco nos grãos. O faroleiro está tenso, e não sei dizer se é por causa do que está dizendo ou porque não gosta de estar na minha presença.

— Acho que os fantasmas não gostam da gente. Estranho, já que não os matamos.

Ele ri, mas o som sai forçado.

— Talvez eles estivessem apenas pedindo que vocês os ajudem. Também não posso dizer que gosto da companhia deles.

— Por que não vai embora? — questiono, voltando o olhar para a água. No entanto, eu o mantenho na minha visão periférica, confiando nele tanto quanto confiaria se ele alegasse que sua perna de madeira era real.

— É o único lugar que conheço bem. Estou aqui desde os 18 anos e, quando o farol fechou em 2010, estive aqui por trinta e dois

anos. Acho que é muito parecido com sair da prisão. Não sei como me ajustar ao mundo real.

— Sawyer mencionou que você tem uma filha — sondo.

— Já tive uma família completa — responde ele, embora seu tom esteja endurecendo. — Tentei fazer deste lugar um lar. Às vezes as pessoas não estão dispostas. Mas isso não me impede de tentar.

Olho para ele.

— Deve ter sido difícil deixá-las ir.

Em vez de responder, ele se vira para mim e aponta por cima do ombro.

— Há uma tempestade chegando esta noite. Estaria lá dentro em menos de uma hora. Pode acontecer muito rápido, e as ondas ficam grandes. Mas tenho certeza de que sabe disso agora.

Meus punhos se apertam quando o faroleiro bate na parte de trás do meu ombro algumas vezes antes de sair. Eu os enfio mais nas axilas, evitando enviar um deles na parte de trás da sua cabeça.

— Ei, Sylvester? — chamo, mantendo as costas para ele. O faroleiro não responde, mas sei que parou de andar, sua marcha irregular não é mais audível. — Não me toque de novo. E também não toque em Sawyer.

O silêncio se torna mortal. É como ter um assassino em série respirando no teu pescoço, sua intenção de te matar tão potente quanto o sal no ar.

Acho que não me importaria que ele tentasse.

Mas depois de um momento, sua marcha recomeça, e o faroleiro se afasta sem dizer uma palavra.

— Você provavelmente não devia ter dito nada — diz uma voz suave atrás de mim. Desta vez, eu me viro e encontro Sawyer caminhando em minha direção, seu comportamento inseguro.

— Espera que eu o deixe me menosprezar e colocar as mãos em mim apenas para evitar o desconforto?

Ela pressiona os lábios e assente.

— Bem pensado. Sinto muito.

Balanço a cabeça e encaro a água outra vez. Como meu ódio pela forma como ela me faz sentir está mudando e, agora odeio a forma como *eu* faço Sawyer se sentir?

— Não quero suas desculpas. São os homens que a fazem se sentir e pensar assim. Eles deviam estar pedindo desculpas a você.

— *Vai* pedir desculpas? Você é um desses homens.

— Se um dia eu sentir muito — murmuro. Ela tem razão, eu devia pedir desculpa. Mas também não minto e, embora haja culpa percorrendo minhas veias, ainda não estou pronto para ceder a ela.

— Foi errado. Pra caralho.

— Foi — concordo. — Mas não está chateada porque te fodi. Você está chateada porque te assustei.

Ela fica quieta por um tempo.

— Tem razão. Fiquei com medo a vida toda e fui tocada a vida toda. Nunca vai doer quando me tocar, mas doeu que não fosse mais seguro.

A fúria explode no meu peito e me viro às pressas na sua direção, ficando cara a cara com Sawyer.

— Então, a fiz sentir o que me fez sentir? Não vou negar que sou o vilão na sua história, baby, mas, por favor, não me insulte agindo como se não tivesse me machucado primeiro.

Ela morde o lábio inferior para esconder o tremor. Estalo a língua, erguendo a mão para seu rosto e usando o polegar para puxar o lábio entre os dentes. Sawyer ainda cheira ao oceano, e é tão linda — é isso que dói.

— Não esconda as lágrimas, *bella*. Você fica tão bonita quando chora.

— Sinto...

— Disse que não me desculparia até ser verdade. Sugiro que faça o mesmo — digo, virando-me. Pensei que seria capaz de respirar melhor quando o fizesse, mas ela ainda ocupa muito espaço no meu peito.

Não fui capaz de tirar a noite passada da minha cabeça, as memórias se repetindo sem parar. Eu disse que nunca mais transaria com ela, mas no meu momento mais fraco, cedi. O pesadelo de minha mãe me abandonando naqueles malditos degraus, rindo ao se afastar, estava fresco em minha mente.

Eu precisava para escapar daquilo e ver a evidência da necessidade inflexível de Sawyer por mim era bom demais para

resistir. Porque diante de mim estava alguém que não podia me deixar ir mesmo quando não queria nada além disso, e tudo o que eu queria fazer era ter certeza de que ela não *poderia* me deixar.

Apesar da minha crueldade, ela se desfaz com tanta facilidade quando a toco. Como se fosse feita só para mim.

Suor Caterina costumava me dizer que todos somos criaturas de Deus, mas nunca acreditei nessa merda. Mas se fosse verdade, então que Ele se foda por fazê-la a ruína da minha maldita existência.

E Ele que se foda por fazer Sawyer ser a coisa que mais quero.

Foi o pesadelo que esperava?

Não, foi pior.

É como se eu tivesse rabiscado toda a minha resistência numa bola de carvão no papel, e ela passou a borracha até não sobrar nada além dos restos de quando eu a odiava.

— *Sinto* muito. E talvez você também sente. Não foi por isso que disse a Sylvester para não me tocar de novo? — insiste ela. — Porque não quer que mais homens me machuquem?

Encolho os ombros.

— Se ele fizer isso, vou fazer o que eu disse que faria.

A ideia de gravar meu nome na sua pele macia faz meu pau ficar duro. Ela torna tão difícil que eu sinta muito quando machucá-la é tão intoxicante.

Ela caminha para minha frente, sua estatura mais baixa me força a olhar para baixo. Seu rosto está retorcido, e Sawyer está me encarando furiosa. Que bonitinha.

— Isso foge do objetivo de não me machucar.

— Nunca disse que não queria te machucar.

— Você não vai gravar seu nome na minha pele, seu louco.

Ergo uma sobrancelha.

— Espere só pra ver, *bella ladra*.

Ela rosna.

— Você gosta de me foder quando me machuca, Enzo. E disse que não o faria, a menos que eu implorasse, o que nunca farei.

— Não dá pra confiar na gente quando se trata de sexo, e a noite passada foi uma indicação clara disso. Isso pode ser uma surpresa

para você, baby, mas não acredito em nenhuma palavra do que diz mesmo.

Soltando os braços, olho para o oceano escurecendo uma última vez, as ondas se tornando ferozes à medida que a tempestade se aproxima. Até as que tocam nossas pernas estão ficando mais zangadas. Então, me viro e me dirijo para o farol, temendo outra noite preso em um quarto escuro, deixado com nada além de meus próprios pensamentos e uma garota de quem não quero nada mais do que fugir, mas nunca consigo. Mesmo quando ela não está por perto.

— Nem tudo o que digo é mentira, sabia — diz Sawyer, tropeçando em uma pedra enquanto me persegue. Balanço a cabeça em descrença por ela não ter um dente da frente lascado ou um nariz torto de tanto que tropeça. Ela quase bateu o rosto tantas vezes quanto Sylvester faz barulho sempre que se move.

— E como eu saberia disso? — retruco. — Você mentiu sobre toda a sua identidade.

— Menti sobre meu *nome*, Enzo. Não quem sou como pessoa.

A raiva que sempre ferve sob a superfície borbulha outra vez, como uma panela com água deixada no fogão por muito tempo. Pela segunda vez, estou me virando e ficando cara a cara com Sawyer. Isso a pega desprevenida, fazendo-a cambalear para trás e quase cair de bunda no chão de novo.

Com os olhos azuis arregalados, ela me encara surpresa enquanto reclamo:

— Lá vai mentir de novo. Você mentiu sim sobre quem é como pessoa, Sawyer. *Mentiu*. Porque a garota que levei para casa não era a mesma pessoa que roubou minha vida. Não me interessa quem diz que é, porque consigo ver. *Vuoi sapere cosa vedo?* Vejo nada mais do que uma ladra mentirosa que só se preocupa consigo mesma.

Seus olhos se enchem de lágrimas na metade da minha fala e isso me faz querer estrangulá-la e retirar tudo o que eu disse. Ela me enlouqueceu tanto que não consigo pensar direito.

Como posso querer machucá-la e protegê-la de mim mesmo?

Ela parece tão triste, mas parte de mim ainda acredita que é uma fachada. Uma fantasia bonita que Sawyer se veste para fazer as pessoas sentirem simpatia.

Rosnando, viro-me, mas Sawyer agarra meu braço e me para. Não sei bem o que ela vê quando a encaro, mas é o suficiente para fazê-la me soltar como se estivesse segurando um atizador quente.

— Não queria roubá-la, Enzo — insiste ela. — Eu... eu não tive escolha, ok?

O vento aumenta, uivando ao balançar seus cabelos e nossas roupas, forte o bastante para que eu ajeite minha coluna.

— Sempre tem uma escolha. Você poderia ter escolhido fazer qualquer outra coisa com sua vida do que roubar das pessoas.

— Eu não podia! — grita Sawyer, sua voz falhando. Ela está tremendo, mas não consigo dizer se é pelo influxo de emoção borbulhando dentro dela ou por causa do vento intensificado. Lágrimas transbordam, escorrendo por suas bochechas enquanto ela olha para mim com olhos tristes.

E a odeio ainda mais neste momento. Porque quanto mais a encaro, mais difícil é respirar. É revoltante que ela tenha esse controle sobre mim – que tenha tanto poder, que pode sugar o oxigênio do meu corpo como se fosse dela.

— Por que, Sawyer? — grito de volta, estendendo os braços, lutando de verdade contra o vento poderoso. Precisamos entrar, mas preciso saber por que ela faria algo tão horrível.

Seu lábio inferior treme e ela olha para o outro lado.

Abaixo os braços, endireito a coluna, sua resposta escrita em todo aquele rosto enganosamente bonito.

— Você não vai me dizer — concluo.

Ela balança a cabeça, várias lágrimas transbordando. Sua boca se abre e fecha, lutando por palavras.

Mas já perdi o interesse.

Desta vez, quando me viro, ela não me para. Até o momento que entramos no farol, o silêncio comparado ao exterior é quase ensurdecedor. Sylvester está colocando três copos de uísque na mesa. No meio estão várias velas acesas.

— As luzes vão se apagar a qualquer minuto — diz ele, olhando para nós de maneira significativa. Não sei se ele nos ouviu, mas para ser sincero, não quero saber.

— Acho que vou... — começa Sawyer, mas Sylvester acena com a mão.

— Vamos, não deixe um velho beber sozinho. Também pode ficar fora até tarde esta noite. Costumo não gostar quando temos tempestades.

Pigarreando, ela assente, dando um sorriso tenso.

— Claro.

Olhando de relance na minha direção, ela passa por mim e se senta à mesa, fazendo questão de se sentar ao lado de Sylvester.

Por razões que ainda não estou pronto para nomear, isso me irrita, e a amargura em relação a ela só se aprofunda. Tudo o que Sawyer faz apenas... me irrita.

Em silêncio, sento-me em frente a eles, recostando-me na frágil cadeira de madeira e pegando o copo de uísque. Encaro os dois ao tomar um gole lento, observando Sawyer se curvar sob o peso do meu olhar enquanto Sylvester o encontra de frente. O gosto do uísque condimentado floresce na minha língua, queimando minha garganta ao descer.

Da maneira que eu gosto.

— Por que não nos conhecemos hoje à noite, hein? Em vez de continuar vivendo como estranhos.

Sawyer engole o uísque de uma só vez, sibilando ao engolir enquanto bate o copo na mesa.

— Sim! Que tal começarmos por você, Sylvester? Conta sua vida. — O entusiasmo injetado na sua voz é forçado, e o controle de suas emoções é frágil pra caramba. — Como perdeu a perna?

Percebendo a tensão entre nós, Sylvester pigarreia. A pergunta dela foi grosseira, mas nunca fui gentil na vida, então fico de boca fechada.

— Peixe-pedra. Fui picado depois que minha segunda filha, Kacey, nasceu. Quase me matou. Quase foi tarde demais quando a ajuda chegou. O resgate aéreo me levou para o hospital mais

próximo e me salvou, mas minha perna estava com necrose, então precisava ser amputada.

Sawyer franze a testa.

— Isso é uma droga — diz ela em poucas palavras.

Balanço a cabeça. Às vezes, suas habilidades sociais são quase piores que as minhas.

Sylvester não diz nada e o clima fica estranho, então ela insiste em outra pergunta.

— Você disse que tinha uma família? — pergunta ela. — Fala sobre eles.

— Sim — diz ele em poucas palavras. — Fui casado com Raven por uns trinta anos, mas ela não gostava de morar aqui. Nomeei a ilha em sua homenagem e tudo. E o que ela faz? Desaparece sem dizer adeus. Isso foi alguns meses antes do lugar fechar. Estou sozinho, desde então.

Ela cantarola, não soando tão interessada nas desgraças de Sylvester.

— Isso não é muito legal.

Então, ela volta o olhar para mim, pequenas facas disparando daquele semblante.

— E você, senhor perfeição? Conte sua vida perfeita e como a viveu. Tão. Perfeitamente.

Estreito o olhar, tomando de propósito outro gole lento apenas para irritá-la. Ela ferve, mas fica quieta.

— O que gostaria de saber, Sawyer? Sobre minha infância perfeita primeiro? Pensando bem, é bem provável que foi quando meu ódio por mentirosos começou, por incrível que pareça. Minha mãe perfeita que me ensinou essa lição. — Seu rosto suaviza, mas não encontro vitória na minha própria tragédia. — Meu lugar favorito para comer *maritozzo* era na *Regoli*, em Roma. Éramos muito pobres e minha mãe precisava fazer coisas questionáveis pelo dinheiro que tínhamos, então quando íamos lá era especial. Não pensei que fosse ser diferente no meu nono aniversário. Em vez disso, ela me deixou na *Basilica di San Giovanni* e jurou que voltaria logo. Quer saber quanto tempo esperei?

Ela engole em seco e se senta direito, desviando o olhar em vez de me dar uma resposta. Um lado dos meus lábios curva-se um pouco, mas não há nada de engraçado em uma mãe abandonar seu filho.

— Esse é o problema. Ainda estou *esperando* — termino, sem desviar meu olhar duro dela.

Se ela acha que é a única que sofreu na vida, adoraria apresentá-la ao menino que ainda está sentado na escada, convencido de que a mãe vai aparecer a qualquer minuto.

Sylvester me encara por um momento antes de olhar para ela. Por um segundo, eu tinha me esquecido que ele estava aqui.

— Bem, mocinha. E você?

Ela funga, inclina-se para a frente e pega a garrafa de uísque, enchendo o copo pela metade antes de tomar um grande gole.

— Cuidado. Seu corpo minúsculo não consegue lidar com tudo isso de uma vez.

— Meu corpo minúsculo aguenta muito — retruca Sawyer, e suas palavras são como jogar fluido de isqueiro em um fogo, as chamas explodindo no meu peito enquanto ela olha para mim com pontaria.

O ar ao nosso redor fica mais pesado e uma baixa vibração zumba sob minha pele. O começo de um terremoto está se formando e, se ela não for cuidadosa, não vou parar até provar a Sawyer que não pode tomar muito de mim.

Se ela acha que não tem controle da sua vida e das decisões que toma, mostrarei o que parece ser incontrollável de verdade. E se Sawyer acha que está quebrada agora, gostaria de ver como vai conseguir andar depois de eu terminar.

Ergo uma sobancelha e dou outro gole, mantendo meu olhar fixo no dela.

— Não tive os piores pais — anuncia ela. — Mas minha mãe e meu pai amavam mais Kev. — Ela para e olha para Sylvester. — Kev é meu irmão gêmeo. Aposto que não pensou que houvesse o dobro do problema, hein?

No entanto, ela não o deixa responder e se vira para mim com um sorriso feroz no rosto.

— Cresci com todas as coisas boas. Um enorme parquinho no nosso quintal. Com trampolim. Todas as crianças do bairro sempre vinham brincar. Estávamos vivendo o melhor, né?

Ela se acalma, a tensão aumentando enquanto espera por uma resposta.

Sylvester resmunga.

— Sim.

— Não — exclama Sawyer, batendo o copo na mesa com força, o líquido escorregando. Sylvester abre a boca, preparando-se para repreendê-la, mas ela o interrompe: — Quer saber o engraçado de ter uma vida bonita? Ninguém suspeitaria que é, na verdade, muito feia. Ainda mais seus próprios pais que tinham o filho perfeito que não podia fazer nada de errado.

Ela pega o copo e bebe o resto, e agora as chamas no meu peito estão escurecendo, uma sensação terrível poluindo-o como quando o plástico é jogado no fogo, criando uma nuvem de fumaça densa e escura.

Sawyer coloca o copo vazio na mesa e o afasta de si mesma, olhando para o copo como se estivesse repetindo todos os pesadelos que já viveu.

Na hora, as luzes piscam e depois se apagam, deixando-nos na escuridão quase completa, exceto pelas velas entre nós. O brilho laranja ilumina seu rosto, mas não é o suficiente para esconder a dor dentro das sombras. Um estrondo alto de trovão quebra o silêncio, seguido pelo som de uma onda batendo no penhasco.

— Kev se tornou um policial — diz ela, calma, e meu peito se contrai. — Policiais têm amigos. E os amigos tendem a ter a mesma moral que eles.

— O que ele fez? — pergunto, embora minha voz não pareça muito diferente de um cão rosnando.

— Encha o copo, Syl — pede ela em vez de me responder. Sylvester se inclina para a frente e despeja dois dedos.

— Você não precisa de mais — aviso.

— Quer que eu responda ou não? — esbraveja ela, agarrando o copo e tomando um gole.

Cerro os dentes, preparado para dizer que seus segredos não valem o custo dela passar mal, mas ela já está falando.

— Kev e eu costumávamos ter muitos amigos na escola. Nós dois éramos populares, mas quando crescemos, ele não gostou da atenção que eu recebia. Foi uma progressão gradual dele me isolar. No ensino médio, ele começou rumores desagradáveis que transformaram meus amigos em meus valentões. Isso me fez passar muitas noites solitárias presa em casa. Muitas vezes, nossos pais saíam e nos deixavam com uma babá, e embora ela não fosse má, estava muito mais interessada em falar ao telefone com o namorado.

Ela encolhe os ombros, como se dissesse a qualquer pensamento em sua cabeça que não é grande coisa.

— Também significa que a babá não percebeu quando Kev quis... brincar.

— Caralho — murmuro, a raiva agora escorrendo dos meus poros. Estou ficando inquieto de novo, mas desta vez, é com a necessidade de encontrar seu irmão e matá-lo.

Perdendo qualquer coragem que encontrou, ela encolhe os ombros de novo e termina o terceiro copo, inclinando a cabeça para trás enquanto o líquido escorre por sua garganta. Quando seu queixo se abaixa e seus olhos encontram os meus de novo, eles não estão mais claros e cheios de dor. Estão vítreos e sem foco.

Posso me agarrar às pedras do meu passado – lembranças que não estou pronto para abandonar –, mas as pedras que Sawyer carrega são muito pesadas, e ela não acha que é forte o suficiente para jogá-las fora.

Depois do naufrágio, eu tinha lhe dito que ela era fraca. Mas agora percebo que estava errado. Estar assustada e ser fraca não são sinônimos. É preciso força para continuar a se levantar depois de ser derrubada o tempo todo.

— Parece que ele é osso duro de roer — diz Sylvester, apoiando a palma da mão na dela. O músculo do meu maxilar salta, e a única coisa que não me deixa quebrar este copo e esticar o braço para esfaquear a porra da mão dele com um fragmento é Sawyer deslizando sua mão para longe da dele.

— Ele era, Syl, ele era. Ele e seus amigos policiais. Mas está tudo bem, eles não podem me encontrar.

Sylvester vira o corpo em direção ao de Sawyer.

— Então fique aqui, querida. Você é mais do que bem-vinda a ficar aqui comigo.

— De jeito nenhum — rosno. Meus ossos estão prontos para assumir vida própria, e não sei o que acontecerá primeiro: tirar Sawyer daqui ou enrolar minha mão na garganta do velho.

— Não posso dizer que alguém me encontraria — concorda ela. Ela dá um tapinha na mão de Sylvester, ainda descansando no mesmo lugar onde ela a abandonou. — Vou pensar nisso. Mas a sala está girando e não consigo pensar agora.

Sylvester fica quieto enquanto Sawyer se levanta, oscilando e buscando equilíbrio na mesa. Na mesma hora, eu me levanto e vou para seu lado, agarrando seus braços e puxando-a para meu peito. Há uma sensação viscosa rastejando pelo meu corpo. Sem dúvida por causa da história de Sawyer. Mas também pelo jeito como Sylvester a encara.

Como se ele já tivesse decidido que ela vai ficar, e agora só precisa se certificar de que isso aconteça.

18

Sawyer

O mundo inteiro está submerso, e eu estou nadando por ele. Estou convencida de que a tempestade ficou tão forte que nos afogou e minha visão ainda não percebeu.

Ou talvez isso não seja verdade. Meus olhos sem dúvida estão nadando.

Enzo me carrega para o quarto – ou melhor, me arrasta – e esses sentimentos revoltantes no meu estômago se agitam como sempre faz quando penso em Kev.

Está com saudade, pirralha? Estou com saudade...

— Tocar em mim faz você se sentir ainda mais incomodado do que o normal? — pergunto, a amargura manchando minhas palavras. — Agora que sabe que meu irmão também gostava de me tocar?

— Sawyer — esbraveja ele, me virando para encará-lo. Mas minha visão também gira, e tudo o que ele consegue é me fazer balançar em dois pés esquerdos. Acho que também me sinto enjoada. Todo o meu corpo está cheio de álcool, e tudo dentro de mim está se espalhando nele como se não tivessem atribuído assentos.

Solto uma risadinha, me imaginando dizendo a todos os meus órgãos para voltarem para seus lugares ou então lição de casa extra para eles.

Então franzo o cenho. Talvez precisem da lição de casa extra. Vai dar muito trabalho fazê-los voltar a funcionar direito.

— Olhe para mim — exige ele, mas está escuro aqui. Apenas o luar cortando o vidro sujo me permite ver o contorno de seu rosto e olhos sombreados.

Mesmo assim, o aguaceiro torrencial está distorcendo a maior parte da luz.

— Não posso — digo a ele. Sua respiração quente paira nos meus lábios enquanto ele me aproxima.

— Nunca mais pense em você mesma dessa forma. E nunca pense que também vou. Você é muito mais do que as pessoas que a magoaram.

Meu rosto se contorce, não acreditando nisso nem por um segundo.

— Vou fazer você ver isso — garante ele. — O que aconteceu com você não a define. Apenas forjou um novo caminho que o levará a uma versão diferente de você mesma. Mas ninguém pode forçá-la a percorrer esse caminho; só você pode determinar quem será quando chegar lá. A escolha é sua, Sawyer.

Acho que há lágrimas nos meus olhos, e estou coberta por aquela tristeza familiar. Nem o álcool consegue diluí-lo.

Por tanto tempo, me convenci de que ela estava apegada a mim, apesar das minhas tentativas desesperadas de escapar dela. Mas agora percebo que sou eu que tenho me agarrado à tristeza, como uma criança com seu ursinho de pelúcia favorito.

— Chega de fugir, baby. Quero que ele venha te procurar apenas para que eu possa ter o privilégio de acabar com a vida dele por tocar no que é meu.

Meu estômago se contorce e, por mais que eu queira dizer que é o efeito da bebida, sei a verdade.

— Eu não era sua naquela época. Você nem sequer me conhecia.

Seu polegar roça minha bochecha, mas está longe de ser amoroso. Parece o toque apaziguador de um assassino antes de acabar com sua vida.

— Você sempre esteve destinada a ser minha — diz ele.

Suas palavras não fazem sentido. Ele me confunde tanto... e por mais que eu queira que seja verdade, isso nunca poderia acontecer.

— Não importa se ele está morto ou vivo, ele sempre me assombrará — resmungo, a tristeza transparecendo na verdade.

— Então vou assombrá-la ainda mais.

Quando parece que ele me vai beijar, Enzo se afasta.

— Vamos levá-la para a cama.

Um relâmpago perfura o ar, me fazendo sacudir em seus braços e meu coração disparar. Quando me viro para a janela, outro raio atinge a água, lavando o mundo com um brilho brilhante por tempo suficiente para ver uma onda maciça se aproximando de nós.

— Ah, meu Deus — suspiro, tropeçando de volta no peito de Enzo quando a onda bate na lateral do farol.

Mesmo quando a água abafa o vidro por vários segundos, o edifício se mantém firme. Nem sequer range sob o poder da onda.

— Isso... isso que é uma janela forte — ofego, o coração ainda trovejando. Outra onda já está inchando, a sombra maciça predominante na escuridão.

— Faróis são construídos para situações como esta. Vá para a cama — ordena ele. Se não me engano, o tom dele não é tão severo como é na maioria dos dias. Mas eu também posso estar bêbada.

— Ei, Enzo? — chamo enquanto ele me ajuda a ir para a cama.

— Humm? — cantarola ele.

— Tente esconder o julgamento, ok? Kev sempre me dizia que ninguém acreditaria em mim e, bem... ele estava certo. Nunca ninguém o fez. E acho que prefiro isso agora. É melhor se você acha que eu sou uma mentirosa.

— Não vou julgá-la — diz ele baixinho.

— Isso é bom.

Aceno com a cabeça, caindo na cama sem jeito. O quarto está girando, e eu gostaria que parasse agora.

— Talvez eu fique aqui para sempre — suspiro, sonhadora. — Vivendo na caverna com os vermes luminosos e Sylvester como meu vizinho. Pelo menos não terei mais que magoar as pessoas.

O que Enzo diz – se ele diz alguma coisa – está perdido para mim. A escuridão já tomou meu cérebro, e estou mais do que feliz em deixá-la assumir.

*

Alguém está chorando.

Minhas sobrancelhas se contraem, o barulho estranho passando pela névoa nos meus ouvidos e o sonho que se agarra ao meu subconsciente como um gato assustado.

Eu me mexo, meu corpo se agitando, por fim, me mergulhando de volta à realidade. O choro abafado fica mais claro, embora eu não possa identificar bem de onde está vindo.

— Você ouviu isso? — pergunta Enzo baixinho.

Acontece que meu mundo ainda está girando tanto quanto estava quando desmaiei. Não sei se me recuperei dormindo nem metade da bebedeira.

— O que é isso? — murmuro, me sentando e tentando ver melhor meu entorno.

Quase como se pudessem ouvir minha pergunta, os soluços se acalmam e o silêncio que se segue é alto.

— *Non lo so* — murmura ele.

— Outro fantasma?

Enzo não responde, fazendo eu me virar e olhar para ele. O luar atravessa o vidro em um ângulo pronunciado o suficiente para destacar seu rosto. Ele está olhando o teto, o músculo do seu maxilar saltando.

Não sei o que toma controle do meu corpo – talvez os fantasmas neste lugar –, mas estico a mão e cutuco a testa dele.

— Não sei.

Ele pisca rapidamente para mim por um segundo, voltando o olhar atordoado na minha direção.

— Você está percebendo semelhanças entre a madeira no teto e o pau que enfiou no cu? Tenho certeza de que têm texturas comparáveis.

— O que há de errado com você? — murmura ele, voltando o olhar para o teto.

Encolho os ombros e me deito no colchão, rolando para o lado e me virando para a janela. Ainda está chovendo, a água batendo

contra o vidro.

— Você agora tem amplo conhecimento dessa pergunta, acredito. — Esse lembrete faz com que as substâncias tóxicas no meu estômago se agitem. — De todo jeito, seja lá o que foi, já se foi, e tenho muito mais álcool para tirar do organismo.

— Então cale a boca e volte para a cama — diz ele, ríspido.

Estou muito bêbada para deixar sua atitude me incomodar neste exato momento. Amanhã, sentirei culpa de novo.

Mas quando me deito e fecho os olhos, o sono não vem atrás de mim. Imploro e imploro que me leve para alguma terra do nunca, mesmo que esteja cheia de monstros de contos de fadas, mas persiste na sua ausência.

— Enzo? — pergunto.

Ele está quieto há tanto tempo que me convenci de que adormeceu. Mas então suspira:

— O quê, Sawyer?

— Você chegou a ver sua mãe de novo?

Outra vez, o silêncio fica pesado.

— Não.

— Alguma vez a procurou? — indago, sentindo a tensão irradiando dele.

— Por que está perguntando? — retruca ele.

Procuro pelas palavras certas, sentindo a maré familiar de medo subir pela minha garganta sempre que penso no meu querido irmão gêmeo. Eu me viro na direção de Enzo e coloco as mãos sob a cabeça. Ele ainda encara o teto.

— Acho que só quero saber se é possível deixar alguém partir quando essa pessoa não quer ser encontrada.

Ele suspira outra vez e me olha.

— Sou capaz de deduzir, e entendo que você faz o que faz para que ele não possa encontrá-la — diz ele devagar, como se oferecer sua compreensão e empatia a alguém fosse um território novo e inexplorado. — Você tentou...

— Sim — interrompo. — Falei com meus pais e com as autoridades quando tínhamos dezesseis anos. Kev sempre foi muito bom em manipular as pessoas. Tão charmoso e carismático,

parecia ser o tipo de cara que tiraria a roupa do próprio couro para ajudar alguém, sem pedir nada em troca. Eles apenas disseram: “conheço Kevin Bennett. Ele nunca faria tal coisa.” Mas ele fez.

Não tinha percebido que comecei a chorar até uma lágrima quente queimar o caminho da ponte do meu nariz até os lençóis da cama. Por sorte, Enzo não me olha tempo suficiente para reparar.

— Você foi até as autoridades e ainda permitiram que ele se tornasse um policial?

Encolho os ombros lamentavelmente.

— Não é como se tivessem me deixado prestar queixa. Não havia registro da minha acusação.

Há algo insidioso se misturando com a tensão infiltrando-se no ar ao nosso redor. Algo sombrio e violento. Leva um momento para perceber que Enzo está com raiva.

O que não é nada fora do comum, mas desta vez é diferente. Ele está zangado *por* mim.

— Leve-o até mim — diz Enzo, sua voz baixa e cheia de maldade. O pedido é semelhante à declaração anterior dele, e mesmo com minha mente embriagada, me lembro dele me reivindicando como sua. Meu coração para, depois reinicia, pula e dispara em um ritmo vertiginoso. Sinto um friozinho na barriga e decido que também tem uma tempestade dentro de mim.

— Por que você iria querer machucá-lo?

Ele me encara e passa bem devagar os dedos pelos meus cachos, provocando um arrepio que percorre todo o meu corpo. A sensação de sua pele roçando minha têmpora faz meus cílios tremularem, uma chama de fogo deixada em seu rastro. Mas não é nada parecido com um momento doce e terno. É mais como um predador brincando com sua comida antes de dar uma grande mordida.

— Seu irmão a forçou a tirar as identidades das pessoas, então farei o mesmo com ele — murmura Enzo de modo sombrio.

Engulo em seco, a saliva se alojando na minha garganta quando entendo sua sugestão.

Enzo não roubaria a identidade de um policial. Em vez disso, ele o mataria.

E por tudo o que é mais sagrado, esse pensamento estimula uma pulsação profunda entre minhas pernas. Aperto as coxas com força em um esforço de diminuir a necessidade, mas é inútil quando seus dedos caem nos meus cabelos outra vez, se perdendo nas ondas como seu precioso barco. E por um momento, me pergunto se alguém daqui a cem anos vai achar seu barco, considerando-o outra tragédia que sucumbiu à criação mais implacável da natureza.

— Por que faria isso por mim? — sussurro, suprimindo outro arrepio quando seu aperto aumenta, agarrando meu cabelo até que os fios fiquem esticados. Assobio entredentes enquanto alfinetadas florescem no meu couro cabeludo.

Ele se ergue, descansando no antebraço enquanto paira sobre mim, o calor de seu corpo pressionando o meu. Luto para me agarrar a um pensamento coerente enquanto meu ritmo cardíaco se eleva perigosamente.

Sua respiração passa pela concha da minha orelha, e quero tanto me afastar dele quanto erguer meu queixo na sua direção, desafiando-o a se aproximar.

— Porque quero ser a única coisa que te mantém acordada à noite, *bella ladra* — rosna ele. — E se alguém vai te machucar, serei eu.

Balanço a cabeça, sem me importar com a maneira como dói ao puxar meu cabelo.

Mais do que tudo, quero que ele o faça. E isso me assusta. Enzo não pode me salvar do meu destino, e nunca lhe pedirei algo assim. Seja lá o que nós temos, nunca vai dar certo. Causamos muita dor um ao outro e, mesmo assim, sei que ele está tendo dificuldade para me perdoar. Outra coisa que nunca poderia lhe pedir.

Surge o familiar desejo enraizado de fugir. Não tenho para onde ir, então a única coisa que posso fazer é obrigar *Enzo* a me deixar.

— Vou sobreviver a você, Enzo, assim como sobrevivi a ele. E não farei diferente do que já fiz antes. — Ele fica em silêncio e eu respiro devagar, depois sussurro: — Farei o que for preciso.

Ele me solta, mas não se afasta. Gelo tão frio desce sobre nós, e sei que consegui o que me propus a fazer.

E isso é de partir o coração.

— Nunca encontrei minha mãe — diz ele, calmo. — Procurei por ela, mas não por muito tempo. Sabe por quê?

Há um mau pressentimento substituindo a eletricidade que crepita no ar.

— Por quê? — pergunto, embora ache que não quero saber.

— Porque ela deixou sua tristeza transformá-la em um ser humano miserável, capaz de machucar os outros apenas para se salvar. Ela não era digna do meu perdão.

Assim como você.

Ele não diz isso, mas as palavras deslizam sobre minha pele e perfuram como pequenos parasitas. Mordo a língua enquanto ele se afasta.

Pedi por isso, mas não fica mais fácil de aceitar.

— Traga-o para mim, Sawyer. Dou um jeito nele. Não vou deixar você fugir como ela fez.

Balanço a cabeça, frustrada por este homem não poder me deixar fugir.

— Então ela teve sorte — sussurro, esperando que minhas palavras sejam tão afiadas quanto as dele. Enzo não se digna a me responder, mas se afasta, e sei quais são. Consigo senti-las.

Isso doeu, baby?

19

Sawyer

Tem um barco lá fora.

Ele emergiu da névoa densa que cercava a ilha como se viesse de uma dimensão completamente diferente.

Encaro o grande navio, flutuando devagar, um anseio que se transforma em desesperança.

Eles nunca vão nos ver de lá. Não com esta neblina que parece banhar este pequeno pedaço de terra flutuando no meio do Oceano Pacífico.

Sylvester diz que vai ter outra tempestade esta noite e, de acordo com o radar, pode ser pior do que a da semana passada.

Engulo em seco, meu coração murchando ao passar pela ilha. Talvez se eu pudesse chegar ao sinal luminoso, teria sido capaz de descobrir uma maneira de ligá-lo e trazer o navio até nós. Não sei se teria atravessado a neblina, mas é melhor do que ficar do lado de fora da minha caverna, vendo-a passar.

Tanto faz. Estamos na ilha há dezenove dias, mas Sylvester disse que o navio passou por aqui alguns dias antes de naufragarmos. Isso deixa uns oito antes que volte e possamos sair deste inferno.

Mas você quer mesmo ir embora?

Mordo o lábio, me afastando da maldita provocação que acabou de passar. Quero?

É viável mesmo ficar aqui com Sylvester? O homem me dá calafrios de verdade, mas quase não o vejo, desde que eu desapareça.

Ou você está trocando uma prisão por outra?

Estou presa na vida de outras pessoas. Emaranhada na teia de nomes selecionados com cautela por mães e pais amorosos. Ou talvez não fossem amados. Talvez nem fossem procurados.

Assim como Enzo.

Dou uma fungada, ainda incomodada por causa da semana passada. Sinto que meu interior foi arrancado, e cada vez que sinto uma emoção aparecer, ela esfrega na ferida aberta. Bebi demais. Compartilhei demais. Depois causei mais dor. E agora só sobram os farrapos.

Enzo e eu mal nos falamos e, para o meu desespero, Sylvester usou essa oportunidade para me fazer passar um tempo com ele. Mas tolero isso de qualquer maneira porque má companhia ainda é melhor do que ficar sozinha com Kev na minha cabeça.

Não gosto de vínculos, mas me apeguei àqueles que oferecem algo sem importância.

Até Enzo, pelo menos.

Ontem à noite, a tensão crescente por fim me quebrou. Então coloquei um pouco de vodca numa garrafa de água e fiquei acordada a noite toda bebendo enquanto Enzo dormia ao meu lado.

Cheguei tão perto de me aproximar dele, me ajoelhar e implorar por seu perdão. Não sei por que ou como, mas sinto falta dele.

Prefiro seus ataques ao seu desprezo, sua raiva ao seu silêncio e seu ódio a sua indiferença.

Aceitaria seu pior se isso significasse que nunca teria que ir sem ele.

Suspiro, me levanto e cambaleio para dentro da caverna, tropeçando numa pedra solta que desmorona sob meus pés instáveis. Ainda sinto as ramificações daquela vodca, e cada respiração alimenta o desejo de esvaziar o conteúdo do meu estômago no chão.

Nunca. Mais.

Que se dane a bebida. Nunca me leva a um lugar bom. Ela me deixou presa nos braços de Enzo, para início de conversa, e parece continuar me trazendo de volta – e sempre é um erro colossal.

Tropeço outra vez, virando meu dedo do pé e mal consigo me equilibrar. Meu Deus, preciso de um maldito andador. Tenho certeza

de que ainda estou um pouco bêbada.

Quando ouvi o barulho da porta sendo destrancada esta manhã, saí do farol dentro de alguns minutos, o que significa que já passa das sete da manhã. Meu sono foi irregular e muito frustrante. Mesmo em estado catatônico, a tensão é impenetrável e se recusa a ceder.

Não aguentava mais. Pulei dos cobertores quentes, coloquei meu único short e uma camiseta aleatória que encontrei no chão e saí de lá. Senti os olhos de Enzo em mim o tempo todo, mas me recusei a encará-lo.

Estou com raiva e já nem sei o motivo. Não devia lhe dar o poder de me magoar, mas sempre fui maleável com ele. Enzo me atrai, usa meu corpo contra mim e depois me afasta segundos depois. Fico me sentindo abandonada e com mais frio do que antes.

Ele é... ele é um maldito *idiota*.

Minha pele brilha em tom aquático quando entro na caverna, os vermes luminosos se mexendo acima de mim. Venho aqui todos os dias desde que descobri este lugar, e ainda me deixa sem fôlego.

— Olá, amigos — cumprimento com a voz suave, chegando a acenar um dedo com carinho na direção deles. Só falo com eles porque não quero que um caia na minha boca do nada.

Embora suspeite que se me refugiar aqui, vou ficar tão só que vou fazê-los responder.

Bem, resolvo isso quando chegar a hora.

Em vez de descansar perto da água e mergulhar os dedos dos pés como costumo fazer, contorno a piscina natural e vou em direção à parte de trás da caverna. Nos últimos dias, estou me forçando a ver até onde posso ir. A incerteza se agarra porque ainda estou convencida de que há uma chance de alguma criatura de outro mundo rastejar para fora das profundezas e me massacrar, mas se este lugar pode ser o lar de vermes luminosos e uma piscina subterrânea, então fico curiosa para saber se há mais a descobrir.

Tropeço de novo, mas consigo me endireitar com mais facilidade desta vez. A tontura começa a diminuir, embora a náusea permaneça. Espero suar o resto do álcool, voltar para o farol mais tarde, encarar Enzo e não sentir vontade de vomitar.

Passo por uma abertura até chegar a um percurso irregular. No final, desce uns três metros para uma caverna. E a partir desse ponto só aparecem pedras no caminho. Literal e figurativamente.

No entanto, ao chegar ao fundo, o percurso fica reto e leva a outro túnel. Cheguei até a início dele, mas não me aventurei além disso. Antes, considere que não tinha iluminação adequada, mas desta vez trouxe a lanterna de bolso que Sylvester havia me deixado usar antes.

Não oferecerá uma quantidade substancial de visibilidade, mas acho que me levará até onde minha coragem deixar, o que não será muito longe. Também vou precisar criar coragem aos poucos e encontrar uma lanterna maior. Mas tenho mais de uma semana para conseguir isso, e ainda mais se decidir ficar.

Eu me sento na borda do buraco e aponto o dedo do pé em direção à rocha mais próxima. Desço aos poucos, deslizando depois a lanterna enquanto vou mais fundo na caverna, o ar ficando mais gelado.

Minha respiração nubla ao meu redor quando chego ao fundo com um sorriso satisfeito. Não foi tão ruim assim.

Kev e eu crescemos nas montanhas em Nevada, então sempre amei caminhar, mas nunca fui tão burra para fazer isso de ressaca.

Franzo a testa, depois encolho os ombros. Se morrer, eu morro.

Subo no túnel, limpando o suor da testa enquanto disparo a luz para os lados, me sentindo um pouco assustada. É aqui que entram os pensamentos intrusivos.

E se forem vampiros carnívoros? E se fomos invadidos por extraterrestres e esta é a base? E se houver vermes luminosos mutantes aqui com três metros de altura e que gostam de comer loiras?

Estremeço, afastando esses pensamentos, feliz quando o túnel termina e saio para outra área aberta. Não tem criaturas, mas há vermes luminosos aqui também. Sorrio, esticando o pescoço e andando sem rumo enquanto olho para as pequenas coisas.

O que eu daria para ser um.

A posição faz com que meu equilíbrio oscile, e começo a pender muito para um lado. Jogo a cabeça para baixo, tentando me

endireitar, mas meu pé prende num buraco na rocha, torcendo o tornozelo e me deixando completamente desequilibrada. Minha visão gira e caio de costas, minha cabeça batendo na pedra um momento depois. Em segundos, tudo escurece.

20

Enzo

Pela milionésima vez esta manhã, Sylvester se move, lançando um olhar nervoso em direção à porta da frente. Já perguntei qual é o problema, mas é claro que ele apenas acenou com a mão e insistiu que estava bem.

Sem me importar com minha grosseria, fui até a porta da frente e a escancarei, convencido de que algo estava acontecendo. Tudo o que consegui ver foi uma névoa densa e, depois de ficar parado por alguns minutos, sentei-me de novo. Desde então, tenho olhado para o velho mentiroso, na esperança de o deixar mais desconfortável.

— Parecia que alguém estava chorando ontem à noite — digo casualmente. Ele faz uma pausa, depois se vira e olhar para mim. — Alguma mulher morreu aqui também?

Sylvester encara o café, como se o lodo preto que ele bebe fosse lhe fornecer uma mentira adequada.

Não me esqueci da mulher que estava no mar logo depois de chegarmos. Ela desapareceu sem deixar vestígios, mas permanece no fundo da minha mente.

Não ajuda que as coisas tenham desaparecido. Ontem, eu estava lendo *O morro dos ventos uivantes* e deixei na mesinha da sala. Quando descii esta manhã, tinha desaparecido e não consegui localizá-lo desde então. Não debaixo ou entre as almofadas e não na estante. Sylvester parecia não saber onde o livro estava, aprofundando minhas suspeitas.

Parece que ele tem acumulado mais espíritos inquietos do que aparenta.

— Minha filha. Trinity.

Minhas sobrancelhas se erguem.

Está bem, não estava esperando por isso.

— Uma das razões pelas quais minha esposa me deixou. A dor era demais para ela, e ela me culpou pela morte de Trinity.

Aceno com a cabeça devagar, estudando-o com atenção. Não é que eu não acredite nele, mas há algo em Sylvester que me faz questionar cada palavra que sai de sua boca.

— Como aconteceu?

Ele funga, olhando para mim.

— Acho que é justo lhe contar, já que compartilharam tanto comigo na semana passada — murmura ele.

Consigo ficar calado por pouco. Aquilo não foi um momento doce em que tivemos uma conversa sincera e fizemos malditas pulseiras da amizade.

— Trinity não estava feliz aqui. Queria ir embora, mas estávamos tentando ficar em família. Sabia que aconteceria mais cedo ou mais tarde. Ela era uma adolescente e achava que não estava vivendo sua vida. Minha mulher e eu estávamos preocupados, mas eu ainda trabalhava naquela época e não podia apenas abandonar meu emprego. Raven queria levá-la para outro lugar, mas Trin tinha apenas 16 anos e não podia ficar em nenhum lugar sozinha, então isso significava que todas me deixariam. Kacey tinha 14 anos e também não queria ficar aqui com seu velho.

Ele caminha em direção à ilha da cozinha e coloca todo o seu peso nela, olhando para o espaço e revivendo a memória.

— Discutimos muito. Eu não queria que elas fossem. Trin decidiu resolver o assunto com as próprias mãos e se enforcou do lado de fora da janela.

Viro-me para encarar as janelas de cada lado da porta da frente, imaginando como deve ter sido dar uma olhada para a vista e ver os pés da sua filha pendurados lá fora, balançando para a frente e para trás. É mórbido pra caralho, e sinto uma pitada de simpatia pelo velho.

— Raven saiu com Kacey dois dias depois. Alguns meses depois, o farol fechou devido à construção de uma estrutura mais nova e

avançada. Desde então, estou sozinho.

— Por que você não foi ficar com elas quando o farol fechou?

Ele está agitado, com os lábios contraídos e os dedos mexendo na barba.

— Elas me odiavam e eu adorava estar aqui. Sabia que se fosse embora, nenhum de nós ficaria feliz com minha presença lá.

Talvez a esposa e a filha o tivessem perdoado se ele tivesse feito apenas um esforço e as priorizado, mas isso não importa agora. E não estou interessado em fazer terapia com o velho.

Sylvester me encara, a culpa girando em seus olhos.

— Ela chorou muito.

Então, ele baixa o olhar e caminha em direção às escadas. Encaro o espaço enquanto o metal range sob seu peso, desaparecendo pouco a pouco.

Meu olhar vai para a janela de novo e, em vez de observar de dentro para fora, estou parado do lado de fora da porta da frente, uma garota pendurada em uma corda. Então, a menina sem rosto desaparece e Sawyer aparece, seu corpo balançando no ar. Outra alma triste que encontrou uma saída diferente.

Minha garganta fecha e parece que me deram um soco no peito. Balanço a cabeça, fechando os olhos e esfregando-os com força com o dedo e o polegar para banir o pensamento fodido do meu cérebro.

Não estou pronto para admitir por que é tão difícil respirar.

A bruxa já causou danos suficientes; a última coisa que preciso é que ela entre na minha cabeça como um verme em uma maçã, comendo meu bom senso e minha autopreservação.

È una maledetta bugiarda, e não posso olhar para ela sem ser teletransportado de volta para aquele maldito degrau fora da igreja, um padre ao meu lado, consolando-me porque minha mãe também mentiu para mim. As duas roubaram tanto da minha vida e partiram sem olhar para trás. Sem remorso.

No entanto, o desejo de encontrá-la e brigar com ela de novo é quase insuportável. Rosnando de frustração, passo as mãos no cabelo, os fios mais longos do que estou acostumado. Vê-la é uma péssima ideia. Ainda quero estrangulá-la, mas o problema é que

quero beijá-la também. Pior ainda, quero protegê-la e ao mesmo tempo também quero me proteger dela.

Depois de admitir o que seu irmão fez e ver a dor profunda em seus olhos – o pavor de que um dia ele vai alcançá-la – a tristeza que se agarra a ela como uma segunda pele faz muito mais sentido agora.

Ela é um animal selvagem que entrou no modo de sobrevivência e não sabe como viver de outra maneira. E está *me* deixando selvagem. *Mi sta facendo uscire pazzo, porca miseria.*

A raiva que senti no momento da sua confissão foi inquestionável, e nem por um segundo me deixou, desde então. Só consigo pensar em como fazer sua dor desaparecer. A necessidade quase obsessiva de achar o filho da puta e bater na cabeça dele até não sobrar nada está me consumindo.

Ele ainda a assombra, e tudo o que sinto é raiva porque *ela é minha.*

Mas esse é o maldito problema, não é? Sawyer deixou mais do que claro que não quer isso. Ela sempre vai cuspir no prato que come porque se sente mais confortável com a fome quando é tudo o que já conheceu.

Estou indo em direção à porta da frente, abrindo-a e correndo em direção à caverna antes de processar o que estou fazendo e por quê. Eu só... preciso falar com ela. Já estou farto do maldito silêncio.

Estou tão perdido nos meus pensamentos que nem me lembro de caminhar até a caverna ou entrar nela. Mas eu paro, confuso quando percebo que ela não está aqui.

— Sawyer? — chamo, minha voz saltando das paredes de pedra e ecoando.

Ela não responde. Na mesma hora, todos os meus pensamentos furiosos param, e minha mente fica bem silenciosa. Alguma coisa está errada.

Chamo seu nome outra vez, mais alto e com mais urgência, só que ela ainda não responde. Meus olhos procuram freneticamente ao redor da caverna, minha cabeça virando em todas as direções.

Meus olhos passam por um túnel na parte de trás da caverna e logo se voltam para ele. Sigo naquela direção, continuando a chamá-la. Está mais escuro aqui e os xingamentos saem da minha boca porque não tenho uma lanterna para ver direito.

— Juro por Deus, é melhor que esteja viva — esbravejo, chegando a uma caverna que desce vários metros.

Não consigo ver nada daqui, mas não tenho escolha a não ser descer. Vou tão devagar quanto sou fisicamente capaz, o que não é muito lento quando há uma pequena sereia que poderia estar ferida.

— Sawyer! — chamo outra vez, assim que chego ao fundo. Sem resposta.

O suor cerca minha testa, apesar de ser mais fresco aqui embaixo. Planto as mãos na parede da caverna e sinto o caminho. Uma tonalidade azul começa a se formar, facilitando a visualização. Saio para outra abertura, vermes luminosos espalhados pelo teto.

Ali.

Meu olhar a encontra na mesma hora, deitada no chão e inconsciente.

Meu coração dispara.

— Puta merda.

Corro para ela, sentindo como se meu peito estivesse desmoronando enquanto me agacho e levanto de leve sua cabeça, sangue cobrindo minha mão num piscar de olhos. As feridas na cabeça podem sangrar muito, independentemente da gravidade, mas preciso levá-la ao farol e avaliar direito os danos.

— *Cazzo, che cazzo hai fatto?* — divago, vendo seu pulso na mesma hora. Está forte, e ela está respirando, mas não faço ideia há quanto tempo está inconsciente. — Acorde, *bella*. Deixe-me ver seus olhos.

Ela não se mexe, e meu pânico aumenta.

Há uma lanterna ao lado dos seus dedos, então sem demora a pego e ligo.

— Sawyer, preciso que acorde — digo, abrindo uma de suas pálpebras e colocando a luz bem na sua íris.

Um gemido sai da sua boca e, um momento depois, ela está torcendo a cabeça para fora do meu aperto.

— Puta que pariu — murmuro, alívio me vencendo quando ela balbucia:

— O que aconteceu?

— Você caiu. Preciso que se sente para que eu possa nos tirar daqui — explico, pedindo que se levante. Ela geme outra vez, mas se senta. — Venha aqui, baby — sussurro, abraçando seu corpo minúsculo no meu peito. — Preciso que se segure em mim com muita força. Não solte.

— Maldição, ainda não morri? — lamenta-se Sawyer e, por Deus, vou dar uma surra nela assim que se recuperar. — Parece que minha cabeça está dividida ao meio. Talvez eu precise esperar mais alguns segundos antes que o Senhor me leve.

Gemendo, ela passa os braços em volta do meu pescoço e a coloco nas minhas costas, as coxas enroladas em volta dos meus quadris. Ela os aperta, cruzando os pés enquanto eu me levanto.

O suor reveste meu corpo como óleo, pingando nos meus olhos e fazendo-os arder ao caminhar de volta pelo túnel. Acendo a luz em direção à abertura do buraco, mapeando a melhor rota para subir com ela nas minhas costas.

— Segure firme, baby.

Ela tenta ajustar os braços, mas seu aperto é fraco enquanto subo a parede de pedra. A cabeça de Sawyer repousa no meu ombro, balançando com o movimento, preocupando-me ainda mais. Não poderia ter levado mais de trinta segundos para chegar ao topo, mas cada segundo parecia uma eternidade.

Levá-la pela caverna e sair pela entrada é um borrão. O ar fresco é um bálsamo para minha pele corada, embora a luz brilhante perfure meus olhos e me force a parar até que possa me concentrar direito.

— Ah, não, Enzo, estou vendo a luz — murmura ela, um toque brincalhão em seu tom.

— Você não é engraçada — esbravejo, apertando os olhos contra o sol forte ao atravessar com cautela o terreno irregular e nos colocar na areia.

— Vou fazer você sorrir um dia destes — murmura ela. — Talvez devesse fazer isso logo antes que eu morra.

— Você não está morrendo.
— Tem certeza? Acho que ouvi Jesus falando comigo.
— Então, sem dúvida, não vai morrer. Jesus nunca falaria com você.

Ela bufa, depois geme.

— Tem razão. Talvez seja apenas sua voz que estou ouvindo, e esse é meu sinal de que vou para o Inferno. Afinal, você é o diabo.

Se eu sou o diabo, ela é a maldita Lilith.

Por fim, chego ao farol, abro a porta e a levo para o sofá. Colocando-a no chão com cuidado, saio para encontrar o kit de primeiros-socorros.

— Você está me assustando — diz ela quando volto. Paro por tempo suficiente para encará-la com um olhar furioso.

— Eu não disse que não pode fugir de mim? Isso também significa na morte, *bella*.

Ela cruza os braços, mantendo-se em silêncio enquanto começo a limpar a ferida. Há uma pequena laceração na parte de trás da cabeça, mas não parece ser muito profunda.

— Qual é o diagnóstico, doutor?

— Você vai ficar bem. Não precisa de pontos, mas provavelmente tem uma concussão.

Ela suspira, abrindo a boca para responder, mas o rangido dos degraus de metal a interrompe. Sylvester chega ao andar de baixo, cambaleia pela cozinha em nossa direção até chegarmos à vista, para e dá uma olhada em nós e então corre tão rápido quanto sua perna de madeira o deixa.

— O que aconteceu com ela? — pergunta ele, pairando sobre ela para inspecionar o ferimento.

— Dê-lhe algum espaço — esbravejo. Sylvester bufa, mas se afasta.

— Eu caí — explica Sawyer tímida, dando de ombros. — É só um arranhão.

Lanço um olhar para Sylvester.

— Vou levá-la lá para cima. Ela tem uma concussão e precisa relaxar.

— Bem, tudo bem então — concorda ele no mesmo segundo, afastando-se mais.

Sawyer se levanta, mas eu a pego nos braços antes que ela possa dar um passo. Um pequeno suspiro escorrega de seus lábios rosados e, mais uma vez, surge o desejo de prová-los.

— Posso andar.

— Você também provou que pode cair.

Seu rosto se contorce num rosnado, olhando furiosa para mim. Ela parece uma gatinha zangada. Perto assim, posso ver como seus olhos são brilhantes, com um anel exterior azul-marinho mais escuro.

Um zumbido se forma sob minha pele, e agora que não estou mais distraído com sua ferida, tê-la tão perto é perigoso. Sinto-me muito bem e sem minha raiva característica, o que me aterroriza. Já enfrentei muito pior, mas uma ninfa de um metro e meio é o que me deixa de joelhos. Quero-a fora da minha cabeça, mas ela já está muito dentro.

Sinto os olhos de Sylvester ardendo nas minhas costas enquanto a carrego escada acima e entro no nosso quarto. Quando a coloco no chão desta vez, sou menos gentil. Ainda estou irritado por ela quase ter se matado, e a perspectiva disso é debilitante.

Um suspiro brota dos seus pulmões e outro olhar furioso é direcionado para meu rosto.

— Obrigada — murmura ela. — Acho que estamos quites.

Arqueio uma sobrancelha.

— Quites pelo quê?

Seus olhos reviram com uma emoção que não consigo dar um nome.

— Salvei sua vida, você salvou a minha.

Franzo o cenho. Que merda ela está falando?

— Esta é mais uma das suas mentiras?

Suas feições se contorcem e, em questão de segundos, a gatinha brava e fofa se torna uma leoa feroz.

— Não — esbraveja ela. — Você acha que chegou na costa por sorte?

Encaro Sawyer, processando sua insinuação.

— Você estava inconsciente e eu lhe trouxe até aqui.

Putá merda.

Cerro o maxilar. Não sei o que estou sentindo, mas seja o que for, meus joelhos ameaçam cair no chão com reverência.

Pressionando os lábios, ela vira a cabeça para longe, e meus olhos se fixam em como seus cachos loiros ficaram vermelhos e brilhantes nas costas.

— Você precisa tomar um banho — digo.

Ela me olha, parecendo ofendida por eu ter mudado de assunto.

Tenho muito a dizer, e farei com que ela ouça, mas só quando eu sentir que posso falar sem querer ao mesmo tempo enfiar minha língua na sua garganta.

Pigarreando, ela se levanta e começa a passar por mim, mas minha mão pousa na sua barriga lisa, parando-a no lugar.

Viro a cabeça, um fogo subindo no meu peito quando ouço os suspiros saindo da sua boca e sua pele toda arrepiada.

— Deixe-me ajudá-la com isso, *bella ladra*.

21

Sawyer

Que cretino. Eu morri mesmo, e ele está tentando me convencer que o Céu é real antes de retirar o véu e revelar o fogo do inferno que vai me queimar viva.

Sinto um friozinho na minha barriga, ficando cada vez mais agitado até o frio se transformar em uma nevasca. Já estou em chamas, e apenas sua mão me tocou.

Umedeço meus lábios secos, minha língua disparando por não mais do que um segundo, mas seus olhos se fixaram na minha boca, o fogo dentro deles poderoso. É então que percebo que *ele* é o fogo do inferno.

Sua mão se afasta e, com apenas um momento de hesitação, passo por ele. Sinto Enzo atrás de mim, fazendo um buraco nas minhas costas.

Mando meus músculos relaxarem, atravesso o corredor e entro no banheiro minúsculo. Mal cabe um boxe no lado direito e a pia e o vaso sanitário no esquerdo.

Engolindo em seco, nervoso, ele passa por mim para ligar o chuveiro, o jato irregular antes que o fluxo fique constante. A pressão da água é terrível, o que costuma pedir por banhos longos.

Não sei se isso é uma coisa boa ou não.

Ele se vira para mim, se encostando na parede ao lado do boxe e cruza os braços. Passando seu olhar penetrante pelo meu corpo, ele ordena:

— Tire a roupa.

Ah, merda.

Isso ficou intenso rápido demais, e é quase instintivo obedecer ao seu comando.

Não, Sawyer. Menina má. Enzo é malvado. É terrível com você e acha que pertence a ele. E daí que salvou sua vida? Provavelmente, teria acordado de todo jeito. Não é como se estivesse à beira da morte – ele só é dramático pra caramba.

Meu subconsciente está gritando comigo quase tão alto quanto a dor de cabeça latejante, mas tudo se desvanece quando seus olhos se aquecem,

queimando na minha pele enquanto ele observa minha mão ir em direção à camiseta, se movendo sem meu consentimento.

Putá merda. É minha boceta que está no controle, não minha cabeça. Nem mesmo meu coração.

Esta é a primeira vez que Enzo e eu nos falamos desde a tempestade, e o fato de que já estou me despindo para ele é quase patético. Ficar nua para ele é tão natural quanto é para mim.

Mordo o lábio e tiro a camiseta pela cabeça, cautelosa com a lesão. Depois, tiro o short e fico no meu biquíni verde.

Sinto o toque de seu olhar de um modo tão íntimo como se ele estivesse acariciando meu corpo com os dedos.

— O biquíni também — diz ele, sua voz mais profunda e rouca.

— Ele pode molhar — argumento sem força. — É feito pra isso.

Ele me encara, o músculo no maxilar saltando. Neste exato momento, sinto uma forte pulsação entre minhas coxas. Fico *molhada* com um único olhar, e se isso não é dar muito poder a alguém, não sei o que é.

— Tire o biquíni. Agora, *bella*.

A pulsação se intensifica e ele percebe o jeito como minhas coxas se apertam, embora eu tente distraí-lo desatando as cordas ao redor do meu pescoço e deixando a parte superior cair.

Isso me lembra de quando nos conhecemos, e ele me levou para trás da cachoeira. Parece que faz muito tempo desde aquele dia. Como se tivéssemos vivido toda uma vida.

Desvio o olhar, me concentrando num ponto corroído no vinil barato no chão, mas ainda consigo sentir Enzo me encarando. Às pressas, desamarro o nó nas minhas costas e depois tiro a parte de baixo também.

Antes de perder a coragem, entro logo no chuveiro, embora que para isso seja forçada a ficar muito perto dele. Esses trinta centímetros não evitam sentir seu calor mais do que se eu estivesse parada a essa mesma distância do sol. Que diferença esse mero palmo e meio faz quando ainda estou sendo carbonizada?

Na mesma hora, o jato quente causa arrepios na minha pele. Olho por cima do ombro para ele, encontrando-o no mesmo lugar, embora sua cabeça esteja virada e seus olhos estejam vidrados na minha bunda.

Graças a Deus que não é reta. De forma alguma, é grande, mas é bem cheia e arredondada para atrair o olhar masculino. Embora hoje em dia, isso não seja tão difícil de fazer, de qualquer maneira.

Assim que Enzo tenta me encarar de novo, me viro, muito covarde para enfrentá-lo. Pego o xampu, me preparando para colocar um pouco na mão antes que ele pegue o pote.

— Você não pode colocar sabão na ferida. Eu faço isso.

— Não precisa...

— Acha que vim aqui só pra olhar?

— Bem, não sei. Não me surpreenderia se fosse um tarado.

— Também não — retruca ele, derramando o xampu na sua palma. — Talvez seja por isso que preciso tanto te tocar.

Inspiro bruscamente, chocada com sua admissão. Seus dedos deslizando no meu cabelo molhado me distraem com bastante rapidez, e estremeço quando ele massageia de leve o xampu nos fios vermelhos. A água rosa alaga sob meus pés, escorrendo para o ralo enquanto ele toma muito cuidado para não tocar no corte.

— Me conte do naufrágio — diz ele.

Na mesma hora, sou levada de volta para aquele oceano frio, desorientada e privada de oxigênio enquanto ondas poderosas comandavam meu corpo.

— Minhas memórias são um tanto confusas. Eu me lembro mais do pânico e de me sentir tão desorientada. Vi você boiando e tentei chamar seu nome, mas você não me respondeu. Nadei até você e vi que estava inconsciente e sangrando. Só conseguia pensar nos tubarões.

Um calafrio percorre meu corpo, e tenho plena certeza de que foi por pura intervenção divina que um deles não apareceu. Sobretudo, porque esta ilha costuma ser um local de alimentação para os tubarões e eles estão sempre por perto.

— Não sabia o que fazer além de continuar tentando te acordar. Não sei quanto tempo passou. Acho que também desmaiei por alguns minutos, mas me lembro de ver uma luz brilhante à distância. Estava apenas... lá. Então, te agarrei e te coloquei num pedaço de madeira quebrado e nadei em direção a ela. Depois de um tempo, vi o farol e foi a única coisa que me fez continuar.

Ele fica quieto por um tempo.

— Por quanto tempo nadou?

Cinquenta e oito minutos e dez segundos.

Eu precisava de algo para me concentrar além da dor que queimava meus músculos e do terror puro de que qualquer coisa podia surgir e me comer viva a qualquer minuto. Então, contei cada segundo, murmurando os números como se, a qualquer momento, acordaria do pesadelo em que estava.

— Um bocado — digo. — Pareceu uma eternidade. Mas consegui chegar, nos arrastei para a praia e depois desmaiei outra vez. Acordei apenas alguns minutos antes de você.

Ele fica quieto de novo por um segundo.

— Você poderia ter me deixado e salvado apenas sua vida.

Encolho os ombros.

— Não passou pela minha cabeça. Mas não é porque sou tão virtuosa assim. Preferia sofrer com você a ficar sozinha.

Suas mãos param por um segundo, depois retomam.

— Eu te chamei de fraca — afirma ele. — Por que não me corrigiu?

— Porque eu sou...

— Você não é — interrompe ele, sua voz dura e inflexível. — Não é fraca, Sawyer. Você é excepcional. E sinto muito por ter corroborado esse equívoco.

Minha boca se move, mas sou incapaz de emitir um som.

— Você fez algo admirável. Imagine o que poderia fazer se apenas acreditasse em si mesma.

Não tenho nada a dizer, e não acho que Enzo está interessado de todo jeito. Em vez disso, penso nisso enquanto ele lava meu cabelo de forma meticulosa.

Kev me encurralou, e parece que desde então tenho atacado e rosnado para qualquer coisa que chegue perto. Tive tanto medo que me esqueci de que também tenho lutado. Tenho lutado para sobreviver, viver, ter liberdade. Assim como lutei contra cada onda que ameaçava me arrastar para baixo.

Do que seria capaz se parasse de fugir? Se vivesse minha vida como Sawyer Bennett. Qual seria a sensação de ficar na minha própria pele e viver sem reservas?

Mas isso nunca poderia acontecer. A influência de Kev é muito poderosa e me segue por mais longe que eu fuja. São sonhos perigosos e podem me meter em sérios problemas.

Perdida em pensamentos, volto à realidade quando Enzo atinge um ponto dolorido, e não consigo conter o assobio de dor.

— *Scusa, bella* — murmura ele.

Passo a língua nos lábios de novo, meu coração pulando e disparando de um jeito estranho por causa da franqueza rouca de sua voz e de como soa íntimo quando ele fala em italiano. Tudo isso é íntimo, e é quase demais para processar.

— *Bella* significa bonita, né? — pergunto.

— *Sì* — confirma ele.

Merda, isso não devia me fazer feliz. Mesmo com seu ódio por mim, ele ainda me chama de bonita.

— E *ladra*?

Ele fica quieto e continua a massagear o xampu no meu cabelo.

— Você me pediu a verdade e eu lhe disse — sussurro. — Me conte uma das suas verdades.

Depois de uma pausa, ele diz:

— Significa ladra.

Meu coração murcha, embora seja verdade.

— Você enlaça os homens com sua beleza, os enrola na sua teia e depois os rouba. Você é uma bela ladra.

— Acho que não posso mesmo discordar disso — murmuro, sentindo que minhas entranhas estão desmoronando em cinzas. É o que acontece quando se está muito perto do sol.

— Vire a cabeça — orienta ele, seus dedos se estendendo, agarrando cada lado do meu queixo e inclinando minha cabeça em direção ao jato.

Dói, a cor da água se aprofundando até que, por fim, fica clara outra vez. Mesmo assim, ele não recua.

— Acho que já consigo sozinha — digo, olhando para ele por cima do ombro. — Obrigada por ajudar.

— Vai continuar sangrando um pouco até coagular — informa ele, ignorando meu pedido. — Mantenha o cabelo separado e vou remendar o melhor possível quando terminar.

— Ok — sussurro.

Nossos olhos se encontram e a nevasca que consome minha barriga fica mais furiosa.

— Ok — repete ele.

Sem pressa, como se ele quisesse que eu me certificasse de que estou observando cada movimento, Enzo se inclina contra a parede, cruzando os braços outra vez e ficando confortável. A água está espalhada na frente da sua camisa, e o chão está encharcado. No entanto, não parece notar nada fora eu, parada sob o riacho o encarando com uma expressão confusa no rosto.

Uma gota de água chama sua atenção, e não tenho certeza qual é das centenas, mas sei que está se arrastando entre meus seios e minha barriga lisa. Sua língua desliza no lábio inferior, lenta e sensualmente, como se ele estivesse imaginando lambê-la.

Sem desviar o olhar, pego o sabonete corporal às cegas e o aperto na mão. Temos usado nossos próprios trapos, mas minha mão será tão mais interessante.

Sob seu olhar penetrante, esfrego o sabão entre as palmas e, em seguida, seguro meus seios, espalhando a espuma. O calor nos olhos de Enzo se aprofunda e suas narinas se abrem. Consigo ver o contorno do seu pau duro na bermuda. Em algum momento, ele deve ter ajustado seu comprimento, então fica escondido na faixa, e estou decepcionada com isso.

— *Concentrati*, Sawyer — exige ele, sua voz carregada de desejo.

Concentre-se. Consigo entender esse comando.

Mordendo o lábio inferior, desço as mãos pela barriga, pelos quadris e pelas nádegas. Ele segue cada movimento religiosamente, como se os segredos do universo aparecessem dentro da espuma que reveste minha pele.

Prendendo a respiração, observo-o com atenção ao deslizar a mão em direção à minha boceta. O músculo do seu maxilar salta, os dentes cerrados. Roço o dedo indicador no meu clitóris, um pequeno gemido escapando. Seus olhos voam para os meus.

— *Attenta, bella*. Você não deve se esforçar com um ferimento na cabeça.

— Não é preciso muito para me fazer gozar — digo. — É você que precisa se esforçar.

Uma sobancelha grossa se ergue, o desafio iluminando suas piscinas cor de avelã.

— É mesmo? — cantarola ele. — Então me mostre.

Hesito, a incerteza começa a macular o desejo.

É bem provável que Enzo tenha me visto de todos os ângulos possíveis, mas tudo o que posso sentir é um completo constrangimento ao pensar em fazer algo tão íntimo. Talvez porque nossa relação foi construída com crueldade de ambos os lados e, com tanta facilidade, ele poderia usar isso como outra oportunidade para me machucar.

— Minha cabeça está doendo muito, não estou no clima — minto, me virando. Minha cabeça dói *mesmo*, mas sem dúvida estou no clima. Ou pelo menos estava, até eu estragar tudo.

— Isso é uma mentira, Sawyer?

Não sei por que pensei que me safaria com aquilo. Talvez porque a maioria das pessoas acreditaria em mim, considerando que acabei de bater a cabeça.

— Termine logo — esbraveja ele, afastando-se da parede e saindo do banheiro. Fecho os olhos, frustrada e irritada comigo mesma por fazer a única coisa que ele mais despreza. É um hábito. Um que ainda não descobri como largar.

Sentindo-me desanimada, termino de enxaguar o resto do corpo, depois me enrolo na menor toalha que já vi. Pode muito bem ser uma toalha de mão. Meu cabelo ainda está molhado, muito dolorido para fazer muito mais do que espremer o excesso de água o melhor que posso.

Quando entro no quarto, encontro Enzo sentado na beira da cama, de frente para mim com os cotovelos nos joelhos abertos, os dedos entrelaçados e a cabeça curvada.

Ao me ouvir chegar, ele levanta a cabeça, e estou um pouco atordoada ao encontrar seu olhar não menos intenso do que no banheiro. Pelo contrário,

está ainda mais.

Paro do nada, quase sibilando com a visão. É como se mal pudesse expandir meus pulmões além do tamanho de um fio de cabelo. Sua boca está contorcida por uma leve careta, e suas sobrancelhas grossas estão baixas. Ele parece zangado, claro, mas quando não parece? Ele estava do mesmo jeito toda vez que estive dentro de mim, e desta vez... desta vez não é diferente.

— Você acha que ainda mentiria para mim se eu soubesse que está mentindo? — pergunta ele baixinho, seu tom curioso, mas letal. Como um assassino lhe perguntando se está pronto para morrer agora.

Pressiono os lábios, contemplando como devo responder. Nem sempre *quero* mentir, só que é mais fácil. É uma alternativa melhor do que o confronto.

— O que você quer dizer? — questiono depois de um tempo.

Seus olhos traçam a parte superior da toalha que pressiono com firmeza contra meu peito, do meio e até inferior, onde mal me cobre. A toalha nem passa da minha bunda, mas acho que não me surpreende que Sylvester não tenha toalhas extragrandes de algodão egípcio.

Tremendo sob seu olhar examinador, pressiono minhas coxas com mais força, na esperança de me esconder ainda mais e diminuir a necessidade incessante que pulsa em meu clitóris.

Isso apenas chama sua atenção.

— Quero dizer — começa ele sem pressa. — Se eu soubesse exatamente quando você está mentindo cada vez que o faz, acha que continuaria a fazê-lo?

Encolho os ombros, mas me arrependo na mesma hora. Só serve para levantar o guardanapo de bebê ao redor do meu corpo. Mais uma vez, sua atenção fica presa nas minhas coxas apertadas.

— Não sou muito corajosa — confesso, e com grande hesitação, ele levanta os olhos para os meus mais uma vez. — Sou uma covarde — acrescento, meu peito apertando com a verdade. — Fugir e se esconder é mais fácil. Às vezes, digo e faço qualquer coisa para alguém desviar a atenção de mim. É mais seguro assim. Confronto... nunca levou a nada de bom.

Ele não responde, mas parece estar ouvindo.

— Feche a porta e venha aqui — diz ele depois de um tempo. E como qualquer outra vez que ordena como um senhor da guerra, meu corpo ouve, apesar da minha cabeça gritar o contrário.

A porta range, o clique parece uma bomba. Então, me aproximo dele como um urso adormecido, meus joelhos tremendo. Quando falta dar apenas um passo, paro, tentando manter a respiração uniforme, mas sem ter

sucesso. Meu peito está se movendo depressa demais para ser algo normal, mas, puta merda, não consigo respirar.

Abro a boca, tentando perguntar o que ele quer comigo, mas não consigo dizer as malditas palavras. Calado, ele levanta uma mão e roça de leve os dedos na minha coxa externa como se estivesse curioso de como está lisa. Admito que podia ter chorado quando encontrei um pacote de lâminas de barbear descartáveis enfiadas na parte de trás do armário da pia há alguns dias, e tenho-as tratado como joias raras, desde então.

Minha pele formiga sob seu toque, e meus instintos de fuga estão fazendo efeito.

— Me conte uma mentira — pede ele, calmo.

— Você é o homem mais gentil que já conheci — respondo na mesma hora. Seus dedos fazem uma pausa e ele me encara sob cílios longos demais. Esse olhar é como uma picada de cobra bem no coração, o veneno paralisando o músculo e tornando-o inútil.

— Agora me diga uma verdade — orienta ele. Não entendo o que ele está fazendo, mas não tenho certeza se gosto. Parece mais íntimo do que sexo.

— Que jogo divertido — desvio.

— Sawyer — avisa ele, com firmeza, sua voz tão forte quanto um chicote. Pulo, assustada com a gravidade do seu tom.

Meu Deus.

— Quero fugir — digo com a voz entrecortada, um leve tremor nas minhas palavras.

— *Brava ragazza* — sussurra ele, seu sotaque se aprofundando enquanto baixa o olhar, voltando a desenhar pequenos círculos na minha pele. Meu corpo fica todo arrepiado e, para ser sincera, é embaraçoso.

— O que isso significa? — sussurro.

Seus olhos voam para os meus, e este breve segundo é de parar o coração.

— Boa menina — traduz ele, fazendo com que um arrepio percorra meu corpo. Mexo de um pé para o outro, a necessidade de fugir se aprofunda até que seja tudo em que consigo pensar.

— Outra mentira?

— Humm? — murmuro, espiando por cima do ombro para medir a distância entre mim e a porta. É só quando seu toque se desloca em direção ao ápice das minhas coxas que minha atenção volta para ele, um nó se formando na minha garganta.

— Uma mentira — pede ele, erguendo o olhar de novo. — Me diga outra.

— Humm — suspiro, trêmula. — Estou muito calma.

Juro por Deus, o canto do seu lábio se curva, indicando a covinha. Observando sua boca, mal percebo como ele está analisando meu rosto. O que também me deixa completamente despreparada quando Enzo, de repente, agarra meus quadris, me puxa para a frente e nos vira enquanto caio de costas na cama, o ar fugindo dos meus pulmões quando ele rasteja sobre mim.

A toalha se solta, e congelo quando Enzo se posiciona entre minhas pernas, seus olhos devorando cada centímetro de pele exposta. Meus mamilos ficam duros, e aquelas lascas de gelo cor de avelã na sua cabeça se liquefazem, transformando-se em uma piscina de dourado e verde com aquela mancha estranha de preto no olho direito.

A maneira como ele está me olhando agora, não tem nenhuma fortaleza de pedra ao seu redor. Ele está todo exposto, e é uma das visões mais comoventes que já vi.

— Uma verdade — exige ele mais uma vez.

— Não quero mais fugir — murmuro, sentindo meu rosto ficar quente. Se ele me pedisse para montá-lo como uma vaqueira, eu não teria problemas em empurrá-lo na cama e mostrar-lhe direitinho como um animal selvagem se parece. Mas me pedir para ser vulnerável é como arrancar dentes.

— Quer que eu te toque? — pergunta ele.

— Sim — admito.

Ele acena com a cabeça devagar.

— Eu não vou.

Minha boca se parte de choque e pisco para ele.

— Quero que me mostre como gosta de ser tocada. Me mostre como se masturba.

Meus olhos se arregalam e começo a balançar a cabeça.

— Você está com medo?

— Não.

Merda, ele está sorrindo. Só um pouco, mas é muito assustador. Nada no jeito como ele olha para mim me faz sentir bem por dentro.

— Isso foi uma mentira, *bella ladra*.

Foi mesmo.

Ele se senta, descansando a bunda nos calcanhares, os joelhos afastados e minhas coxas enroladas em seus quadris. Ele agarra minha cintura e me puxa para mais perto até que seu pau duro esteja pressionado contra meu núcleo. Os poucos milímetros de tecido que separam sua pele da minha são muito grossos. Preciso senti-lo.

Como se percebesse meus pensamentos, ele pergunta:

— Quer que eu te mostre também?

— Sim. — A resposta é dada antes que ele possa terminar, e aquele sorriso se aprofunda, exibindo as covinhas de cada lado de suas bochechas.

Não, não. Volte a franzir o cenho. Esse sorriso é muito mais perigoso.

Enzo fica de joelhos apenas o suficiente para deslizar a bermuda pela bunda, manobrando até que caia por completo. Assim que seu pau é libertado, não consigo desviar o olhar.

Tão lindo, tão letal.

Longo e grosso, com veias saltando por todo o comprimento endurecido. Lembranças daquela primeira noite que passamos juntos me bombardeiam e, até mesmo agora, consigo me lembrar da sensação de suas estocadas. Como usou seu pau e seus dedos com tanta precisão que me fez ejacular tantas vezes que perdi a conta. Algo que *nunca* fui capaz de fazer sozinha. No entanto, insinuei que podia me tocar de um jeito melhor. Quando, na realidade, ninguém nunca me tocou como Enzo.

Ele envolve seu pau com a mão e, se eu estivesse em pé, meus joelhos desmoronariam com a visão. Fico com água na boca quando ele bombeia uma, duas, três vezes, e sua cabeça se inclina para trás, seu pomo de adão balançando enquanto geme.

Baixando o queixo, ele me dá um olhar cheio de advertência e desafio.

— Agora, Sawyer. Me mostre como se toca como eu lhe mostrei. E quando terminarmos, veremos quem mentiu melhor.

Ele sabe que não preciso demonstrar como me fazer gozar mais do que ele precisa. Acho que Enzo e eu não somos muito compatíveis. Falamos línguas diferentes na maioria dos dias, e é uma batalha constante entender o outro. Mas quando estamos sem roupa e nossos corpos estão falando, nos entendemos como se Deus nunca estivesse zangado com os humanos e nos separasse pela maneira como movemos nossas línguas. Quando estamos assim, a maneira como as movemos é a única coisa que faz sentido.

Deslizo a mão pela barriga e entre as coxas, mordendo o lábio quando ele segue meus movimentos com rapidez. Minhas pálpebras tremulam quando roço o dedo no meu clitóris, me provocando por alguns segundos antes de mergulhar o dedo médio na minha boceta. Estou encharcada, e os ruídos que meu corpo faz são vulgares, mas não me importo quando puxa um gemido do fundo do peito dele.

Ele aperta seu pau com mais força, como se estivesse dominado pela visão, e começa a bombear devagar, a boca se abrindo.

Movo meus dedos de volta para meu clitóris e o círculo com firmeza, incapaz de conter um gemido rouco. Todo o meu corpo está queimando, e o prazer irradiando da minha boceta faz meus olhos perderem o foco.

Normalmente, os fecharia e fingiria que outra pessoa está me tocando. Mas com Enzo tão perto e se tocando ao me observar, acabaria com o

orgasmo borbulhando no meu corpo se eu ousasse desviar o olhar.

— Me diga uma verdade — diz ele, sua voz áspera, os quadris sacudindo enquanto se acaricia mais rápido.

Minhas pernas tremem, uma espiral se formando no fundo do meu ventre e roubando minha respiração com sua intensidade. Isso é muito bom, e pensar em algo para dizer é desafiador. Ele poderia muito bem estar me pedindo para correr em areia movediça.

— Eu... eu ainda me sinto indecente — confesso, e não tenho ideia do porquê acabei de dizer isso, mas é o suficiente para enviar calor líquido direto para minhas bochechas. Posso sentir como meu rosto queima com a confissão, mas só esfrego meu clitóris mais rápido. Determinada a fugir do que disse e me esconder da maneira como ele vê meu interior.

— Me-me diga uma verdade — gaguejo, esperando que ele substitua aquela confissão dolorosa.

— Minto pra mim mesmo todos os dias. Digo a mim mesmo que sou tão viciado em você por causa da sua boceta ou como fica tão molhada pra mim. Mas sei que é só por sua causa.

Mordo o lábio, meu rosto contorcido por me sentir tão nua e exposta e, pela primeira vez, não tenho vontade de fugir. Quero ficar e deixá-lo me ver desmoronar.

— Agora me conte uma mentira — exige ele, sua voz grave, aprofundando o sotaque um pouco.

Balanço a cabeça, minha testa franzindo com a concentração enquanto a espiral aumenta.

— Eu te odeio — sussurro, abrindo mais as pernas para que o prazer aumente.

O rosto de Enzo se contorce e, mais uma vez, ele parece zangado enquanto olha para mim. Apesar da intensidade de seus traços, ele geme, acariciando-se mais rápido e movendo com mais força.

— Porra, também te odeio, baby.

Meus quadris estremecem e meu coração se aperta, um turbilhão de dor e prazer circulando por todo o meu corpo. Arquejo quando a espiral aumenta, depois se desfaz, meu orgasmo se espalhando e me rasgando em pedaços.

— Sim, sim, isso é tão bom — cantarolo sem fôlego, pressionando meu corpo contra minha mão sem controle.

Enzo me segue um segundo depois, jatos de esperma jorrando de seu pau e vazando por sua mão. Todas as veias do seu corpo estão tensas, pulsando contra sua pele enquanto ele parece gozar sem parar, xingamentos saindo da sua boca.

— Porra, Sawyer — geme ele, e ouvir meu nome, meu nome verdadeiro, sair da sua boca é minha ruína.

— Ah, meu Deus, Enzo — grito, meu orgasmo atingindo um nível quase violento antes de, por fim, diminuir.

Enquanto tento recuperar o fôlego, Enzo tira a camiseta por cima da cabeça e se limpa, o silêncio se prolongando.

Minha cabeça está latejando, e tenho certeza de que há uma regra que diz que não se deve ter um orgasmo com uma concussão, mas a única coisa em que consigo me concentrar é no que ele disse.

Também te odeio, baby.

Ele me pediu uma mentira. Mas nunca lhe pedi uma.

— Era... era uma verdade ou uma mentira? — pergunto baixinho, minha voz ainda rouca.

Ele olha para mim, jogando a camiseta para o lado e se levantando. Ainda assim, ele fica quieto ao vestir a bermuda, o que me faz sentir exposta de repente. Enrolo a toalha no corpo enquanto ele se endireita.

— Enzo? — insisto.

Quando seus olhos encontram os meus, meu peito cede. Não há emoção no seu rosto, como se o que acabamos de fazer não significasse nada.

Não significou nada.

Com um último olhar demorado, ele se vira, sai do cômodo sem dizer uma palavra e fecha a porta com cuidado.

Meu lábio treme, mas eu o prendo entre os dentes, me recusando a chorar por ele.

Construímos a nossa torre para o Céu, mas Deus está zangado de novo e, mais uma vez, estamos falando línguas diferentes.

22

Sawyer

Nada te faz sentir mais vivo do que estar preso no abraço frio do oceano.

Meus dentes batem enquanto me sento no chão de fundo arenoso, inclinando o queixo para a lua e permitindo que as pontas do meu cabelo sejam jogadas nas ondas.

— O que você está fazendo? — diz uma voz grave e severa atrás de mim.

Pulo, não esperando por ele. Depois de Enzo me deixar nua na cama ontem à noite, temos evitado um ao outro desde que acordamos esta manhã. Ou melhor, eu o evitei. Sempre que estamos no mesmo cômodo, ele me encara abertamente, mas fui muito covarde para conversar.

Ainda estou magoada e nem sequer tenho o direito de estar. Enzo devia me odiar. Só não quero que ele o faça.

— Tendo uma crise existencial — respondo de leve.

O sol se pôs, e só temos algumas horas antes que Sylvester nos tranque no quarto. Precisava aproveitar o tempo que me restava enquanto podia. Caminhei até o extremo oposto da ilha para fugir, mas ainda não senti nem um pouco mais perto da liberdade.

Encaro a grande bola no céu que controla o corpo de água em que estou me banhando.

Dane-se Poseidon, acho que há uma deusa lunar lá em cima que merece nossa adoração e nosso respeito em seu lugar.

— Você acredita em extraterrestres? — pergunto.

— Se você viu algumas das criaturas que vivem no oceano, não é muito difícil acreditar que existam em outros lugares também.

Sorrio.

— Você acha que eu ficaria mais feliz se vivesse em outro mundo?

A resposta dele não é imediata, mas para meu coração mesmo assim.

— Talvez. Mas eu não estaria.

Uma brisa suave toca minha pele gelada, provocando outro calafrio no meu corpo.

— Saia da água, Sawyer — exige ele.

Eu me viro para espiar por cima do ombro, reparando no top do biquíni verde pendurado na mão. Ainda estou com a parte de baixo, mas queria sentir a água na pele.

— O que me levará primeiro? Uma criatura marinha ou a hipotermia?

— Você fugiria de uma criatura do mar — afirma ele, seco.

Eu rio, voltando para a lua.

— Tem razão. Então será hipotermia.

— Isso também não vai acontecer. Não acho que esteja pronta para morrer.

Balanço a cabeça. Ele está errado, estou pronta. Venho sendo muito teimosa para desistir de fazer a coisa mais difícil que já tive que fazer. Viver.

— Nunca tive medo da morte, Enzo. Só tenho medo de viver e tudo ser em vão. — Uma lágrima escorrega do meu olho, apesar das minhas tentativas de segurá-la. — Passei tanto tempo fugindo que não lembro por que estou vivendo.

Outra vez, viro a cabeça por cima do ombro e olho para ele. Sua mandíbula está sombreada com uma barba, envelhecendo-o tão bem quanto o uísque.

— Você se lembra por que está vivendo?

Ele leva vários segundos para responder.

— Mesmo quando eu era uma criança e estava com raiva do mundo, sempre me disseram que desperdiçaria minha vida se a deixasse me dominar. Não me importava, é claro. E, até pouco tempo atrás, continuava pensando desse jeito. Não me importava com a vida quando me sentia tão inútil para aquela que deveria me amar acima de tudo. Depois você apareceu e roubou minha vida. Mas, de alguma forma, parece que a devolveu.

Com o coração na garganta, me viro para encará-lo por completo, tremendo na água escura. Ela mal cobre meu peito, mas parece que estou tão exposta como se estivesse diante dele.

— Não vejo como. Estou quebrada e destruo tudo o que toco.

Em silêncio, Enzo caminha na minha direção, primeiro os pés, depois as pernas sendo engolidas pelo abismo. Ele nem parece notar como a água está fria. Estremeço de novo quando se aproxima, embora não tenha nada a ver com a temperatura e tudo a ver com a besta que vem atrás de mim.

Enzo se agacha na minha frente com um olhar feroz no rosto. Estou tentada a esfregar os dedos nas linhas ásperas de sua testa só para ver se consigo suavizá-las.

Então, ele se inclina para perto, os lábios macios roçando meu queixo.

— Você sabe o que atrai um predador para sua presa, *amore mio*?

— O quê? — sussurro.

— Quando ela está machucada — murmura ele, colocando um beijo leve no meu queixo. — Adoro quando está machucada, baby, mas só quando sou eu quem causa sua dor.

Um gemido escapa quando seus dentes roçam onde seus lábios estiveram segundos antes.

— Você vai se curar, Sawyer. E enquanto estiver comigo, nunca mais vai precisar causar dor a mais ninguém. Mas quando estiver entre meus dentes, vou fazer você sangrar. Vou fazê-la sofrer.

Seus dedos roçam meu mamilo endurecido, e um suspiro sai da minha garganta.

— É aí que vai encontrar o significado da vida. E é aí que vai encontrar uma vida comigo que vale a pena viver.

— Por quê? — sussurro. — Você nem conseguia dizer que não me odiava.

— *Non ti odio*, Sawyer — diz ele, brusco. — Queria dizer que era verdade quando você perguntou, mas não podia mentir, então não disse nada. E toda vez que coloquei os olhos em você hoje, tudo o que podia pensar era que nunca odiei de verdade.

Ele se afasta o suficiente para ver meus olhos lacrimejarem.

— Escolha viver, *bella*. Me escolha.

Mordo o lábio, incapaz de dizer sim. Mas como poderia lhe dar esperança quando não faço ideia do que meu futuro me reserva?

Enzo me disse para parar de mentir, por isso não o faço. Em vez disso, me inclino para a frente e enrolo meus braços em volta do seu pescoço, tentando empurrá-lo para trás. Mas ele fica firme e, em vez disso, envolve os braços na minha cintura e me levanta da água fria.

Não estou pronta para me afastar dos sussurros da morte, mas algo no jeito que Enzo me segura é muito mais atraente.

Ele não sabe, mas neste exato momento, eu o escolho.

Enzo me deita na areia à beira da água, permitindo que as ondas toquem nossas pernas, apenas para recuar outra vez. Os tremores no meu corpo se espalham, e arrepios invadem minha pele toda.

Enzo começa a rastejar por cima de mim, mas eu o paro e troco de lugar, então ele está sentado na areia enquanto subo no seu colo. Estou muito vulnerável, e se não tiver uma aparência de controle, vou desmoronar.

Fico surpresa quando ele não discute e me deixa tirar sua camisa por cima da cabeça, e depois me ajuda a deslizar a bermuda.

A água gelada chega até nossas pernas, mas ele irradia calor e me puxa mais para o seu corpo.

Volto a envolver os braços no seu pescoço, mantendo contato visual com seus olhos incandescentes sob o luar. Seu rosto sempre tem uma expressão tão feroz, mas aqui, só aumenta sua selvageria.

Passo a língua nos meus lábios secos e sussurro:

— Deslize-o para o lado.

Entendendo meu pedido, suas mãos roçam minha barriga, me fazendo recuar quando a água gelada envolve nossas pernas, apenas aumentando a intensidade. Estou nervosa, mas estou viva, e isso já basta.

Seus dedos se movem para a parte de baixo do meu biquíni, deslizando pela lateral da minha coxa e fazendo outro arrepio descer em cascata pelo meu corpo. Seu dedo agarra a borda e puxa o tecido de lado, expondo minha boceta ao ar frio.

Mordendo o lábio, coloco a mão entre nós e agarro seu pau. Um assobio agudo atinge meus ouvidos, e aquele grunhido glorioso alcança seu rosto.

Enzo é mais bonito quando está mais primitivo.

Ele mergulha o queixo, inclinando-se para trás apenas o suficiente para dar espaço para cuspir bem na cabeça do pênis. Espalho a umidade na ponta.

Não perco mais tempo para deslizar a ponta pela minha entrada molhada, ganhando outro assobio antes de me sentar nele.

A tensão preenche seus músculos como o ar num balão, mas meu corpo parece ficar sem ossos. Não consigo encaixá-lo com facilidade, mas saúdo a dor.

— Isso dói? — resmunga ele, sabendo como é áspero.

Balanço a cabeça.

— Não o suficiente — esbravejo, me forçando a descer até envolvê-lo por completo, tremendo tanto com aquela sensação quanto com a água.

Minha cabeça recua, um gemido suave escorregando da minha garganta, espalhando-se ao nosso redor como um nevoeiro.

Sua mão livre desliza pela minha barriga e segura meu peito, apertando com firmeza. Começo a balançar os quadris, mudando a posição para meu clitóris esfregar bem na sua pélvis.

— Posso fazer doer — diz Enzo, uma promessa sombria colorindo sua voz grave.

— Você vai — digo, baixando a cabeça para encontrar seu olhar. — Mas só do jeito que eu quero.

Há uma contestação na ponta da sua língua, então rebolo mais meus quadris, e seus dentes apertam o lábio inferior em resposta, um grunhido profundo se formando no peito.

Cubro sua mão no meu peito com a minha e com a outra agarro sua nuca, guiando sua cabeça na minha direção, sem interromper nosso olhar.

Sua língua dispara, lambendo meu mamilo endurecido antes de chupá-lo.

Meus olhos tremulam e rebolo os quadris com mais vigor.

Incapaz de conter o sorriso perverso no meu rosto, me inclino até que meus lábios roçam sua orelha.

— Bom garoto — sussurro.

Na mesma hora, seus dentes mordem meu mamilo em resposta – bem a reação que eu esperava.

— Sim.

Inspiro bruscamente, a combinação aguda de dor e prazer se chocando em uma batalha por domínio no meu corpo.

Quase sem controle, Enzo rasga a parte de baixo do meu biquíni, as cordas não são páreo para sua urgência e se desfazem com facilidade. Jogando-o para o lado, suas duas mãos vão direto para minha bunda, deslizando sem delicadeza alguma até a junção das minhas coxas, me segurando com força e impulsionando meus quadris mais rápido.

Ele intercala lambidas para suavizar as mordidas no meu mamilo segundos antes de reviver a dor com os dentes.

Gemidos saem dos meus lábios, o prazer viciante crescendo profundamente no meu ventre. Estou perseguindo-o, desesperada para me agarrar a ele o máximo que puder, mas incapaz de ir com calma e saboreá-lo.

— Mais — imploro. — Mais dor.

Soltando meu bico abusado, Enzo agarra meu cabelo com força e se impulsiona até ficar de joelhos, e eu equilibrada em suas coxas. Sou forçada a colocar as duas mãos na areia que se afunda atrás de mim, os grãos puxados debaixo de mim enquanto a onda recua. Mal estou estável o suficiente para ficar no lugar quando ele começa suas estocadas.

Minha boca se abre com um gemido, concedendo-lhe acesso fácil para soltar meu cabelo, mas, em vez disso, ele prende o dedo nos meus dentes de baixo, segurando-me no lugar.

Meus olhos começam a perder o foco quando ele atinge um ponto específico dentro de mim. Mas nesse mesmo instante, um estalo agudo preenche o ar, seguido por uma queimadura ardente na minha bochecha.

— Olhos em mim, Sawyer — exige ele, ávido.

Tem um momento de choque em que ele me dá um tapa, mas meu corpo responde de uma forma carnal. Minhas costas se curvam e a felicidade se agrava. O grito que se segue nasce da pura gratificação.

Outra onda corre nos meus dedos, e eu os enrolo na areia. A água gelada e as conchas afiadas e quebradas que cravam na minha pele só

intensificam o momento.

Seu pau bate tão fundo, e sinto minha boceta encharcá-lo. Deliberadamente, fecho os olhos, sorrindo ao redor do dedo preso na minha boca enquanto ele me fode sem parar.

Na hora certa, ele dá outro tapa forte com a mão livre, desta vez ao lado do meu peito. Estremeço, extasiada com a sensação.

Porra, é tão bom, e estou tentada a fechar os olhos só para que ele nunca pare. Estou tão perto de explodir, e começo a encontrar cada um dos seus impulsos, querendo mais.

— Me diga a verdade, *bella*. Você acha que ainda vai sorrir quando a dor se tornar demais? — murmura ele, sombrio, seu tom cheio de desafio.

Em vez de responder, afundo meus dentes em seus dedos, transmitindo minha própria marca de dor e aceitando as consequências, com um grande sorriso no rosto.

Enzo tira os dedos da minha boca e agarra com força minhas bochechas, aproximando-me do seu rosto.

— Se queria que eu lhe fizesse sorrir, tudo o que precisava fazer era pedir.

Enzo agarra meus quadris e me ergue, um protesto logo se acumula na minha língua. Por alguns segundos, tenho medo de que ele pare. Mas então percebo como era estúpido temer tal coisa. Enzo nunca vai parar de me magoar.

Ele força meu corpo a virar, me colocando de volta em seu pau, mas desta vez, tenho uma visão completa do escuro oceano.

Tem uma concha cortando meu joelho na areia, mas é mais uma dor que saúdo.

— *Sorridi, piccola* — ordena ele, enganchando o dedo indicador e o do meio em cada lado da minha bochecha e puxando para trás com força suficiente para moldar minha coluna na sua frente.

Arquejo, a ação começa em desconforto e se transforma em algo mais agonizante. Ele os estica até sentir que cada dente da minha boca está em exibição.

E então reinicia os movimentos, me penetrando e usando minhas bochechas como vantagem para me manter no lugar.

Gemidos gargarejados são a única coisa que sou capaz de fazer enquanto Enzo arrasta os lábios pelo lado da minha têmpora. Meus olhos estão perdendo o foco, minha boceta pulsando de euforia enquanto ele me fode do melhor jeito possível. Sua proximidade por si só é inebriante, mas senti-lo usar meu corpo de uma maneira tão selvagem me faz vibrar de desejo.

— É um sorriso tão bonito, *bella* — ronrona ele.

Uma lágrima escorre do meu olho, bem onde está sua boca. Sua língua dispara, apanhando a gota.

— Qual é o problema? — zomba ele, puxando com mais força até eu gritar. — Isso dói?

Apesar de como meu rosto dói, sou consumida pelo orgasmo que cresce sem demora no meu ventre. Meus membros tremem com sua iminência, ansiosos para serem devastados por algo que não seja minha autoaversão.

Concordo com a cabeça, baba começando a passar pelos meus lábios e descendo pelo meu queixo. Os ruídos que se seguem são incontroláveis, o tom aumenta à medida que ele me aproxima.

— Limpe as mãos na água quando ela voltar, depois esfregue seu clitóris para mim. Quero vê-la gozar com um enorme sorriso no rosto.

Quase sem pensar, espero que a água fria suba nas minhas pernas para poder enxaguar a areia dos meus dedos, depois movo-os entre minhas coxas e acaricio meu clitóris, escorregando por estar tão encharcada. Mas sou implacável com meu objetivo, e logo estou chegando ao precipício.

— Assim mesmo, você adora ser uma boa garota para mim, não é, baby? — fala ele lentamente. — Assim como adora gozar no meu pau como uma putinha desesperada.

Fecho os olhos, sentindo outra lágrima escorrer quando o orgasmo me atinge. Minha mão no meu clitóris congela quando todos os músculos do meu corpo convulsionam, incapaz de me mover quando uma tempestade me percorre.

Eu grito, sentindo Enzo envolver um braço na minha barriga e me colocar contra ele. Perco toda a noção de tempo e espaço e sou transportada para uma dimensão diferente.

Um tsunami poderia nos varrer neste exato momento, e eu estaria a salvo da carnificina. Já não estou onde estava, só estou onde deveria estar.

Parece que os dias passam quando minha consciência se arrasta aos poucos, agarrando minha mão e me guiando de volta à terra.

Atrás de mim, Enzo está rolando os quadris com sensualidade, prolongando meu orgasmo, seus próprios músculos tensos.

Meus ossos são que nem geleia, mas num piscar de olhos meu corpo está hiperconsciente do dele. Enzo está tão perto de gozar, e seu ritmo aumenta de novo, sentindo minha ruína.

Com a pouca força que me resta, espero até que ele esteja bem no limite e depois me arranco de seu aperto, pegando-o de surpresa.

Eu me viro, agarro-o pela garganta e quase o jogo na areia.

Ele cai sem muito esforço, pego desprevenido, mas minha janela de tempo é minúscula.

Seus olhos cor de avelã estão arregalados enquanto me posiciono entre suas pernas abertas, agarrando seu pau encharcado e espiando-o por baixo dos meus cílios.

— Você estava tão perto de gozar, e não deixei, não foi? — A raiva brilha nos seus olhos e o canto dos meus lábios se curva. — Isso dói, baby?

Ele estala na minha direção, mas sou mais rápida, envolvendo minha boca na ponta do seu pau e chupando com força, provando a mim mesma. Seus dedos mergulham nos meus cachos, apertando-os com força, e coloco as mãos nos seus quadris, negando-lhe o controle.

— Porra, Sawyer, continue me testando. Seu sorriso só é bonito por causa desses dentes. Odiaria vê-la sem eles.

Sua ameaça aumenta meu sorriso, e o encaro com olhos arregalados e inocentes.

— Sou uma putinha desesperada e quero sentir você gozar na minha garganta.

Estou encarando dois poços de lava dourada derretida enquanto ele aperta a mão no meu cabelo, mantendo-me imóvel ao agarrar seu pau e deslizar a ponta pelos meus lábios.

— Boas putinhas pedem direitinho — murmura ele, mordendo o lábio quando estico a língua, levando-o a bater com seu pau.

Envolvo minha mão em seu pulso e inclino o queixo para trás o suficiente para resmungar:

— Nunca disse que era boa. Apenas que estava desesperada.

Então, começo a chupá-lo, apesar do aperto no meu cabelo. Ele geme alto, rosnando quando roço meus dentes em sua pele sensível, depois uso a língua para lamber a parte inferior de sua ponta.

Faço de tudo para lhe dar prazer, babando em seu abdômen enquanto chupo e o lambo com fervor.

Não demora muito até que o tenha perto do limite outra vez, seus músculos mais uma vez ficando tensos. Seu pau incha na minha boca, e ele começa a impulsionar os quadris, a ponta deslizando mais fundo na minha garganta com as estocadas.

— Porra, assim mesmo, baby. Chupa com força, *porra*, sim, sim, sim — ecoa ele. Sua cabeça vai para trás; apenas sua garganta forte está visível quando Enzo entra em erupção.

Ele grita, o queixo estalando de volta ao peito para que possa me ver engolir cada gota. Com a boca aberta e as sobrancelhas relaxadas, todo seu corpo vibra com a força, e parece que não consigo beber rápido o suficiente.

Por fim, ele me força a me afastar, ficando superestimulado.

— Jesus Cristo — ofega ele, me encarando com os olhos arregalados. Limpo a saliva no queixo.

Há uma intensidade irradiando dele, e está desencadeando minha típica vontade de fugir. Eu me levanto com as pernas trêmulas, e atesta dele se franze com sua confusão, acho que por sentir minha retirada. Enrolo, agarrando meu biquíni e colocando-o de volta. O tempo todo, seu olhar arde em mim.

— Vou escolher viver porque me recuso a morrer por Kevin. Mas a vida que escolhi para mim é algo que preciso enfrentar sozinha, Enzo.

Ele apenas me encara furioso, seu maxilar cerrado com tanta força que o músculo salta de sua bochecha.

Antes de perder a coragem, corro em direção ao farol, temendo o momento em que ficarei trancada no quarto com ele.

Eu lhe pedi para me machucar, mas parece que fiz um trabalho muito melhor.

23

Enzo

— Ela está bem? — pergunta Sylvester atrás de mim, fazendo com que meus músculos se contraiam ainda mais.

A única resposta de que sou capaz de lhe dar é um grunhido.

Ele murmura algo, mas não consigo ouvir e, para ser sincero, não dou a mínima.

Não dormi ontem à noite depois de Sawyer me deixar na praia. Acho que ela também não, mas nenhum de nós estava disposto a quebrar o silêncio.

Eu a conheço há pouco mais de seis semanas, e ela já me fez cair a seus malditos pés.

Me escolha.

Em vez disso, usou o sexo para me distrair e depois escolheu uma vida de sofrimento em vez de uma comigo.

— Sobrou algum uísque?

Sylvester grunhe ao caminhar até o armário.

— Você está tão nervoso por causa de uma batida na cabeça? Ela vai ficar bem, filho.

Cada palavra que sai da sua boca me irrita, mas fico calado já que ele me entrega a bebida.

Engulo de uma só vez, estendendo o copo enquanto ele me serve outros três dedos sem dizer mais nada. Desta vez, tomo um gole, apreciando as notas de bordo que queimam pela minha garganta.

— Deixe-me lhe dizer, mulheres assim não aparecem com frequência — comenta ele tentando começar uma conversa.

— Nem me fale — resmungo. Não são todos os dias que você conhece uma garota que lhe atrai entre suas coxas e se vira e rouba sua maldita identidade no dia seguinte. Nem são todos os dias que a mesma garota lhe arrasta por mais de um quilômetro e meio pelo oceano para um lugar seguro.

Ela é um relâmpago ambulante. Bonita e destruidora.

— E quero que saiba que, se ela decidir ficar, vou garantir que esteja bem-cuidada.

Ele podia ter jogado um balde de água gelada na minha cabeça. Minha coluna se endireita, e coloco o copo na mesa para não o quebrar.

— Por que ela ficaria? — pergunto devagar, virando-me para dar a Sylvester toda minha atenção. Ele está me encarando com um semblante estranho no rosto. Está suavizado, mas consigo ver a verdade nos seus olhos. Ele está empolgado.

— É óbvio que ela não tem lugar fora daqui, não concorda?

— Não — retruco.

Ele encolhe os ombros, sem se importar se concordo ou não.

— Talvez seja porque queira ficar com ela. Mas mulheres assim não querem ser mantidas.

— Não é isso que você quer? — contesto, arqueando uma sobrancelha. — Mantê-la aqui?

Algo passa em seus olhos, uma emoção que some antes que possa entendê-la.

Ele sorri, revelando dentes escurecidos.

— Não faz sentido manter algo que permaneça de bom grado. Não gosto de possuir coisas, a menos que seja necessário.

Minha testa se franze.

— Acho que não gosto do que está insinuando.

Ele encolhe os ombros de novo.

— Isso é porque não gosta que ela possa mesmo me escolher em vez de você.

Que porra é essa?

Uma fúria está crescendo no meu peito, mas em vez de soltá-la, pego minha bebida e tomo outro gole, encarando-o por cima da borda do copo. Ele está contando com minha raiva, consigo ver a expectativa fazendo-o enrugar os olhos. Ele quer que eu enlouqueça, então tem a desculpa para me expulsar.

— Acho que vamos ver — murmuro, encarando-o enquanto termino a bebida. — Quer que eu fale bem de você quando estiver na cama com ela esta noite?

Suas feições afrouxam e seu queixo cai, ele me encara com um olhar tão gelado que queima. Não é o tipo de frio que congela suas entranhas, é o tipo que as escurece.

— Não seja inapropriado, filho — adverte ele. — Você deveria aprender a respeitar os outros. Não me admira que ela fuja de você.

Aceno com a cabeça, um leve sorriso se libertando. Não é sempre que sinto vontade de sorrir. Mas nas raras ocasiões em que o faço, é porque um

certo tipo de loucura está sendo desencadeada.

— Sei como pegá-la — falo lentamente, então espio sua perna de madeira. — Não posso dizer que demoraria muito para ficar longe de você, *stronzo*.

Apesar do que muitos acreditariam, não sou de lutar. A maioria não é estúpida o suficiente para me empurrar a esse ponto, e nunca me importei o suficiente para ficar tão irritado. No entanto, neste exato momento, estou imaginando as diferentes maneiras que poderia fazer Sylvester gritar como o porco que é.

E por mais que queira, sei que é melhor não arriscar ser expulso mais do que já fiz. Preciso de Sawyer em algum lugar quente e seguro; este lugar só é seguro enquanto eu estiver por perto. De jeito nenhum a deixarei sozinha neste farol com um tarado solitário. Sei que o pervertido se masturba só de pensar nela, e se ouvir ou ver isso, eu mesmo vou remover o apêndice inútil.

Afasto-me do balcão e passo por ele, encarando sua estatura muito mais baixa à medida que caminho. Ele fica quieto, até mesmo enquanto subo os degraus.

Mas acabo escutando suas palavras murmuradas ao chegar ao topo.

Você ainda não conseguiu.

*

Sawyer está com uma camiseta e a parte de baixo do biquíni quando entro no quarto, em posição fetal de costas para mim.

Tomando cuidado para não acordar, pego o livro do farol caído ao acaso no chão. Ela lê todas as noites antes de ir para a cama, e todas as manhãs, quando desaparece para sua caverna, faço o mesmo.

Estamos ambos decididos a encontrar o sinal luminoso. Acho que ela não confia em Sylvester mais do que eu. Há algo de errado com ele e este farol em ruínas. Muitas pessoas morreram aqui, e o denominador comum para esses eventos trágicos parece ser Sylvester. E estou menos propenso a acreditar que é apenas falta de sorte.

Agora que ele se interessou por Sawyer, estou ainda mais determinado a tirá-la desta maldita ilha.

Assim que me sento na beira da cama para ler, a voz suave de Sawyer se eleva.

— Tinha um barco ontem à noite.

Minha cabeça estala para Sawyer tão rápido que podia quebrá-la.

— Como é que é?

— Estava muito nebuloso para nos verem. Mas os navios vêm aqui mais vezes do que ele sugeriu, e acho que se encontrarmos a luz, podemos descobrir uma maneira de chamar a atenção deles da próxima vez. Pelo menos, tenho certeza de que tem pessoas te procurando. Talvez possamos tentar falar com alguém para resgatá-lo.

Minhas sobrancelhas se franzem e a encaro enquanto processo o que Sawyer acabou de dizer. Ela está com o olhar vidrado na parede de pedra, e parece que está enxergando a verdadeira Sawyer. Aquela que não é tão esperta como gostaria que as pessoas acreditassem.

— Eu? — repito. — Você quer dizer *nós*?

Seus lábios se contraem.

— Acho que vou ficar aqui — diz ela. — Sei que me pediu para escolhê-lo, mas escolhê-lo significa arrastá-lo para a bagunça que criei. Se eu ficar, não precisarei mais roubar de ninguém. Não vou precisar continuar fugindo.

Estou balançando a cabeça antes que ela termine a primeira frase.

— De jeito nenhum — rosno, levantando-me. Há uma energia inquieta zumbindo nos meus ossos. Meus punhos se apertam e se soltam, uma tentativa inútil de diminuir a maneira como meu corpo está começando a vibrar.

Ela não se mexe. Não olha para mim. Ela parece cansada neste momento, e eu sei... sei que tem tudo a ver comigo desta vez.

— Você quer ficar comigo porque me odeia. Eu entendo — acrescenta ela, calma. Sem emoção. — Quer me punir porque eu o lembro sua mãe. Mas, por favor, me dê isso. Me dê minha liberdade.

— Isso não é liberdade — argumento. — Aqui também é uma prisão e uma que poderia matá-la.

Ela encolhe os ombros.

— E daí se me matar?

Fico furioso, minha fúria fica cada vez maior.

— Não faça isso. Não desista de repente quando...

— Já não te disse isso? Sou uma covarde e fujo. Se você se importa comigo, Enzo, me deixe ficar aqui. Ao me levar de volta a Port Valen... você está me pedindo para ir para uma prisão de verdade ou para continuar roubando.

Vou cuidar de você.

As palavras estão na ponta da língua, mas não consigo pronunciá-las. Mal nos conhecemos, e passamos a maior parte do tempo juntos fodendo, brigando ou apenas tentando sobreviver. Temos pouca confiança um no outro e, puta merda, ela é uma maldita fugitiva. Não vejo como teríamos um futuro.

No entanto, a ideia de deixá-la para trás é suficiente para me fazer ter um ataque de raiva. A ideia de voltar para Port Valen sozinho... sem ela — é inimaginável.

— E de todo jeito — continua Sawyer antes que eu possa responder, fingindo uma leveza em seu tom que sei que ela não sente. — Acho que Sylvester quer que eu fique.

— Porque ele é um maldito *tarado* — esbravejo.

— Ele é — concorda ela, acenando com a cabeça.

E é só isso. É tudo o que ela tem a dizer.

Balanço a cabeça, surpreso por ela não ter medo dele como deveria.

É quando seu olhar, por fim, se vira para mim. Ela força um sorriso — um sorriso fraco —, na tentativa de me apaziguar.

— Não se preocupe, estou acostumada a viver com um tarado. Sei como lidar com eles.

— Esse é o problema, *bella* — digo, cedendo aos meus instintos básicos e subindo na cama ao seu lado. Seus olhos se arregalam nos cantos, mas isso só me faz querer chegar mais perto. Eu me deito ao seu lado, e mesmo que uma grande parte de mim esteja com raiva dela, há uma parte ainda maior que não pode deixá-la ir. — Você nunca deveria ter sido colocada nessa posição, e com certeza nunca deveria ter se acostumado com alguém tão vil.

Ela pisca, os olhos vidrados. Inclinando o queixo para baixo, ela murmura:

— O que espera que eu faça? Não tenho outra escolha.

Fecho os olhos e, embora esteja cedendo a ela, não me incomoda tanto quanto pensei.

— Vou protegê-la, Sawyer — garanto. Seus olhos voltam para os meus, mais uma vez se arregalando de surpresa. — Não concordo com a forma como vive sua vida, mas isso não significa que não entenda. Não é uma covarde. Você tem lutado sua vida inteira e merece descanso.

Seu lábio inferior treme e ela o captura entre os dentes brancos e bonitos. Mais uma vez, sou atingido pelo desejo de prová-los. Não é apenas um desejo, é uma *necessidade*.

— Você não pode deixar que me encontrem — sussurra ela.

— O único que alguma vez vai encontrá-la sou eu, Sawyer. Pode se esconder de todos os outros, mas não pode se esconder de mim.

Ela me encara perplexa, lutando para aceitar o que estou dizendo. Também tenho dificuldade em aceitar, mas parece certo. Mesmo que Sawyer tenha feito algo errado, nunca provocou uma sensação ruim em mim.

— Por que você me ajudaria?

É perigoso tocá-la, mas não consigo me conter. Tiro algumas mechas cacheadas soltas em seu rosto, colocando-as atrás da sua orelha. Ela estremece sob meu toque, apenas encorajando o desejo correndo pelas minhas veias. Não é suficiente – nunca é, mas é tudo o que posso dar agora.

— Porque sinto muito por você, Sawyer.

Eu me permito provar um pouco e me inclino até que seu cheiro me envolva. Ela cheira a mar salgado e algo doce. Um pequeno suspiro toca meus lábios, e sei o que ela está pensando.

Movendo minha mão para sua nuca, agarro-a com força para mantê-la no lugar, embora ela tenha ficado imóvel de qualquer maneira.

— Não se mexa — aviso, uma exalação trêmula é sua única resposta.

Minha boca roça a dela, e com a língua dou uma lambida no arco do seu lábio superior, quase gemendo com o gosto de menta em seu hálito.

Movendo-me para o lado da sua boca, dou um beijo gentil no canto e depois outro na bochecha.

— É ódio? — resmunga ela, tremendo sob meu toque.

— Não odeio você.

Outro beijo.

— E você merece ter uma vida. Uma de verdade.

Beijo.

— Volte comigo, *bella*.

Beijo. Este é salgado pela única lágrima que escorregou de seu olho.

— É isso que você quer de verdade? — pergunta ela, com a voz rouca.

— O que vou fazer? Não tenho como me sustentar com...

— Você vai trabalhar para mim.

Ela recua, encarando-me com os olhos esbugalhados.

— De jeito nenhum. Não vou entrar na água com aquelas... aquelas *bestas*.

A risada estoura da minha garganta antes que possa sequer pensar em pará-la. Isso faz com que nós dois congelemos, mas, porra, se quebrarei as regras hoje à noite, posso muito bem quebrar todas.

Ela se levanta, os dedos alisando meus lábios com admiração.

— Faça isso de novo.

— De jeito nenhum — digo, embora o sorriso persistente se recuse a desaparecer por completo. Há um brilho em seus olhos, e é a primeira vez que o vejo desde que a conheci. Se eu não soubesse, diria que Sawyer está feliz agora. E a maneira que tanto faz meu peito apertar quanto me faz querer rir como um maníaco só para vê-los brilhar é preocupante, para dizer o mínimo.

— Apesar do que fiz com você no barco, não tenho interesse em transformá-la em comida de tubarão.

Com o lembrete, sua mão se afasta e uma sombra cobre seu rosto.

— Aquilo foi horrível mesmo.

— Foi — concordo, sentindo o arrependimento que jurei nunca sentir.

— A maioria diria que foi mais do que você merecia.

Ela levanta as sobrancelhas.

— Você diria?

Depois de uma pausa, admito:

— Sim. Você não merecia aquilo.

Os olhos dela se estreitam.

— Então diga que sente muito.

Meu olhar cai na sua boca aberta, aqueles lábios rosados cheios e lisos, antes de voltar a encarar aqueles orbes azul-bebê.

— Sinto muito — murmuro, deixando-a ver como estou sendo sincero. Porque *estou* arrependido. Eu lhe agredi, e ambos sabemos disso. Imagino que se minha mãe não tivesse ido embora, ela teria me deixado se soubesse que tratei uma mulher daquele jeito.

Ela me dá um grande e brilhante sorriso, como se fosse a luz do sol espreitando através de nuvens após uma enorme tempestade.

— Não perdoo você — ironiza ela, saindo às pressas do meu abraço e aproveitando-se do meu silêncio atordoado.

Então, Sawyer se afasta e esbarra na mesa redonda, encostando-se nela com os dedos entrelaçados. Há uma besta dentro de mim que está à beira de atacá-la e prendê-la embaixo de mim mais uma vez.

— Não até que se desculpe direito comigo — termina ela.

Minhas sobrancelhas se abaixam e eu me endireito, descansando de joelhos enquanto a encaro em silêncio, esperando que explique o que quer dizer.

— Você tem sido um grande e insuportável idiota comigo esse tempo todo. Sim, fiz merda, mas você é, tipo... muito mau, e feriu meus sentimentos mais do que eu gostaria de admitir.

Concordo com a cabeça devagar.

— Você tem razão.

Sentindo-se revigorada, ela continua:

— Se quer que eu fique com você, escolha você, então quero que se ajoelhe e peça desculpas por como tem me tratado. — Aponta para o chão como precaução extra.

Chupo o lábio inferior entre os dentes, prendo a pele e mordo com força. Um sentimento insidioso está surgindo no meu peito. É escuro e perverso, e me dá vontade de sorrir. Quero agarrá-la pelo pescoço e soltar cada um dos meus desejos mais sombrios na sua pele – com meus dentes, minhas mãos e meu pau.

Também é o orgulho, o desejo e a necessidade inflexível de lhe dar tudo o que ela quer.

Porque estou orgulhoso dela pra caralho por me fazer implorar por perdão.

Sawyer merece mais do que o que fiz com ela. Estamos ambos quebrados à nossa maneira, e em vez de ver isso e entendê-la, deixei que minha própria dor me controlasse. E tudo o que fez foi lhe causar dor.

Ainda estou negando meu próprio perdão pelo que ela fez. Roubar a vida de alguém para fazer o que quiser não é pouca coisa. E ainda há uma parte de mim que não confia nela – que se sente como o mesmo idiota que a levou para trás da cachoeira, apenas para ser roubado da coisa mais importante. Ela podia ter me metido em problemas sérios se fosse descuidada com minha identidade, o que, em última análise, podia ter fodido minha pesquisa e tudo aquilo pelo qual trabalhei tanto.

Então, embora não esteja cem por cento pronto para lhe dar essas coisas, isso não muda o que sinto por ela. Não muda que ela não mereça minha fúria nem minha crueldade.

Sempre vou querer lhe causar dor, mas não fico satisfeito com sua miséria. Não, a única coisa que quero ver quando a tenho presa entre os dentes é aquele grande sorriso.

Em silêncio, levanto-me da cama e fico em pé, erguendo-me trinta centímetros acima dela, sua pequena estatura mal alcançando meu peito. Seus olhos estão arregalados, mas o desafio neles é inegável.

A tensão entre nós crepita, pequenos fogos de artifício detonando ao nosso redor quando paro diante dela.

Seus cachos loiros estão selvagens ao redor do seu rosto, caindo no peito arfante. Lembra-me de quando uma onda quebra e forma aquela onda perfeita pela qual os surfistas se esforçam. Há tantas dentro dos fios do seu cabelo, e quero mergulhar entre cada uma.

Ela está vibrando com a energia enquanto me aproximo sem pressa, mas minha pequena ladra se mantém firme, apenas inclinando o queixo para cima quando me aproximo.

Quando estou a um passo dela, caio de joelhos, meu sangue aquece quando seus lábios se partem, um suspiro quase inaudível escorregando deles.

— Sinto muito, *bella* — começo, mantendo a voz baixa e séria ao encará-la, prendendo seu olhar dentro do meu. Ela se ergue diante de mim, a coluna reta e os ombros para trás. — Tenho punido você por algo que não fez, algo além de roubar uma identidade. Tenho magoado você porque estou magoado, mas não foi você que me magoou. E nunca tive o direito de quebrá-la.

Ela me observa com atenção, separando todos os detalhes que compõem meu rosto. Meu cabelo cresceu e minha barba engrossou, mas será que ela consegue ver alguém diferente além da minha aparência?

Sawyer pode ver um homem apaixonado por uma pequena ladra? Ela pode ver que não quero, mas vou me submeter a isso de todo jeito? Assim como estou me submetendo a ela agora.

— Também não foi você que me quebrou — sussurra ela depois de um tempo, voltando aos meus olhos.

— Não, mas isso não me impediu de tentar.

Estendo o braço e agarro sua mão, extasiado por ser tão pequena em comparação à minha. Como ela é delicada e macia por fora, mas por dentro, ela é uma força da natureza.

Sawyer é tão resistente.

Ela é melhor do que eu — mais forte do que eu.

Quis pegar todos os seus pedaços quebrados e destruí-los — transformá-los em pó para que ela nunca mais pudesse estar inteira.

Agora percebo como fui tolo quando poderia pegar aqueles pedaços e dar-lhes um lar entre os meus.

— Você é boa o bastante, Sawyer. Não é nada como eu disse que era, e tudo o que disse que não era. Você é forte e corajosa e, acima de tudo, é admirável.

Seus olhos ficam vítreos, e ela vira o rosto, piscando várias vezes e colocando um dedo sob o olho.

— Será que dá pra não me fazer chorar agora, por favor? Estou tentando parecer durona.

O canto do meu lábio se curva. Ela também me faz sorrir, mas é algo que prefiro mostrar a ela do que contar.

— Você me perdoa, *bella*? — pergunto, meu tom baixo.

Ela se concentra em mim, os olhos não menos molhados.

— Não — declara ela, mas os cantos da sua boca se curvam, e há um brilho travesso girando nas profundezas de suas íris. — Quero que você beije meu dedo do pé favorito primeiro.

Ergo uma sobrancelha e ela levanta o pé esquerdo e aponta para o dedinho do pé.

— Beije-o, Enzo.

Lambo os lábios, curvo o lábio inferior entre os dentes enquanto volto a olhar para ela. Sua boca parte quando nota o calor nos meus olhos.

— Se venerá-la é o que pede, ficarei feliz em passar o resto da minha vida de joelhos — digo, minha voz baixou tanto que é quase irreconhecível.

Sua garganta se mexe ao tentar engolir em seco quando agarro seu delicado pé, trazendo-o aos meus lábios. Com gentileza, beijo seu dedo

mindinho, sentindo-a estremecer.

Então, substituo meus lábios pelos dentes, dando uma mordida leve e ganhando um suspiro. Sawyer me deixará de joelhos, e eu trarei a dor para ela.

Por precaução, beijo os outros quatro também, antes de endireitar minha coluna e encontrar seu olhar. Suas pupilas estão dilatadas, e seu peito se eleva quando ela solta o pé, tentando parecer calma.

Mas ainda consigo cheirar sua boceta, e como está molhada por mim.

— Ainda não te perdoei — diz ela baixinho.

Fico em silêncio, sentindo o desafio entrelaçado na sua declaração. Deveria saber que não seria tão fácil, e isso só me faz querer cavar meus joelhos ainda mais no chão e ficar neste lugar até que ela me permita ficar de pé.

— Gostaria que eu rastejasse até você, *bella*? — questiono, cascalho alinhando minha garganta. — Curvar-me aos seus pés e encontrar um lar abaixo de você? Ou gostaria de subir nas minhas costas, onde vou servi-la e levá-la a lugares a seu comando?

— Você faria isso? — retruca ela, levantando da mesa e circulando-me até ficar atrás de mim. Fico quieto, embora possa sentir cada movimento, cada respiração dela. — Você atenderia a todas as minhas necessidades, não importa o que eu peça?

— Você não vai precisar de nada, *amore mio*. *Ti darò tutto*.

Escuto sua respiração aguda, depois a sinto se aproximar, dobrando a cintura até que o calor se espalhe pelo meu ouvido. Meus punhos se curvam, apertando com força para diminuir a necessidade de agarrá-la pelos cabelos e jogá-la por cima do meu ombro para que possa mostrar como vou satisfazê-la direito.

— Bom garoto — sussurra ela, a voz abafada e provocadora.

Meu lábio inferior rola sob os dentes outra vez, e mordo com força enquanto meu pau engrossa. Um grunhido se forma no fundo do meu peito, mas ela sabe que não vou soltá-lo. Não até ela me pedir.

Levantando-se, ela dá outra volta até estar diante de mim mais uma vez, e há suavidade ao redor dos cantos dos olhos. Ela está em paz, e eu não tinha percebido o quanto precisava ver isso.

— Isso significa que você vai ser gentil comigo agora? — pergunta ela, dando-me outro sorriso travesso.

Sinto meus lábios se contraírem de novo, mas consigo me conter. Planejo lhe dar tudo, mas não hoje.

— Nunca serei gentil com você, *bella ladra* — garanto, olhando para seu perfil. Seus mamilos estão duros por baixo da sua camiseta maltrapilha, e um rubor se forma em seu pescoço percorrendo até suas bochechas.

Suas coxas estão apertadas, como se isso fosse fazer com que sua boceta ficasse menos molhada.

— As freiras não lhe ensinaram boas maneiras?

— Elas não toleravam desrespeito. Mas eu não tolerava autoridade. Levou muitos anos para encontrarmos um meio termo com respeito mútuo.

— Até agora — corrige ela. — Agora eu tenho a autoridade.

Arqueio uma sobrancelha, mas admito.

— Você tem.

Ela se envaidece, e meu pau implora para ser libertado.

— Ainda acho estranho que as freiras tenham criado você — continua ela.

Dou de ombros, continuando de joelhos. Ela ainda não me pediu para me levantar.

— Não acredito em Deus, mas acredito que elas eram santas por me aturar.

Ela dá uma fungada.

— Bem, também não, mas se o Céu existir, elas sem dúvida ganharam seu lugar lidando com você. Você é uma pessoa naturalmente má.

O canto da minha boca se curva outra vez quando vejo como os olhos dela estão dilatados. Se eu me inclinar entre suas coxas, sei que a sentiria. Estou na altura perfeita para isso.

Mas ela está ferida e transar com ela ontem já foi forçar as coisas.

— Naturalmente — repito, seco.

Ela pigarreia, limpando as mãos na camiseta.

— Bem, esse pedido de desculpas foi muito amável da sua parte, Enzo — elogia ela. — Mas você pode, tipo, se levantar agora.

Está ficando mais difícil conter meu sorriso. Eu me levanto e Sawyer volta para a mesa, fazendo com que as pernas arranhem o chão de madeira. Ela olha para mim de cima a baixo, lembrando o quanto sou maior. Ela também vislumbra como estou duro, aprofundando aquele lindo rubor em suas bochechas rosadas.

— Vou buscar um pouco de água e depois... depois vou, tipo, dormir ou algo assim. Mas amanhã, quero procurar o sinal luminoso.

Abaixo o queixo.

— Para nós dois irmos embora — insisto, querendo ouvi-la concordar em voz alta.

Ela revira os lábios, balançando para a frente e para trás.

— Para nós dois — diz ela depois de um tempo.

Solto meu sorriso um pouco quando ela dá um passo para mim, quase esbarrando na mesa outra vez para passar. Ela podia ter ido para o outro lado

e ter muito espaço. Quer perceba ou não, gravita na minha direção, assim como eu.

Agarro-lhe o bíceps, parando-a. Um desejo visceral de tê-la quase me faz cair de joelhos, e sei que se sucumbir a isso, ela estará de pé acima de mim, sua boceta descansando nos meus lábios.

Senti-la tão perto, mas incapaz de comê-la, é como pedir a um predador que vire as costas para sua presa, faminto e desesperado por apenas um gostinho.

— Deite-se. Vou pegar água e remédio — ordeno, minha voz rouca e carnal. Olho para todo o seu corpo outra vez. — Seria bom colocar uma calça nesse meio tempo. Consigo sentir o cheiro da sua boceta daqui.

Seu queixo cai.

— Você vai dormir no chão esta noite.

Por ela, eu dormiria.

24

Sawyer

Dizem que nunca se deve dormir com concussões. É de conhecimento geral. Mas chego a um ponto em que não me importo se isso me faz ter morte cerebral, prefiro ser nocauteada a ouvir isso.

Tem alguém chorando no terceiro andar, bem acima de nós. Enzo diz que é o fantasma da filha de Sylvester, Trinity, que se enforcou do lado de fora da nossa janela.

Sylvester disse para ele que a filha chorava muito.

E os gritos dela estão me fazendo sentir enjoada de verdade. Estão abafados, mas soam estranhos. Quase como se ela quisesse gritar, mas não consegue.

Enzo se deita ao meu lado, rígido como uma tábua e olha para o teto. Estamos ambos de costas, bem acordados e perturbados.

— O que acha que é pior? Sofrimento na vida ou na morte? — pergunto, minha voz falha e irregular.

— Morte — responde ele, calmo. — Porque é eterna.

Eu me viro e olho para ele.

— Você acredita na vida após a morte? Deve acreditar, né? Já que foi criado por freiras.

Ele balança a cabeça.

— Acredito que nossas almas se movem para algum lugar desconhecido, ficam presas ou reencarnam em outro corpo. Nunca acreditei na mesma coisa que elas acreditavam. Elas esperavam que Deus curasse minhas feridas e me guiasse na vida. Achavam mesmo que eu me tornaria um padre e contaria às pessoas minha história e como a superei. Mas quanto mais eu lia a Bíblia, mais perdido eu ficava.

Rolo de lado para encará-lo e coloco as mãos debaixo da cabeça. Ele suspira, sentindo o ataque de perguntas, mas não fico intimidada.

— Como foi sua infância?

— Não é uma história interessante, *bella*.

— É interessante para mim — argumento. — Me conte.

Enzo franze a testa, me fazendo pensar se já deixou alguém se aproximar. Ele mantém as pessoas à distância, com medo que o magoem. E o fato de que o *magoei* me dá vontade de me esfaquear no olho.

— Depois que *mia madre* me deixou nos degraus, fui levado para o *Istituto Sacro Cuore*, onde fui criado e frequentei a escola. Todos os dias eram pré-agendados. Acordava às sete da manhã para as orações. Tomava o café da manhã às oito e depois começava a estudar às oito e meia. Depois, jantava e tinha uma hora para rezar antes de dormir. Só para fazer tudo de novo no dia seguinte.

Há um baque de cima, me fazendo pular e meu coração voar na garganta. Trinity ainda está chorando, e parece que está começando a ficar zangada.

— E seu pai? Ele não se importou que ela o abandonou? — indago hesitante, nervosa que a pergunta o irrite.

— Ele morreu quando ela estava grávida. Ele era um pescador. Ele e sua equipe foram pegos por uma tempestade uma noite. As ondas ficaram tão altas que é um milagre o barco não ter afundado. Mas teve uma que jogou seis homens ao mar. Num segundo, desapareceram. *Mio padre* estava entre esses homens. Não deixei de perceber que quase morri da mesma maneira.

— Sinto muito — sussurro.

— Não sinta. Nunca o conheci, mas pelo menos ele me deu meu amor pelo mar.

Aceno com a cabeça devagar.

— Você tinha algum amigo na escola, pelo menos?

Tem um leve sorriso em seu rosto.

— Sim. Havia alguns outros que não estavam muito interessados no estilo de vida.

— Vocês se meterem em muitos problemas, não foi? — deduzo, imaginando uma versão mais jovem de Enzo saindo à noite, bebendo licor direto da garrafa e entrando nas janelas dos quartos de meninas coradas.

A última parte me deixa com um pouco de ciúme, mas não tenho certeza se é porque não o conheci naquela época e ele não estava entrando pela *minha* janela, ou se é porque nunca pude experimentar coisas assim ao crescer.

Kevin nunca me permitiu ter amigos. Ele nunca me deixou viver.

— Sim — diz ele. — Mas, não tanto quanto eu queria.

— Parece banal.

Ele cantarola, um som profundo e estrondoso de diversão.

— Foi, e foi bem por causa disso que me comportei mal. Tudo é pecado no catolicismo. Eu era reprimido sexualmente, mas considerando que

me recusava a me conformar, com certeza também não permitiria que eles tivessem prazer comigo. Me confessei mais vezes do que podia contar. Pedi perdão, mas nunca o quis de verdade.

Eu bufo.

— Aposto que as freiras te amavam — provoco.

— Elas me odiavam — diz ele com alegria. — A maioria, pelo menos.

— Qual delas te criou? Ou todas?

— Todas desempenharam um papel, mas a *suor Caterina* foi quem me criou em especial.

— Tinha um bom relacionamento com ela?

— Ela fez o melhor que pôde com uma criança que não queria estar lá e deixou isso bem claro. Era boa para mim, mas distante. Queria que eu me tornasse algo que eu não era, que acreditasse em alguém que não conseguia entender. Eu a frustrei, e ela... não era minha mãe.

A tristeza puxa os cantos da minha boca para baixo, imaginando uma versão mais jovem de Enzo. Perdido, triste e zangado porque não conseguia entender por que estava lá. Não conseguia entender por que ele não era bom o suficiente para a mãe.

Ele nunca foi criado em um ambiente que lhe mostrasse amor e carinho incondicionais, então o buraco em seu peito só se aprofundou.

— Você se sentiu como um fardo — suponho.

— Eu não sabia como ser outra coisa — afirma ele, sem rodeios.

Isso é um soco no peito. Mordo o lábio e estico o braço, deslizando os dedos nos dele e apertando com força. Sua mão é muito maior que a minha, e eu gostaria de poder segurá-la para sempre.

Tanto, que quero lhe mostrar o carinho e o amor que ele merecia. Que ele *merece*.

Mas não quero magoá-lo ainda mais e lhe dar algo que não sei se ele pode ter para sempre.

Ele não aperta de volta, mas não me rejeita, e isso é o suficiente.

— Você alguma vez foi feliz?

— Não — murmura ele. — Não até eu me mudar para a Austrália. Quando aprendi sobre tubarões-brancos, na mesma hora fiquei empolgado por eles, até mesmo obcecado. *Suor Caterina* sabia que nunca me daria a Deus, então ela me deu o dinheiro que podia dar, me ajudou a conseguir um visto e me enviou para a Austrália quase um mês depois do meu décimo oitavo aniversário. Foi a única vez que senti que ela se importava comigo de verdade. Arranjei um emprego numa loja de pesca, paguei pela universidade e trabalhei muito. Foi... foi aí quando estive mais feliz. Quebrado, sozinho, mas no oceano, fazendo o que eu amava.

Depois de um tempo, ele olha para mim, mas sua expressão está bloqueada. É só agora que percebo que o choro de cima parou, substituído por um silêncio tenso. Fico nervosa, mas com Enzo ao meu lado, nunca me senti tão segura.

— Alguma vez você foi feliz? — indaga ele, devolvendo a pergunta.

Pressiono os lábios, contemplando.

— Quando eu era mais nova, sim. Antes de Kevin mudar. A gente costumava se divertir brincando juntos. Naquela época, ele era bom para mim, e meus pais não estavam decepcionados comigo.

— Por que eles ficaram decepcionados?

— Eu não era ele — digo, amargura vazando no meu tom. — Assim que ele começou a abusar de mim, fiquei retraída. Fui rebelde, enquanto ele era o anjo perfeito. Eles queriam a doce menina de volta, mas não ouviram quando eu disse que o doce menino deles foi quem me quebrou.

Não consigo ver seus olhos, mas consigo sentir a raiva que emana dele.

— Quando eles morreram, quase fiquei feliz — admito. — Porque, pelo menos, não precisava mais convencê-los de que não era mais uma mentirosa. Engraçado, foi isso que me tornei quando por fim me afastei dele.

— No entanto, ele ainda assombra você.

Aceno com a cabeça.

— Assim como sua mãe lhe assombra.

Uma covinha na lateral da sua bochecha aparece.

— Então talvez pudéssemos mostrar um ao outro como nos libertar, né?

Mordo o lábio, uma onda de emoção subindo pela garganta. Ainda estou aterrorizada, ainda convencida de que não há como Enzo me tirar das mãos de Kevin, mas quero deixá-lo tentar, mesmo que seja egoísta.

— Sim — murmuro, minha voz rouca de lágrimas não derramadas.

Ele está encarando o teto de novo.

— Comece me dizendo as coisas que te fazem feliz agora.

Sorrio de leve.

— Suzy Senil me faz feliz. É uma velha van da Volkswagen que comprei quando cheguei a Port Valen. Deixei-a no acampamento de *Valen's Bend*, e acho que não vai estar lá quando eu voltar. — Isso dói um pouco, então continuo: — Simon também me faz feliz. Foi ele que fez a tatuagem na minha coxa. Mal o conheço, mas ele é o primeiro amigo que já tive.

Ele fica quieto por um tempo, depois diz:

— Eles estarão lá esperando por você — garante ele. — Vou me certificar disso.

As lágrimas ameaçam transbordar, então encontro outra coisa para dizer antes deles.

— Ei, Enzo?

— Humm?

— Fico feliz que tenha encontrado a paz. Pelo menos até me conhecer — digo, terminando com um bufo sarcástico.

Há uma breve pausa antes que ele solte a risada mais suave, fazendo meu estômago dar cambalhotas.

— Tem razão. Você trouxe o caos para minha vida.

E então, por fim, ele fecha a mão em volta da minha, apertando-a.

— Gosto disso, *bella*.

25

Sawyer

— Pare de me dar cotoveladas, seu grande imbecil! — sussurro.

— Então se mexa — rosna ele. — Para uma coisinha minúscula, você ocupa muito espaço.

— *Moi?* — pergunto, horrorizada, com a mão no peito. — Você viu a circunferência de um dos seus braços? É preocupante, sério. Você provavelmente precisa consultar um médico.

— Não sou eu quem precisa de um médico. Talvez devesse ir se deitar. Você ainda tem uma concussão e é óbvio que está afetando seu cérebro.

Estreito os olhos, bufando de irritação.

— Você é impossível — resmungo.

Qualquer trégua estranha que Enzo e eu tenhamos acordado está indo pelos ares agora. Ele é tão... frustrante. Acha sempre que tem razão. Um sabe-tudo, também. E está sempre me olhando como se não soubesse se quer transformar-se num tubarão e me comer ou não. E *eu* não sei dizer se isso é atraente ou não.

Para ser sincera, tanto faz se ele se transformar. Acho que estaria nos fazendo um favor neste momento.

Estamos procurando a luz do farol e encontramos um pequeno armário escondido do outro lado do corredor. Pensei que talvez houvesse uma porta aqui, mas não consigo ver nada perto do gigante que ocupa todo o espaço.

— Se *mexa* — murmuro, dando uma cotovelada em Enzo enquanto procuro atrás de uma prateleira cheia de... latas de feijão. Muitas latas de feijão.

— Olha, os deuses do feijão te abençoaram — murmura ele, com sarcasmo na voz.

— Cale a boca — resmungo. Recuo com outra expiração severa. — Não há nada aqui mesmo.

Vou passar por ele e, embora seja algo que faço sem dúvida, também consigo esfregar meu traseiro no seu pau. Suas mãos voam até meus

quadris, agarrando-os com força e me mantendo refém.

Minha respiração para e meu coração dispara para minha garganta.

— Cuidado, *bella* — adverte ele, sombrio. — Você pode não ter me perdoado ainda, mas tenho muitos métodos para pedir perdão.

A única resposta que sou capaz é um chiado embaraçoso. Ele me aperta com mais força.

— Posso me ajoelhar de novo e mostrar uma bênção de um tipo diferente de deus — ronrona ele, seu sotaque ficando mais forte e fazendo as palavras parecerem mais sombrias.

Isso. É. *Illegal*.

O oxigênio sumiu dos meus pulmões, e não consigo respirar. Eu me mexo para fora do seu abraço, lançando um olhar atrevido por cima do ombro. Ou pelo menos tento. Estou muito distraída com a pulsação intensa entre as pernas.

— Você prefere fazer uma concussão tentando me foder aqui em vez de me fazer gozar de verdade.

Sua coluna se endireita e o olhar em seu rosto se solidifica em mármore.

Ah, merda.

Saio do armário antes que ele consiga cumprir o desafio. Não posso deixar que Enzo e seu pau me distraiam. A energia neste farol decrepito está decaindo tão depressa quanto sua estrutura.

Sylvester e Enzo se odeiam – não que se importassem um com o outro no começo – e quando Enzo não está por perto, Sylvester fala comigo como se eu tivesse concordado em ficar.

Só decidi partir ontem à noite, mas não encontro palavras para lhe dizer isso. Tenho medo do que acontecerá quando o fizer. Então, à maneira de Sawyer Bennett, mantenho a boca fechada e deixo-o sonhar. Mesmo que esses sonhos sejam um pesadelo.

Sei que Enzo percebeu a obsessão cada vez maior de Sylvester, mas não lhe disse o quanto piorou. Ambos têm temperamento, e não quero que nada ponha em risco nossa oportunidade de encontrar o sinal luminoso e, por sua vez, por sorte, conseguir uma passagem só de ida para fora da ilha.

Ignorando o olhar ardente de Enzo do armário, examino o corredor curto. E então paro, tendo uma ideia que não tinha considerado antes.

— E se a entrada não for no segundo andar? — pergunto para mim mesma em voz alta. Então, me viro para Enzo. Ele olha para mim com uma testa franzida, esperando que eu continue.

— Presumi que a entrada seria aqui em cima porque isso é lógico, né? Você chega ao terceiro andar no segundo... Mas e se for no piso inferior e levar até o topo?

Ele inclina o rosto, considerando aquilo. Depois de um momento, ele pressiona os lábios e concorda com a cabeça, caminhando em minha direção e tocando de leve meu queixo com os nós dos dedos ao passar.

— Bem pensado, *bella* — elogia ele, um brilho diabólico nos olhos. Como se atendesse a um chamado de acasalamento, meu clitóris pulsa e a excitação se acumula entre minhas coxas.

Só precisa disso.

— Sylvester ainda está lá embaixo. Vamos precisar esperar até que ele saia — continua Enzo como se não estivesse a dois segundos de olhar para o centro das minhas pernas abertas.

— Vamos ter uma tempestade hoje, e é bem capaz de termos outra amanhã. Como vamos tirá-lo de lá? — questiono, certificando-me de manter minha voz baixa.

Ele balança a cabeça.

— Ainda não descobri isso. Mas vamos encontrar aquela maldita luz.

Mordiscando meus lábios, aceno com a cabeça e olho para os degraus que levam ao andar de baixo.

— Até lá, preciso ser gentil com ele.

Ele me dá um olhar azedo, como se eu tivesse enfiado um limão na sua garganta. Não muito longe do seu estado natural. Enzo tem um caso grave de sempre estar com de cara emburrada.

— Isso só o encorajaria.

— Sim, o encorajaria a confiar em pelo menos um de nós — argumento. — Se ele acredita que posso ficar com ele, é mais provável que me dê espaço. Mas se pensar que não vou, ele não vai me deixar em paz.

— Não vou deixá-la sozinha...

— Vai, porque te pedi — interrompo. — Acredite ou não, não cheguei até aqui porque sou incapaz, e ele não é o primeiro homem esquisito com quem lidei.

Ele me observa com atenção, uma emoção indecifrável no olhar.

— Confio que saiba cuidar de si mesma, Sawyer. Mas no momento em que ele for longe demais ou eu sentir que você está em perigo de qualquer maneira, não mais. Vou intervir e mato o homem. Então, não vamos mais precisar nos esgueirar pelos cantos.

Meu queixo cai em choque e meus olhos ficam arregalados.

Ele está falando sério. Muito sério.

Com um último olhar ardente, ele adverte:

— Estarei no quarto.

Ficou quente aqui? Começo a suar, pequenas gotas se formando ao longo da minha testa.

Tentando encolher os ombros, digo:

— Beleza, cara.

E então vou em direção aos degraus, precisando de ar tanto quanto preciso de Jesus na minha vida.

*

Meu Deus, isto é tão desconfortável.

Quando desci e perguntei a Sylvester se ele queria ver televisão, esperava poder me distrair com uma novela, considerando que é tudo o que Sylvester parece ver.

Mas a tempestade lá fora já começou a aumentar, e não temos nenhum sinal. Então, agora estamos sentados no sofá, observando o fogo crepitante enquanto ambos tentamos manter uma conversa.

Ele está enferrujado, eu entendo. Mas acho que prefiro enfiar o dedo na garganta e vomitar por diversão a esta altura.

— Você ouviu os fantasmas de novo ontem à noite? — pergunto quando outro tópico se dissipa.

— Nada — resmunga ele, acenando com a mão. — Já me acostumei com os barulhos. Durmo como um bebê.

— Parecia que algo estava arranhando o chão em cima da gente — continuo. — Como se estivessem tentando fugir ou algo assim.

Seu olhar escurece por um segundo. Apesar de Sylvester ser tolerante com os fantasmas, não gosta de falar deles. Talvez porque os espíritos que vivem aqui são por sua culpa.

— Desculpe por isso — murmura ele. — Acho que não vai ser um problema muito grande para você depois de algum tempo.

— Acha que vou me acostumar com eles?

— Algo assim. Acho que estão apenas inquietos. Vou cuidar deles, não se preocupe — assegura ele, dando um tapinha no meu joelho. Tento não ficar tensa com o peso da palma calejada, mas é quase impossível. Parece que insetos viscosos estão subindo pelo meu corpo.

— Relaxe. — Ele gargalha. — Não precisa ter medo de mim. Não vou lhe machucar.

Forço uma risada, mesmo assim deslizo meu joelho para longe de sua mão.

Posso estar tentando ser simpática, mas isso não significa que o deixe me tocar. Sylvester é do tipo de abusar da sorte. Ele vai continuar a me tocar até

eu lhe dizer para não o fazer e, até mesmo depois, vai pressionar um pouco mais.

Enzo lhe disse para tirar as mãos de mim antes, mas ele ainda persiste.

— Por que você fez uma tatuagem dessas? — pergunta ele, apontando para as três palavras que Simon colocou na minha pele. *Vá se foder*.

Olho para baixo e, sem perceber, um sorriso se forma no meu rosto enquanto roço os dedos na tinta preta. Sinto falta dele. Talvez mais do que senti falta de alguém.

Só o vi duas vezes, mas foi meu primeiro amigo de verdade. Meu *único* amigo.

Meu sorriso vira uma careta. Ele provavelmente pensa que desapareci de bom grado. E tenho certeza de que ele entenderia, mas e se eu nunca mais o vir? E se, quando voltar, ele tiver desaparecido?

Simon me disse uma vez: ele é uma alma errante. Não fica num lugar por muito tempo como eu. A ideia de nunca mais o ver é suficiente para fazer meus olhos arderem.

— Meu amigo fez pra mim — respondo sem entrar em detalhes.

Ele bufa, parecendo indiferente.

— Bem, eu gostaria de lhe fazer uma pergunta — começa Sylvester, se mexendo sem jeito. Meu coração dispara, já sabendo onde isso vai dar.

Pigarreio, minhas mãos ficando inquietas quando não lhes dou permissão. Elas se movem do meu cabelo para minha camisa, depois voltam para meu cabelo e, de alguma forma, param no meu lábio inferior.

— O que foi? — digo em uma voz estridente. Sou tão ruim em lidar com situações embaraçosas.

— Queria convidá-la formalmente pra ficar aqui. — Depois de uma pausa estranha, ele continua: — Comigo.

Acho que pigarreio de novo, mas não tenho certeza com o som do meu coração batendo. Nem sei por que estou tão nervosa. Tudo o que preciso dizer é: não, obrigada.

— Uau — ofego. — Isso é tão generoso da sua parte.

Ele acena com a cabeça, como se já soubesse disso.

— É só que acho que seria melhor se eu voltasse para casa e, humm, resolvesse meus problemas — termino com uma risada tensa.

Ele franze a testa e alisa a barba espessa.

— Não acho que isso seja muito inteligente. Parece que se meteu numa situação ruim. É melhor ficar aqui.

Ele dá um tapinha na minha coxa como se a decisão tivesse sido tomada e depois se levanta.

— Humm, bem, obrigada pela sugestão, mas vou embora — acrescento. Ele faz uma pausa, depois vira para mim. Preferia que ele aceitasse e

continuasse andando.

Ele suspira, pelo visto, se preparando para dar conselhos que mudarão a trajetória da minha vida para sempre.

— Esta é uma oportunidade única na vida de viver livre. Você nem vai mais precisar de dinheiro.

Para ser sincera, não faço ideia por que pensei que ficar aqui seria uma boa ideia. Pensar nisso agora me dá náuseas.

— Sim, agradeço por isso. Mas acho que vou ficar bem. — Tento suavizar o golpe com um sorriso, mas há uma escuridão emanando dele.

Os cabelos na minha nuca sobem e uma sensação aterrorizante invade qualquer paz frágil que Sylvester e eu tínhamos. A adrenalina se liberta aos poucos nas minhas veias, aumentando meu ritmo cardíaco enquanto Sylvester me encara.

— Direi a eles quem você é se for — ameaça ele, seu tom mais grave e severo.

Sinto o vinco entre minhas sobrancelhas se aprofundando enquanto o encaro perplexa. Minha boca se abre, depois fecha, sem saber o que dizer.

— Imagino que se as pessoas atrás de você forem tão poderosas quanto afirma, elas ficarão muito interessadas em saber seu paradeiro. Suspeito que esteja fugindo da lei e que nada os impeça de extraditar sua prisão.

Minha visão diminui até ser reduzida ao buraco de uma agulha, uma grande dose de pânico misturada com espanto.

— Por que faria isso?

— Quero que fique aqui. Eu poderia lhe dar uma vida confortável se me permitisse.

— Me chantageando? — exclamo, furiosa, qualquer nervosismo esquecido. Estou com muita raiva, e o que lhe deu a impressão de que não mordo quando me encurralam?

— Você sabe, qualquer outro fugitivo estaria ansioso por uma oportunidade como essa — esbraveja ele, evitando minha pergunta.

— Sim, como aqueles prisioneiros que você matou? — ironizo. — O que lhe faz pensar que sou uma fugitiva de qualquer maneira?

— Ah, por favor, posso estar velho e ser um pouco antiquado, mas não sou estúpido. Você espera que eu acredite que uma jovem como você não fez coisas ilegais para sobreviver?

Abro a boca para responder, mas ele continua:

— Se prostituir, sem dúvida. Talvez até roubar das pessoas. Seja como for, não está livre do pecado. E aposto que os policiais ficariam felizes em saber do seu paradeiro.

Por alguns segundos, a única coisa que sou capaz de fazer é ficar boquiaberta. Sabia que Sylvester não era tão amigável como fingia ser, mas

nunca pensei que levaria as coisas tão longe.

Meus instintos de luta ou fuga foram ativados, e estou me levantando, mesmo enquanto tento processar a situação. É óbvio que ele não vai me deixar ir. Eu me sinto tão estúpida por não ter visto as profundezas da sua solidão antes. O isolamento o enlouqueceu e ele ficou desesperado.

Mas embora eu fuja das coisas, de jeito nenhum sou um capacho. Sempre luto. Isso é algo que Kev aprendeu da maneira mais difícil, e algo que Sylvester também vai aprender.

— Você tem razão. Fiz coisas ruins para sobreviver, e sem dúvida não estou livre do pecado. Portanto, não se engane e pense que será uma exceção — rosno.

A expressão de Sylvester se torna muito intensa, meu único aviso antes que ele se levante e me dê um tapa no rosto com as costas de sua mão, sua força me fazendo cair no chão.

Ele aponta para mim e rosna:

— Essa é a última vez que vai me desrespeitar na minha própria casa.

Então, ele vai em direção à escada o mais rápido que a perna de madeira permite. Recuperando-me, leva um segundo até parar de ver estrelas, um ardor percorrendo minha bochecha e sangue se acumulando na minha boca. Aconteceram coisas terríveis comigo, mas nem Kev me bateu assim.

— O que está fazendo? — pergunto, em pânico enquanto ele sobe os degraus.

Levantando-me às pressas, vou atrás dele, chegando ao topo da escada quando Sylvester levanta a espingarda e aponta direto para Enzo, que está no meio do corredor, uma expressão feroz no rosto.

Em algum momento, ele deve ter agarrado a arma ao subir.

— Volte para seu quarto, filho — adverte Sylvester, seu tom firme como se tentasse não desencadear um urso selvagem.

— De jeito nenhum — rosna Enzo, fazendo Sylvester engatilhar a arma, uma nítida ameaça.

Juro por Deus, se ele disparar, vou chutar sua perna de madeira e não sentirei remorsos.

Como se perturbado pela comoção, o som de correntes se arrastando interrompe o que Sylvester ia dizer. Sua cabeça se levanta, olhando para o teto enquanto o espírito inquieto anda de um lado para o outro, seus passos pesados.

— Você os deixou com raiva — esbraveja ele por cima do ombro.

— Eu? — ecoo, surpresa. — Você é que está agindo como um louco.

— Você não viu a loucura, minha jovem. Agora, entre aí! — No momento em que a última palavra sai de sua boca, os passos acima congelam, elevando o som de sua voz a um nível estrondoso.

Entrar *onde*?

Minha pergunta logo é respondida quando percebo que ele está apontando com a arma na direção do seu quarto.

Meus olhos se arregalam ainda mais.

— De jeito nenhum — exclamo. — *Não* vou ficar com você.

Enzo dá um passo em direção ao homem desequilibrado, mas Sylvester percebe e aponta a arma para ele.

— Afaste-se! Vou explodir sua maldita cabeça.

— Enzo, apenas vá — rosno.

Seu olhar dispara para mim por cima do ombro de Sylvester.

Em silêncio, articulo: caverna.

Ele vai ter que confiar em mim para fugir. É no que sou melhor.

Enzo cerra o maxilar, o músculo ameaçando explodir. Seus olhos estão ficando da cor obsidiana, e seu semblante promete a morte enquanto se volta devagar para o quarto.

Ele não tira o olhar até o último segundo. Sylvester fecha e tranca a porta.

Antes que vire a arma para mim, corro pelas escadas.

— Droga, volte aqui!

Corro rápido o suficiente para quase cair de cara no chão. Sylvester está descendo pelo corredor e batendo os degraus atrás de mim, mas saio pela porta da frente antes que ele consiga chegar ao último degrau.

— Volte aqui! — Seu grito é interrompido pela porta batendo. Respirando com dificuldade, adrenalina e pânico em busca de um espaço na corrente sanguínea, corro em direção à caverna.

É o único lugar para onde posso fugir.

Tudo o que posso fazer é esperar que ele não me encontre lá.

26

Enzo

Enxergo tudo por uma nuvem de fúria vermelha ao erguer minha perna e chutar a porta, quebrando a madeira. Preciso chegar a Sawyer – é tudo o que posso sentir, pensar, *respirar*. Chegar a Sawyer.

Assim que me preparo para chutar pela segunda vez, ouço o tilintar das chaves antes que da fechadura abrir.

Eu me preparo quando a porta se abre, o lado errado do cano sendo apontado em minha direção a primeira coisa que vejo.

Sylvester olha para mim por trás da arma, dando um passo para trás e sacudindo a arma em direção às escadas.

— Vá.

Furioso e calado, saio do quarto e vou em direção aos degraus. O cano de metal está alojado nas minhas costas enquanto caminho sem pressa, a perna de madeira de Sylvester carregando-o logo atrás de mim.

— Onde está Sawyer? — rosno.

— Foi embora, mas não se preocupe, vou trazê-la de volta.

— Você a machucou?

— Sabe, não tinha que ser assim, filho — diz ele, ignorando-me.

Minha fúria aumenta, e agora estou olhando através de uma nuvem escura. De bom grado entregarei minha alma ao diabo se ele a machucou.

— Eu lhe dei muita clemência quando deveria ter estourado sua cabeça desde o início.

— Devia — concordo. Teria sido a única coisa que salvaria sua vida.

— E vou assim que Sawyer voltar. Acho que se matar você antes da hora, ela vai entrar naquele oceano.

Não tenho tanta certeza disso, mas vou deixá-lo acreditar nisso de todo jeito. Apesar do que Sawyer pensa, ela é uma lutadora. Ela não fez nada *além* de lutar pela maior parte de sua vida.

Ela não se tornaria uma pobre escravinha, decidida a passar o resto da vida presa em algum lugar. Não, ela faria tudo ao seu alcance para sair de lá,

mesmo que isso significasse ter mais sangue nas mãos.

Porra, eu a amo.

A pequena ladra é capaz de tanto; apenas será a morte de Sylvester se ele a forçar a essa posição.

Mas ele não vai ter a oportunidade. Em vez disso, serei a morte dele.

Continuando em silêncio, chego aos degraus e desço às pressas, dificultando que Sylvester me alcance. Na sua tentativa, escuto-o tropeçar para a frente.

Tenho literalmente dois segundos, mas estou acostumado a ultrapassar um tubarão no seu próprio território. Não tenho dúvidas de que consigo lidar com um homem com um tronco como perna.

Num piscar de olhos, eu me jogo pela lateral do corrimão, o chão apenas um metro e meio abaixo. Ele dispara a arma, o calor da bala passando por cima do meu ombro. Atinge algo na cozinha enquanto agarro o cano longo e o arranco de suas mãos.

— Filho da puta! — esbraveja Sylvester, tentando segurar a arma, mas sou forte demais para ele.

Eu viro a arma para ele, apreciando como congela, o rosto púrpuro de raiva.

— Não pare por minha causa. Vamos ver você terminar de tropeçar o resto do caminho.

— Eu vou...

— Não estou muito interessado em ouvir seus sonhos, Sylvester. Depressa — resmungo.

Grunhindo, ele chega ao último degrau, encarando-me por baixo das sobancelhas espessas. Olho em volta, notando que o tapete e a mesa foram afastados. No lugar deles há uma adega, a porta bem aberta. Presumo que foi onde ele planejou me manter durante esse tempo.

— Não pense que é capaz de matar um homem — sussurra Sylvester. Ele está suando bastante, as bordas do boné molhadas.

Sylvester está errado. Ficaria feliz em lhe mostrar que não é o único que sabe tirar uma vida. Ele pode ter tudo o que sempre quis. Ficar para sempre na ilha Raven, mesmo na vida após a morte.

Por muito que esteja ansioso para matá-lo, preocupo-me mais com o que vai acontecer com a gente depois do que satisfazer a necessidade de sentir seu sangue nas minhas mãos.

— Entre — digo, gesticulando em direção ao porão com a arma.

— Minha perna...

— É inútil, eu sei. Não é problema meu. Se eu tiver que pedir de novo, atiro na outra, assim você vai poder combinar.

Sylvester faz uma careta, encarando-me furioso ao mancar em direção ao porão. Quando está na frente do cômodo, decido tornar mais fácil para ele. Levanto minha perna e coloco nas suas costas, fazendo-o voar pelo buraco.

Ele grita, e o jeito que deve ter pousado não parece muito bom, considerando que seus gritos se transformam em um rugido.

De novo. Não é problema meu.

Quando olho para baixo, o encontro a apenas seis metros de profundidade, rolando para se deitar de costas, xingamentos e cuspe voando de seus lábios.

Não tenho nenhuma simpatia. Encarando-o uma última vez, agarro a porta e fecho. Há um simples trinco, e embora prefira uma fechadura, é o melhor que posso fazer por enquanto.

Sylvester nunca disse se Sawyer estava ferida, e cada molécula do meu corpo está centrada nela.

Ao caminhar para a porta, noto um cobertor caído ao acaso no sofá. Pego, só para o caso de precisar estancar uma ferida ou, porra, até mesmo se ela estiver com um pouco de frio.

Levo apenas alguns minutos para chegar à caverna, cada segundo parecendo uma eternidade.

— Sawyer! — grito, atravessando o túnel.

— Enzo? — responde ela, entusiasmo cobrindo meu nome. Assim que chego à abertura sob os vermes luminosos, vejo-a correndo na minha direção, sua pele inundada de azul.

Seu rosto está coberto de alívio, e seus dentes estão tremendo.

Está congelando aqui. Com as tempestades constantes, a temperatura caiu bastante.

— Você está machucada? — pergunto, meu olhar varrendo seu corpo enquanto abaixo a espingarda. Ela ainda está de short e camiseta, os braços e as pernas cobertos de arrepios.

Mas já tenho a resposta para minha pergunta.

Eu me concentro no olho inchado e no lábio sangrando. Meu sangue gela.

O músculo do meu maxilar salta e minhas mãos se curvam ao caminhar em sua direção. Ela dá um passo para trás, mas tão rápido quanto uma víbora, minha mão se ergue, agarra sua nuca e aproxima seu rosto do meu. Ela tropeça, apoiando-se no meu peito.

Na mesma hora, suas mãos se enrolam na minha camisa, mas não consigo distinguir se ela está tentando me afastar ou me segurar.

Meu peito bombeia acelerado, a fúria destruindo meu autocontrole.

Morirá lentamente. Vou alegar legítima defesa quando as autoridades chegarem. Ele pôs as mãos na minha garota, e de jeito nenhum vou lhe vou

permitir a dádiva da vida.

Inclino-me para perto, seu corpo tremendo e seus olhos arregalados. Estão dilatados, mas não é com medo desta vez. Não há como confundir o calor neles.

Um pequeno suspiro se liberta quando meus lábios acariciam de leve ao lado de seu olho avermelhado.

— Enzo... — sussurra ela, suas palavras se arrastando quando dou um beijo suave lá.

— Não se preocupe, baby — ofego, o gelo no meu corpo congelando minhas palavras. — Vou acabar com ele. E vou deixá-la ver.

Ela estremece, as mãos apertadas na minha camisa.

— Espero que sim — resmunga ela, parecendo prestes a gozar sem que eu sequer a toque. No entanto, ela se concentra o suficiente para perguntar: — Cadê ele?

— Ele tinha um porão escondido debaixo da mesa da sala de jantar. Ele está lá agora — explico, lembrando-me de enrolar o cobertor nos seus ombros. Ela está me encarando com um brilho nos olhos, como se tivesse sido eu que a salvou.

Ela é tão linda.

— Isso é... interessante. Não estava esperando por isso.

— É bom pra gente — murmuro, agarrando sua mão e puxando-a em direção à piscina.

— Podemos voltar quando estiver pronta — digo, puxando-a até que ela se sente ao meu lado.

— Podemos ficar aqui esta noite? Sei que não é muito confortável, mas só quero uma noite fora daquele farol. É sufocante.

— O que quiser, *bella*.

Seu rosto se contorce numa expressão de dor.

— Amanhã de manhã, vamos começar a procurar a luz do farol de novo. Temos que encontrá-lo. Não quero ficar aqui por mais tempo do que o necessário.

— Vou tirar a resposta dele — garanto, envolvendo um braço ao seu redor e trazendo-a para meu peito.

Ela bufa, rindo do ângulo estranho em que sua cabeça está, eu acho.

— Você nunca deu um abraço na sua vida, né?

— Não — retruco.

— Dá pra perceber. Você está tenso.

Mas estou tentando.

— O que aconteceu com ele?

Desta vez, é ela que fica tensa. Seu desconforto é óbvio e apenas contribui para reacender as chamas que ardem no meu peito. Elas nunca

diminuíram, mas, caralho, se ele tentasse alguma coisa com ela...

— Ele me pediu para ficar. Eu disse não. Ele me chantageou, e as coisas foram por água abaixo.

O músculo do meu maxilar quase explode com a força com que o aperto.

— Ele tocou em você? — pergunto entredentes.

— Além de me dar uma tapa? Nada com que não pudesse lidar.

Meus punhos se curvam, a imagem de Sylvester atingindo-a quase catastrófica ao meu autocontrole.

— Caralho, o que isso quer dizer?

— Sylvester sempre colocou as mãos em mim, mas isso não significa que deixei.

Meu lábio superior se enrola em um rosnado e, talvez, sentindo a fúria irradiando de mim, ela olha para cima e descansa a bochecha no meu ombro. Sua respiração quente se espalha pelo meu pescoço, e luto contra o desejo de puxá-la em cima de mim. Eu me concentro na piscina antes de ceder aos meus instintos sombrios.

— No que está pensando? — indaga ela num sussurro.

— Ele quer o que eu tenho. — Quando ela fica em silêncio, abaixo o olhar para ela. — Você, *bella*. Ele não gosta da ideia de eu ter você — digo, minha voz tão grave que nem a reconheço mais. — Imagine como ele se sentiria se tivesse que ver.

— Enzo — ofega ela.

Desta vez, não consigo desviar o olhar. Meu corpo fica mais quente e meu pau endurece.

Forçar Sylvester a suportar algo que ele consideraria insuportável... não consigo explicar a emoção que faz a adrenalina correr direto para meu coração.

— Mas aí teria mesmo que matá-lo — concluo.

Sua testa se franze, e aquela boca rosa fica aberta em confusão. Apesar da incerteza, seus olhos estão arregalados e pequenos suspiros emanam de sua língua.

— Por quê? — murmura ela.

Estendo a mão, dedilhando aqueles lindos lábios até que a pele sensível chegue em seus dentes.

Quem diria que uma única palavra poderia me atormentar tanto?

Minha.

— Porque qualquer um que olhar para o que é meu nunca viverá para contar a história — resmungo.

— É isso que sou? — resmunga ela. — Sua?

— Sempre foi — murmuro. — Agora, é apenas uma questão de continuar sendo minha.

Ela não diz que sim e, mais uma vez, sou dominado pela necessidade de mantê-la de qualquer jeito.

Sua língua dispara, lambendo a ponta do meu polegar. Todo o meu foco se concentra no que ela está fazendo, meu pau ficando ainda mais duro.

— *Tu sei mia* — rosno, o desejo arranhando meu interior quando ela puxa meu polegar entre os dentes e aperta. Mal sinto a dor. Só posso sentir algo sombrio e primitivo implorando para ser libertado.

— O que mais? — encoraja ela. — Me conte tudo o que nunca pôde dizer.

Sei o que ela está pedindo. Confessar numa língua que não entende. Não sei se é para o meu bem ou para o dela. Será que ela acha que é a única maneira de eu confessar meus sentimentos ou é porque é a única maneira de ela ouvir sem fugir?

— *È impossibile odiarti quando mi fai sentire così vivo* — começo, passando dois dedos por seus lábios e enganchando-os em seus dentes, aproximando-a. — *Ed è esattamente per questo che voglio odiarti. Prima di incontrare te ero un sonnambulo. Cazzo, non ero pronto a svegliarmi.*

Sawyer me encara como se entendesse. Mesmo quando falo em outra língua, ela ainda me ouve.

— *Ho sbagliato a dirti che eri debole. Sei così incredibilmente coraggiosa, vorrei che lo vedessi anche tu.*

Soltando seu queixo, deslizo a mão por baixo da sua camiseta, arrastando os dedos molhados em sua barriga lisa, provocando um arrepio por uma razão bem diferente. O tecido se levanta ao subir para seus seios. Ficando mais impaciente, ela se senta o suficiente para tirar a camisa, jogando-a para o lado e recostando-se em mim. Em seguida, ela tira o short.

Virando-se para mim, ela rasteja no meu colo, apoiando as mãos nos meus ombros enquanto o cobertor cai.

— Não pare — implora ela.

— *Ti penso ogni ora, ogni minuto, ogni dannato secondo. Non so che fare.*

Solto os nós ao redor do pescoço e da cintura dela, mordendo o lábio quando o material cai e revela seus seios empinados. Não consigo resistir, me inclino e dou um beijo gentil no mamilo rosado. Ela arqueja, levando-me a lambê-la, e solto um gemido por causa de seu gosto viciante.

— *L'oceano era l'unico posto in cui mi sentivo a casa* — continuo, movendo as mãos para os nós de cada lado dos quadris. Solto aqueles também, desejo puro consome cada uma das minhas células cerebrais quando sua última peça de roupa cai. Consigo sentir o cheiro da sua

excitação, e me esforço a me concentrar no que estou dizendo. — *Era l'unica cosa che mi eccitava e dava pace. Hai rovinato anche questo. Sentirti su di me è meglio di immergersi nell'oceano. Neanche con questa rivelazione so che fare.*

Inclinando-me para a frente, pego seu mamilo na boca, sugando-o com força e ganhando um gemido baixo e rouco. Envolver um braço ao seu redor, mantendo-a imobilizada, enquanto minha outra mão provoca sua entrada, espalhando sua excitação até seu clitóris e acariciando de leve.

— Um dia — ofega ela —, vou aprender italiano e saberei exatamente o que disse.

Não consigo explicar a emoção visceral que surge no meu peito ao pensar nela aprendendo meu idioma – imergindo-se na minha cultura. Não há como controlar os pensamentos de Sawyer andando pelo Mercato Campo de'Fiori, em Roma, um olhar de admiração em seu rosto ao visitar a *bancarelle* na praça, sorrindo para os vendedores enquanto a chamam, tentando seduzi-la para vir a suas barracas. Ela ficaria maravilhada com as frutas e os legumes e gravitaria em direção ao forte aroma de flores frescas, enfiando o narizinho em cada uma delas. Eu colocaria um hibisco-azul em seu cabelo, a cor combinando com seus olhos.

Un giorno.

Ela disse que me deixaria mantê-la segura, mas não sei o que isso significa para nós. Não sei se ela vai ficar. Não sei se *haverá* esse um dia, mas guardo isso para mim. Não tenho interesse em magoar meus próprios sentimentos.

Em vez de uma resposta, enfio o dedo médio na sua vagina molhada, meu próprio gemido mascarando seu gemido.

— *Cazzo, quanto sei bagnata* — murmuro.

— Enzo — geme ela, rebolando os quadris na minha mão. Adiciono outro dedo, curvando-os enquanto a estico, encontrando aquele ponto sensível e acariciando-o sem parar.

Seus gemidos ficam mais alto quando uso o polegar para acariciar seu clitóris.

— Por favor, eu preciso de mais — implora ela, rasgando minha camisa. Sou forçado a me afastar dela para removê-la, mas o ar frio é bom contra minha pele aquecida.

Ela vai para o meu short e, depois de algumas manobras, desliza-o pelas minhas pernas e me monta mais uma vez.

Assim que ela se prepara para se afundar no meu pau, eu a detenho.

— Não precisa se apressar, *bella* — digo, e meus lábios por vontade própria sorriem quando ela geme de indignação.

— Você vai me torturar, não vai? — ofega ela. — Você deveria estar implorando pelo meu perdão.

— Não podemos implorar juntos, baby? — resmungo sombrio.

Seu queixo cai, mas já estou de pé, erguendo-a nos meus braços ao mesmo tempo. Ela inspira bruscamente, agarrando-se às pressas no meu pescoço. Como se alguma vez a tivesse deixado cair. A menos que seja de amores por mim.

Eu a levo para a piscina e, a cada passo, ela fica mais rígida.

— Enzo — avisa ela, contorcendo-se no meu abraço e esfregando aquela doce e pequena boceta no meu pau. Embora não ache que ela pretendia fazer isso, rosno de qualquer maneira, pressionando meu pau nela. — Enzo — repete, histeria em seu tom. — Não faça isso comigo de novo. Pensei que queria que eu lhe perdoasse.

— Shhh, eu não vou te machucar, *amore mio*. Vou substituir aquela memória por algo bom — asseguro, ajoelhando-me e acomodando-a na beira da piscina. — Você queria que eu pedisse desculpas pelo que fiz no barco, e eu disse que não pediria até que sentisse muito. — Eu roço meus lábios na linha do queixo dela, seu corpo tremendo deliciosamente. — Estou pronto para me arrepender, baby. Você me diz para parar, eu paro.

Ela me encara com olhos arregalados e em pânico. Se Sawyer e eu tivermos nosso *um dia*, vou me certificar de que nunca mais me encare assim. Não posso retirar o que fiz, mas vou substituí-lo por algo bom.

— O que você vai fazer?

— A adrenalina pode ser um afrodisíaco — explico. — O medo, a possibilidade de morrer, faz você se sentir vivo. Essa é parte da razão pela qual faço o que faço.

— Nadar com tubarões te excita? — questiona ela com dúvida, embora esteja completamente distraída. Viro seu corpo rígido antes que ela possa ver o sorriso no meu rosto. Quando Sawyer está de frente para a água, pressiono meu peito contra suas costas, achatando a palma da mão em sua barriga e me inclinando para sussurrar no seu ouvido.

— Considerando que meu trabalho não é nem um pouco sexual, não fico excitado, não — digo com diversão. — Mas me faz sentir vivo. E isso também vai, se me deixar te mostrar.

Se tivesse visão de raio-X, veria duas metades do seu cérebro em guerra uma com a outra. Ela está assustada, mas também está intrigada.

— *Eu* vou ficar excitada? — pergunta ela baixinho.

— *Si* — respondo. — Você vai gozar como nunca gozou.

Ela mordisca o lábio, ainda contemplando.

— Essa é uma grande promessa a fazer.

— Então é melhor me deixar cumpri-la.

Depois de um minuto de consideração, seu queixo se abaixa apenas um milímetro, e aquela parte primitiva e animalesca de mim se liberta.

— Se curve — ordeno, empurrando a parte superior das suas costas para baixo até que seu nariz esteja a uma polegada da água e sua bunda bem arredondada esteja no ar. — *Bellissima* — elogio, passando a mão por ela e apertando com firmeza.

Ela está agarrada à borda da piscina com tanta força, que os nós de seus dedos estão brancos. Mas não lhe dou garantias. Enquanto quero que se sinta segura, também quero que tenha medo.

Ela *deveria* estar assustada.

Inclino-me, substituindo a mão pela boca e espalhando beijos molhados até sua vagina encharcada. Quanto mais perto eu chego, mais alto ficam seus gemidos.

— Porra, você tem um cheiro tão bom.

Solto um grunhido antes de mergulhar minha língua dentro do seu buraco apertado. Sawyer geme alto, o som ecoando pela caverna quando começo a comer sua boceta com vigor.

— Enzo — grita ela, empurrando os quadris para mim. Deslizo a língua em seu clitóris, circulando-a sem parar até que suas pernas tremam.

— Ah, não pare!

Ela amplia a postura e arqueia as costas ainda mais para me dar um ângulo melhor.

Sawyer precisaria se atirar na piscina para me afastar dela. Imagino que esta fome que sinto por ela não é menos selvagem do que um tubarão faminto com suas presas.

Às pressas, me afasto dela e me deito de costas, posicionando minha cabeça entre suas coxas. Então, abaixo seus quadris até ela estar sentada no meu rosto. Sua coluna se endireita, agora cavalgando minha boca com a mesma ferocidade enquanto sugo todas as gotas que ela tem para oferecer.

Suas mãos seguram seus seios, apertando os mamilos endurecidos enquanto sua cabeça se inclina para trás, os gemidos se transformando em gritos. É a visão mais bonita que já vi. O suficiente para me levar ao limite. Agarro meu pau, apertando com força até que a dor afaste a necessidade.

— Ah, meu Deus, Enzo, vou gozar — geme ela. Sinto suas coxas se apertarem em volta da minha cabeça, e assim que Sawyer começa a se desfazer, eu a empurro para cima.

Sua cabeça estala em choque, com um olhar feroz no rosto. Uma deusa zangada que busca o que é dela por direito, com fogo nos olhos, cachos loiros ao redor do rosto, revoltos, e um rosnado curvando os lábios.

Meu Deus. Ela é magnífica e me faz ficar à beira de explodir como um maldito adolescente.

Antes que ela possa me xingar, mergulho dois dedos dentro dela e os curvo profundamente. Seu queixo cai, aquelas chamas brilhando em sóis gêmeos quando começa a se desfazer.

— Agora é sua vez de se vingar, *bella ladra*. Eu lhe afoguei uma vez. É sua vez de me afogar.

Cada expiração é um gemido sem fôlego, e ela geme como se não conseguisse respirar o suficiente quando volto para seu clitóris, sem nunca tirar os olhos dela. Estou pressionando bem no seu ponto G, sentindo sua excitação começar a passar pela minha mão.

— En... ah, meu... espera — ofega ela, suas palavras sem sentido e distorcidas. Então, dominada pelo prazer, sua mão bate no topo da minha cabeça, e não consigo dizer se quero rir ou morder seu clitóris.

Mas então sua boceta aperta meus dedos, e preciso fechar os olhos, expulsando os pensamentos de como seria se ela estivesse ao redor do meu pau.

Ela fica em silêncio por dois segundos e depois entra em erupção. Um grito alto perfura o ar, e todo o seu corpo começa a convulsionar. No momento em que tiro meus dedos, seu orgasmo cai sobre mim. Sem demora, prendo os dois braços em volta de cada coxa e a forço de volta ao meu rosto, abrindo minha boca e bebendo dela como um homem que está perdido no mar há meses.

Meu nome é um eco enquanto ela rebola em cima de mim e enche minha boca com seu gozo, rastros dele vazando pelos meus lábios.

Estou gemendo dentro dela, e acho que Sawyer está me batendo outra vez, mas estou tão perdido no meu êxtase, tão intoxicado por seu gosto que quase não noto nada além do seu gozo deslizando pela minha garganta.

Parece que seu orgasmo se prolonga mais do que o normal, e quando ela cai, vibro com a necessidade de fodê-la.

— Pare, meu Deus, não aguento mais! — implora ela, tentando se afastar.

Eu a solto, mas apenas tempo suficiente para deslizar debaixo dela e movê-la para a posição anterior. Rosto acima da água e bunda no ar.

— Espera, não me coloque embaixo d'água ainda — ofega ela, suas expirações pesadas perturbando a água parada. — Me deixa... ainda não consigo respirar.

— Baby, você nunca vai conseguir respirar enquanto eu estiver dentro de você — retruco. Alinho meu pau na sua entrada e penetro-a pouco a pouco, sem ser capaz de passar mais um segundo sem estar dentro dela.

— Ah, porra — exclama ela, movendo-se para se sentar.

— Ô-ou, eu disse que podia se mover? — esbravejo, agarrando sua nuca e empurrando-a de volta para baixo.

— É muito — frisa ela, a voz tensa enquanto eu me afundo mais em seu calor apertado.

— Pode aguentar, *bella*. Deixe-me ver sua boceta engolir meu pau tão bem quanto você faz com sua garganta.

Sua única resposta é outro gemido confuso. Coloco todo o meu pau, e meus olhos perdem o foco com o puro êxtase.

— *Cazzo* — resmungo. — Que garota boa, baby.

Recuo longa e lentamente, arrastando meu pau molhado com sua excitação, extasiado como ela me deixa encharcado. Então, dou uma estocada forte, ganhando um suspiro agudo, seguido pelo meu nome. Quase soa como um aviso, e traz um sorriso selvagem para o meu rosto.

— Você aguenta — asseguro. — Consegue sentir como sua boceta agarrar meu pau? Como se não quisesse mais me largar. Quão fundo acha que aguenta antes de implorar para que eu pare?

— Eu... — ofega ela, quando inclino sua bunda ainda mais, permitindo-me um ângulo melhor para bater no colo do seu útero. — Esse é meu limite — grita.

— Então me deixe levá-la a um novo limite.

Antes que possa protestar, agarro seus cachos e empurro sua cabeça debaixo d'água. Ela se debate, e me equilibro para conseguir chegar abaixo dela e dedilhar seu clitóris.

Sawyer se sacode para se libertar e afasto os quadris, apenas para penetrá-la outra vez, formando um ritmo constante enquanto ela se afoga. As bolhas perturbam a superfície, mas sua boceta está apertando tanto meu pau que quase dói.

Levá-la a este limite perigoso sem dúvida é erótico. Senti-la lutar sob meu domínio, incapaz de me impedir de drenar sua vida, é viciante.

O que Sawyer não percebe é que sempre segurei sua vida nas minhas mãos, e ela nunca soube que confiava em mim para guardá-la.

Puxo sua cabeça para cima e ela respira fundo por instinto — desesperada.

— *Brava ragazza*. Você está indo tão bem — elogio, rolando meus quadris contra ela. — Estou tão orgulhoso de você.

Ela geme, murmurando palavras incoerentes. No entanto, seus quadris se erguem, buscando mais de mim.

Flertar com a morte é emocionante.

— Respire fundo, *bella*.

Ela ouve enquanto acelero meu ritmo, dificultando que ela respire fundo sem soltar um gemido.

— Espere... Enzo — grita ela, sentindo o tempo acabar.

Não a deixo terminar. Forço sua cabeça para baixo, e uma enxurrada de bolhas sobe à superfície, bem provável que por causa dos seus gritos debaixo d'água.

Sawyer vai ter menos oxigênio desta vez, mas quero fodê-la enquanto ela sente que está morrendo.

Acaricio seu clitóris mais rápido, gemendo quando sua boceta aperta outra vez, suas pernas tremendo enquanto aumento o ritmo. Meu pau está ficando mais duro, e estou tão perto de gozar, mas me recuso a acabar isso tão rápido.

Assim que começo a me perder na sua doce boceta, ela começa a lutar. Ela está em pânico, mas pressiono um pouco mais até que ela se debate de modo selvagem contra mim. Permito que ela suba, dando outro suspiro sufocado.

Não recuo do meu ritmo, seus gritos com a boca cheia de água em algum lugar entre protestos confusos e gritos agudos de encorajamento.

— Você me perdoa, *piccola*?

— Eu não posso... Enzo, eu não...

— Respire fundo. Desta vez, prenda a respiração — ordeno. — Vou mantê-la sob controle por mais tempo, e não me importo com o quanto você lute comigo. Sua boceta fica tão apertada quando está à beira da morte.

Sua resposta é um soluço, mas ela faz o que eu digo e inspira o mais fundo que pode.

— Relaxe, *bella*. Não vou deixar que se afogue. Quero mostrar como é bom viver.

Sawyer acena com a cabeça, e sua confiança apenas fortalece minha obsessão por ela. No momento em que seus lábios se fecham, coloco-a de volta. Levanto um dos meus joelhos, colocando o pé firmemente no chão para mais estabilidade. Estou fodendo-a com força suficiente para que o som nos nossos corpos se encontrando e os barulhos molhados de sua boceta faz sejam mais altos do que ela se debatendo na água.

O prazer intenso está crescendo na base da minha coluna, e sua dificuldade em respirar só está reforçando-o.

Eu me concentro na água, certificando-me de que as bolhas ainda estão consistentes, mas parece que ela está tentando se impedir de debater. As vibrações estão acumulando cada osso do seu corpo num segundo e no outro, ela fica imóvel.

E depois, Sawyer está explodindo. Ela está apertando à minha volta até meus olhos ameaçarem a cruzar e eu estar perdido na euforia. Solto sua cabeça, permitindo que suba, mas estou alheio a ela quando Sawyer está quase convulsionando ao redor do meu pau.

— Porra, *porra*, PORRA, Sawyer — cantarolo, curvando-me sobre ela e afundando meus dentes no seu ombro enquanto meu próprio orgasmo me domina. Mais palavras escapam, trocando entre italiano e inglês. Não faço ideia do que estou dizendo, só que é a única oração em que alguma vez acreditei.

Minha visão escurece e gemidos intermináveis ondulam da minha garganta enquanto gozo dentro dela, fluxos de esperma enchendo sua vagina até que saia dela.

— Ah, meu Deus, ah, meu Deus, Enzo — gagueja ela, a voz rouca e áspera.

A sensação se torna demais, então eu me afasto dela, uma sensação animalesca subindo no meu peito quando meu gozo escorre na sua perna.

Usando dois dedos, pego-o da sua perna e empurro de volta para dentro da sua boceta, mordendo meu lábio quando ela arqueja e se vira para me olhar.

— Isto é meu — proclamo. Então, repito em italiano: — *Questa è mia*.

Retiro os dedos e espalho meu gozo até seu traseiro, circulando a entrada apertada antes de mergulhar o polegar dentro. Ela arqueja.

— Enzo — sibila ela.

Preciso saber que estive em todas as partes dela. Em cada parte dela. Recolho mais da sua boceta pingando, e depois traço meu nome na sua pele com o gozo.

— Agora você pode ter meu nome — murmuro. Ela me espreita por cima do ombro, as bochechas vermelhas, os olhos arregalados e a boca rosada entreaberta.

Quero ficar com ela. *Vou* ficar com ela.

Como se me ouvisse e consolidasse isso, ela lambe a água salgada do lábio antes de sussurrar:

— Eu te perdoo agora.

Um sentimento perverso está rodando no meu peito. A mesma sensação que tive quando seu cabelo estava no meu punho e meu pau enterrado dentro dela na primeira vez que a segurei debaixo da água.

— No entanto, nunca vou parar de pedir por isso — digo a ela. — Nunca vou parar de venerá-la.

Eu a seguro de novo, desnudando os dentes enquanto a escuridão percorre meu corpo, ameaçando sair.

— Você será minha até dar o último suspiro, Sawyer. E será minha mão que lhe segurar sob a superfície, apresentando-a à morte.

Mergulho os dedos na sua boceta de novo, depois tiro e prendo-os nos dentes de baixo, puxando seu rosto para mim. Ela dá um gritinho, atordoada,

enquanto eu me inclino mais perto até que minha respiração se espalhe pelos cachos molhados emaranhados em seu rosto.

— *Ma solo quando sono pronto a venire con te. Annegheremo insieme, bella ladra.*

27

Sawyer

— *Piccola*, acorda.

— Humm? — murmuro, rolando apenas para ser cumprimentada com uma dor aguda nas costas.

Meu Deus, posso ter apenas 28 anos, mas parece que envelheci oitenta da noite para o dia. Dormir em pedra dura é terrível para as costas de qualquer um, não importa o quanto da noite você passa esparramada em cima de outra pessoa.

— Sawyer, *svegliati* — diz a voz mais firme.

— Estou acordada — gemo, tremendo quando rolo para o meu lado. Solto outro longo gemido. — Para de pegar no meu pé, cara.

Há uma segundo de silêncio e, em seguida:

— O quê?

Meus olhos ainda estão fechados, mas os reviro mesmo assim. Ele leva tudo tão literalmente.

— Vou precisar de uma baita sessão de ioga — reclamo, sentando-me e por fim abrindo os olhos. Enzo está agachado na minha frente, me encarando com uma expressão feroz no rosto.

Ele nunca traduziu o que disse ontem à noite quando marcou todo o meu corpo com seu gozo. Mas seja lá o que tenha sido, desencadeou uma profunda emoção dentro de mim. O tipo em que lhe faz entrar de bom grado numa situação perigosa para ter emoções mais fortes.

Foi... apaixonado, mas desequilibrado. Tipo, me matar e guardar meu corpo, depois tentar me alimentar com feijões porque ele acha que ainda estou viva, esse tipo de desequilíbrio. Algo como Norman Bates. Foi uma mistura de *quero estrangulá-la e nunca vou deixá-la ir embora*.

É como Kev olhava para mim, e reconheço bem o que é. *Obsessão*.

Só que desta vez, faz todo o meu corpo pegar fogo, e quero devolver aquele olhar com um sorriso que diz: *Nunca me deixe ir embora. Morrerei com suas mãos na minha garganta*.

Uau. Isso é bem fodido. Preciso encontrar um terapeuta quando chegar em casa.

— Sylvester se foi — diz Enzo, com a testa franzida de preocupação.

— Você voltou sem mim? — pergunto, um pouco irritada por ele ter ido sozinho. — Para onde ele foi? Como ele saiu?

Ele balança a cabeça.

— Não sei. O trinco do porão estava aberto, então não sei se ele bateu na porta até se soltar ou sei lá. Mas não importa, a gente vai se apoderar do farol, encontrar aquele maldito sinal luminoso e entrar em contato com alguém para nos buscar.

Inquietação inunda meu corpo.

O desaparecimento de Sylvester não faz eu me sentir melhor. Onde quer que esteja, ainda está nesta ilha. Sylvester conhece este lugar muito melhor do que nós.

Ele não foi embora. Ele está *escondido*.

Mas não podemos ficar nesta caverna para sempre. Não temos comida nem água, e minha bexiga está aproveitando a oportunidade para me lembrar que preciso muito fazer xixi. E embora pudesse me agachar no canto da caverna em algum lugar, isso não é bem uma opção para quando os feijões decidirem sair do meu corpo.

— Ele deve ter uma arma — suponho. Sylvester tem várias armas, e se Enzo poderia ter previsto a possibilidade de ele escapar, sei que as armas não teriam sido deixadas no farol durante a noite.

Eu me sinto péssima por lhe pedir para ficar aqui. Sylvester nunca teria se libertado se estivéssemos lá.

Enzo acena com a cabeça.

— Mas nós também. Só precisamos ter cuidado esta noite.

— Ok — murmuro, meu rosto se contorcendo ao me levantar.

Meu Deus, minhas costas doem tanto, mas a culpa é minha. Afinal, eu queria dormir aqui. E não me arrependo. Foi refrescante acordar com uma visão diferente, mesmo que eu me preocupasse que um dos vermes caísse na minha boca enquanto dormia.

Quando me endireito, Enzo volta a me encarar como um louco.

— O quê?

— Você está com dor — declara ele sem rodeios.

Eu lhe dou um olhar de soslaio.

— Sim, e?

Seus olhos caem no chão, como se estivesse considerando esmurrar a rocha inanimada por se atrever a machucar minhas costas. Por fim, pega o cobertor e a espingarda, depois levanta os olhos e diz:

— Vou cuidar disso mais tarde. Vamos lá, baby.

Hesitando por apenas um segundo – sobretudo porque essa nova versão dele ainda me assusta – caminho atrás dele, tendo o cuidado de manter a dor longe do meu rosto. Enzo fica me observando, como se esperasse que eu caísse e me enrolasse como uma aranha morta a qualquer segundo – o que na maioria das vezes só acontece depois que ele me fode.

Quando nos aproximamos do farol, meu coração começa a disparar. O céu é cinza-escuro, as tempestades quase constantes assolando a ilha Raven como se tivesse uma vingança pessoal contra ela.

Só faz o farol parecer mais sinistro – os anéis vermelhos e brancos lascados ao redor do edifício escurecendo a atmosfera da ilha. Parece que estou num daqueles jogos de terror. Sou forçada a ir para o lugar assustador porque é assim que venço o jogo, mas sei que algo lá dentro vai tentar me matar. Cada passo está cheio de pavor, e parece que meu coração está sendo oprimido pela desgraça vindo na minha direção.

Enzo prepara a espingarda e abre a porta da frente sem pressa, o rangido alto das dobradiças quebrando o silêncio.

A energia é espessa aqui – pesada como um cobertor sensorial. Só que este não é o tipo que lhe faz sentir calmo e seguro, mas o oposto.

— Fique quieta — sussurra Enzo.

Aceno com a cabeça, embora ele não esteja olhando para mim, e fecho a porta com o mínimo de barulho possível. O que não é muito, já que as dobradiças parecem que vieram de um século diferente e nunca foram lubrificadas.

Ele logo caminha até a cozinha, pega uma faca enorme que Sylvester usa para filetar peixes e depois volta para me entregar.

— Fique aqui. Vou verificar todos os cômodos para ter certeza de que ele foi embora. Se você o vir, esfaqueie-o.

Olho para a faca e começo a tremer, quase esfaqueando Enzo na minha tentativa de devolvê-la. Prefiro levar a espingarda.

— Não, obrigada — digo, minha voz irregular e tensa.

Suas sobrancelhas se abaixam.

— Sawyer, não vou deixá-la desprotegida. Precisa pegar a faca.

— Não posso apenas ir com você? Não viu os filmes de terror? Separar nunca é uma boa ideia. E estou em maior risco de levar um tiro se você não estiver aqui.

— Ainda quero que você segure a faca — insiste ele, agarrando meu pulso e forçando-a na minha mão. Meu rosto se contorce de desconforto, mas não discuto.

Enzo me observa com atenção, quase criticamente, como se tentasse descobrir um problema matemático. Depois de um tempo, ele se vira e caminha para a escada enquanto o sigo logo atrás.

Tentamos manter nossos passos leves, mas o metal não é melhor do que a porta e geme sob nosso peso à medida que subimos.

Aqui em cima, o ar parece mais denso. Por um momento, parece que não consigo respirar fundo o suficiente. Verificamos primeiro o armário pequeno, depois nosso quarto, o banheiro e, por último, o quarto de Sylvester.

Ele não está em canto algum. Está um silêncio mórbido aqui é quase impossível se mover por este lugar sem fazer algum tipo de som. A menos que esteja parado como uma estátua, não está aqui.

Não sei se isso me faz sentir melhor. Enquanto viver com Sylvester está longe de ser confortável, ainda era o perigo que você conhece e tudo mais. Agora o perigo é tão desconhecido quanto seu paradeiro.

Sabemos que a luz do farol ainda funciona e que ele teve acesso desde o dia em que naufragamos, então ainda há uma chance de ele estar aqui, mas não em qualquer lugar que possamos ver.

— Precisamos tapar as janelas e a porta para que ele não possa entrar — diz Enzo, calmo. O jeito como ele está falando só confirma meus próprios medos. Ele fala como se Sylvester pudesse nos ouvir.

— E se o trancarmos com a gente? — pergunto.

Os cantos dos seus olhos se apertam.

— Vamos garantir que tenhamos uma rota de fuga rápida.

Antes que possa questionar, ele entra no quarto de Sylvester e abre o armário. Então, começa a rasgar roupas dos cabides e lençóis extras de uma prateleira acima.

Depois que nossos braços estão cheios, ele volta para nosso quarto e fecha de leve a porta.

Levo apenas um segundo para entender quando ele começa a amarrar o material numa corda.

— Isso vai ficar preso na cama o tempo todo — explica ele. — Se alguma coisa acontecer, esta é nossa saída.

Franzo a testa.

— A janela está cheia de pregos.

— Não, não está.

Pisco, minha testa se franzindo quando vou investigar. Eu me lembro claramente dos pregos que a prendiam quando chegamos.

No entanto, quando verifico agora, descubro que os pregos foram removidos.

— Quando...

— Comecei a removê-los depois que chegamos aqui.

Minha boca se abre. Este tempo todo, ele estava removendo-os, e nunca notei. Sylvester também não deve ter notado. Sem dúvida é algo que ele teria falado se tivesse.

— Seu malandro — murmuro, sorrindo para ele.

Ele me lança um olhar aguçado.

— Posso ter dado a impressão de que estava jogando pelas regras dele, *bella*, mas nunca permitirei que alguém me prenda.

Enzo se aproxima de mim, e sou paralisada pelo seu olhar no mesmo instante. Só quando ele se agacha e começa a amarrar a corda improvisada ao redor da perna da cama é que percebo que estou na frente dela.

Com o coração na boca, dou um passo para trás, dando-lhe espaço para moldá-la ao redor da perna com segurança e, em seguida, juntar o excesso da corda debaixo da cama.

— Eu me esgueirei até aqui algumas vezes para afrouxar a janela. Estava duro no início, mas você deve ser capaz de abri-la sem problemas — explica ele. — Experimente apenas por precaução.

Não gosto deste cenário. Um em que fujo sozinha. Mas é inteligente estar preparada, então coloco as mãos na janela e a empurro. É preciso esforço, mas é possível.

— Bom — diz ele antes de fechá-la para mim. — Vamos encontrar algo para comer e então vou começar a fechar o lugar.

— Posso ajudar...

— Você precisa relaxar — interrompe ele.

Eu pisco.

— Enzo, não é a primeira vez que sinto dor nas costas. Não sou uma inválida.

Ele entra no meu espaço e pega meu queixo entre os dedos. Arquejo e um arrepio elétrico desce pelo meu corpo.

— Estou mais do que ciente de que você é uma mulher capaz, Sawyer. Mas isso não significa que não vou cuidar de você.

Minha boca se abre, mas nada escapa. Não há um pensamento coerente no meu cérebro. Tenho certeza de que não pareço diferente de um cão drogado. Observam seus olhos e não veem nada lá.

Seu olhar desce para meus lábios separados e fica por alguns segundos antes de se concentrar em mim outra vez.

— *Capito?*

— Sim — sussurro, entendendo o que ele está pedindo.

— Boa garota — murmura ele, uma nota de aprovação em seu tom enquanto se inclina e dá um beijo suave na minha testa.

Meu coração pode muito bem ser uma batata assada superaquecida. Está explodindo no meu peito enquanto meu corpo está todo corado.

A aprovação dele não deve me fazer sentir orgulhosa, mas faz. Com um último olhar carregado, ele acena na direção da porta e depois vagueia em direção a ela, a expectativa de que o seguirei clara.

Meu lado contestador me diz para não sair do lugar. No entanto, minha necessidade patética de conseguir outro daqueles beijos na testa é o que me faz segui-lo.

*

Sylvester era bastante rigoroso com as porções de comida, o que era algo que Enzo e eu não nos importávamos, considerando que somos convidados e que o estoque que duraria um mês estava sendo dividido em três. Ficamos gratos por termos comida.

Isso significava que não podíamos vasculhar os armários, e era algo que estávamos felizes em respeitar.

Exceto que depois de vasculhá-los, descobrimos que Sylvester tem acumulado muito mais comida do que deixou transparecer. Não posso culpá-lo por isso. Se eu vivesse nesta ilha sozinho e as chances de ser esquecido fossem bastante altas, provavelmente faria o mesmo.

Então, com isso em mente, Enzo e eu ainda mantemos nosso jantar muito leve. Uma única batata e um peito de frango temperado.

Melhor do que as milhares garrafas do suplemento Ensure no armário.

Ambos estamos confiantes de que podemos encontrar um rádio em algum lugar ou que o navio de carga virá mais cedo ou mais tarde, mas precisamos nos preparar para a possibilidade de que estaremos aqui por muito tempo.

Pelo que sabemos, aquele navio aparece com menos frequência do que Sylvester disse. É melhor poupar.

— Vá se deitar — diz Enzo, apontando para o sofá. Suspiro, faço o que ele diz, sem energia para discutir. Esta paz entre nós é emocionante, e não tenho interesse em destruí-la porque ele está sendo simpático. Seria uma estupidez.

Enzo acende a pequena lareira enquanto me sento no sofá. Quando estou confortável, ele me entrega a espingarda, com um olhar sombrio no rosto.

Encarando-o com olhos arregalados, agarro a arma dele hesitante.

— Sylvester não reabasteceu a madeira na cozinha, então preciso pegá-la lá atrás. Não devo estar fora por mais do que alguns minutos. Apenas mantenha isso perto por segurança.

— Ok — murmuro. — De onde ele tirou a madeira? Este lugar é quase desprovido de vida vegetal.

— Ele comprou como todo o resto. Ele tem toras para o fogo e algumas tábuas. Parece que tem um estoque.

Aceno com a cabeça, sentindo um pouco de alívio por isso. É mais uma prova de que um navio passa por aqui e confirma que *vamos* sair desta ilha. É só uma questão de quando e quanto tempo precisaremos viver com medo antes que aconteça.

Muita coisa pode acontecer até lá.

No segundo que Enzo fecha a porta da frente, a quietude fica mais pesada. Fica difícil engolir em seco, um poço de pavor se formando no meu estômago.

Porra. Isto é tão assustador.

Assim que alcanço o controle remoto, algo bate de cima. O músculo no meu peito dispara, batendo sem controle e quase me fazendo ter um ataque cardíaco.

Ah, puta merda.

Eu me levanto por nenhuma outra razão a não ser porque me faz sentir menos vulnerável. Escuto com atenção, ouvindo mais barulhos.

Após trinta segundos, meus ombros relaxam assim que o distinto arrasto de correntes começa. Por mais distante que pareça, estou confiante de que vem do terceiro andar, como costuma fazer. Mas isso não me faz sentir mais segura.

A adrenalina e o terror estão circulando pelo meu organismo, se misturando até haver um coquetel perigoso nas minhas veias que está de joelhos me implorando para eu ter um infarto.

Mudo o peso dos meus pés, grunhindo baixinho para Enzo se apressar. Se ele não voltar em um minuto, vou embora.

O caminhar para de repente, e isso é cem por cento mais assustador do que os passos. Pelo menos então, sabia dizer exatamente onde o espírito estava. Agora, pode estar em qualquer lugar.

Seja o que for, aperta meus pulmões. Meu peito dói por causa do pouco oxigênio que estou absorvendo. Estou com muito medo de respirar direito. Ou melhor, meu cérebro está tomado pelo medo, e não é mais capaz de enviar sinais para o resto do meu corpo.

Merda, todos os meus órgãos vão desistir quando a coisa aparecer, e acho que estou feliz por isso.

Mas depois, há uma batida silenciosa de cima. É difícil ouvir por cima do martelar do meu coração nos meus ouvidos, mas depois de alguns segundos, há outra batida.

Parece... curioso. Como alguém batendo na porta para cumprimentar o novo vizinho com uma caçarola recém-assada.

Por razões que nunca poderei explicar, meus pés me carregam em direção às escadas. Paro diante delas e, bem na hora, há outra batida. Mais alta desta vez, mais direta.

— Olá? — chamo.

Ninguém responde e me sinto estúpida. Mas então há um baque alto como se agora estivesse batendo com o punho na madeira. Eu pulo, um grito assustado escapando da minha garganta.

— Qual é o problema?

Desta vez, o meu grito é alto. Eu me viro para encontrar Enzo parado na porta da frente, sua testa franzida em preocupação.

Ele corre na minha direção, mas eu literalmente não consigo me mover ou respirar.

— O que aconteceu? — pergunta ele, com urgência, virando meu corpo de um lado para o outro para ver se tem ferimentos.

Eu consigo dizer:

— Fantasma. Bater. Assustador. Chame a polícia da água.

Ele relaxa, os ombros caindo. Lançando o olhar para o teto, cerra seu maxilar.

— Está tudo bem. Não pode te machucar.

— Tenho certeza de que isso não é verdade. Você já viu *Invocação do mal*? Ou qualquer outro filme de terror paranormal? Eles com certeza machucam. As pessoas morrem. Demônios são como assassinos em série, Enzo.

Pareço estúpida – sei disso –, mas ainda estou tentando colocar meu cérebro de volta em ordem, e uma coisa que tenho certeza é de que seja lá o que essa coisa é *pode* me machucar. Se é capaz de bater com o punho no chão, estou confiante de que pode fazer o mesmo no meu rosto.

— Não são demônios, são espíritos — lembra-me Enzo.

Encolho os ombros.

— Esses espíritos eram pessoas más vivas. O que o faz pensar que não são maus na morte?

Enzo me encara.

— Bom argumento — admite ele. — Se eu precisar lutar contra um fantasma, eu luto. Apenas se deite por enquanto.

Seus punhos não farão dano algum, mas como é um pensamento nobre, calo a boca e volto para o sofá. Enzo pega uns pregos da caixa de ferramentas que Sylvester guarda num armário na cozinha e depois começa a trabalhar.

A cada tábua pregada nas portas e janelas, me sinto cada vez mais claustrofóbica.

Este farol devia ser mais seguro comparado com a caverna. No entanto, minha vida parece mais em perigo do que quando estava perdida no mar.

Há um tubarão na água, e assim como estar no oceano, estamos em *seu* território.

28

Sawyer

Há um tubarão preso na minha perna, e acho que estou gritando sem poder fazer nada quando algo bate na lateral da minha cabeça. No meu sonho, é uma raquete de tênis. É confuso o suficiente para me distrair da besta mordendo minha perna, mas a raquete de tênis está batendo na minha bochecha outra vez.

Forte o bastante para a situação aterrorizante se afastar e me mergulhar de volta na realidade.

Algo está inclinado sobre mim, respirando com dificuldade, e no meu estado desconcertado, meus punhos imediatamente voam.

— Sou eu — sibila Enzo, agarrando meus pulsos antes que possam se conectar.

Na mesma hora, sou consumida por um alívio vertiginoso e um toque de decepção. Ainda bem que não há um tubarão usando minha perna como brinquedo de mastigar, e a pessoa em cima de mim não é Sylvester nem um espírito irritado. Mas estou um pouco triste por não ter batido em Enzo. Teria sido bom.

Assim que abro a boca para me desculpar, percebo que meu sonho não era a única coisa que mantinha Enzo acordado.

A batida furiosa está de volta. E desta vez, está na porra da porta do nosso quarto.

Tem uma tábua barrando na frente dela, um prego em cada extremidade. Enzo deixou uma meio presa para que possa abri-la com facilidade e permitir que a gente entre e saia do quarto. Mas agora, aqueles pregos parecem tão eficazes como se a madeira estivesse sendo segurada por chiclete.

Congelo, o terror do meu pesadelo inundando dez vezes mais. Antes, era apenas uma onda irritante que continuava batendo no rosto sempre que respirava. Agora, é uma feroz onda de medo me arrastando para baixo e me afogando.

— O que é isso? — sussurro, as palavras mal se elevando acima do barulho alto.

Como se ouvisse minha pergunta, faz uma pausa.

O forte aperto de Enzo nos meus braços só confirma que ainda está aqui. Caso contrário, seu silêncio teria me convencido de que estava sozinha.

De repente, há outro estrondo contra a porta. Desta vez, parece que alguém a chutou ou bateu com o ombro.

Assim como antes, quando estava batendo no teto, um grito se liberta da minha garganta. Coloco a mão na boca, tremendo bastante quando a coisa bate na porta outra vez.

— Vou abrir a porta — diz Enzo baixinho.

— Não! — Arquejo, minhas mãos voando para o colarinho da sua camiseta. Só que ele está sem camisa, e acabo cravando minhas unhas na sua pele.

— Não podemos apenas deixar que continue fazendo isso — argumenta ele com os dentes cerrados, agarrando meus pulsos e apertando-os com força.

— E se for Sylvester? — raciocino.

— Ele estaria gritando ou disparando a arma, e você sabe disso.

— Então, o que você vai fazer? — sussurro. — Abrir a porta e dizer para se acalmar ou você vai lhe dar uma palmada?

— Vou *te* dar uma palmada se continuar assim — esbraveja ele.

— Você vai convidá-lo pra entrar — digo, ignorando sua ameaça e tentando uma perspectiva diferente. — Ele quer entrar, e você vai apenas... dar permissão.

— Não é uma porra de um vampiro, Sawyer — rosna ele, obviamente frustrado. É evidente que nenhum de nós teve que lidar com espíritos malignos na vida, e ambos estamos muito mal preparados. Nenhum de nós anda com água benta e Bíblias. E Sylvester nunca deu qualquer indicação de que ele é religioso e possui essas coisas, também.

— Não há nada a fazer além de esperar — concluo.

BUM!

Pulo embaixo do peso de Enzo, me encolhendo com o barulho horrível. É o tipo de som que te faz fechar o cu.

Tem alguma coisa do lado de fora da nossa porta, e está usando toda a sua força para entrar.

Isso, e é óbvio que não gostou da minha ideia de ignorá-la.

— Foda-se esta maldita ilha — murmura Enzo, rolando de costas. Sinto frio sem seu peso sobre mim e, de alguma forma, me sinto mais vulnerável, mais exposta.

Rezando para que ele não me rejeite, me viro de lado e deito a cabeça no seu peito. Enzo nem sequer hesita. Seu braço desliza ao meu redor, me puxando para seu corpo.

Tenho um estranho desejo de chorar. Em vez disso, aconchego meu nariz na sua pele nua, fechando os olhos e agradecendo a Deus por não estar sozinha.

*

Algo se mexe abaixo de mim, perturbando o sono agitado em que me perdi. Foi um sono de merda, mas era tudo o que eu tinha.

O barulho alto durou por um bom tempo na noite, e quando por fim parou, havia um tom de azul no céu. Tentamos ao máximo dormir, mas é seguro dizer que nós dois não conseguimos.

Solto um grunhido e rolo de costas. Ainda dói muito, mas deitar numa cama de verdade aliviou um pouco a tensão.

Enzo suspira de frustração, e posso sentir seu péssimo temperamento na minha língua. Para ser sincera, o meu não é tão melhor.

Vamos ter um *ótimo* dia.

Ele se senta, joga as pernas sobre a cama e rola o pescoço, soltando um suspiro profundo. Por um momento, apenas fica sentado respirando. Poderia cortar a tensão com uma daquelas facas de plástico que as crianças ganham naqueles conjuntos de cozinha.

Então, ele se levanta e caminha até a tábua de madeira. Agarra o martelo encostado na parede e arranca o prego sem demora. Ele o solta e desliza a tábua, pendurada de onde está pregado do outro lado.

Ele substitui o martelo pela espingarda, lança um rápido olhar por cima do ombro para mim, depois abre a porta como se não houvesse algo tentando derrubá-la a noite toda.

Nada está do outro lado.

Está calmo e frio e parece quase um tapa na cara. Por que ele opta por nos assediar quando o sono é necessário e depois para quando é hora de acordar?

Rude pra caralho.

Mordo a língua ao me levantar, as dores nas minhas costas gritando. Eu me forço a me alongar, a dor beirando o prazer e tão aguda, que não posso deixar de soltar um gemido.

Sentindo-me um pouco tonta com isso, levo um momento para me concentrar outra vez em colocar o short.

Enzo está olhando com muita atenção para mim, uma carranca torcendo seu rosto, então volta sua atenção para o lado oposto da nossa porta. Franzindo a testa, me aproximo dele para ver qual é o problema.

Não sei se está zangado comigo ou com a porta, mas fico na defensiva no mesmo instante.

Quase na mesma hora, noto os profundos arranhões na madeira e como ela se estilhaçou de onde devia estar esmagando o ombro.

Minha boca se arregala. Nem me lembro das garras. Deve ter acontecido quando estava delirando pela falta de sono.

— Puta merda — murmuro, tocando uma das marcas.

Enzo está em silêncio, mas posso ouvir o vapor disparando de suas orelhas.

— Espíritos não podem fazer isso — diz ele.

Eu lhe atiro um olhar desagradável.

— Como sabe disso? — murmuro. — Não é como se você fosse um especialista.

O olhar furioso que Enzo me dá pode derreter a Antártida. Mas não me encolho. Não tenho certeza se é a falta grave de sono, a dor latejando nas minhas costas ou apenas que estou tão esgotada de medo que não me importo se morro hoje, mas lhe dou uma dedada e passo lhe empurrando.

Não vou ficar aqui e discutir sobre um fantasma desafiando as leis da física. Prefiro passar meu tempo gorgolejando cafeína como se fosse uma estrela pornô cercada por cinco paus.

Apesar das tábuas nas janelas, a luz da manhã espreita pelas rachaduras, banhando o piso inferior em um azul-escuro. Partículas de poeira dançam nos raios de sol, e bato a mão nelas como se isso fosse adiantar de alguma coisa. Sempre me incomodei com a visão de poeira no ar. É um lembrete rude de que estou inalando coisas nojentas todos os dias.

Enzo desce as escadas um segundo depois, e logo nos ignoramos. Mesmo em seu estado de aborrecimento, ele prepara ovos fritos e torrada para a gente, então cedo e lhe sirvo uma xícara de café.

Em nosso silêncio, noto que a faca de bife que eu estava usando para comer ontem não está aqui. Eu me lembro claramente de colocá-la na ilha antes de ir para a cama. Enzo subiu antes de mim, então não vejo como ele poderia tê-la movido.

A noção de que um demônio roubou uma faca é mais enervante do que arranharem uma porta.

Quando conto a Enzo, ele apenas grunhe, embora eu note seus olhos mais aguçados e ele ficar mais alerta.

Só depois de termos comido e bebido nossa droga líquida é que ele, por fim, abre a boca.

— Precisamos procurar o sinal luminoso hoje — anuncia ele.

Não brinca. O que mais podemos fazer? Sentar aqui e inventar um aperto de mão supersecreto por diversão?

Então, é óbvio que comida e cafeína não melhoraram muito meu humor.

Não me dou ao trabalho de responder. Em vez disso, me levanto, a cadeira arranhando irritantemente o chão e ganhando um grave tique nos olhos de Enzo.

Ainda estou convencida de que a entrada para a luz do farol está em algum lugar do andar de baixo, mas como lá em cima, há poucas opções onde uma porta pode passar escondida.

Começo a procurar batendo o punho em qualquer área aberta nas paredes, em busca de um ponto oco.

— Vou continuar procurando lá em cima — murmura ele.

— Dividir e conquistar, parece ótimo — comento, batendo na parede outra vez para verificar se é sólida.

Espero retribuir o favor e manter os fantasmas acordados como me fizeram.

Se não posso dormir, os mortos também não.

29

Sawyer

Um dia inteiro desperdiçado.

Nenhuma porta para a luz do farol foi encontrada, e estou pronta para arrancar meu maldito cabelo. Passei tanto tempo batendo nas paredes que está ecoando no meu cérebro, e agora minha cabeça está latejando.

Meu humor e o de Enzo só pioraram com o passar do tempo. Pelo visto, ainda não estamos num ponto em que podemos remoer em paz juntos.

Ontem à noite foi um lembrete de que não pertencemos a esta maldita ilha, mas não podemos fazer nada sobre isso. O conhecimento de que Sylvester está em algum lugar por aí e que ainda não estamos mais perto de encontrar a luz do farol, começou a nos chatear – nos enlouquecer.

Brigamos o dia todo, e enquanto eu estava mal-humorada, ele estava todo irritado desde o momento em que a gente acordou. No entanto, com o passar do tempo, estou menos convencida de que ele está tendo um dia ruim e começo a pensar que talvez eu tenha feito alguma coisa errada.

Não quero voltar para o quarto ainda. São só cinco da tarde, mas decidimos encerrar o dia.

Estou no banheiro, tomada banho e me sentindo nervosa. O espelho está embaçado e me recuso a limpar a condensação. Nunca gostei de me olhar no espelho mesmo – estou muito envergonhada –, mas também estou convencida de que, no momento em que o fizer, haverá um demônio parado atrás de mim.

Olho para os únicos pertences que possuo. Tirando a camiseta, são as mesmas roupas que fui forçada a usar há mais de três semanas. Eu me cansei do cheiro de mofo e lavei todas as camisas de Sylvester e me certifiquei de manter uma rotina a cada poucos dias para manter nossas roupas limpas.

Ele tem o suficiente delas para eu conseguir revezá-las, mas meu biquíni verde-neon está ficando desgastado pelo uso constante.

Agora que somos só Enzo e eu, estou tentada a não o usar e ficar só com uma camiseta enorme sem nada por baixo.

Mas depois me lembro *por que* não quero voltar para o quarto. Enzo está lá, e por alguma razão, eu o odeio agora.

Ambos fomos idiotas hoje. Posso admitir isso. Este lugar está nos enlouquecendo, e quanto mais tempo fico aqui, mais quero esfaquear alguma coisa. É lamentável para Enzo que ele costuma ser a coisa mais próxima de mim.

Suspiro, visto o biquíni, mas dispenso o short e a camiseta. Pegarei uma blusa nova no armário de Sylvester e pronto.

Mas paro do nada na porta quando quase colido com Enzo. Ele está saindo do quarto com a espingarda na mão – ele a carrega o tempo todo – indo na direção das escadas, e congela na mesma hora que eu.

Enquanto o encaro em choque por quase ter sido atropelada por um gigante com raiva, ele me olha furioso com uma expressão estrondosa.

Pouco a pouco, ele ergue os olhos pela minha forma seminua, depois passa a enrolar o lábio superior em um rosnado. Ele parece... com nojo, e poderia muito bem ter empurrado aquela espingarda no meu peito e puxado o gatilho.

Fico boquiaberta, magoada e confusa quando ele retoma seu caminho para as escadas.

— Vista-se, Sawyer. Não é isso que quero ver.

Meus olhos ficam esbugalhados, e arquejo em total descrença.

Ele *não* acabou de me dizer isso.

Antes que possa processar como responder, ele já se foi.

Que. *Filho. Da. Puta!*

Dominada pelo meu recém-ferido ego e por uma raiva extrema que ele diria algo tão terrível, mal me lembro de invadir o quarto de Sylvester e puxar uma camisa de um cabide em seu armário. Quase não sobrou nenhuma, a maioria sendo usada para nossa corda improvisada.

Mas antes de a vestir, paro e fico em frente ao espelho de corpo inteiro no quarto dele. Levo um segundo para perceber que não consigo me ver bem porque minha visão está embaçada pelas lágrimas quentes.

Passo as mãos nos olhos, forçando-as para longe, e então pelo que parece ser a primeira vez em anos, observo meu reflexo, embora ainda evite meus olhos. Kev é a última coisa que quero ver agora.

Minhas raízes estão começando a voltar. Perdi um pouco mais de peso, mas não pareço muito diferente do que antes. O que ele viu que, de repente, o fez olhar para mim como se tivesse sentido cheiro de leite estragado?

Franzindo a testa, por fim encontro meu próprio olhar. Tenho olheiras e, sem dúvida, dá para ver que estou exausta, mas não posso estar tão mal assim.

Né?

Kev está lá, balançando a cabeça para mim.

Quando você ficou tão frágil, pirralha? Você é tão fácil de quebrar.

A mesma coisa que Enzo me disse antes.

Tanto faz. Ele que se foda, Kev que se foda, e os dois que se fodam por me fazer duvidar de mim mesma.

Assim que me preparo para ir embora, noto algo estranho empilhado no chão ao lado do espelho.

É uma pilha de sacolas plásticas transparentes com uma fina e longa mangueira branca enrolada no topo.

Não faço ideia do propósito delas, mas estão tão fora do lugar que só posso encará-las.

Por fim, meu corpo se move, colocando a camisa por cima da cabeça e depois se aproximando da pilha de sacolas como se fosse uma cobra enrolada em cima, em vez de um tubo inofensivo.

Não há nada escrito nelas que indique para que serve, mas, após uma inspeção mais detalhada, percebo que estão costuradas, exceto por um pequeno buraco, onde presumo que o tubo deve ser inserido.

Viro o resto e descubro que todas as sacolas têm a mesma aparência. Sem dúvida, são feitos à mão, e os pontos são um pouco instáveis, mas são todas herméticas, exceto pelo buraco deixado intocado para o tubo.

Balanço a cabeça, confusa para que danado elas servem, mas decido que podem ser úteis para emergências. Se precisarmos desocupar o farol, posso enchê-las de água e usá-las como cantis improvisados.

Pego as sacolas e a mangueira e coloco no nosso quarto, debaixo da cama.

Estou preparada para passar o resto da noite aqui, mas meu estômago ronca e sinto cheiro de comida sendo feita lá embaixo.

Não me mataria se pulasse uma refeição em vez de aguentar a presença de Enzo por um segundo, mas percebo que não é muito inteligente. Não estou segura e vou precisar de toda a energia possível. Sobre tudo se não conseguir dormir por causa de um espírito fazendo birra barulhenta do lado de fora da porta vai se tornar uma ocorrência comum.

Suspiro, desço os degraus, repetindo as palavras desagradáveis de Enzo sem parar na minha cabeça.

Não é isso que quero ver.

Claro, nós dois tivemos uma noite bastante agitada e terrível e estamos sem dormir, mas como ele poderia de repente me tratar assim? Depois de se

ajoelhar e pedir meu perdão por esse mesmo comportamento?

Mesmo quando não escondia que me odiava, ele nunca me fez sentir tão... feia. Tão indesejada.

Se ele fosse Kev, mataria para me olhar assim. Ser tratada como se eu não fosse mais desejável do que suportar uma vasectomia sem anestesia.

Com raiva renovada, me recuso a olhar para Enzo e me sento na mesa de jantar, encarando a madeira como se fosse a culpada pela dor profunda no meu peito.

Depois de alguns minutos, vejo Enzo se aproximar de mim pela minha visão periférica, e meus músculos voltam ao modo de sobrevivência, tensos à medida que ele se aproxima.

— Coma — ordena ele bruscamente, quase jogando a tigela de sopa na mesa. Ela desliza e bate no meu peito, o líquido ardente escorrendo na minha pele.

Faço uma careta por causa da dor e a empurro para longe de mim, sem saber se consigo comer mais. Meus olhos gravitam em direção ao meu corpo, a insegurança subindo e chamuscando minha garganta.

Quando olho para cima, ele está me encarando com um olhar estoico no rosto, o músculo em seu maxilar saltando quando range os dentes.

— Não estou com fome — sussurro.

Ele abaixa a cabeça e um rubor sobe pela minha garganta quando o ouço rir, o som sem humor. Muito envergonhada, me levanto tão rápido que derrubo a cadeira. Sua cabeça se ergue logo quando me viro para ir embora. As lágrimas voltam a brotar nos meus olhos, e estou tão cansada de chorar.

Só consigo dar um passo antes que ele se incline por cima da mesa e agarre meu cabelo. Com um puxão forte, voo para trás, pousando de forma dolorosa na mesa de madeira com um grito.

Estou congelada de choque enquanto tento processar o que acabou de acontecer. A única coisa que sou capaz de fazer é encará-lo com espanto absoluto, meus olhos arregalados e minha boca aberta. Mesmo de cabeça para baixo, ele parece aterrorizante.

— Me diga, *bella ladra*, sou tão inesquecível que não se lembra até onde meu pau estava em você? Ou bateu com a cabeça e perdeu o maldito juízo?

Balanço a cabeça, sem palavras e incapaz de entender o que diabos isso significa.

— Seja lá o que pensou que eu queria dizer, você está errada — diz ele, entendendo que as palavras anteriores dele me magoaram.

Eu pisco.

— Você disse...

— Sei que merda eu disse, Sawyer.

— Então por que disse isso? — esbravejo, a raiva por fim reemergindo.

Ele se inclina, a tempestade em seus olhos mais feroz do que a que nos colocou nesta situação estúpida.

— Porque me irrita que eu te queira tanto assim — rosna ele, sua voz se aprofundou com uma escuridão encontrada apenas nas profundezas do mar.

Sua mão se enrola com mais força no meu cabelo, e alfinetadas perfuram meu couro cabeludo. Eu grito, minhas costas arqueadas e unhas arranhando seu braço numa tentativa desesperada de aliviar a dor.

Ignorando meus esforços, ele observa com toda a atenção meu corpo, um vulcão entrando em erupção no oceano dos seus olhos.

— Não suporto olhar para você. Não porque não goste do que vejo, Sawyer. É porque odeio como isso me faz sentir.

Ele me arrasta pela mesa e me vira até que eu esteja de frente para ele, arrancando um suspiro da minha garganta ao me forçar a ficar na posição vertical. Estou abalada e desorientada, então só posso ficar boquiaberta quando Enzo se enfia entre meus joelhos.

Estou tentando entender o que ele está dizendo, mas estou hipnotizada pelo relâmpago nos seus olhos cor de avelã e pela expressão severa no seu rosto.

— Não entendo o que aconteceu hoje. Você disse que não seria mais cruel.

Ele pega algo nas costas e mostra um cartão fino e dourado.

Um cartão de crédito.

O que abri em seu nome. Na hora certa, ele vira, seu nome completo na minha cara, quase zombando de mim.

— Estava tirando os lençóis para lavar esta manhã quando encontrei isso escondido debaixo do colchão.

Minha boca se abre, mas ele já está falando:

— Você estava *escondendo* isso de mim. Por que parece outra mentira, Sawyer?

— Não estava guardando para usar, prometo — garanto com veemência. — Estava no meu bolso quando você me levou para o barco e, de alguma forma, não se perdeu do naufrágio. Eu o escondi quando chegamos aqui, e apenas... não tinha jogado fora ainda.

Quando a última palavra sai da minha boca, eu me encolho, percebendo como parece uma desculpa esfarrapada. Ele vai pensar que estou mentindo, mas, desta vez, estou dizendo a verdade. Não quero mais mentir para ele. Quero que veja toda minha feia realidade e me aceite mesmo assim.

— Eu deveria ter apenas jogado no oceano. Não sei por que não o fiz — admito. — Mas nunca foi com a intenção de usá-lo de novo.

Ele joga o plástico frágil na mesa ao meu lado e depois coloca os punhos de cada lado dos meus quadris, ficando cara a cara.

O alarme de incêndio foi ligado, e todo o oxigênio que eu tinha guardado nos pulmões foi embora.

— Por que devo acreditar em você? — pergunta ele em voz alta, mas não tenho certeza se quer que eu responda. — Não *quero* acreditar em você, Sawyer. Da última vez que acreditei, você me magoou, porra.

Meu lábio treme, culpa e vergonha me atingindo tão profundamente que parece que está reescrevendo meu DNA. Não consigo sentir nada – *ser* nada – além dos danos que causei. Não só a Enzo, mas a tantas pessoas inocentes.

— Sinto muito — declaro, uma única lágrima caindo. Ele segue a gota, observando-a cair do meu queixo para minhas pernas nuas. Minha camisa subiu e apesar de ainda estar usando meu biquíni por baixo, nunca me senti tão nua.

Rápido, limpo a evidência do meu rosto.

— Não tem o direito de chorar — diz ele. — Não tem esse direito quando foi você que me arruinou.

— Tem razão. Fiz isso com você — concordo, piscando para evitar mais lágrimas. Não estou chorando por mim mesma. Já nem me sinto mal por mim mesma.

O que passei – o que fiz – não é desculpa para como escolhi sobreviver. Coloquei isso nos ombros dos outros e tornei desconhecidos responsáveis por me manter segura.

Sempre soube disso, mas é a primeira vez que enfrento a destruição que causei. É como se um monstro tivesse assumido o controle, e eu estivesse desaparecendo enquanto ele dizimava tudo ao meu redor. E agora, a raiva por fim diminuiu, e sou deixada em pé no meio da carnificina, sem ter ninguém para culpar a não ser eu mesma.

— Sinto muito... *muito* mesmo — repito com a voz embargada, rezando para que ele possa ver a sinceridade.

Enzo inspeciona meu rosto com atenção, analisando cada microexpressão e provavelmente procurando por mentiras.

— Sei que sente — murmura ele. — Mas ainda não quero perdoá-la.

Aceno com a cabeça, entendendo-o, mas ainda odeio mesmo assim. Odeio o que fiz, mas estou ainda mais determinada a nunca ser essa pessoa de novo.

O que significa que preciso lhe contar a verdade sobre Kev.

— Entendo — concordo, depois faço uma pausa, procurando as palavras certas para minha confissão. Não faço ideia de como dizer isso, mas antes que possa descobrir, ele balança a cabeça como se estivesse renunciando algo.

— Mas eu vou. Não quero mais ficar com raiva de você, Sawyer. Jurei que não seria cruel, mas agora percebo que para manter minha promessa, vou precisar perdoá-la. E vou precisar confiar em você. Se vou te dar tudo o que merece, então tenho que te dar tudo de mim.

Ele abaixa o queixo, a expressão no rosto severa.

— Posso fazer isso, *bella*? Posso te dar tudo de mim?

— Sim — garanto, a palavra quase tropeçando e saindo da minha boca. — Nunca mais vou magoar você. Juro, Enzo.

Ele está acenando com a cabeça, quase como se estivesse tentando aceitar isso. Então, baixa a cabeça suspirando por um segundo antes de erguê-la de volta para mim, algo diferente irradiando das profundezas dos olhos.

— Você é uma maldita sereia, e sou o tolo que se afogaria de bom grado apenas para te provar. Não ligo se você passar fome, *bella*, mas *eu* vou comer esta noite, e a única coisa que quero é você.

A surpresa confunde meus pensamentos. Pisco para Enzo, pronta para pedir que repita apenas para ter certeza de que ouvi direito, mas quando abro a boca, ele colide os lábios nos meus.

Ele engole o resto das minhas palavras com a língua e os dentes, me deixando em silêncio ao devorar meus lábios. Seja por choque ou instinto, abro a boca e o deixo entrar, apoiando uma das mãos na mesa e levando a outra para sua nuca.

Meu corpo inteiro brilha como uma cidade saindo de um apagão, meus nervos congestionados com correntes elétricas enquanto ele reivindica meus lábios.

E a cada toque de sua língua, ele apaga todos aqueles sentimentos feios acumulados dentro de mim. Enzo me consome com tanta intensidade que não sei como acreditei que ele parou de me querer.

— *Porra* — murmura ele na minha boca antes de capturar meus lábios outra vez. Suas mãos agarram cada lado do meu rosto, deslizando para meu cabelo e me consumindo ainda mais.

Parece que meu coração está martelando para fora do peito, ansioso para ser livre e poder fugir com seu amado.

Estou sem oxigênio e forço a me afastar, mas ele não me solta.

— *Non ancora* — resmunga ele. — Preciso mais de você.

Então, ele me puxa de volta mais uma vez, e eu esqueço por que queria respirar. Sua língua desliza sensualmente na minha, coagindo-a a

dançar como se estivessem em uma balada de amantes desafortunados.

Uma corrente percorre meu corpo e, a cada beijo, me sinto prestes a entrar em combustão. Somos a tempestade perfeita, onde ele é o trovão e eu sou o relâmpago.

Enzo agarra meus quadris e me esfrega nele com aspereza, seu pau duro ficando entre minhas coxas. Ele engole um gemido, o prazer irradiando de onde se pressiona em mim. Envolvendo minhas pernas na sua cintura, rebolo meus quadris no seu pau, querendo mais.

Se eu sou a sereia, então ele deve ser Poseidon, um deus zangado que comanda meu corpo como se fosse o oceano debaixo dos seus dedos.

Ele empurra contra mim com tanta dureza que a mesa range, as pernas rangendo contra o chão de madeira. Em questão de segundos, ficamos desequilibrados com a necessidade.

Quando se afasta, estou cega de luxúria. Ele me empurra na mesa e puxa a parte de baixo do meu biquíni, as cordas se desvendando sem problemas com sua força.

Em um movimento, ele levanta meus quadris, passa minhas pernas por cima dos ombros e rasteja para a mesa, a parte superior das minhas costas deslizando contra a superfície lisa. Mais um suspiro mal sai dos meus lábios antes que sua boca caia na minha boceta, roubando o pouco de oxigênio que me restava.

Mais uma vez, rebolo contra ele, os olhos perdendo o foco quando sua língua me penetra. Com um grunhido, ele achata a língua e lambe toda a minha entrada, e eu me perco enquanto Enzo lambe, chupa e circula meu clitóris antes de sugá-lo para sua boca.

— Enzo! — grito, minhas mãos mergulhando em seu cabelo, embora ainda seja muito curto para agarrar direito. Em vez disso, passo as unhas no seu couro cabeludo e ele rosna em resposta, as vibrações apenas aumentam o prazer que provoca com a língua.

Enzo se esbanja como um homem encalhado numa ilha, sem comida, e eu sou a única coisa que resta para comer.

O orgasmo se arrasta pouco a pouco e de uma vez, como o gato-da-selva atacando sua presa depois de persegui-la por tanto tempo.

Enzo enfia dois dedos em mim e os curva profundamente assim que desmorono. Sou incapaz de me preparar para isso, e o êxtase percorre meu corpo antes que eu possa respirar outra vez.

Mal sinto um grito rasgar da minha garganta, e minha visão é consumida por brilhantes explosões de cor e luz. Parece que minha alma está sendo arrancada do meu corpo, a mão de Deus me levando para o Céu.

Mas o demônio cada vez mais persistente está lutando pelo controle da minha alma fraturada, me trazendo de volta à Terra e entre seus dentes.

Só quando minha visão clareia é que percebo que minhas coxas estão encharcadas, e o rosto de Enzo ainda mais.

— Como continua me fazendo fazer isso? — ofego. Ele não é o primeiro homem a me fazer sexo oral e me levar ao orgasmo, mas me sinto como o cão de Pavlov e, de alguma forma, ele conseguiu treinar minha boceta para babar por ele sob seu comando.

— Seu corpo foi feito pra ejacular, baby. É só que ninguém lhe tocou do jeito certo — diz Enzo, saindo da mesa e me arrastando com ele até a borda.

Estou esperando que tire a bermuda e me foda, mas, em vez disso, ele agarra meus braços e me ergue outra vez, um arquejo caindo da minha língua e tocando de leve seus lábios que estão a apenas centímetros dos meus.

Ele flerta com a ideia de me beijar, passando a boca pela minha e me deixando desesperada para provar meu gosto em seus lábios. Como se sentisse que estou me preparando para atacá-lo, ele se afasta.

— Fique de joelhos, *bella ladra*. Vou lhe dar tudo pelo que tem rezado.

Engolindo em seco, escorrego trêmula da mesa e me abaixo no chão, segurando seu olhar ardente. Quanto mais desço, mais quentes ficam suas íris.

Como se para testá-lo, ergo o queixo.

— Então me dê — digo antes de abrir a boca, esticar a língua e aguardar seu próximo passo.

Um sorriso se estende em seu rosto, revelando as duas covinhas em todo o seu esplendor. É de tirar o fôlego, mas aterrorizante em igual medida. O sorriso não é nada menos que sinistro, mas, puta merda, é real.

Ele se abaixa, passando a ponta do polegar na minha língua.

— Uma menina tão safada — cantarola ele. — Como você tem um gosto tão doce?

Sou incapaz de responder, mas ele não espera.

— Tire — ordena ele. Estendendo a mão para sua cintura, deslizo o short para baixo e liberto seu pau. Não me envergonho da forma como minha boca saliva com a visão. Ele possui algo para ser venerado.

Enzo prende o polegar nos meus dentes inferiores e me aproxima até que minha boca esteja posicionada na ponta onde uma gota de líquido pré-ejaculatório espera para ser lambida.

Tento seguir em frente, mas seu aperto nos meus dentes me mantém imóvel. Arrastando meu olhar para o dele, espero, incapaz de falar ou me mover.

— Suas palavras sempre foram apenas palavras — murmura ele. — Mas seu silêncio é honesto, e é aí que sempre encontro minhas respostas. É aí que ouço tudo o que você não diz.

Quero desviar o olhar, me esconder, mas me obrigo a não me mexer.

— Chega de palavras, Sawyer — ordena ele. — Quero que me mostre.

Pouco a pouco, ele arrasta o polegar para fora da minha boca, arrastando o lábio inferior sem jeito antes de me soltar por completo.

Ele está me testando, e estou desesperada para lhe dar o que está pedindo.

Não se esconda, Sawyer.

Não fuja.

Apenas... fique.

Então eu fico. Sem deixar cair o olhar, me inclino para a frente e deslizo a boca na ponta do seu pau. Ele assobia, e meus olhos tremulam com o sabor salgado na minha língua, mas não os fecho. Deslizo a língua devagar, intoxicada com seu gosto e como seu pau é bom na minha língua.

Deslizo seu comprimento mais fundo, molhando-o para conseguir passar pela minha garganta. Sua boca se abre e sua testa se franze enquanto Enzo me encara com reverência. E é agora que percebo o quanto pode ser dito em um único olhar – há quanto tempo Enzo fala comigo – e nunca parei para ouvir. Mas ele estava sempre me ouvindo.

A emoção inunda meu peito, subindo pela minha garganta enquanto encolho minhas bochechas e rodopio minha língua. Eu o chupo com mais empenho, envolvendo todo o seu pau, meus lábios beijando sua pélvis. Um arrepio percorre seu corpo e xingamentos saem de sua boca.

Nunca tive reflexo de vômito, mas meus olhos lacrimejam com a falta de oxigênio. Depois de alguns segundos, recuo, um longo e lento deslizar que me rende algumas palavras mais rudes. E ainda assim, mantenho os olhos erguidos.

Será que Enzo consegue me ouvir dizer que ele é o primeiro homem que dei prazer sem passar mal? Será que consegue ouvir que com ele, convidar um homem para meu corpo parece uma escolha e não um meio de sobrevivência? Será que ele consegue me ouvir agradecendo por me fazer sentir menos quebrada?

Enzo deve conseguir, porque agarra meu cabelo e força minha cabeça para trás, e me puxa na sua direção para capturar meus lábios em um beijo selvagem. Quando ele se afasta, pego seu pau outra vez. Eu não tinha terminado – quero continuar lhe dando prazer –, mas ele se afasta de mim.

— Eu escolho onde te fazer inteira — rosna ele, me ajudando a levantar e me empurrando de volta para a mesa. Enzo agarra a parte de baixo dos meus joelhos e os ergue até que meus pés fiquem plantados na borda da mesa.

Seu pau desliza pela minha entrada, e eu empurro meus quadris sem controle, meus braços se curvando ao redor do seu pescoço e colando minha

frente na dele. Todo o meu corpo está tremendo, e preciso de Enzo perto por razões que só posso dizer através do meu silêncio. Preciso senti-lo.

Seus quadris se afastam o suficiente para que ele se alinhe com minha boceta, e então Enzo me penetra pouco a pouco e captura meu lábio inferior entre os dentes.

Estou tremendo, e a vontade de gritar está queimando a parte de trás da minha garganta. Meu silêncio está berrando com Enzo agora, implorando para ver quem eu sou e não o que fiz.

Seu beijo se aprofunda enquanto Enzo me penetra por completo, capturando meu grito com sua língua. Uma das suas mãos desliza pelo meu cabelo e agarra minha nuca e seu outro braço envolve minha cintura, me trazendo impossivelmente mais perto.

Meu queixo treme quando ele começa a me foder devagar, com longas retiradas e rápidas estocadas. Está me deixando selvagem e começo a agarrá-lo para se aproximar, embora seja impossível ele ir mais fundo.

É só quando estamos sem fôlego que ele solta meus lábios, descansando sua testa na minha enquanto respiramos um ao outro, trocando gemidos silenciosos e fortes respirações, como se algo mais alto que isso fosse destruir este momento.

— Me mostre, *bella* — pede ele. — Me mostre onde dói para que eu saiba onde te amar mais.

Lágrimas se acumulam nos meus olhos, mas eu as afasto, não querendo que nada obscureça minha visão dele. Minhas sobrancelhas estão apertadas enquanto as evito, mas deixo que ele me veja lutar para ficar.

Deixo Enzo ver que vale a pena ficar por ele.

— *Mostrami come amarti* — declara ele, com uma voz tão grave e sedutora que arrepia todo o meu corpo. Não sei o que significa, mas parece bonito e emocionante.

Seu ritmo fica mais rude, mais rápido e seu olhar brilha mais. O suor reveste nossos corpos, e cada toque incita o fogo, aproximando-nos da combustão.

A tigela de sopa cai no chão, e um lado da mesa escorrega do tapete, as pernas rangendo no chão de madeira a cada impulso, tornando cada vez mais difícil ficar quieta.

Eu me sinto muito bem com ele dentro de mim, e seu pau está batendo num ponto que faz meus olhos perderem o foco. Minha cabeça cai para trás, um soluço saindo da minha garganta. Posso sentir meu coração caindo nas suas garras, e não há nada que eu possa fazer para evitar isso.

Seus dentes arranham meu pescoço por um segundo antes de morder a carne abaixo da minha orelha. Estremeço enquanto ele me chupa, aumentando a euforia.

Estou tão perto de me despedaçar. E tenho medo de que ele veja aqueles pedaços irregulares e decida que não vale a pena sangrar por eles.

— Enzo — grito, o som a união da dor e do prazer.

— Assim — ofega ele, mordiscando meu pescoço de novo. — É assim que quero que use meu nome.

Ele tira a mão da minha nuca e a desliza entre nossos corpos. É preciso apenas algumas carícias do seu dedo no meu clitóris para acender o fusível.

Eu detono, minhas pernas chicoteando seus quadris e apertando-o com tanta força que ele mal consegue recuar um centímetro.

Um grunhido retumba em seu peito, mas não consigo sentir nada além da série de explosões que desmoronam dentro de mim.

Distante, eu o sinto me levantar e rastejar para a mesa outra vez, permitindo-lhe o ângulo que precisa para continuar as estocadas.

Eu me agarro a ele, mas Enzo está agarrando meus pulsos e forçando-os acima da minha cabeça. Minhas costas se arqueiam enquanto onda após onda continua a rolar pelo meu corpo.

Não aguento mais, mas ele não cede, tocando meu clitóris até a onda voltar, só para outro orgasmo colidir no meu corpo.

Há um grito perfurando o ar, mas é engolido pelos lábios de Enzo. Ele afasta a mão e agarra meu quadril. E então fica quieto, um grunhido selvagem reverberando por toda a minha garganta enquanto ele atinge sua própria dizimação.

Seu aperto nos meus pulsos e no meu quadril fica selvagem, mas mal percebo já que ele continua me penetrando, gozando dentro de mim enquanto me segura.

Não sei quanto tempo se passa antes de perdermos o controle dos nossos membros. Ele consegue se segurar antes de me esmagar, mas acho que nem me importaria. Já sinto que minha alma só se agarra ao meu corpo por pena.

Assim que ele se senta, há um gemido alto, seguido por um *crac* e, de repente, fico sem peso.

Desta vez, quando grito, é de susto como a mesa desaba abaixo de nós. Acontece muito rápido para qualquer um de nós reagir direito. A queda tira o fôlego dos meus pulmões, e Enzo xinga.

Apenas nos encaramos de olhos arregalados e em choque. E então uma risada sufocada me escapa.

Quebramos a maldita mesa. Tipo... sem ter como consertar. Não tem como remontá-la.

O queixo de Enzo cai e ele solta um suspiro lento. Estou gargalhando agora, e seus ombros estão tremendo com seu riso. Quando ele levanta a

cabeça, o sorriso mais bonito se espalha por seu rosto, e parece que meu coração derrapa e bate tão forte quanto esta mesa acabou de fazer. Ilumina todo o seu rosto, e seus olhos cor de avelã brilham enquanto me encara com carinho.

— Por que me beijou? — pergunto a mim mesma em voz alta, extasiada por como Enzo é radiante quando está feliz.

Seu sorriso some, mas a intensidade em seu olhar apenas aumenta. Ele paira sobre mim, plantando as mãos em ambos os lados da minha cabeça e me prendendo.

Esta... esta é a única gaiola em que quero estar.

— Há um lugar no oceano, tão profundo, que nem um único ponto de luz penetra. E, por tanto tempo, fiquei preso lá, incapaz de respirar. Quando te conheci, você me tirou daquela escuridão e foi a primeira vez que fui até a superfície e respirei. Você se tornou meu oxigênio, *bella ladra*, e não consigo mais respirar sem você.

Meu coração dispara do peito, e agora parece que sou *eu* que não consigo respirar. Nunca quis que alguém me amasse, mas agora eu quero. Meu Deus, quero que ele me ame.

— Ladra bonita — murmuro, lembrando o que o apelido dele significa. — Isso não é mais quem eu sou.

Ele me observa com atenção, aquele carinho ainda presente enquanto se inclina para mais perto, roçando o nariz no meu enquanto um sorriso puxa os lábios para cima mais uma vez.

— Você é uma ladra, baby. Roubou meu nome, e agora roubou meu coração também. Exija qualquer outra coisa de mim e darei a você.

— Não mere...

Ele agarra meu queixo, empurrando minhas bochechas nos meus dentes.

— Ser amada por mim vai doer muito. É tudo o que você merece.

Então, ele declara com paixão:

— Eu amo você e você vai me amar.

Estou convencida de que estou morrendo, mesmo assim é o momento mais feliz da minha vida.

— Eu amo. Eu amo você — respondo, quase em piloto automático. Claro, as palavras parecem confusas e engraçadas, considerando que minhas bochechas ainda estão esmagadas entre seus dedos, e faço biquinho de peixe.

Mas vale a pena porque traz outro enorme sorriso em seu rosto enquanto Enzo me solta. E mais uma vez, meu peito está cedendo e me esqueci de como respirar.

Por alguma razão, ele está pronto para me perdoar. Mas ainda não mereço isso. Não até ele saber tudo.

A felicidade escapa do meu rosto e, ao perceber minha mudança de comportamento, a dele também.

— O que foi, *bella*?

— Eu o matei — sussurro.

Enzo recua em choque.

— O quê?

Mordo o lábio, reunindo a pouca coragem que tenho.

— Eu matei Kevin — repito.

Sua boca se abre, e ele leva alguns segundos para entender o que estou dizendo.

— Disse que ele estava atrás de você.

Balanço a cabeça, as lágrimas mais uma vez queimando meus olhos.

— A polícia está atrás de mim... seus amigos. Não porque roubo identidades ou porque Kev está tentando me encontrar, mas porque matei um policial. Matei meu irmão gêmeo.

30

Sawyer

Seis anos atrás

Salto no momento em que ouço a porta da frente bater. Ele gosta de brincar e gritar. Querida, cheguei! Mas hoje, só há silêncio.

É inquietante e, na mesma hora, fico em alerta máximo. Tem um vazamento de gás nos meus músculos, tensão os enchendo aos poucos de veneno. Meu estômago revira quando os passos soam nos degraus, se deslocando cada vez mais perto.

— Sawyer? — chama Kevin. Em um intervalo de segundos, esmiuço cada sílaba e inflexão em seu tom, à procura de uma pista de como está seu humor.

— Aqui — respondo, tentando soar agradável.

São férias de verão da universidade e a única coisa que me mantém longe de casa – dele – é meu trabalho na biblioteca.

Mas claro, hoje é meu dia de folga, e agora estou considerando ligar para a sra. Julie e pedir um turno extra.

Estou sentada na cama, folheando um livro de suspense. Nem sei mais do que se trata; perdi a noção há cinquenta páginas e estou na página cinquenta e quatro.

Kev abre a porta, entrando sem esperar por permissão. Não que ele alguma vez tenha pedido.

Ele ainda está de uniforme, sem o cinto com o revólver e a arma de choque. A visão me enoja. Meu irmão desfila como um salvador – um protetor –, mas a única coisa que o uniforme representa é minha incapacidade de impedi-lo de me machucar.

A energia na sala muda num piscar de olhos, despencando mais rápido do que uma montanha-russa ao atingir o topo.

A adrenalina é libertada na minha corrente sanguínea como uma bomba. O suor se forma pela minha testa e meu corpo começa a tremer.

— O que está lendo? — pergunta ele, tirando o livro das minhas mãos antes que eu possa responder. Pela primeira vez, estou feliz por seu desrespeito, porque acho que não conseguiria lhe dar uma resposta.

Ele olha para mim e joga o livro na cama, e eu o vejo cair.

Página cinquenta e quatro. Não se esqueça.

— Estava lendo o dia todo? Não podia nem limpar a casa? — indaga ele, embora pareça mais um interrogatório.

— Eu limpei — defendo baixinho, juntando os dedos para esconder meus tremores.

— E o jantar? Parece que você está sentada o dia todo enquanto eu nos sustento.

— Tenho meu próprio dinheiro, Kev — resmungo. Não muito, mas faço de tudo para pagar pelas minhas coisas. Mesmo quando tenho aulas na faculdade, trabalho meio período para ajudar com as contas.

Mas engraçado é que o seguro de vida dos nossos pais foi mais do que suficiente para pagar a casa e o carro, mas Kev age como se precisasse economizar cada centavo. Não devia precisar quando roubou a minha metade do dinheiro.

Acho que ele gasta tudo com strippers quando não me atormenta.

— Esse dinheiro deve ser meu enquanto você estiver morando na minha casa.

— Nossa casa — corrijo, mantendo os olhos baixos, o ritmo cardíaco aumentando. — Somos gêmeos. E sou três minutos mais velha de todo jeito.

De relance, observo a fúria que brilha em seus olhos – uma raiva tão profunda que é algo com que ele só poderia nascer. Estava sendo criada no ventre da minha mãe ao lado de um monstro. Está no seu DNA. Às vezes, tenho medo de que também esteja no meu.

Meu irmão acena com a cabeça mais para si mesmo, como se concordasse com o demônio interior em alguma coisa. Só posso imaginar o que é. E essa é a parte mais triste – posso imaginar. Vivi todos os cenários.

— Você usa isso só para mim, pirralha? — pergunta ele, apontando para meu corpo. Não sei por que olho para o que estou vestindo como se já não soubesse.

Uma camiseta preta folgada, jeans largos e minhas meias de macarrão instantâneo Maruchan.

Passei quarenta e cinco minutos escolhendo com todo cuidado essa roupa. Assim como faço todos os dias. Qualquer coisa que possa ser considerada sugestiva resulta em toques indesejados, mas, na maioria das vezes, apenas existir tem o mesmo desfecho.

Vou pegar meu livro, evitando contato visual.

— Não as usei para ninguém.

— Porque não tem mais ninguém te dando atenção, né?

Graças a você.

— É isso que você quer? — continua ele. — Atenção?

— Não...

Kev rasteja para a cama, congelando efetivamente as palavras na minha garganta. Meu corpo está tão inflexível quanto um diamante quando ele vai para cima de mim, um sorriso aterrorizante no rosto.

O nojo e a náusea aumentam na minha garganta, e uma frieza se espalha por cada centímetro do meu ser.

Kev não pode fazer isso comigo de novo. Ele já invadiu tanto meu corpo que não tenho mais nada para dar. O que mais ele poderia querer?

Sua mão roça minha bochecha, mas minha alma foi transportada para fora do meu corpo. Estou vendo de cima ele me forçar a voltar para a cama.

Mas não cedo. Apenas o encaro com uma fúria gelada.

— Se deite, Sawyer. Sabe que lutar não adianta — rosna ele.

Lágrimas inundam meus olhos, e eu me pergunto como ele pode encará-los e não ver a si mesmo. Como ele não pode, se estamos ambos tão mortos por dentro?

— Saia de cima de mim, seu porco nojento — sibilo, as vibrações em todo o meu corpo aumentam até parecer que um terremoto o está devastando. Meu irmão se afasta chocado. — Se me tocar outra vez, mato você, Kevin.

Seu lábio superior mostra os dentes de um jeito muito perverso, e suas mãos envolvem minha garganta, apertando até que meu oxigênio seja cortado por completo.

Estou tanto encarando seus olhos escurecidos quanto vendo-o me estrangular de cima. Bato em seu aperto, meus olhos esbugalhados e minha pele ficando roxa.

Seu próprio rosto está vermelho, colocando toda a sua força para esmagar meu pescoço entre as palmas das mãos.

Minha mão tateia a cama sem ver, procurando enquanto minha vida se esgota às pressas.

Sabia que esse momento ia chegar. Senti nos meus ossos. Minha mente tem estado no limite e, a cada encontro, ele só me empurrou ainda mais para a borda.

Comecei a esconder facas pela casa, meu subconsciente entendendo a que ponto estava chegando sem nunca o reconhecer por completo.

Por fim, minha mão se fecha em torno da arma escondida debaixo do meu travesseiro, assim que minha visão começa a escurecer.

Sem qualquer direção, enfio a faca nele, sentindo em vez de vê-la afundar em carne e osso.

Ao mesmo tempo, o aperto ao redor da minha garganta diminui e algo quente e molhado respinga no meu rosto.

Meus pulmões se enchem de oxigênio, o alívio quase doloroso. Mas não tenho tempo para desfrutar quando uma cachoeira de vermelho está caindo no meu corpo enquanto Kev convulsiona por cima de mim.

A ponta da faca está mergulhada profundamente na lateral da sua jugular, o sangue jorrando tanto da ferida quanto da boca. Seus olhos estão esbugalhados, e todos os dentes estão à mostra.

Acho que estou soluçando, mas minha mente está tão fraturada que não faço ideia do que meu corpo está fazendo ou sentindo.

Ele está me encarando, e posso ver a traição irradiando de seus olhos. Você só pode trair alguém se confiam em você.

Kev nunca deveria ter confiado em mim.

Ele cai, e consigo pensar em empurrá-lo, seu corpo desabando do meu lado.

Estou arfando, desta vez o pânico domina meus pulmões. Minha metade superior está coberta de sangue quente, mas parece um piche denso. Preciso tirar isso de mim.

Com os olhos arregalados, tropeço para fora da cama, me recusando a olhar para trás, para o que fiz, mas sentindo a evidência mergulhar nos meus poros. Tiro a camisa e me limpo o melhor que posso, as mãos tremendo tanto que começam a ficar dormentes.

Pelo canto do olho, vislumbro seu corpo imóvel na minha cama, uma poça vermelha crescendo entre os lençóis.

— Merda, merda, merda — murmuro sem parar, quase arrancando uma camisa limpa do cabide no armário. Luto com o tecido, tendo problemas para encontrar a extremidade certa para abrir e colocar na cabeça.

Minha mente está a mil, mas não tenho um único pensamento coerente. Estou seguindo apenas meu instinto e tudo o que sei é que preciso fugir.

Fuja, Sawyer. Não olhe para trás.

Correndo para fora do meu quarto e descendo os degraus, quase tropeço nos meus próprios pés na minha tentativa de escapar. Eu me viro, procurando agitada meus sapatos, choramingando de angústia quando não consigo encontrá-los.

Que se dane. Não tenho tempo.

Preciso fugir enquanto ainda posso.

Porque assim que começar, nunca mais vou poder parar.

31

Enzo

Ela está me encarando, esperando uma resposta, mas estou atordoado demais para falar. A única coisa que consigo pensar é *como vou salvá-la, caralho?*

Seus olhos azuis caem, e ela começa a se esconder.

— Olhe para mim — esbravejo.

Ela obedece, seus olhos disparando para os meus. Eles estão cheios de lágrimas, e sei que está esperando que eu fique irritado.

De certa forma, *estou* irritado.

— Há quanto tempo?

— Seis anos — sussurra ela. — Tínhamos 22 anos. Ele havia acabado de sair da academia, mas todos já o amavam. Ficaram arrasados quando descobriram que ele morreu. — Ela encolhe os ombros sem jeito. — Alguns de seus amigos policiais estavam bastante no noticiários, chorando e prometendo que não descansariam até me encontrarem. Sempre esperei que seguissem em frente de alguma forma, mas um de seus velhos amigos ainda me envia e-mails de vez em quando.

Suspirando devagar, levanto-me e agarro suas mãos, ajudando Sawyer a se levantar. Ela parece tão insegura, e quero confortá-la, mas... ainda não tenho as palavras certas.

Como lhe digo que só estou irritado porque também queria ver a vida dele sair dos seus olhos? Como posso dizer que adoraria vê-la acabar com a vida miserável do irmão e depois provavelmente fodê-la por isso?

Com cuidado, saímos da mesa quebrada, garantindo que ela evite pedaços afiados de vidro ou lascas de madeira. Então, pego nossas roupas e ajudo Sawyer a se vestir, precisando dar às minhas mãos algo para fazer enquanto penso. Quando terminarmos, pego a espingarda e levo Sawyer para nosso quarto.

— Enzo? — indaga ela, tímida e incerta.

Passo a mão no rosto, mil pensamentos na cabeça.

— Onde aconteceu?

— Nevada, nos Estados Unidos.

Suspiro.

— A Austrália lhe entregaria para as autoridades dos EUA — diz ele. — Mas outros países não.

Ela assente devagar.

— Nunca ia ficar na Austrália, Enzo. Me escondi em Estados diferentes nos últimos seis anos. Depois de muito tempo, criei coragem para usar uma das identidades para conseguir um passaporte e deixar os Estados Unidos, então comprei uma passagem para a Indonésia. Mas alguém que eu conhecia me viu no aeroporto esperando o voo, e ela ia me denunciar, então precisei tomar uma decisão muito rápida e mudar de voo. Escolhi o primeiro disponível e acabei na Austrália. Tenho sido discreta por enquanto, mas sempre planejei ir embora.

Sempre planejei ir embora.

E agora não sei se posso deixá-la ir.

— Olha, sei que o que fiz foi errado, mas...

Sawyer para quando minha cabeça se vira para ela. Tudo o que vê na minha expressão faz sua boca fechar.

Num piscar de olhos, seu rosto está entre minhas palmas, e ela me encara como se não tivesse certeza se deveria estar com medo ou não.

— Você sabe como estou com inveja? Quem me dera ter estado lá para recompensá-la depois. E ainda garantiria que nunca fosse pega.

Sawyer balança a cabeça, confusa.

— Como não está chateado? Eu matei alguém. A sangue-frio.

— Baby, só lamento que tenha passado os últimos seis anos se arrependendo quando poderia estar se regozijando com isso.

Eu me concentro nos seus lábios rosados. Também lamento ter esperado tanto tempo para prová-los.

Quando arrasto meu foco de volta para seus olhos azul-bebê, ela está apenas me encarando, confusa.

— Você me matou naquela mesa? Alguma das pernas me empalou ou algo assim? Isso não pode ser real.

Sorrio e seus olhos se arregalam.

— Ah, meu Deus. Eu morri *mesmo*.

— Você quer que eu fique com raiva?

— Não? — diz ela, mas parece mais uma pergunta. — Acho que a reação de uma pessoa normal seria ficar surpresa, me julgar bastante e, em seguida, talvez ligar pro 911 em segredo.

— Não é 911 aqui é 000. E já conversamos sobre isso. Não podemos ligar.

Ela revira os olhos, saindo do meu aperto.

— Só não esperava que ficasse feliz — admite ela.

Inspeciono-a com atenção. Há uma pitada de alívio nos seus olhos, mas ela ainda parece insegura.

— Estou feliz por ele estar morto, mas isso não significa que estou feliz com nossa situação — corrijo. — Você está com muitos problemas e vai ser difícil ajudá-la.

Sua testa se franze.

— Enzo, não espero que me salve.

— Isso é porque ninguém nunca te achou digna de ser salva. — Sua boca cai, ofendida, e aproveito a oportunidade para enganchar os dentes de baixo com dois dedos e puxá-la para mim. Ela quase cai no meu peito. — Eles estavam errados, baby. Você vale a pena.

Ela afunda os pequenos dentes nos meus dedos, e eu sorrio, soltando-a.

— Sou capaz de me salvar — diz ela, com fogo nos olhos.

— Você é — concordo, passando de forma carinhosa meu polegar na sua bochecha. — Já provou isso quando acabou com a vida do seu agressor. Mas não está mais sozinha. Agora tem alguém para servi-la enquanto procura justiça.

Ela pisca.

— Não foi bem assim que pensei que essa conversa seria — confessa ela em um tom baixo. Sawyer parece assustada de novo; desta vez, sei que é porque não quer ter esperanças.

Cedendo, beijo seus lábios de leve.

— Até agora sofremos bastante. Talvez possamos mostrar um ao outro algo diferente desta vez, ok?

Seus lábios se curvam para cima, apenas um pouquinho, então ela acena com a cabeça e sussurra:

— Ok.

— E vamos resolver isso juntos. Primeiro, só precisamos sair desta ilha.

Mais uma vez, ela assente com os olhos azuis mais brilhantes do que o normal.

Satisfeito, solto Sawyer e vou para o banheiro tomar um banho quando ouço alguém andando lá embaixo.

Não apenas seus passos, mas o som de correntes se arrastando.

— Que som é esse? — sussurra ela.

— Alguém está aqui. Não estamos mais sozinhos.

— Enzo — começa Sawyer, hesitante. — Não vá lá para baixo.

— É apenas um fantasma, né? — pergunto por cima do ombro. — Não pode me machucar.

Ela bufa de frustração, deslizando sem fazer barulho para o meu lado.

— E já falamos sobre *isso*. Se conseguem atingir um objeto sólido, podem atingir você... outro objeto sólido. É sério, mesmo, Enzo. Você precisa ver mais filmes.

— Eles são falsos — argumento.

— Mas alguns são baseados em fatos reais! — sussurra ela.

— São muito exagerados.

Seus punhos estão cerrados, e ela está fazendo uma careta para mim. É muito fofo, mas a pessoa – coisa – o que quer que seja, move algo, e é alto o suficiente para chamar minha atenção.

— Fique aqui em cima — murmuro, ignorando seu pequeno gemido de decepção e pegando a espingarda. Sem fazer barulho, vou em direção da escada.

É claro que Sawyer não fica, andando atrás de mim. Ela se cola nas minhas costas, quase me fazendo tropeçar enquanto descemos, a arma posicionada nas minhas mãos.

Estou tenso e, quando o andar de baixo aparece, logo varro meu olhar por cada centímetro.

Não tem ninguém aqui.

Paro no degrau inferior, sentindo a energia estagnada na sala.

— Ah, cara, isso é uma droga — resmunga Sawyer baixinho, mexendo os pés e fazendo o metal abaixo de nós gemer. — Podemos voltar lá para ci...

— Baby, cala a boca.

— Que rude — murmura ela, mas fora isso, não tem mais nenhum comentário desnecessário.

Recusando-me a acreditar que algo pode apenas desaparecer desse jeito, observo cada centímetro da cozinha e da área da sala de estar. O tapete e a mesa quebrada estão em cima do porão, então não há muitos lugares para se esconder e, em poucos minutos, sou forçado a aceitar o fato de que seja lá o que estivesse aqui, não está mais. Pelo menos não em qualquer lugar que eu possa ver.

Estou na sala de estar, olhando para a lareira fria e morta, quando Sawyer entra.

Ela olha em volta, nervosa, ainda preocupada que a coisa volte.

É bem provável que volte, e espero que sim. Adoraria ver por mim mesmo se há mesmo um espírito invisível andando por aí, causando estragos no lugar e na nossa sanidade.

— Humm. Está vendo aquilo? — pergunta Sawyer, endireitando a coluna e toda sua hesitação desaparecendo em questão de segundos. Sigo

seu olhar, pousando nas duas estantes de livros na parede em frente ao sofá.

Uma delas parece deslocada. Não para o lado, mas em um ângulo diferente.

Como se fosse uma porta.

Indo direto em direção às estantes, ordeno às pressas:

— Pegue as lanternas na cozinha.

Ela corre para pegá-las, voltando para o meu lado assim que começo a puxar a estante torta. Com pouco esforço, se abre com um rangido, um barulho muito parecido ao que ouvimos antes de descermos.

O suspiro de Sawyer é a única coisa que pode ser ouvida agora enquanto olhamos para um abismo escuro. A estante é uma maldita porta, e atrás dela há uma escadaria de pedra em espiral.

— A luz do farol — sussurra ela atrás de mim, clicando na lanterna e movendo-se na minha frente.

— Sawyer, fique atrás de mim. Você estava com medo há dois segundos.

Por cima do ombro, ela olha furiosa para mim.

— Estou muito animada agora. Então, *you* fique atrás de *mim*. Ser homem não te torna especial. Pelo que me lembro, eu sou a assassina, não você.

Ergo as sobrancelhas.

— Ficarei feliz se ficarmos quites, *bella*.

Ela revira os olhos, murmurando “homens” com zombaria e avançando. O canto do meu lábio se curva, e pego a lanterna extra de seu aperto que ela se esqueceu de entregar, deixando-a ir em frente.

Ela tem razão, não precisa que eu a salve, mas não significa que não vou protegê-la, e isso não me impede de apontar a arma por cima do ombro dela, caso Sylvester apareça.

Ambos mantemos os passos leves ao subirmos, girando ao redor da estrutura para o que parece ser uma eternidade. Quando ela chega ao topo, faz uma pausa por uma fração de segundo antes de dar um gritinho empolgado.

— É a luz do farol! — exclama ela, embora consciente o suficiente para não fazer muito barulho.

Entro numa pequena área esférica. É quase toda de vidro, com uma porta que leva a um corrimão que circunda o ambiente. Vejo uma escada de metal que deve levar à luz do farol.

Um largo sorriso se espalha pelo rosto de Sawyer, e ela olha para mim com alegria.

Um painel de controle se estende por metade do lugar. E no lado esquerdo há um rádio.

Minha primeira reação é a fúria. É a confirmação de que Sylvester mentiu para a gente o tempo todo. Mantendo-nos aqui de propósito, aprisionando-nos.

E embora ele nunca o tenha dito em voz alta, sei, sem sombra de dúvida, que o fez porque é um homem solitário e fodido e queria manter Sawyer aqui.

— Podemos sair daqui — ofega ela, seus olhos azuis se iluminam com esperança e emoção. Mesmo no escuro, brilha mais do que o sinal luminoso desligado.

Ela corre para o painel e, assim que dou um passo em sua direção, há um leve som de algo se arrastando vindo de cima. Eu congelo, ouvindo com atenção enquanto Sawyer pressiona botões e mexe no rádio. Perdida em seu entusiasmo, ela não ouviu o barulho.

— Acho que funciona! — grita ela, e o zumbido baixo do rádio segue pouco depois.

No entanto, estou muito focado na crescente perturbação de cima.

— Sawyer — sussurro bruscamente. Ela se vira para mim, as sobrancelhas franzidas de preocupação. Sua boca se abre, pronta para dizer alguma coisa, mas depois algo se arrasta devagar pelo teto.

Correntes.

Meu coração dispara quando o som parece circular, como se estivesse andando ao redor da luz do farol.

Seja lá o que estava na sala de estar agora está lá em cima, talvez deixando a porta da estante aberta de propósito para a gente descobrir. Muito focado em, por fim, encontrar o farol, nem cheguei a pensar que a... *coisa* veio aqui primeiro.

— Vem cá, *bella* — digo, estendendo a mão para ela. No momento em que a sinto deslizar na minha, puxo Sawyer para trás de mim e reposiciono a arma.

As correntes param por um breve instante antes de aparecerem na lateral do vidro onde está a escada. A adrenalina pulsa no meu organismo quando aparece um pé pálido feminino e depois o outro.

Dois grilhões grossos de metal estão presos em cada tornozelo, uma longa corrente balançando entre eles.

— Enzo — começa Sawyer, hesitante. — Devemos atirar nisso?

— Achei que não podíamos lutar contra fantasmas — lembro-a. Embora, à medida que o espírito desce a escada devagar, fica evidente que é uma garota. Ela é muito magra e tem um longo vestido branco esvoaçando ao seu redor. Ela chega ao fim da escada, mas a cabeça está inclinada para baixo, longas madeixas de cabelo loiro cobrindo o rosto.

— Ah, meu Deus. Deve ser a garota que vimos no mar — ofega Sawyer.

— Isso... não faz sentido — murmuro, pensamentos correndo enquanto tento juntar as peças das mentiras de Sylvester.

Ele disse que as correntes eram de prisioneiros que matou anos atrás, seus espíritos assombrando o farol. Também disse que a filha se matou, mas se este é o espírito dela... por que está usando correntes?

Meu coração dispara e sinto meus traços suavizarem.

— Sawyer — começo, observando a garota caminhar para a porta devagar, a corrente de metal fazendo muito barulho ao se arrastar pelo chão.

A cabeça da garota se levanta, quase como se me ouvisse, e todo o meu ser congela. Mal ouço o suspiro de Sawyer por trás de mim, tanto extasiado quanto perturbado.

A garota não tem boca. Ou melhor, onde sua boca costumava estar tem uma linha de pontos pretos e grossos.

— Sawyer — começo de novo, afastando a gente quando a garota se aproxima, o cabelo soprando quase violentamente ao vento. — Isso não é um fantasma. Ela é real.

Nós a observamos dar uma volta ao nosso redor, olhando para a frente, e as linhas grossas na boca visíveis e grotescas.

— O quê? — grita Sawyer. — O que você quer dizer com ela é real? Isso é melhor ou pior?

— Acho que ele mentiu sobre os prisioneiros, e é por isso que não conseguimos encontrar um relatório. Sylvester disse que tinha duas filhas aqui, se lembra? Ele alegou que Trinity se enforcou na nossa janela e Raven e Kacey foram embora. Ou Trinity nunca se enforcou ou Kacey nunca foi embora.

Sinto Sawyer tremer quando pergunta:

— Então, você está dizendo que não há nenhum fantasma aqui? Era só ela o tempo todo?

— Acho que sim — murmuro quando a garota loira chega à porta. — Deve ter sido assim que Sylvester se libertou do porão. Ela o soltou.

— Porra — sussurra Sawyer.

O vento uiva quando ela abre a porta, inclinando a cabeça para baixo de novo, escondendo-se mais uma vez. Mantenho a arma apontada para ela, sentindo Sawyer sair de trás de mim quando a garota dá um passo e fecha a porta.

Por um momento, nenhum de nós se mexe ou mal respira. E então, a garota ergue o queixo, e a brutalidade do que foi feito com ela é gritante. É o suficiente para revirar meu estômago.

O vestido branco que está usando está amarelado, e há um fedor podre emanando dela.

Mas seu rosto... é muito pior do que eu pensava antes. Cordas grossas de fio preto afrouxam pela boca e até as bochechas. Parece que a ferida está apodrecendo, a pele ao redor escurecida e deteriorada.

Ela encara a gente com olhos azul-claros, marejados e arregalados. Demora mais um segundo para perceber que está tremendo como uma folha.

Sawyer entra na minha frente, e minha mão voa para seu pulso por instinto. Ela para e olha para mim, murmurando:

— Está tudo bem.

Solto seu pulso, mas dou um passo atrás dela, recusando-me a baixar a arma. Não faço ideia do motivo da garota. Ela pode estar procurando ajuda ou pode ter más intenções.

— Meu nome é Sawyer. Você é uma das filhas de Sylvester?

A garota encara Sawyer por alguns segundos. É enervante, mas Sawyer apenas fica olhando, esperando paciente por uma resposta. Por fim, a menina acena com a cabeça e parece um soco no peito.

— Seu nome é Trinity? — pergunto, calmo.

Os olhos da garota se voltam para os meus, e ainda há um sentimento sombrio e ameaçador deslizando pelas minhas veias. Não sei dizer se é por causa dela ou do que ela representa.

Ela nega com a cabeça, então pergunto:

— Kacey?

Outra pausa, e então ela concorda.

Meu Deus.

Isso significa que é bem possível Trinity ter se enforcado, e talvez perdido na tristeza ou loucura, Sylvester nunca deixou Kacey ir embora. Tão desesperado para mantê-la aqui que a acorrentou e a manteve trancada. Até costurou sua boca, acho que para ela não conseguir fazer barulho quando os visitantes aparecessem.

Onde ela dorme? A garota esteve presa em algum lugar o tempo todo que estivemos aqui. Isso explica por que Sylvester nos trancava no quarto e por que a ouvimos nos corredores apenas à noite, quando Sylvester devia deixá-la vagar livre. Ela tem batido no chão e até na nossa porta, tentando chamar nossa atenção esse tempo todo.

A mão de Sawyer desliza na boca, e sei que percebe essas mesmas coisas.

— Vamos sair desta ilha. Quer... vir com a gente? — pergunta Sawyer devagar.

Kacey dá um passo em direção à Sawyer com determinação, e não consigo evitar, agarro o braço de Sawyer e a puxo de volta para meu peito

antes de recolocar o dedo no gatilho. Ela faz uma pausa, deslizando os olhos para os meus. Não consigo ler a emoção neles, mas não há dúvida de que está me observando com tanta atenção quanto eu a estou estudando.

— Está tudo bem — assegura Sawyer, chamando minha atenção para ela enquanto olha por cima do ombro para mim com um sorriso leve.

Está?

Nada sobre esta situação está bem.

Encarando Kacey outra vez, aceno para o rádio no painel de controle e digo:

— Precisamos usar esse rádio para pedir ajuda.

Kacey acena com a cabeça e se afasta, indicando que não vai nos parar.

— Vá em frente, baby — encorajo Sawyer. Ela corre para o rádio e começa a mexer nas frequências, dizendo *olá* algumas vezes no alto-falante, tentando obter uma resposta. Fico logo atrás dela, garantindo sua segurança.

Só então abaixo a arma. Por mais que queira acreditar que Kacey não nos atacaria, não há dúvida de que seu estado mental está em frangalhos, e não consigo determinar seus pensamentos a nosso respeito. Sylvester é tudo o que conhece – é bem possível que seja leal a ele, apesar do que fez com ela.

Fico de olho nela enquanto Kacey observa Sawyer.

— Você sabe para onde Sylvester foi? — pergunto à garota enquanto esperamos. Ela olha para mim, e é quase enervante a rapidez com que desloca os olhos.

Kacey balança a cabeça, olhando para Sawyer de novo enquanto ela continua a mexer no rádio.

— Há mais alguém sendo mantido aqui?

Outro “não”.

— Um navio vem aqui uma vez por mês? — pergunto, seguindo em frente.

Kacey concorda com a cabeça, Sylvester foi esperto o suficiente para não mentir sobre isso. Não com a quantidade de comida e suprimentos que tem, e ele não tem espaço para armazenar um estoque maciço que vai durar anos a fio.

— Sua mãe conseguiu sair da ilha? — questiono, sem rodeios. Não há uma boa maneira de perguntar, mas estou curioso para saber o que aconteceu de verdade com Raven, embora tenha um puta palpite.

Seu olhar cai por um segundo, a pergunta parecendo entristecê-la, mas Kacey se concentra em mim e balança a cabeça. Não.

— Ele a matou — concluo, mais como uma declaração do que uma pergunta.

Ela concorda.

Meu Deus. *Sapevo che lo stronzo stava mentendo*. Mas nunca imaginei que a verdade fosse tão fodida. A confirmação faz pouco para acalmar a fúria sombria que se ergue no meu peito.

— Lamento que tenha passado por isso. Mas você não precisa ficar mais aqui com ele, e ficaremos felizes em ajudá-la de todas as formas que precisar.

Embora Kacey seja incapaz de falar, seus olhos se suavizam.

— Olá? Alguém aí? Olá? Três pessoas estão sendo mantidas reféns na ilha Raven. Por favor, precisamos de ajuda — diz Sawyer no rádio.

Mas o zumbido da estática é a única resposta. Ela prossegue repetindo o mantra no rádio e Kacey continua encarando.

A situação permanece a mesma por um minuto até a gente escutar um barulho alto do andar de baixo. Assusta muito Sawyer, um grito saindo de sua garganta. A atenção de Kacey chicoteia para a escada, os olhos arregalados de terror.

Então, ela os arrasta para os meus, e sei exatamente o que ela está dizendo sem precisar ouvir um som.

Ele voltou.

32

Sawyer

Meu coração está batendo tão forte que tenho certeza de que posso levar um barco até nós.

Enzo parece indeciso, encarando Kacey, depois desce as escadas. Sei com o que está se debatendo – me deixar aqui com ela sozinha ou me deixar ir com ele.

— Não vá lá para baixo.

Ele rosna de frustração, mas por fim olha para mim.

— Preciso que vocês duas fiquem aqui em cima — diz Enzo, segurando a espingarda com força.

Estou balançando a cabeça antes que ele termine.

— Não, não, apenas fique aqui até eu entrar em contato com alguém — imploro, desesperada. A ideia dele ir lá e possivelmente se machucar é suficiente para fazer meu estômago se revirar.

— Baby, este é um espaço minúsculo e é bem fácil que a briga se transforme em um tiroteio. Não vou arriscar sua vida. Não vou perder você — argumenta ele, veemente, mantendo a voz baixa.

— Enz...

Enzo dá passos firmes na minha direção, interrompendo meus protestos ao enganchar os dedos nos meus dentes e me trazer até seu corpo. Então, ele me agarra pela nuca, me mantendo no lugar enquanto captura meus lábios entre os seus.

É devastador o jeito como ele me beija. Parece amor, mas até mesmo esse sentimento parece tão sem brilho quando todo o meu ser se sente vibrante sob seu toque.

Meu lábio inferior treme e Enzo o pega entre os dentes antes de soltá-lo com um estalo suave, afastando-se ao mesmo tempo. Minhas mãos estão enroladas na sua camiseta, agarradas a ele com medo. Por tanto tempo, apenas senti medo por mim mesma, e isso... isso parece muito pior. Quem criou a palavra *adeus* desconhecia a perda. Não há nada de bom na maneira como ele me deixa.

— Já enfrentei predadores muito mais poderosos do que ele jamais será. E agora Sylvester vai me enfrentar — assegura ele, a voz ficando mais grave, causando arrepios no meu corpo.

Tento acenar com a cabeça, mas é um movimento irregular.

Distraído, Enzo passa o polegar no meu lábio inferior.

— Eu te amo — murmura ele, o que me deixa com raiva porque isso soa mais como um agouro do que uma confissão de amor.

— Também amo você, mas será que pode não dizer isso agora? É preocupante.

Aquela covinha aparece quando ele se afasta do meu aperto desesperado em sua camiseta.

— Consegue cuidar de si mesma?

Concordo com a cabeça.

— Sim. Ficarei bem.

Parecendo desconfiado, ele olha para Kacey com um semblante sério, como se a covinha nunca tivesse existido.

— Vou confiar em você — diz Enzo a Kacey, embora pareça mais uma ameaça. Ela acena com a cabeça, afastando-se outro passo para garantir a ele que não vai se aproximar.

Enzo ainda está em conflito; no entanto, me olha mais uma vez antes de descer as escadas.

Estou morta de preocupação, mas não vou ficar aqui sem fazer nada enquanto ele arrisca a vida.

Eu me viro para o rádio, trocando para outra frequência e repito meu chamado para obter ajuda, mantendo minha voz baixa, mas clara.

Kacey se move atrás de mim, e um alarme soa na minha cabeça no momento em que ela está fora da minha visão periférica.

Eu me movo na sua direção, observando-a se mover devagar em direção aos degraus.

— Fique aqui em cima — digo. Não quero que ela siga Enzo. Algo me diz que se ela aparecer por trás dele do nada, pode ser letal.

Tem algo de errado com ela. É *óbvio* que tem algo de errado com ela. Kacey esteve presa neste lugar a vida toda. Sua boca foi costurada.

Como ela come?

Depois, entendo. De repente, aquelas sacolas de plástico feitas à mão com o tubo branco no quarto de Sylvester fazem sentido. Eram sacos de alimentação, o que significa que ele deve ter feito um buraco em algum lugar no estômago da garota para colocar os nutrientes dentro dela. Isso também explica por que há tantas garrafas de Ensure nos armários.

Meu estômago revira ainda mais, virando um nó apertado. Passo mal só de pensar nisso. Nem consigo imaginar a tortura que essa pobre garota aguentou.

Kacey se vira para mim, e ainda é impactante cada vez que vejo sua boca mutilada. Não há como se acostumar a ver isso. Parece algo que veria em um filme de terror e consolida a sensação de que de alguma forma, entrei em um.

Acho que nem posso ficar irritada. Sem dúvida, o universo está me mostrando meu carma agora, e bem, não posso culpá-lo de verdade.

Kacey não consegue falar, e não parece que tenha qualquer outro método para se comunicar, então depois de alguns segundos desconfortáveis, ela se vira e apenas fica parada no topo dos degraus, encarando o abismo negro.

Meu desconforto aumenta, além da minha crescente preocupação com Enzo e inquietação por ninguém ter respondido meu chamado.

Mas à medida que os minutos se passam, uma nova emoção rodopia em torno do já bastante potente coquetel nas minhas veias. Receio.

Algo está errado, e me sinto cada vez mais inútil tagarelando num rádio e não recebendo resposta, enquanto Enzo pode estar em perigo.

— Talvez seja melhor... — Sou interrompida quando um estrondo alto perturba o silêncio. Arquejo, soltando o alto-falante do rádio e encarando as escadas com os olhos arregalados. Instantes depois, um segundo tiro dispara, sacudindo meu coração mais fundo na minha garganta.

Foi Enzo ou Sylvester? Não tenho como saber quem está ganhando.

— Ok, agora precisamos dar uma olhada — digo, minha voz irregular e tensa.

Kacey se vira para mim devagar. A energia mudou, e não estou mais confiante de que ela está do nosso lado.

Meus lábios estão secos e minha língua gruda no céu da boca enquanto ela se aproxima de mim.

— Não faça isso — aviso, e ela para. — Não tenho intenção de lhe machucar, mas vou se me ferrar.

Kacey inclina a cabeça, e pelo que sei, pode nem saber o que isso significa. Não há dúvida de que foi extremamente protegida. Mas, em vez de confusão, o movimento quase parece... condescendente, como apaziguar uma criança que está choramingando porque não pode comer biscoitos antes do jantar.

Que vaca.

Kacey dá mais um passo na minha direção e endireito a coluna.

Ela que se foda por tentar me intimidar. Lutei minha vida toda só para sobreviver. Não vou parar agora.

Ela parece parar, e antes que possa descobrir quais são suas intenções, há um estrondo alto, seguido por um grito abafado que soa como *Kacey*.

Sua cabeça se vira para a escada e, depois de alguns segundos, ela me encara devagar outra vez. Meu coração está na garganta, batendo sem parar, e meu cérebro não consegue decidir onde concentrar sua atenção – na comoção vinda de baixo e no

perigo em que Enzo talvez esteja ou na garota com a boca apodrecida correndo na minha direção.

Tenho tempo suficiente para me esquivar, fazendo-a bater no painel de controle e correr em direção aos degraus.

Foda-se.

Não vou ficar aqui brigando com uma garota meio morta que não é tão dócil como parecia ser.

Mergulho na escuridão depois de segundos de quase tropeçar escada abaixo. Não consigo ouvir as correntes nos pés dela atrás de mim, mas meu pavor me convenceu disso de qualquer maneira, e não vou parar para verificar.

À medida que me aproximo do último degrau, meu ritmo cardíaco bate mais rápido. Não há mais barulho do outro lado da porta. E acho isso muito mais perturbador do que se houvesse um tumulto alto. Pelo menos, saberia que Enzo ainda está vivo.

Sem hesitar, no momento em que meu pé chega ao chão, passo pela porta e entro na sala de estar.

Sylvester está sentado no sofá com uma espingarda no colo, a perna de madeira apoiada no centro.

Deslizo até parar, o terror quase me leva a uma sepultura mais cedo. Na mesma hora, viro a cabeça em direção à cozinha, procurando frenética por Enzo na área.

Enzo não está aqui. *Para onde ele foi?*

— Procura alguma coisa? — questiona Sylvester lentamente.

Com o coração na garganta, olho para Sylvester, o peito bombeando enquanto tento descobrir o que aconteceu nos dois minutos em que estivemos separados.

— O que você fez? — consigo perguntar.

A mão de Sylvester sobe para a barba e a alisa com uma contemplação zombeteira.

— O que você quer dizer? — indaga ele. — Só estou sentado no *meu* sofá, na *minha* casa e bebendo uma cerveja gelada.

A referida cerveja está sentada na mesinha lateral, embora a tampa esteja fechada.

— Onde está Enzo? — insisto, ignorando sua condescendência.

Sylvester suspira, como se toda essa situação fosse uma enorme falha de comunicação e um inconveniente. Como se não tivesse tentado me prender aqui e ficado com raiva e desequilibrado quando eu disse não.

Como se não tivesse mentido para nós desde o início e nos mantido presos aqui de propósito.

— Já entrei em contato com alguém — aviso. — Sabem que estamos sendo mantidos reféns aqui.

Longe da verdade, mas é melhor do que ele acreditar que estamos vulneráveis por completo.

Sylvester solta a perna de madeira no centro, o baque alto me faz recuar. Com um grunhido, ele se levanta e, por instinto, dou um passo para trás.

Uma brisa suave de ar desliza pela minha nuca, fazendo com que os cabelos fiquem em pé como um gato petrificado.

Congelo e Sylvester sorri, com um brilho diabólico nos olhos. Ele levanta a mão e aponta para trás de mim.

— Ela está animada para você ficar.

Meus músculos estão rígidos de tanto medo, e me recuso a relaxá-los e me virar.

— Eu disse que você ia ficar aqui com ela. Kacey está muito animada para ter uma nova amiga.

Tenho dificuldade para engolir em seco, mas não é mais fácil do que engolir gravetos.

— Então por que ela nos levou ao sinal luminoso? Por que nos ajudaria a encontrar uma saída?

Sua atenção voa por cima do meu ombro, um lampejo de pura raiva em seus olhos antes que se apague. Nessa pequena brecha de tempo, vejo toda a insanidade residindo naquela tumba vazia onde sua alma devia estar.

— Kacey se sente sozinha às vezes. Nem sempre gosta de estar aqui. Ela aceita na maior parte do tempo, mas não se comporta bem de vez em quando.

— Foi por isso que você costurou a boca dela? — esbravejei, enojada com o que ele fez com a própria filha. Fico com nojo ao pensar no que mais ele poderia ter feito com Kacey.

Sinto um dedo deslizar pela minha nuca e sinto um calafrio, uma sensação viscosa escorrendo pelas minhas veias. O toque de Kacey se move para o sul e começa a girar em um padrão que não consigo distinguir. Ela está desenhando algo nas minhas costas, mas não faço ideia do quê. Parecem letras, mas não posso afirmar no meio do meu pânico. Acho que sinto ela decalcar L-A-R, mas meus pensamentos estavam caóticos demais para conseguir interpretá-las.

— Todos sofremos as consequências, minha querida — diz ele, andando ao redor da mesa e ficando na minha frente. Estou presa entre os dois, e não faço ideia de como vou encontrar Enzo e nos tirar daqui. — Estava recebendo uma entrega de suprimentos quando ela começou a gritar. Eu já tinha cortado sua língua na vez anterior quando tentou pedir ajuda, mas isso não impede que alguém faça ruídos de angústia, mesmo que seja incoerente. Ela me obrigou a fazer isso.

Náuseas embrulham meu estômago, a acidez queimando até minha garganta.

— Você não precisava ficar aqui — lembro a ele, minha voz rouca e irregular. — Se estava tão desesperado para não ficar sozinho, poderia apenas ter ido embora.

— Minhas filhas nasceram e cresceram aqui. Servi anos e anos no farol. Dediquei toda a minha vida a estar aqui. Por que eu simplesmente jogaria isso fora?

— Porque isso o deixou louco — argumento. — Não precisa viver assim.

Sylvester fica em silêncio enquanto suas mãos se apertam e se soltam. Não faço ideia no que está pensando, mas isso não importa. Ele não vai embora, e não vai me deixar ir. Disso, tenho certeza.

E quem pensei que poderia estar disposto a ajudar é apenas uma alma despedaçada que foi torturada e deve ter sofrido lavagem cerebral. Sei que há um lado dela que quer ser livre – o mesmo que deixou a estante aberta para a gente descobrir a passagem e tentou chamar nossa atenção em completo desespero –, mas há outro lado

dela que se sente tão desesperado quanto eu neste exato momento e não quer ficar sozinho.

— Acho que vou ser feliz aqui com minhas duas filhas — diz Sylvester, depois de um tempo. — Seu amigo não vai mais, de todo jeito, já me liberei dele. Você não tem família, não tem amigos. E pelo visto se meteu em muitos problemas. Estou lhe fazendo um favor ao mantê-la aqui.

— O que fez com ele? — perguntei entredentes, o pânico começando a dominar meu autocontrole.

Não tem sangue, tem? Minha visão se estreita enquanto procuro sem parar por sangue. Ele não pode estar morto. Eu me recuso a acreditar.

— Ele ainda não está morto — informa Sylvester. — Mas vai morrer.

Balanço a cabeça, as lágrimas começam a brotar nos meus olhos quando a desesperança se aprofunda.

Remete-me a estar de volta naquela casa com Kev, forçada a suportar uma situação da qual não vejo saída. Minhas palavras e gritos de socorro estavam apenas sendo jogados ao vento. Não havia ninguém para me salvar – exceto eu. O dia em que recuperei minha vida foi o mesmo dia em que ela já não era minha para viver. Precisei deixá-la escapar pelos meus dedos para sobreviver.

E pela segunda vez na vida, me pergunto: você quer sobreviver? Ou quer desperdiçar sua vida?

Mas o que é sobreviver sem viver e o que é a morte sem dor?

É uma concha vazia e rachada onde uma alma nasceu e vai morrer.

Não quero mais ser essa concha. Não quero mais apenas sobreviver – quero *viver*. E não vou desperdiçar meus dias como um ser oco que espera a morte como um cão velho sentado à porta, esperando o dia em que alguém abre a porta e o convida para ficar.

Então, faço a única coisa que posso pensar. Dou um chute certeiro no pau de Sylvester. Um arquejo sai de sua garganta, seguido por um grito categórico de dor. Supondo que Kacey esteja atordoada demais para reagir, corro em direção à cozinha, gritando

o nome de Enzo e quase tropeçando no tapete sob os pedaços quebrados da mesa da sala de jantar.

Enzo não pode estar longe. Tenho certeza de que Sylvester não teria tido tempo para machucá-lo e escondê-lo em algum lugar lá fora, por isso ele ainda deve estar no farol.

— Enzo! — grito, pedindo a Deus que ele responda. Mas ele não responde.

Sylvester grita algo para Kacey, mas já estou mirando as facas na cozinha. Abrindo a gaveta, pego uma às pressas, cortando minha mão em outra no processo. A dor mal se registra, sobretudo quando uma garota de boca podre caminha com calma na minha direção, o queixo abaixado e um olhar perverso cravado em mim por baixo de suas sobrancelhas.

Estendo a faca, minha mão tremendo bastante. A adrenalina está inundando meu corpo e é difícil me concentrar num plano concreto.

— Enzo! — grito outra vez. Desesperada, percorro os olhos pela sala, confusa onde ele poderia estar. Não tem como Sylvester dominar Enzo. O que significa que o faroleiro deve tê-lo pego de surpresa de alguma forma.

Kacey se aproxima e volto minha atenção para ela.

— Não se aproxime, Kacey. Disse que a gente ajudaria você. Não deve lealdade à pessoa que abusou e torturou você.

Ela para, me encarando com uma emoção que estou muito agitada para entender.

— Pegue-a! — grita Sylvester, o rosto vermelho de dor e fúria, enquanto luta para se levantar com a perna de madeira. Xingamentos saem dos seus lábios, cuspe voando e grudando na barba, mas Kacey não está ouvindo.

— Kacey, por favor — imploro, com a voz rouca. — Ele te manteve presa aqui e te machucou tanto. Ele não te ama; só quer te possuir.

Os olhos de Kacey ficam vítreos, mas Sylvester está de pé e caminhando na direção dela, sua perna de madeira contra o chão ecoando sua ira.

— Garota inútil da... — Sylveste para de falar e agarra o cabelo da filha, puxando-a e jogando-a no chão. Ela cai com um baque, mas ele já está caminhando até mim.

Reconheço que fico paralisada por um segundo. O pavor é um parasita que injeta seu veneno direto na minha veia e paralisa meus músculos.

Mas no momento em que seu punho vem na minha direção, a raiva contorcendo seu rosto, é como se o tempo ficasse mais lento. Meu corpo reage e me mexo por instinto, me esquivando do soco e me endireitando assim que ele se aproxima. Ele agarra minha garganta, apertando com força, mas minha mão já está pressionada firmemente em seu estômago, sangue jorrando, e afrouxo meu aperto no cabo da faca.

Ele para, os olhos se arregalando ao abaixar a cabeça. Todo o metal está enfiado em seu estômago, e a sensação escorregadia e quente de seu sangue revestindo minhas mãos quase me faz vomitar.

Parece tão familiar. Como quando enfiei aquela faca na garganta de Kev, vermelho fervilhando das feridas e cobrindo minha mão e meu rosto.

Nunca quis tirar uma vida. No entanto, aqui estou eu, reivindicando outra.

Ele rosna e agarra meu pulso, apertando-o até ele estalar. Eu grito, soltando o cabo por instinto.

— Isso foi muito estúpido da sua parte — rosna ele, o rosto retorcido com dor e fúria.

Antes que possa reagir, seu punho voa na minha direção de novo. Desta vez, não consigo reagir, a única coisa da qual me lembro é de uma explosão de dor e a escuridão.

33

Enzo

Minha cabeça está latejando e tem alguma coisa com cheiro podre. Solto um grunhido, rangendo os dentes quando uma dor aguda perfura atrás dos meus olhos.

Filho... da *puta*.

Estou com dificuldade em me lembrar onde estou, e o que danado aconteceu além do latejar no meu crânio.

Aos poucos, lembro-me de fragmentos. De encontrar a luz do farol e depois o rádio. De Kacey aparecer, sua boca costurada. De Sylvester invadir e de deixar Sawyer e Kacey lá em cima. Lembro-me de abrir a porta da estante com a espingarda pronta, mas não encontrar ninguém. A única diferença era que a porta da adega estava aberta de novo.

Lembro-me de me aproximar do porão com cautela e, em seguida, o rangido da porta da frente pouco antes de um tiro disparar na minha direção. Minha memória está fragmentada a partir daí, mas me lembro da bala atingindo o cano da minha arma, afastando-a das minhas mãos. Então, Sylvester veio atrás de mim enquanto eu tentava pegar a arma de novo, outro tiro disparado perto da minha mão e destruindo a arma por completo. Por fim, a coronha da sua espingarda apontando para meu rosto. E depois... nada.

Cazzo.

A ascensão da fúria é suficiente para forçar meus olhos a se abrirem e fazer meu corpo se mover. Está quase escuro como breu,

quente e tem um cheiro abafado e parece... parece como se algo estivesse se decompondo.

Olhando para cima, posso ver pequenas rachaduras de luz entre as tábuas do chão e a sombra de Sylvester ao caminhar sem pressa pela cozinha, sua perna rebatendo na madeira, fazendo com que a poeira caia em mim.

Há uma série de palavras ininteligíveis que parecem ser de Sylvester. Não faço ideia se Sawyer está com ele ou não, mas é o suficiente para injetar outra dose forte de adrenalina nas minhas veias.

Dou tapinhas pelo meu corpo, sentindo uma sujeira fina e o que acho que é um cobertor abaixo de mim. Sentando-me mais ereto, continuo procurando até que minha mão esbarra em algo sólido. É frio e duro, e depois de um minuto, percebo que é uma pá. Agarro-me a ela e retomo a busca, esperando que haja algo aqui que possa fornecer uma fonte de luz.

Demora mais alguns minutos, e encontrando vários itens, por fim acho um pequeno lampião. Ele acende, quase não iluminando mais do que alguns centímetros.

Estou num buraco de terra com uma escada de madeira que leva para cima.

Levantando-me, olho ao redor, encontrando-me num cemitério. Há pilhas de terra espalhadas pelo espaço, com gravetos em forma de cruz na frente de cada uma.

Putá merda.

É difícil respirar enquanto examino quantas pessoas Sylvester matou. Eram todos reféns? É óbvio que todos morreram, exceto Kacey. Ou ele os matou quando se recusaram a obedecer a suas regras?

Além dos túmulos, há um balde no canto com excrementos humanos, um pequeno berço com um cobertor e travesseiro fino, uma mochila no formato de uma boneca, um kit de primeiros socorros, garrafas de água e várias sacolas plásticas vazias.

Sylvester deve ter mantido Kacey aqui às vezes. Desde que chegamos, ela só podia ser ouvida na luz do farol durante o dia, e tudo indica que tenha sido para a garota não conseguir chegar até

nós com tanta facilidade e nos guiar direto para o alçapão. Onde tem um maldito cemitério.

Ele sabia que as histórias de fantasmas nos levariam a acreditar que os passos de cima ou no corredor não eram nada mais do que espíritos inquietos.

Balanço a cabeça, cenários diferentes correndo pela minha cabeça de *por que* Kacey estava no corredor à noite, cada um mais perturbador do que o outro. Além do banheiro, o único outro lugar que precisava ir era o quarto de Sylvester, e havia muitas vezes em que era exatamente para lá que ela estava indo e vindo com base no som das correntes.

Vou matar esse filho da puta – bem devagar. Adoraria começar costurando a boca dele só para fazê-lo gritar. Ver se consegue manter a boca fechada ou se vai rasgar os pontos com a dor.

Usando uma das mãos, subo a escada enquanto seguro o lampião com a outra. Como esperado, a porta do alçapão está trancada, mas posso ouvir melhor a conversa.

— A vagabunda me pegou de jeito, mas seu velho tem muita barriga para ela atingir algo vital — resmunga ele. — Me passa aquela tesoura ali, querida.

Há um barulho de metal e outra série de grunhidos e resmungos. Pelo que parece, Sawyer o feriu de alguma forma, e agora ele está costurando a ferida.

Essa é minha garota.

— Ela não vai ficar feliz no início, sabe, mas você também não ficou, se lembra? Mais cedo ou mais tarde ela se acostuma e, em breve, nossa pequena família será feliz.

Um grunhido se forma no fundo do meu peito, e a raiva queima ainda mais pela maneira como ele está planejando um maldito futuro com Sawyer. Um que consiste em ela ficar presa nesta ilha com alguém capaz de assassinato e de abusar da própria filha. Ele vai machucá-la, e muito provavelmente se aproveitar do corpo dela. Esses pensamentos por si só são suficientes para me fazer perder o controle.

Por pouco, eu me abstenho de enfiar o punho na porta. Isso não vai adiantar nada, mas mesmo que eu consiga abri-lo, Sylvester tem uma arma e pode atirar em mim num piscar de olhos.

— Você sabe que vou precisar puni-la pelo que fez — continua Sylvester depois de um momento. — Eu só saí porque minhas costas estavam machucadas e eu precisava ter vantagem. Fui forçado a acampar nesta pequena caverna no extremo oposto da ilha. Eles têm ido naquela com os vermes luminosos. E você sabe que minha perna não é muito boa para escalar aquelas cavernas, mas eu ia levá-la para vê-la outra vez. Não acha que merece mais isso, acha? Cuidei bem de você durante toda a sua vida, e me retribui mostrando-lhes o rádio.

Há uma longa pausa.

— Vem cá, Kacey.

Fecho os olhos e tremores percorrem meu corpo de tanta raiva que estou sentindo. Não importa se eu gritar e causar uma cena, ele vai me silenciar para sempre ou continuar porque sabe muito bem que não posso fazer nada para pará-lo.

Há um oceano de violência nos meus ossos, mas preciso ser esperto.

Um estalo agudo seguido por um grito suave e distorcido surge, e desço a escada o mais rápido possível sem fazer barulho. Não vou deixar aquela garota sofrer mais abusos. E de jeito nenhum vou ficar neste maldito buraco.

Vou correr um risco enorme, mas minha única opção é colocar fogo no lugar.

Reviro o kit de primeiros socorros primeiro, encontrando uma pequena garrafa de álcool isopropílico e lenços umedecidos antissépticos. Agarrando o cobertor em seguida, rasgo várias seções, enrolo-as em cordas apertadas e as molho no líquido. Quando termino, pego o lampião e os lenços e vou em direção à escada. Ao subir em silêncio, a transpiração se forma em volta da minha testa enquanto o som de tapas continua.

Assim que chego ao topo, faço uma pausa, esperando por um tapa forte para quebrar o vidro do lampião na escada, o som engolido por um castigo não merecido.

Então, paro, esperando para garantir que Sylvester não me ouviu. Outro estalo alto segue o último golpe um momento depois, então desembrulho os lenços às pressas e os empurro entre as tábuas de madeira pelo teto. Minha esperança é que ele não os perceba até que seja tarde demais, distraído pelo seu castigo doentio. Por sorte, ele não percebe, e outro estalo preenche o cômodo. Suando e quase cego de raiva, enfio um dos pedaços esfarrapados do cobertor nas chamas.

Ele se acende com um lampejo, chamuscando meus dedos enquanto o empurro entre as tábuas de madeira, meus olhos ardendo com a fumaça. Repito o mesmo processo com o resto, estendendo a mão além da escada para espalhá-los. A chama deve pegar nos lenços umedecidos antissépticos e se espalhar mais rápido.

Em seguida, desço as escadas e me agacho em um canto, ouvindo o momento em que Sylvester vê ou sente o cheiro do pano queimado.

— Filho da puta! — grita ele, caminhando em direção ao fogo que se espalha num instante. Ele destranca o mecanismo e abre a porta do alçapão e dispara duas vezes com sua arma, as balas um estrondo alto no pequeno espaço.

Mas o fogo ainda cresce, e Sylvester não pode deixar o farol queimar.

Se ele perder a ilha Raven, perde tudo.

Xingamentos saem de sua boca enquanto ele tenta freneticamente apagar o fogo.

Subo a escada em segundos, encontrando Sylvester pisando com a bota nas chamas e Kacey observando, imóvel, o brilho vermelho com os olhos arregalados.

Corro em direção a Sylvester assim que ele me percebe, derrubando-o e dando um único soco em seu rosto, surpreendo-o por tempo suficiente para tirar a arma de suas mãos e bater a coroa no seu nariz.

Ele fica inconsciente, e eu já estou subindo as escadas.

Ou Sawyer está no segundo andar, ou no sinal luminoso, e não tenho tempo para revistar os dois.

Com Sylvester nocauteado, o fogo continuará a se espalhar, o que poderia me impedir de chegar até ela.

Subo os degraus correndo, passo pelo corredor e entro no nosso quarto compartilhado. Mas está vazio.

— Sawyer! — urro, quase desabando quando escuto um barulho indiscernível vindo do quarto de Sylvester. Derrapo no chão ao correr de volta para o corredor, subo os degraus e entro no quarto dele.

Ela está sentada no chão ao lado da cama dele, algemas de metal nos pulsos, uma corrente pendurada entre elas. A corrente está presa ao redor da perna da estrutura da cama, impedindo-a de escapar. Sangue seco reveste sua mão esquerda, rastros escorrendo pelo braço. Um pedaço de fita adesiva colado na sua boca, lágrimas escorrendo por seu belo rosto e iluminando seus olhos azuis para um tom de safira.

— Aquele filho da puta — esbravejo, agarrando a estrutura e levantando toda a cama, permitindo que ela deslize a corrente para fora da perna. Sawyer devia estar puxando-a porque seus pulsos minúsculos estão vermelhos e começando a sangrar.

— Baby, não pode se machucar assim — murmuro, ajudando Sawyer a se levantar.

Ela arranca a fita de uma só vez, cerrando os dentes e sibilando com a dor aguda.

— Estava preocupada com você — admite ela.

— Estou bem, *bella*. Ele te machucou?

— Cortei a mão por acidente e acho que meu pulso pode estar quebrado, mas, fora isso, estou bem. Ele apenas disse que eu precisava ficar de castigo e pensar no que fiz.

Há escuridão lambendo as bordas da minha visão enquanto agarro de leve seu braço. Depois de uma inspeção mais minuciosa, vejo um corte fino na sua mão e um contorno fraco de marcas de dedos em volta do pulso, um grunhido se forma no fundo do meu peito.

— Ei, ei — diz Sawyer baixinho, chamando minha atenção para ela. — Está tudo bem. Eu o esfaqueei, e este é o resultado. Valeu a pena, se me perguntar.

Soltando-a, roço a ponta do meu polegar no seu lábio.

— Você está linda pintada no sangue dele. *È il colore che preferisco su di te.*

O cheiro de madeira ardente está à deriva em nossa direção, então me viro às pressas e procuro balas extras em sua mesa de cabeceira, encontrando-as na parte superior entre um relógio, dentaduras, fotos e uma caixa de moedas antigas – típico de um homem velho.

— Isso é fumaça? — pergunta Sawyer, franzindo o nariz enquanto carrego as balas, guardando mais na bermuda.

— Sim. Ele me colocou no porão. Tive que ser criativo para sair.

Ela enruga o nariz.

— Criativo é um eufemismo.

— Vamos. Precisamos sair daqui antes que o fogo nos prenda.

Agarrando sua mão, eu a levo sem fazer barulho de volta pelo corredor e em direção às escadas.

Plumas grossas de fumaça negra começam a subir, ardendo meus olhos e queimando meus pulmões.

— Vou precisar que cubra a boca e respire fundo. Segure o máximo que puder e respire o mínimo possível.

Sem hesitar, ela levanta a gola da camisa, cobrindo o nariz e a boca, e acena para mim, sinalizando que está pronta.

Beijo sua testa, só porque preciso tocá-la e, em seguida, levanto a espingarda, respirando fundo antes de descer devagar os degraus.

A fumaça engrossa à medida que descemos, mas o fogo foi apagado, o que significa que Sylvester está acordado ou Kacey cuidou disso. Vejo um movimento repentino de alguém atravessando a cozinha e correndo em direção à porta, o som das correntes inconfundível.

Outro movimento repentino dispara no meu periférico um segundo antes de Sylvester aparecer, um martelo na mão e um grito de batalha nos lábios ao me atacar.

— Enzo! — grita Sawyer, agarrando meu colarinho e me puxando para trás assim que Sylvester balança o martelo bem onde minha cabeça estava.

Ele tropeça na minha frente, e uso o impulso dele para empurrá-lo para baixo com o cano da arma. Ele bate no chão, rolando de costas com um grunhido.

— *Putá* de merda — esbraveja ele tossindo, enquanto dou a volta e agarro a frente da sua camisa e o arrasto para o meio da cozinha. O porão ainda está aberto, e Kacey não é visível pela densidade da fumaça.

A fúria que mantinha em fogo brando sob a superfície agora está fervendo sobre as bordas. Só consigo pensar no que ele fez a Sawyer – no que *quase* fez a ela. Querendo raptá-la e amarrá-la à cama dele, na esperança de que a mantivesse aqui para sempre. A imagem de Sawyer com a boca costurada e olhos tristes e ocos é queimada no meu cérebro tão profundamente quanto as queimaduras no piso de madeira.

Eu me abaixo em cima dele, uma fúria inextinguível poluindo meu peito e afundando nos meus ossos.

Os punhos de Sylvester voam na minha direção, mas ele não passa de um velho fraco. O faroleiro intercala entre insultos rudes e tosses secas enquanto a fuligem enche seus pulmões.

Abaixando a arma, agarro seus pulsos, forçando-os sem demora para baixo e prendendo-os entre minhas coxas. Aperto com força enquanto ele se mexe debaixo de mim como um verme no anzol e dou vários socos em seu rosto. Sinto a pele sobre os meus dedos rasgar e meus ossos colidirem com os dele repetidas vezes.

Perdido na raiva, ouço de longe um grito estranho e gorgolejado antes de ser derrubado para o lado, e ter o que parece ser braços e pernas enrolados em torno do meu torso.

Estou desorientado o suficiente para Sylvester se ajoelhar e pegar a arma. Assim que ele a levanta, Sawyer aparece atrás dele, a corrente entre seus pulsos algemados envolvendo a garganta do faroleiro e puxando com força.

Um grito de guerra sai de sua garganta quando ela o puxa com toda a sua força, uma expressão de dor em seu rosto quando

eles caem para trás juntos. A espingarda cai das mãos dele e desliza para longe deles.

— Kacey! — rosno, tentando tirá-la de cima de mim. Não quero machucá-la. Ela está em conflito e sofreu lavagem cerebral por anos para proteger seu pai acima de si mesma – e das maneiras mais brutais. Mas não vou deixar que ela me impeça de matar o homem que infligiu dor e torturou pessoas inocentes durante anos. E sobretudo depois de tocar na minha garota.

Isso nunca ficará impune.

Consigo me afastar das garras de Kacey e fico horrorizada quando vejo sua boca se abrir, os pontos rasgando a carne em torno dos lábios. O sangue escorre pelo queixo, e gritos quebrados saem da sua garganta quando a boca se alarga, revelando dentes enegrecidos e uma língua cortada.

Agarro seu queixo, tentando evitar que ela se machuque mais.

— Você não precisa se machucar por ele — digo com veemência, meu estômago se desviando da sensação grotesca de sua carne podre e fluidos corporais nos quais nem quero pensar, além do fedor pungente. — Não mais.

Ela está lutando por ele e contra ele.

O amor é engraçado assim. Persiste mesmo quando você fez tudo ao seu alcance para o banir. Exige sua própria voz e se recusa a ser escravo de qualquer pessoa, a não ser dos seus próprios desejos. E apesar do poder disso, esses desejos egoístas são o que tornam o amor uma fraqueza tão grande.

É aceitar as desculpas de um parceiro que lhe traiu.

É retornar para uma mão levantada, repetidas vezes, até que essa mão se torne letal, e seu lar seja na vida após a morte.

É se agarrar a uma mãe que nunca lhe quis e esperar que um dia apareça naqueles degraus da igreja.

É agarrar uma mão que pertence tanto a um pai quanto a um agressor, lamentando enquanto se afastam pouco a pouco.

É se apaixonar por uma mentirosa, uma ladra, e rezar para que nunca mais ela lhe magoe.

Kacey balança a cabeça, um grito dolorido e triste passando por seus pontos e diretamente no meu peito. Sawyer e Sylvester ainda estão lutando, e por mais que Kacey precise de conforto, não tenho tempo.

Prendendo-a com um último olhar – algo que rezo para que interprete como *nos ajude a lhe ajudar* – me volto para a dupla brigando. Sawyer está no chão com Sylvester em cima dela, de costas para a frente, enquanto tenta estrangulá-lo com a corrente.

Ambos os rostos estão vermelho-cereja, e a exaustão está gravada nas linhas do rosto de Sawyer. Sua força está diminuindo, e Sylvester começa a se libertar do seu domínio.

Assim que dou um passo em direção a eles, Sylvester se liberta e se lança para a arma, agarrando-a e apontando-a para mim. Mas meu único foco é Sawyer, e se o filho da puta quer me impedir de chegar até ela, é melhor puxar o gatilho agora.

— Não! — grita Sawyer, pulando nas costas do faroleiro e fazendo a arma balançar. Ele dispara, o som explodindo e atingindo o teto, fazendo com que detritos caiam sobre nossas cabeças.

— Sawyer — esbravejo, e a urgência me faz correr em direção a eles. Sylvester bate o cotovelo no rosto dela, fazendo com que sua cabeça recue e o sangue brote da sua boca.

Minha visão fica vermelha, e sinto em vez de ver algo me empurrando para o lado. Cambaleio bem quando outro tiro dispara, e espero que a dor se registre.

Que a pressão violenta de uma bala rasgue meu corpo e leve minha alma.

No entanto, não sinto nada enquanto a cena se filtra pouco a pouco e eu me endireito. Sawyer e Sylvester estão me encarando com olhos arregalados, horror nos dois rostos.

Mas não estão me encarando de verdade. O foco deles está ao meu lado. Parece que tudo fica em câmera lenta quando viro a cabeça, encontrando Kacey parada onde eu estava, o queixo inclinado para baixo. Meu olhar segue o dela, descobrindo o sangue jorrando do peito, acumulando-se no chão sob seus pés.

— NÃO! — grita Sylvester ferozmente, as veias em sua testa se projetando enquanto ele luta para se levantar e correr em direção

a Kacey.

Eu a pego quando ela cai, suavizando o impacto quando seu corpo desmorona. Sylvester está rastejando em nossa direção, a arma esquecida no chão. Minha cabeça está cheia de estática enquanto tento processar que esta pobre garota levou um tiro por mim.

— Afaste-se! — rosno. Acho que ele está muito chocado para registrar qualquer coisa além da filha morrendo no chão na sua frente, e por sua própria causa, nada menos. Então, ele para, os olhos arregalados encarando Kacey em descrença.

— Ei, olhe para mim — murmuro, virando sua bochecha na minha direção. Leva alguns segundos até que seus olhos vítreos deslizem para os meus. Cerro os dentes, vendo nada além de paz irradiando dela. — *Sei così dolce. Sei un angelo* — sussurro, passando o polegar pela bochecha ensanguentada quando uma lágrima cai de seu olho.

— Não, não, não, não — entoava Sylvester, sua voz ficando mais firme e tensa a cada repetição.

Kacey me encara e, embora não consiga sorrir, vejo isso em seus olhos quando sua pequena mão segura meu queixo. Ela está morrendo, mas está me confortando.

Seu olhar se concentra em seus dedos enquanto eles roçam de leve minha barba, como se estivesse fascinada pela sensação áspera. Então, seus olhos perdem o foco, e do nada, ela se foi. Uma vida que levou anos para ser cultivada na mulher deitada nos meus braços, e apenas alguns segundos para ser tirada.

— Não! — grita ele outra vez, batendo o punho no chão. — A culpa é sua! — esbraveja para mim. Sawyer se ajoelha atrás do faroleiro, as lágrimas escorrendo pelo rosto ao olhar para Kacey com tristeza.

Estou entorpecido quando a coloco devagar no piso e fico de pé. Arrastando a espingarda do chão, vou até o fogão e viro um dos botões no máximo, chamadas emitindo de uma das bocas.

Em seguida, seguro a ponta do barril nela. As armas são construídas para o calor, por isso leva vários minutos para o metal ficar vermelho brilhante e ardente. Durante esse tempo, permito que

Sylvester sofresse com a dor da sua perda. Permito que encare o que fez.

Satisfeito, sigo em direção ao velho faroleiro choramingando. Meus pensamentos são reduzidos a ruído branco, e meu corpo se move por puro instinto ao chutá-lo no estômago, olhando para Sylvester com nada menos que repulsa enquanto ele se vira de costas. Ele tosse bastante e tenta se sentar, mas o empurro para o chão com o barril quente no peito, arrancando um grito de dor da sua garganta.

Sawyer rasteja na direção dele, ofegante e tossindo, os olhos vermelhos e lacrimejantes presos no que estou fazendo. Movo o barril do peito para o oco da garganta do homem, sentindo na mesma hora o cheiro de pele queimada.

— Acha que sou capaz de matar um homem agora?

Os olhos de Sylvester se esbugalham, e cerro os dentes, rosnando ao cravar o metal abrasador em sua garganta, deleitando-me com seus lamentos aflitos.

Ele segura o cano com as duas mãos, tentando afastá-lo, então eu me inclino na coronha da espingarda, colocando todo o meu peso nela enquanto a arma começa a afundar pouco a pouco em sua garganta. Bolhas de sangue surgem abaixo dela, e seus lamentos se transformam em suspiros, mostrando os dentes ao continuar a se debater.

O cano afunda cada vez mais até Sylvester estar convulsionando e chega na sua coluna. Só então, paro e me afasto, arrancando a arma.

Sylvester sufoca com o próprio sangue, convulsionando enquanto olha para o teto. Ele está procurando Deus entre as rachaduras da madeira, esperando ver um vislumbre? Uma pequena olhada no que poderia ter tido antes de cometer seus crimes hediondos.

Posso lhe assegurar que, se existe um Deus, Ele não presta atenção em Sylvester. Imagino que Seus olhos estejam voltados para Kacey enquanto as mãos do Ceifador alcançam o faroleiro, arrastando-o para um lugar mais solitário do que a ilha Raven.

Exausto, desvio meu olhar para Sawyer e a encontro me encarando. A parte branca dos seus globos oculares está vermelha, tornando suas íris azuis ainda mais brilhantes. E aquelas safiras tristes são o motivo pelo qual o amor é uma fraqueza tão grande. Um olhar deles e estou desmoronando.

— *Olá? Tem alguém aí? Repito, tem alguém aí?*

A voz incorpórea leva um momento para se registrar. Está longe, distorcida e mal penetra nos meus pensamentos dispersos.

— *Olá? Recebemos uma transmissão pedindo ajuda. Repito, ainda tem alguém aí? Estamos aqui para ajudar.*

34

Sawyer

Nunca pensei que veria outro cadáver.

Muito menos dois.

Encaro os corpos com total desolação. Tem sangue em todos os lugares. Espalhado pelo chão, respingado pelos balcões e pelas paredes da cozinha. Cobrindo todo o meu corpo. Tem sangue... cobrindo todo o meu corpo.

Enzo abaixa a arma e caminha na minha direção, uma expressão selvagem no rosto. Com a testa franzida, os lábios contorcidos e pequenas gotas de sangue espalhadas pela bochecha desde que Kacey foi baleada.

Ele parece um rei destemido saindo do campo de batalha, voltando para sua rainha depois de uma guerra árdua.

É assim que se sente quando se é valorizada?

— *Alô? Ainda tem alguém aí?*

— Precisamos responder — digo. Quando ele me alcança, ele se agacha e abaixa o queixo, chamando minha atenção.

— Sabe o que vai acontecer quando o fizermos.

Meu lábio inferior treme.

— A guarda-costeira vem.

— A guarda-costeira vem — repete ele. — E encontra uma fugitiva.

Concordo com a cabeça, baixando o olhar. Precisarei ir para a prisão pelo meu crime e nunca mais verei Enzo. A primeira parte parece quando o pior finalmente acontece. É quase um alívio

mesmo que seja de partir o coração. E a outra parte parece um soco na barriga – forte o suficiente para me dar náuseas.

Em todos esses anos, nunca me permiti gostar de ninguém. Era impossível quando sabia que precisaria fugir de novo. Não só nunca quis arriscar ter que ficar em um lugar, onde poderia mais cedo ou mais tarde ser pega, mas nunca quis colocar mais ninguém no fogo cruzado das minhas mentiras.

Pela expressão no rosto de Enzo, ele parece preparado para agarrar minha teia de mentiras e enrolar os fios em torno de si mesmo. Mas ele só criaria um nó.

Parece muito simples dizer que estou apaixonada por ele. Talvez porque o conheço há tão pouco tempo, e já vivemos um verdadeiro inferno juntos. Talvez até porque tínhamos uma forte conexão desde o início, mas era tão visceral e alimentada pela dor e raiva que não importa no que tenha se transformado está além de um amor simples e doce.

— É o que eu mereço — murmuro.

Seu dedo ergue meu queixo, forçando meu olhar de volta para ele.

Enzo me agarra pela nuca, me mantendo imobilizada e abaixando seu queixo até que ele esteja com os olhos fixos nos meus.

— Você merece a pior punição pelo que fez — rosna ele antes de passar lentamente a língua pelo lábio inferior.

Hipnotizada, meus próprios lábios se partem quando suas palavras duras se aprofundam sob minha pele, me deixando em chamas.

— Ninguém é capaz de fazer você sofrer mais do que eu.

Há uma parte racional de mim que reage à insinuação perversa como de costume – com medo e com uma descarga de adrenalina. Mas uma parte maior sempre governou minhas piores decisões, e não consigo deixar de me sentir maravilhada. *Empolgada.*

— Você não vai me deixar, Sawyer. Não vai para a prisão. Não vai a lugar algum. Quer pagar pelos seus crimes? Estou mais do que feliz em fazê-la pagar. E se pensa por um maldito segundo

que vou deixá-la ir embora, então será um prazer lhe mostrar como está presa a mim.

“Há muitas coisas que merece, *bella ladra*, mas a única prisão em que será capturada é uma das minhas. Se meu amor é uma prisão, que assim seja.”

Apenas fico de queixo caído, meu coração tremulando com suas palavras diabólicas. Elas são tão erradas, mas tão tentadoras.

— Que assim seja — digo com a voz áspera.

O fogo que começou debaixo do assoalho se transferiu para as profundezas de seus olhos. O calor se espalha por todos os meus ossos, e imagino se inalei muita fumaça, criando nada mais do que um sonho febril antes de morrer. É assim que meu corpo me diz que não estou mais entre os vivos? Minha única resposta seria que nunca me senti tão viva.

Os lábios de Enzo roçam de leve os meus, e meus cílios se fecham, dominados pelos restos de sua devoção.

— O dia em que você roubou de mim foi o melhor dia da minha vida — sussurra ele nos meus lábios. — Porque você se tornou minha vida, e eu não a quero de volta. Não vou aceitá-la.

Estou começando a tremer, então ele captura meu lábio inferior entre os dentes, sentindo a emoção crescente na minha garganta. Ele me puxa para um beijo tão poderoso que parece que o fogo me consumiu, e estou derretendo sob suas palmas nas rachaduras da madeira.

Meu corpo está leve quando ele me aproxima, movendo os lábios sobre os meus de forma selvagem.

Mas acaba rápido demais, e ele se afasta do vórtice em que me puxou sem arrependimentos.

Persigo sua boca, mas ele direciona minha cabeça para baixo, e eu caio no seu peito enquanto seus lábios pressionam minha testa.

A voz distinta de alguém chamando pelo rádio corta a tensão persistente entre nós.

— O que devemos fazer? — pergunto, minha voz ainda rouca. — Podemos ir para um país diferente que não me entregue

às autoridades. Mas nunca poderia lhe pedir isso. Não com toda a sua vida e carreira aqui.

Ele vira a cabeça para olhar por cima do ombro para Kacey e Sylvester, e ele fica assim por vários minutos. No momento em que ele se volta para mim, há uma centelha de determinação em seus olhos, acompanhada por uma nota de arrependimento.

— Não temos que ir a lugar nenhum.

— Então o que faremos?

— Se você quer viver livre pelo resto da vida, então precisa matar Sawyer Bennett.

Minha boca se abre de surpresa. Era a última coisa que eu esperava que ele dissesse.

— Ah, cara. Por favor, me diga que esta não é uma maneira fodida de dizer que também vai me matar?

O rosto dele cai de exasperação.

— Não, baby. Estou dizendo que há uma garota aqui que não tem identidade real fora da ilha Raven. Também pode ser você. E Sawyer Bennett era uma alma infeliz que naufragou nesta ilha anos atrás, apenas para se matar.

Minha testa se franze e balanço a cabeça com perplexidade enquanto processo que merda desequilibrada está saindo da sua boca.

— Então, quer que eu finja ser Trinity? E depois diga que Sawyer Bennett foi uma refém e morreu?

Ele assente devagar.

— Você teria que mentir, Enzo. Por mim — acrescento.

A maneira como ele olha para mim me faz sentir um friozinho na barriga, liberando uma nevasca lá dentro. Ele parece ser um homem torturado que foi presenteado com a liberdade, e a única maneira de obtê-la é tirando-a de mim.

— Mentiria por você com a mesma facilidade que mataria por você. Se lhe dar meu melhor requer que o mundo tenha meu pior, não vai lhe faltar nada na vida, *bella ladra*.

Engulo, mas a umidade na minha boca se dissipou. Pela primeira vez, sinto que Enzo é exatamente quem eu mereço, e estou determinada a retribuir isso.

— Farei o que puder para ter certeza de que nunca mais vai precisar mentir por mim — prometo, minha voz rouca de emoção.

— Eu sei, baby — diz ele. Enzo olha de volta para os corpos, depois se concentra em mim. — Alguma vez recolheram suas impressões digitais?

— Não — confirmo, balançando a cabeça. — Nunca me prenderam.

— Bom, então não vão conseguir identificá-la. Com dois cadáveres, eles vão investigar e precisamos de uma história. Em vez de dizer quem você é de verdade, vai dizer que nasceu e foi criada na ilha Raven e que esteve presa aqui contra sua vontade ao lado da sua irmã, Kacey. Ninguém sabe que estava comigo naquele dia, por isso vou dizer que naufraguei e nadei aqui sozinho. Descobri o que Sylvester estava fazendo com vocês, e resultou num confronto onde ele tentou me matar e atirou em Kacey por acidente. Essa parte é verdade, pelo menos. Então, eu me defendi e o matei.

— Você não acha que queimar a garganta dele com uma arma não será um pouco suspeito? Não é assim que pessoas normais matam.

Ele ergue uma sobrancelha.

— Em primeiro lugar, não existe tal coisa como um assassino normal. E preciso lembrá-la do rosto de Kacey? Eles vão ver isso também. Direi que o cano da arma estava no fogo e não tinha balas, então fui forçado a improvisar. Acho que vão relevar.

— E eu? A Sawyer, não a Trinity.

— Sylvester tem sepulturas no porão abaixo. Uma delas é você.

Dou passos para trás em estado de choque. Parece que ele enfiou a mão no meu peito e apertou meu coração até ficar mole. Sylvester estava matando pessoas há sabe-se lá quanto tempo. Devem ter sido dos navios de carga ou talvez daquelas que procuraram abrigo contra uma tempestade. E ele apenas... as assassinou.

— E se nenhum dos restos esqueléticos corresponder? E se forem todos homens ou algo assim? Ou podem ser identificados pelos dentes?

— Então esperamos que assumam que Sylvester se livrou do corpo, mas você é a verdadeira Sawyer, e podemos garantir que haja provas de que esteve aqui.

Pressionando os lábios, reflito naquilo. Minha liberdade não depende se eu puder convencê-los de que estive aqui – apenas se puder convencê-los de que *eu* não sou ela.

Meus olhos deslizam para Kacey deitada no chão, sem vida e perdendo calor a cada segundo que se passava. É nojento se aproveitar da morte dela. Fingir ter sofrido ao lado dela e reivindicar uma história que não é minha.

Mas é minha única saída se eu quiser viver em liberdade e não ter que recomeçar em outro país. Longe de Enzo.

Talvez seja a última coisa horrível que precisarei fazer.

Concentrando-me em Enzo, deixo cair os ombros e aceno com a cabeça.

— Ok — concordo. — Serei Trinity. E Sawyer vai morrer com os outros.

*

A água gelada do oceano toca nas minhas panturrilhas, arrepiando toda a minha pele. A areia é puxada debaixo de mim quando os dedos gelados do mar recuam. O sol nascerá dentro de uma hora, e ainda está frio, mas eu vejo. Brilhando sob a luz do farol.

Enzo fica atrás de mim, os braços cruzados e uma carranca franzindo o rosto enquanto encara o barco da guarda-costeira que se aproxima. Vinte e quatro dias nesta ilha, mas parece que já se passaram anos.

A tristeza me dá um murro no peito. Kacey também devia estar aqui. Sentada ao meu lado e à espera do resgate.

Enzo já passou os últimos cinco minutos discutindo comigo para sair da água antes que eu pegue um resfriado. Seus olhos começaram a tremer quando lhe disse que sou muito boa em

queimada e prometi me abaixar se visse um resfriado vindo na minha direção.

Eu achei engraçado.

Viro a carta na minha mão, a única prova de que Sawyer Bennett viveu e morreu na ilha Raven.

Parece que foi há muito tempo, quando estava sentada na praia, fumando um cigarro e desejando a morte com um homem que nunca soube o nome.

Agora aqui estou, mais uma vez sentada numa praia, mas sem querer ter nada a ver com cigarros, e atrás de mim está um homem que nunca me esquecerei.

Apesar de tudo isso, ainda tenho a mesma conclusão. A morte – o câncer – tem gosto de merda.

Demora mais dez minutos até que o barco chegue até nós, e no momento em que chega, fico reduzida a uma pilha de emoções chorosas. Lágrimas estão surgindo nos meus olhos, e não tenho certeza se sinto alívio ou ansiedade.

Não será a primeira vez que precisarei fingir ser alguém que não sou. Mas esta pode ser a última.

35

Sawyer

— Enzo Vitale? — pergunta um dos guardas costeiros do outro lado do barco, verificando as feridas de Enzo. — Havia um grupo de busca enorme lhe procurando, mas não por aqui. Você está longe da costa australiana.

Não consigo ouvir o que Enzo murmura, mas, como sempre, ele parece bem irritado.

Volto minha atenção para o membro da guarda-costeira que trata minhas feridas assim que termina de colocar a tala no meu pulso.

— Obrigada, Jason — digo.

Enzo encontrou as chaves das algemas no cadáver de Sylvester, mas os anéis vermelhos brilhantes de irritação permanecem, acompanhados pela laceração na minha mão.

— Vamos levá-la a um hospital para tratar direito dos seus ferimentos — declara ele.

Jason já notou a tatuagem na minha perna, mas Enzo e eu decidimos que tentar esconder só pareceria suspeito. Se não a virem agora, vão acabar vendo-a no hospital.

Decidimos dizer que foi um ato de rebelião contra Sylvester, e considerando que com certeza não é profissional – é convincente. Nunca fiquei tão contente por minha primeira tatuagem ter sido feita por um homem numa parada de ônibus.

Minha ansiedade tomou conta, então fico quieta. Sentindo meu desconforto, Jason falou comigo o tempo todo. Contou-me tudo

sobre seu cão doente e como está se recuperando de uma cirurgia que removeu o câncer do seu ouvido.

— Vocês dois terão que ir para a delegacia logo após o tratamento.

— Ok — digo, injetando o máximo de confiança no meu tom que posso reunir. Aquele desejo de fugir ainda persiste, mas eu o afasto. Eu me recuso a me acovardar e me esconder por mais tempo.

E esta será a última vez que Enzo e eu precisaremos contar uma mentira em nome da sobrevivência.

*

— Você tem um sobrenome, querida? — pergunta a policial, a testa franzida de preocupação.

Seu sotaque é forte, mas sua voz é suave. Ela é uma mulher mais velha com cabelos brancos, olhos castanhos delicados e mãos macias. Não sei por que me lembro disso... foi a única coisa em que conseguia me concentrar quando ela agarrou as minhas e disse que eu estava segura agora.

Segura.

É algo que nunca senti antes. Não até Enzo — quando éramos eu e ele contra Sylvester, e outra vez quando a oficial Bancroft segurou minhas palmas entre as dela.

Só me faz sentir pior por estar mentindo para ela.

Minha boca se abre, depois fecha. Na verdade, não sei a resposta para essa pergunta.

Estamos na delegacia de Port Valen. Passamos todo o dia de ontem no hospital, onde meu pulso foi engessado e fui tratada para inalação de fumaça. Enzo também foi tratado por causa da fumaça e da concussão. Ele tem hematomas no rosto de quando foi atingido com a arma, e nas costas e no ombro direito, tudo indica de quando Sylvester o jogou no buraco.

Eles nos deixaram passar a noite lá antes de nos mandarem até a delegacia para interrogatório esta manhã.

— Não tenho certeza — confesso baixinho, o sangue subindo até minhas bochechas.

A oficial Bancroft pode achar que é vergonha, mas, na verdade, é porque estou morrendo de medo de estar estragando tudo. Nada disto parece certo. As filhas de Sylvester merecem ter o reconhecimento pelo que sofreram, e aqui estou, sendo egoísta e apagando uma delas para meu próprio benefício.

Isso me deixa passando mal.

— Ok — diz ela gentilmente. — Você pode me contar um pouco o que aconteceu quando Enzo chegou?

Pigarreio, olhando em volta como se fosse encontrar a resposta escrita nas paredes.

— Meu... meu pai o viu deitado na praia, in-inconsciente. Ele, humm, ele disse para a gente se esconder, depois tirou as baterias do rádio portátil e esperou que E-Enzo entrasse.

A única coisa boa de estar tão nervosa é que crescer isolada numa ilha resultaria em constrangimento social, e estou mostrando isso em pleno vigor. Só é vergonhoso porque não cresci numa ilha minúscula, mas pelo menos ela não sabe disso.

— Você sabe por que ele tirou as baterias?

Eu me mexo desconfortavelmente, coçando o braço apenas para dar minhas mãos algo para fazer.

— Quando posso ver Enzo? — pergunto em vez disso. Sou desconfiada, mas o único com quem Trinity se sente segura é Enzo. Ela também hesitaria em falar do pai. Ele é tudo o que conhece.

— Pode vê-lo em breve, querida. Só preciso que responda algumas perguntas para mim, ok?

Olho por trás do ombro para a porta, murmurando “ok”, enquanto também me pergunto se me deixariam sair agora e ir encontrá-lo.

— Você pode...

— Ele não está em apuros, está? — interrompo.

— Estão apenas fazendo algumas perguntas — assegura ela baixinho.

Não posso deixar de perceber que ela não respondeu minha pergunta.

— Pode me dizer por que seu pai tirou as baterias? — repete ela, mantendo o tom suave e paciente.

Ela deve doar para instituições de caridade e ser voluntária na sopinha nos fins de semana – a mulher é uma santa. Eu já teria perdido a paciência.

— Meu-meu pai estava preocupado que Enzo encontrasse a mim e minha irmã e não queria que ele tivesse acesso aos rádios se isso acontecesse.

— Você sabe por que ele não queria que Enzo tivesse acesso?

Encolho os ombros, coçando o braço outra vez.

— Ele gosta de ter amigos.

A oficial acena com a cabeça e escreve algo no bloco de notas.

— Quantos amigos seu pai já teve?

Mordo o lábio, não quero responder a isso. Trinity pode não querer denunciar o pai, mas, pra ser sincera, não faço ideia de quantos corpos foram enterrados no porão.

— Sabe que ele não pode mais machucá-la, não sabe? — pergunta Bancroft, abaixando o queixo para pegar meu olhar.

— Sei... — digo e paro, mudando de lugar. — Ele, humm, ele não me deixou ver todos eles. Eu não... eu não sei. Eu não sei.

— Ok, ok — tranquiliza ela, percebendo meu pânico. Meu coração está batendo forte, e o suor está se formando ao redor da minha testa, e gotas estão escorrendo devagar pelas minhas costas.

— Então, seu pai manteve vocês duas escondidas o tempo todo em que Enzo estava lá, ou apenas Kacey?

— No início, fomos nós duas.

Quando não digo mais nada, ela pergunta:

— E depois?

— Então... então uma noite, nosso pai deixou Kacey e eu irmos ao mar para tomar um pouco de ar fresco e nos limpar um pouco. E-Enzo me viu pela janela, então, no dia seguinte, começou a perguntar quem eu era. Meu pai precisou me deixar sair no dia seguinte e disse que não se sentia confortável em ter a filha perto de um homem desconhecido.

— E Kacey? Ele viu Kacey?

Balanço a cabeça, coçando o braço com mais força. A oficial Bancroft estende o braço para o outro lado da mesa e agarra minha mão, me parando. Suas mãos são tão macias.

— Vai se machucar, querida.

Eu me afasto das suas mãos e ela me solta logo.

— Continue. Você está segura agora — reitera ela.

Discutível.

Pigarreando, continuo:

— Kacey estava muito perto da porta e fora de vista, eu acho. Enzo nunca mencionou ter visto outra garota, e não havia como meu pai deixar Enzo ver o que ele tinha feito com ela. Ele teve sorte, eu acho...

— Trinity — começa a oficial, depois faz uma pausa, parecendo ter problemas com as palavras. — Por que Sylvester mutilou Kacey daquele jeito e não você?

Olho para baixo, o desconforto sacudindo meus ossos.

— Ele gostava mais de mim — explico com a voz embargada, torcendo o rosto com a insinuação. — Ele, humm, preferia... ele gostava de mim de forma diferente. Então, ele... nos punia de forma diferente.

Sua expressão desmorona, o nojo e a fúria se misturando nos olhos. Mas ela logo olha para baixo, escondendo sua reação em relação a algo horrível e feio, e puta merda, *não* era minha história.

A oficial Bancroft escreve observações no seu bloco de notas, e parece que pequenos insetos estão mordiscando meus nervos, ficando mais agressivos à medida que ela escreve.

Eu disse algo diferente de Enzo? Ela encontrou uma inconsistência na minha história e está escrevendo como sou mentirosa?

No entanto, ela termina e levanta a cabeça, sorrindo para mim com nada menos que bondade.

— Você mencionou que havia vários corpos enterrados no porão. Sabe quem eram essas pessoas? — questiona. Ela voltou às perguntas sobre as pessoas que foram encontradas, e meu pânico volta a aumentar.

Olho para baixo, me sentindo quase tonta por como essa única pergunta é crucial. Enzo e eu tínhamos pensado muito em fazer isso depois de responder àquela ligação pelo rádio – em finalmente matar Sawyer Bennett. Sabia que se quisesse continuar vivendo sem olhar por cima do ombro, ela precisava morrer.

— Enzo não foi o primeiro a naufragar naquelas águas. Tiveram vários. E meu pai... ele não os deixou ir embora. A gente ficava escondida, então nunca pude vê-los, mas... teve uma que conheci.

Bancroft se inclina para a frente, ouvindo com atenção.

Engolindo em seco, explico:

— Ela não estava se ajustando bem, e ele pensou que minha presença poderia ajudar. Acho que de alguma forma funcionou, mas eu não estava menos infeliz...

Arrasto os dedos pelos lábios, me interrompendo.

— Está tudo bem — garante Bancroft. — Você tem permissão para dizer isso.

Aceno com a cabeça.

— O nome dela era Sawyer. Sawyer Bennett. Nós éramos... éramos amigas, eu-eu acho. Ela me contou muito sobre sua vida. Mas ela... ela sempre chorava e gritava para ser solta. Uma noite, parou, e nunca mais a vi.

Lágrimas enchem meus olhos, e meu lábio inferior treme. Enquanto a razão pela qual estou chorando é inventada, parece mesmo que estou me matando e a quem costumava ser. É uma emoção que tenho dificuldade em descrever.

Luto, suponho.

Talvez alívio, também.

Dou uma fungada, torcendo as mãos para diminuir o tremor.

— Meu pai não nos contou o que aconteceu, mas eu estava de coração partido por tê-la perdido, então olhei as coisas dele para ver se conseguia descobrir o motivo — murmuro, minha voz rouca por causa das lágrimas não derramadas. — Eu... encontrei isso.

Eu me mexo e enfio a mão no bolso de trás, puxando uma carta e entregando a oficial com uma mão trêmula.

Meu coração está batendo tão forte, que posso senti-lo nos meus ouvidos. A testa de Bancroft se franze ao abrir a carta e começar a lê-la.

Mentir nunca foi meu pior pecado, apenas o primeiro. O dia que eu disse aos meus pais que Kevin James Bennet estava me estuprando, minha mãe me deu um tapa no rosto e meu pai mandou que eu pedisse desculpas por mentir a respeito de algo tão perverso.

Eles olharam para mim como se eu fosse o agressor. Como me atrevia a arruinar nossa família perfeita com aquelas mentiras desprezíveis? Como me atrevia a acusar meu irmão perfeito de tal coisa?

Eu não estava mentindo naquele dia, mas menti depois.

Quando fiquei na frente do meu irmão, com a cabeça baixa e lágrimas escorrendo pelas bochechas, e disse que sentia muito pela minha acusação. Meus pais ficaram ao seu lado, braços cruzados e cenhos franzidos. Certificando-se que eu dissesse as palavras.

Aquilo foi uma mentira.

Depois daquele dia, fiquei boa em contá-las.

Toda vez que eu dizia “estou bem” quando me perguntavam o que estava errado. Quando o conselheiro escolar e os professores chamavam meus pais para a escola, preocupados com meu bem-estar, e eu dizia que a vida na minha casa era ótima. E, mesmo assim, estava tirando notas baixa e me isolando, e perdendo os poucos amigos que tinha. Cortei meu cabelo, comecei a usar roupas muito folgadas e parei de sorrir.

A alegre e radiante Sawyer Bennet desapareceu. E em seu lugar estava uma tempestade furiosa.

Depois que meus pais morreram, Kevin só ficou pior. Ele recusou que eu tivesse independência. Precisei implorar para trabalhar na biblioteca local e, mesmo assim, sabia que ele estava me observando.

Ele se sentia superior porque se tornaria um policial. Se tornaria um protetor.

Mas ele ganhou mais do que poder. Ele ganhou amigos poderosos.

Matá-lo não foi o pior dos meus pecados, apenas o mais sangrento.

Até agora, quando estou sentada nesse farol decrépito com um homem que não quer me machucar nem um pouco menos do que Kevin. Não me arrependo daquela decisão de acabar com a vida dele. Mesmo que ela tenha me trazido até aqui no final das contas.

Mas eu me arrependo das pessoas que magoei pelo caminho. Quando deixei minha antiga casa, manchada com o sangue de Kevin, só estava com as meias nos pés. Mas o que dói é que os coloquei nos sapatos de outras pessoas e levei meus pecados para vidas que não mereciam aquilo.

Disso... disso eu me arrependo.

Tirei vidas demais, mas hoje à noite vai ser a última.

E pela primeira vez na minha vida, eu me sinto em paz com isso.

Sawyer Bennet

No momento em que termina, ela balança a cabeça, a tristeza permeando o ar.

— Ela se matou — afirma ela.

Concordo com a cabeça, uma lágrima escorregando pela bochecha. Eu me matei, mas não da maneira que ela pensa.

— Não sei se os restos mortais dela estão no porão, mas ela estava lá. Ela existiu.

— Há quanto tempo foi isso?

Contorço os lábios.

— Eu-eu não tenho certeza... o tempo é diferente lá. Mas acho que foi há cinco aniversários.

Bancroft acena com a cabeça.

— Vou colocar isso como prova.

Minha garganta fica seca, e não posso deixar de olhar para o pedaço de papel e me perguntar se cometi um grande erro. Vão investigar Sawyer Bennett e minha admissão de culpa. Mais cedo ou mais tarde, isso levará ao meu status de procurada pela polícia e a terem me visto no aeroporto pela minha parente distante. Provavelmente, será descartado porque Sawyer Bennett nunca esteve lá – ela morreu há cinco anos na ilha Raven.

Tenho certeza de que vão ver minha foto de quando eu tinha 14 anos, sentada sem jeito no sofá com um presente de Natal na mão. Foi transmitido em todos os lugares depois de eu ter fugido.

Até eu matar Kev, tinha minha cor natural de cabelo castanho-escuro em um corte masculino com franja espessa e alisada no rosto. Estava passando por uma fase gótica na época, usando maquiagem preta pesada e gargantilhas cravejadas. Eu me vestia daquele jeito na esperança de que Kev me achasse menos atraente, mas nunca funcionou, não importa o quanto eu tentasse.

Foi a única foto minha que encontraram. Meus pais não gostavam muito de documentar nossa família feliz, e assim que o abuso de Kev começou, fiz tudo ao meu alcance para evitar estar perto deles – muito menos tirar fotos com eles.

Se eu tiver sorte, não serão capazes de enxergar por baixo do corte de cabelo ruim e da maquiagem pesada e descobrir a garota sentada diante deles.

Por mais uma hora, ela continua o interrogatório, oferecendo paciência e compreensão enquanto tropeço nas minhas palavras, fico nervosa e continuo a pedir para ver Enzo.

Ela pergunta como fui criada, se Sylvester nos ofereceu educação – disse que sim, desde que ela notou que eu parecia educada para alguém que estava tão protegida –, o que ele fez com Kacey e por quê, e como nos mantinha escondidas das pessoas

quando naufragavam ou quando ele recebia as remessas e, por último, das mortes de Sylvester e Kacey. Começo a chorar durante isso, e embora minha tristeza possa ter me beneficiado, não era nada além de genuína. Não conhecia Kacey há mais de uma ou duas horas, mas sua história e sua morte são de partir o coração, e ela não merecia suas circunstâncias.

No final, ela me assegura de que não estou presa, mas ainda vão precisar fazer perguntas durante a investigação. Ao me levar para fora da sala de interrogatório e para sua mesa, ela fala comigo sobre opções de um lugar para ficar até que eu tenha uma identidade oficial em vigor.

Ela está no meio da frase, vasculhando pastas de arquivo perto da mesa, quando para, os olhos presos na minha coxa.

Meu estômago se contorce e meus olhos logo vão para onde ela está olhando.

Minha tatuagem.

Ainda estou usando os shorts, deixando à mostra.

Com o coração batendo forte, carinhosamente dedilho as letras pretas instáveis, um leve sorriso no rosto. Por sorte, ao ver que não estou tentando esconder a tatuagem a oficial não vai achar suspeito.

— Eu me meti em tantos problemas por isso, mas não me arrependo.

Sua sobrancelha se franze e ela se aproxima para dar uma olhada mais de perto.

— O que danado é isso?

— Eu, humm, encontrei uma agulha de costura e peguei um pouco de tinta de caneta e fiz uma tatuagem — explico sem jeito. — Estou com raiva do meu pai há tanto tempo, foi uma das poucas maneiras que escolhi para me rebelar.

Odeio que sou forçada a pintar por cima de uma memória tão especial com uma feia, mas pelo menos conheço a verdadeira. Terei sempre Simon.

A oficial Bancroft ri.

— Gostei. Mas não faça isso de novo. Poderia ter tido uma infecção séria.

— Ok — digo com um pequeno sorriso.

— Então, há alguns abrigos que a acolherão, mas...

— Quero ficar com Enzo — interrompo.

Ela pressiona os lábios, e a expressão no seu rosto faz meu nervosismo aumentar outra vez.

— Por favor, ele me protegeu. Me *salvou*. Não quero que se meta em problemas...

— Querida, estão apenas interrogando-o neste momento. Compreendo que se sinta segura com Enzo e que tenham formado uma conexão, mas porque não encontramos um lugar que lhe proporcione cuidados contínuos? Você vai experimentar um choque cultural e ter dificuldades para se adaptar, por isso é importante que tenhamos certeza de que você está bem.

Uma dose de adrenalina é libertada nas minhas veias, e começo a entrar em pânico de novo. Começa a parecer um estado mental constante.

Não quero ir para um abrigo. Parece que, mais uma vez, estou sendo forçada a desistir da minha liberdade.

Balanço a cabeça, dando um passo para trás. Ela suspira de leve, notando a angústia no meu rosto.

Antes que qualquer uma de nós possa dizer qualquer coisa, uma porta se abre no final do corredor, e Enzo sai, com uma expressão tempestuosa no rosto.

Seus olhos logo encontram os meus, e seus ombros relaxam um pouco. Nesse momento, ele se aproxima de mim, segurando meu rosto entre as mãos assim que estou ao seu alcance. Ele abaixa o queixo, observando meu rosto antes de prender minha atenção.

— Você está bem?

Aceno com a cabeça.

— Estou bem — digo com a voz áspera.

Ele analisa minha expressão por mais alguns segundos antes de soltar as mãos e se concentrar na oficial Bancroft.

— Ela vai ficar comigo.

A exasperação cruza o rosto dela e, pra ser sincera, sei que a oficial vê minha conexão com Enzo como nada mais do que um laço

traumático. De certa forma, pode ser. Mas ela não sabe que temos muito mais do que isso, e é algo que jamais seremos capazes de explicar.

— Temos um abrigo que...

— Não — interrompe Enzo, voz severa e definitiva. — Sou mais do que capaz de cuidar dela.

Mordo o lábio, tentando não me sentir bem com isso, mas acho impossível não me sentir.

O oficial que interrogou Enzo – oficial Jones – está ao lado de Bancroft, nos observando com um olhar atento. Ele é mais jovem e menos impressionável. Fico nervosa, mas se ele está liberando Enzo, não deve ter encontrado nada incriminador.

Ainda.

Bancroft suspira outra vez, mas ela está cedendo. Ela não pode me forçar a ficar em nenhum lugar – a menos que eu vá para a cadeia. O queixo quadrado de Enzo está cerrado, e seus olhos estão brilhando, desafiando os oficiais a discutir. Não há como negar sua feroz proteção e que é óbvio que não tem intenções de me deixar ir embora.

— Vocês podem ir — diz Jones. — Mas nenhum dos dois tem permissão para deixar o país. Suspeito que nos veremos de novo, sr. Vitale.

Enzo desliza o olhar para Jones, não parecendo nem um pouco preocupado. Eu, por outro lado, estou morrendo de medo.

— E estamos de acordo de que a identidade dela permanecerá escondida dos meios de comunicação?

— Claro — concorda Jones. — Vamos protegê-la.

Ouçó tudo o que ele não diz.

Isso não significa que vamos proteger você.

36

Sawyer

Meu coração formou pequenos punhos, e estão batendo no meu peito, exigindo para ser solto.

Enzo está na minha frente, uma leve impressão de uma covinha na bochecha enquanto olha por cima do ombro para mim. A alegria irradia dos seus olhos cor de avelã, e estou tentada a cutucá-los.

— Por que a Suzy Senil está na sua garagem? — pergunto, meu tom quase histérico. Bem na minha frente está minha grande van Volkswagen amarela em toda a sua glória, brilhando sob a luz do sol.

Ele ergue uma sobrancelha.

— Você nunca disse por que escolheu esse nome — ele desvia.

— Ela é imbecil e mal-humorada. Por que está aqui?

— Porque aqui é o lugar dela. Este é *seu* lugar.

Enrolo o lábio inferior entre os dentes, as lágrimas brotam nos meus olhos.

— Como a encontrou? — pergunto, as palavras roucas e irregulares.

Ele encolhe os ombros casualmente.

— Depois que você adormeceu no hospital, uma enfermeira me deixou usar o celular dela, e liguei para ter certeza de que ainda estava estacionada em *Valen's Bend*. Estava, então pedi a meu amigo, Troy, que fosse buscar para mim e trouxesse para cá.

Eu rio, porque se não o fizer, vou chorar. O fato de Enzo ter se lembrado onde estacionei é suficiente para achá-lo muito sexy.

— Você não precisava fazer isso — digo com a voz embargada.

— Eu não disse que estaria à sua espera? Nunca duvide do que faria por você, Sawyer. — Ele não me deixa responder, não que eu tivesse algo a dizer para ele de qualquer jeito.

Com o lábio inferior tremendo, digo:

— É tarde demais para adicioná-lo à lista de coisas que me fazem feliz? Não importa, vou adicioná-lo de todo jeito.

Uma covinha aparece em sua bochecha, e ele olha para mim como se já soubesse disso. Balançando a cabeça em direção à sua casa, ele murmura:

— Venha, *bella*.

Dou um único passo antes que minhas articulações travem, meus pés grudados no chão e incapazes de se mover. Quando ele vê minha incapacidade de andar, a covinha na outra bochecha aparece.

— O que é engraçado? — murmuro, meu olhar fixo na casa.

— Por que está tão nervosa para entrar na nossa casa? Não era para eu estar?

— Não — resmungo. O suor está começando a se acumular nas minhas axilas, e meu cérebro está voltando para ele dizendo *nossa casa* e ficando preso lá.

É óbvio que ainda estou muito envergonhada do que fiz da última vez que Enzo me trouxe aqui. E a parte ainda mais perturbadora nesta situação é que ele quer que eu fique.

Porque por algum motivo, Enzo decidiu que eu valia a pena amar. Acho que bateu a cabeça com muita força quando naufragamos e perdeu o juízo, mas sou egoísta demais para abrir mão dele.

Ambos perdemos pedaços de nós naquele dia. Mas com o passar do tempo, enquanto estávamos presos naquele farol, incorporamos aos poucos nossos pedaços espalhados até fazermos mais sentido juntos do que separados.

Não há dúvida de que vale a pena amar Enzo, e apesar de morrer de medo, já não quero fugir dele.

Enzo para diante da porta, virando-se para mim por completo, seus olhos brilhando à luz do sol.

— O quê? — esbravejo, embora esteja faltando irritação no meu tom.

Um sorriso desliza para seu rosto, e os punhos batendo dentro do meu peito congelam. Meu coração e eu estamos paralisados por essa simples ação, que pra ser sincera é irritante.

— Sabe que perdoo você, né? — pergunta ele.

Dou uma fungada.

— Acho que você nunca disse as palavras, mas sim.

Enzo dá um passo em minha direção, desliza dois dedos na minha boca e me puxa para ele, prendendo com eficácia o oxigênio nos meus pulmões além do meu coração.

— Perdoo você, *bella*. E agora vou precisar que se perdoe. Pode fazer isso por mim, baby?

Derreto toda. Só precisa disso.

Sem conseguir falar, concordo com a cabeça, relaxando os ombros quando ele me solta.

— Bom, agora vamos tomar um banho quente com pressão de verdade, e depois vamos pedir comida de onde quiser.

Inesperadamente, um soluço quase explode da minha garganta. É algo tão simples – um banho e pedir comida –, mas parece que ele está me levando ao paraíso.

*

As mãos de Enzo mergulham no meu cabelo, espalhando o xampu nos fios e massageando meu couro cabeludo.

Senti falta de pressão da água. Depois de passar o dia todo na delegacia, pensei que nunca ia conseguir relaxar. Mas agora,

meus ossos estão derretendo, e estou prestes a escorrer pelo ralo com a água.

— Se eu morresse bem aqui — começo, a última palavra saindo em um gemido. — Ficaria chateada de verdade. Você devia se sentir orgulhoso. Me fez querer viver.

Não queria que isso soasse tão pesado, mas Enzo aguenta com facilidade.

— Parece que estamos quites então — diz ele, sua voz grave tão suave quanto seda. — Se você quiser, quero mostrar meu laboratório amanhã — continua, agarrando meus bíceps para me puxar de volta para o jato, com cuidado para manter meu pulso com gesso longe da água. Inclino o queixo para cima quando ele enxágua o xampu.

— Adoraria — murmuro, gemendo de novo com a sensação das suas mãos no meu cabelo. — Acho que nunca me disse porque ama tanto os tubarões.

Ele me solta, pega uma esponja e esguicha um pouco de sabonete líquido nela. De forma metódica, lava cada centímetro da minha pele enquanto fala.

— Acho que no início foi porque queria ser como um. Os tubarões são uma das criaturas mais ferozes do oceano, pelo menos que a gente sabe. E durante minha infância, sempre me senti impotente. Como se outra pessoa estivesse no banco do motorista, e eu não tinha controle de onde ia. Eles encarnavam o poder e a liberdade. Era tudo o que queria.

“Quando fiquei mais velho, fascínio evoluiu para quase obsessão. Não sei o motivo, mas sempre me fizeram feliz. O oceano me faz feliz.

Mordo o lábio, me viro para Enzo e pego a esponja dele. Com minha mão boa, esfrego-a sem jeito em seu peito, descoordenada com este lado.

— Você já se preocupou que o machucariam?

Seu olhar está ardendo ao me observar, e embora seu pau não esteja todo duro, ele também não está mole. Mas há um acordo subentendido para aproveitar a companhia um do outro esta noite. Ainda não tivemos a oportunidade.

— Sempre entro na água com a consciência de que não estou mais no topo da cadeia alimentar. Eu os respeito e, na maioria das vezes, eles me respeitam. Mas seria estúpido pensar que não são completamente capazes de acabar com minha vida.

Há uma pontada no meu peito, e reconheço-a como ansiedade. Jamais pensaria em pedir a Enzo para parar de nadar com eles, mas não posso negar que ele nunca voltar para casa um dia não me aterroriza.

— Bem, é melhor entrar na água com a consciência de que tem alguém para voltar também — digo, tímida, mantendo o foco na minha tarefa e evitando seu olhar observador.

— Olhe para mim — murmura ele, agarrando meu pulso. — Não fuja.

Mordo o lábio e o encaro. Há algumas dificuldades iniciais quando nunca se apaixonou. Vivi minha vida de maneira egoísta nos últimos seis anos e fugi de tudo que representava uma ameaça à minha sobrevivência. É quase poético que ficar presa com alguém foi o catalisador da minha redenção.

Não é algo a que estou acostumada ainda, mas sei que um dia, em breve, amar Enzo será algo tão natural quanto seu amor pelo oceano. Seu amor por *mim*.

A energia crepita no ar entre nós quando ele me puxa para perto, ainda consciente do meu pulso machucado.

— Nunca vai precisar se preocupar com isso. Prefiro abrir a mandíbula de um tubarão se puder voltar para você.

Muito emocionada para responder, ergo meus dedos dos pés e capturo seus lábios com os meus, sentindo a energia ao nosso redor entrar em combustão. Com sua estatura alta, Enzo precisa se curvar para que eu o alcance.

Estou perdida na sensação da sua boca se movendo com maestria na minha. Enzo não beija – ele devora, assim como as bestas com quem nada.

Sua língua mergulha na minha boca, se enrolando por trás dos meus dentes antes de acariciar a minha. Os arrepios começam na ponta dos meus dedos e se espalham por cada centímetro de mim até que meu corpo seja reduzido a estática.

Preciso de mais dele. Preciso dele muito mais perto até que não haja nada entre a gente além do nosso próprio desejo.

Prendo meu braço esquerdo no seu pescoço, moldando seu corpo escorregadio no meu. Sinto todos os músculos e todas as curvas nas minhas partes suaves, e estremeço com a sensação – com ele.

Seu pau está bem duro e grosso, deslizando na parte mais baixa da minha barriga, e assim que estou pronta para dizer que se foda a coisa de não fazer sexo, ele se afasta.

Lamento em resposta, muito decepcionada com a falta de seu corpo para ficar envergonhada.

— Tivemos um mês longo, *amore mio*. Vamos colocar um pouco de comida na barriga e relaxar, está bem?

— Tenho uma piada muito ruim sobre colocar outra coisa na minha barriga, mas não vamos falar disso. — Assim que as palavras saem da minha boca, meus olhos se arregalam. — Uau, quis dizer seu pau, mas isso soou ainda pior em voz alta.

Ele ri, o som profundo e delicioso, fazendo um arrepio rolar pelo meu corpo.

— Você não quer bebês? — questiona ele, desligando a água e me entregando uma toalha. Talvez seja o sotaque, mas algo no jeito que perguntou aquilo é um crime.

Como se um fogo estivesse literalmente lambendo minha bunda, saio do box.

— Nem pensar — digo, limpando a água do meu rosto antes de tirar o excesso do cabelo.

Viro à direita quando ele sai do chuveiro, gotículas caem em cascata em sua pele bronzeada, agarrando-se ao pelo fino em seu peito e se perdendo no seu tanquinho. Minha boca fica seca.

— Ok, *talvez*.

Ambas as covinhas estão em plena exibição quando Enzo olha para mim de baixo dos olhos encapuzados.

— Só preciso da cabecinha, *bella*.

37

Enzo

— *Selachiomorpha*? O que significa? — pergunta Sawyer, uma ligeira oscilação em seu tom e ansiedade formando linhas em seu rosto ao passar pela passarela de metal.

Ela deve ter notado o nome do meu centro escrito na plataforma. Ela ainda não estava pronta para voltar para um barco, então consegui uma carona até aqui de helicóptero.

— É latim. Tubarões fazem parte da família *Selachii* — explico.

Agarro sua mão e a levo pela passarela, o metal rangendo sob nosso peso. Eu tinha visto o tubarão quando estávamos nos preparando para pousar e queria conferir antes de mostrar a Sawyer o laboratório.

— Ah, merda — ofega ela atrás de mim. — Por favor, me diga que desta vez não vai mergulhar minha cabeça na água.

Lanço um sorriso selvagem no rosto, e ela parece dividida entre me dar um tapa e ficar de olho no tubarão.

— Não desta vez.

Ela zomba ao pararmos em frente ao recinto. Mesmo distorcido com a água, não tem como confundir o tamanho dele.

— Ela parece ter mais de cinco metros — observo, olhando para o tubarão com um olhar crítico.

— Você está tirando onda com minha cara, idiota?! Você decide mostrar seu maldito rosto *agora*? — grita uma voz familiar do elevador.

Olho para cima e encontro um Troy muito irritado vindo na nossa direção. Ele está me encarando, provavelmente querendo me matar de seis maneiras diferentes neste momento.

— Também senti sua falta — digo lentamente, sem me incomodar com sua raiva. Ainda não tive a oportunidade de comprar um celular novo, e tenho estado um pouco ocupado me adaptando a estar de volta.

Quando liguei para ele do hospital para pegar a Suzy Senil, ele quase estourou meu tímpano reclamando. Foi um pequeno milagre eu ter conseguido fazê-lo ficar calado tempo suficiente para convencê-lo a pegar a van.

Chegamos em casa ontem, e ainda estamos exaustos e precisamos nos curar. Eu não tinha planejado ficar muito tempo, mas sabia que Troy estava perdendo a cabeça sem eu aqui e, pra ser sincero, estava começando a perder a cabeça sem meu emprego.

— Você desaparece por quase um mês, e eu recebo um telefonema para ir buscar uma van hippie, e depois nada?

— Meu celular está neste momento no fundo do oceano — é minha resposta. — E a van era mais importante na época.

É óbvio que isso não é uma desculpa adequada para Troy baseado no grunhido que domina seu rosto.

No momento em que chega perto, estou me preparando para que me dê um soco, mas, em vez disso, ele me agarra pela camisa e me puxa para um abraço.

Suspiro e dou um tapa nas suas costas como saudação, mas admito que também senti falta do filho da puta. Ele só nunca vai saber disso.

Troy me solta e depois se volta para Sawyer.

— Você voltou com uma namorada também? Onde você estava?

Ela lhe dá um sorriso envergonhado cheio de dentes.

— O nome dela é Sawyer — explico. Ela olha para mim em choque, com um lampejo de medo nos olhos azuis. Mas ela nunca vai precisar se preocupar com ele.

Troy é a única pessoa em quem já confiei e, apesar de gostar de falar, também sabe manter a boca fechada. E se não o fizer, também sabe que eu o mataria.

— Sou Troy — apresenta-se ele, estendendo a mão para minha garota. — O melhor amigo de Zo. Ele vai dizer que eu não sou, mas está apenas sendo tímido.

Sawyer agarra a mão dele.

— Ele também é apenas um *stronzo* — acrescenta ela com um sorriso e um brilho nos olhos.

Meus olhos se arregalam de leve, espanto e algo absolutamente primitivo se misturando nas minhas veias. Não sei se quero espancá-la ou fodê-la por me insultar no meu idioma, mas sei que a amo por isso.

Ela encontra meu olhar ardente sem se preocupar com nada, um sorriso malicioso em seus lindos lábios. Corrigirei isso mais tarde.

Uma risada estrondosa sai da garganta de Troy, a cabeça inclinada para trás. Quase não é o suficiente para desviar minha atenção dela, meus punhos e meu maxilar cerrados com o desejo de fodê-la aqui mesmo.

— Ah, eu gosto dela. — Ele ri.

O sorriso travesso de Sawyer aumenta.

— Obrigada por resgatar a Suzy Senil. Não estou acostumada a dirigir no lado oposto da estrada, então talvez você possa me ensinar — sugere ela, e pelo brilho em seus olhos, sei muito bem que está fazendo isso para me irritar.

Está dando certo, caralho.

— De jeito nenhum — rosno, fixando-a com meu olhar. — Cuidado, *bella*. Não tenho medo de matá-lo também.

Imperturbável, Troy pisca para ela, murmurando:

— Vou te ensinar com tanta força.

Estes dois juntos vão acabar me matando.

Rosnando, aponto para o elevador, já irritado.

— Anda. Vou contar o que aconteceu no caminho.

*

— Caramba, Sawyer, você é durona.

Dei a ele um resumo rápido do naufrágio, uma breve explicação de Sylvester, o farol, Kacey, e, por último, porque o nome de Sawyer e quem ela é de verdade deve ser mantido em segredo.

Encaro Troy, mas ele está muito ocupado olhando minha garota. Estou a segundos de enfiar meu punho na sua garganta, mas ele deve sentir sua morte iminente e desvia o olhar.

No caminho para o elevador, o rosto de Sawyer estava preso nas janelas de vidro, observando nossa descida ao oceano ao mesmo tempo fascinada e aterrorizada.

Mesmo depois de três anos, nunca me canso da vista. Cercado por nada além de um vasto mar azul. É um universo inteiro abaixo da superfície e sem dúvida um mistério maior do que aquele fora do nosso planeta.

No momento em que paramos dentro do centro, levo-a direto para a pequena cozinha para que pudesse se sentar por um minuto. Ela já está exausta, e quero agilizar tudo para poder levá-la de volta para a cama.

— Não diria isso — diz ela, ignorando o elogio. Ela dava pequenos goles num copo de água enquanto eu falava, ouvindo os dias mais longos das nossas vidas se resumirem em trinta minutos.

O resto da minha equipe foi para casa esta noite, deixando só nós três conversando à vontade.

— Eu diria — retruca Troy com confiança.

Também.

Desconfortável com a atenção, Sawyer coloca o copo na mesa e olha para mim.

— Estou pronta para ver o resto — declara ela.

Troy bate palmas, esfregando-as em excitação, com um sorriso grande e extasiado no rosto.

Quando construí a P.O.V.S., queria que fosse exposta ao oceano o máximo possível. Oitenta e cinco por cento do centro é vidro. Nada além de uma bomba nuclear poderia destruir este lugar,

mas é fácil sentir que você está numa armadilha mortal quando submerso em algo que exerce um poder significativo.

Pego a mão de Sawyer e a levo para fora da cozinha e em direção ao cômodo principal. É uma curta caminhada por um corredor, depois viramos à direita, saindo para a grande área.

Sawyer arqueja, os olhos arregalados enquanto caminha lentamente para o que parece ser o oceano aberto.

É onde a equipe e eu conduzimos nossa pesquisa. A maior parte da área é preenchida com mesas carregadas com monitores e equipamentos. Parte do trabalho é rastrear os tubarões, fazer medições e estudar seus níveis de maturidade e seus comportamentos.

Quando não estamos mergulhando, passamos a maior parte do tempo olhando para os computadores.

— Puta merda — ofega ela, ganhando uma risada de Troy.

Sua cabeça vai de um lado para o outro enquanto ela se vira, incapaz de deixar os olhos redondos parados em um só lugar.

Um cardume de pargo azul-dourado aparece à esquerda e, em segundos, seu rosto está contra o vidro de novo, observando o pequeno peixe amarelo nadar.

— Ah, meu Deus, parece que posso estender a mão e tocá-los.

Eu sorrio.

— Essa era a ideia.

Ela se vira para mim, os olhos arredondados de admiração infantil e os lábios rosados separados.

— E se um megalodonte passar agora? Pode quebrar essa merda?

Arqueio uma sobrancelha. — Gostaria de vê-lo tentar.

Troy estremece. — Eu não.

— Eles ainda existem? — pergunta ela, cheia de emoção.

— Não é impossível — digo a ela. — Na minha opinião, a probabilidade é alta. Os tubarões existem há milhões de anos. São adaptáveis e acredito que encontraram uma nova maneira de sobreviver.

— Quero tanto ver um — comenta ela, voltando-se para olhar pela janela. — Também quero ver as sereias.

— Alguns diriam que são mais assustadoras do que o megalodonte — comento.

— Então são reais? — ofega ela.

Encolho os ombros, sorrindo quando sua respiração embaça o vidro. — Não é impossível.

— Tão legal — murmura ela antes de se distrair com um peixe-palhaço e correr para o outro lado do prédio onde o animal nada.

— É Nemo! — grita ela, animada.

Troy olha para mim e o encaro quando sinto como queima a lateral do meu rosto.

Ele parece divertido, mas outra coisa também reside na sua expressão. Algo como alívio. — Fique com ela.

Como se estivesse magnetizado, volto meu foco para Sawyer, onde ela segue o peixe-palhaço ao redor do prédio.

— Essa é minha intenção.

38

Enzo

Porra, senti falta disso.

— Você sabe que vai sair parecendo uma uva-passa chupada, não sabe? — pergunta Troy assim que minha cabeça sai da água.

Exceto dele, não senti falta dele.

Olho para meu parceiro, tentando decidir se quero agarrar sua perna e arrastá-lo até a água para vê-lo entrar em pânico ou se devo fazer o que costumo fazer e ignorá-lo.

— E embora eu esteja em êxtase por você finalmente ter encontrado alguém disposta a colocar a boca em qualquer parte sua, não fica muito bem.

— Que porra está dizendo? — rosno, aborrecido. Ele age como se eu devesse saber o que é uma uva-passa chupada.

— Uma uva-passa molhada e murcha. Vai parecer uma uva-passa molhada e murcha. Não fica muito bem.

Antes que possa responder, sinto um movimento na água, apenas o suficiente para chamar minha atenção para longe do idiota tagarela. Uma barbatana vem na minha direção, por isso mergulho a cabeça na água.

O tubarão-branco fêmea é como um torpedo na água, nadando a uns quarenta quilômetros por hora.

A adrenalina percorre meu corpo, meu batimento cardíaco pulsando em todos os átomos do meu corpo.

Sua boca se abre, fileiras de dentes afiados em exposição. Chuto as pernas, inclinando-me para ficar perpendicular a ela. Meus

pés estão atrás do seu corpo e meu tronco está à frente da sua boca. Assim que ela me alcança, agarro a ponta do seu nariz, usando seu impulso para saltar acima dela, então estou ao lado das suas costas.

Ela se debate e agarro sua barbatana dorsal, segurando firme enquanto ela desliza pela água.

Já a agitei o suficiente, então, assim que ela passa pela escada, eu a solto e agarro os degraus de metal, subindo enquanto ela decola em outra direção.

Quando saio da água, encontro a oficial Bancroft e o oficial Jones esperando ao lado de Troy, junto com Sawyer de pé do outro lado, se mexendo sem jeito. O barco deles está parado na doca, ainda ligado.

Significa que não ficarão aqui muito tempo.

Sawyer foi na delegacia responder a mais perguntas, e fiquei esperando que me liguem para a ir buscá-la. Ela insistiu em ir sozinha e, embora eu não tenha gostado, respeitei sua necessidade de cuidar disso sozinha.

Parece que tomaram a iniciativa de trazê-la até mim.

— Tenho que dizer, sr. Vitale, você é um homem extraordinário — comenta o oficial Jones, observando a água com o olhar típico que vejo das pessoas – *não seria eu*.

— Não há nada de extraordinário nos humanos — respondo. Troy revira os olhos e articula sem som: *seja legal*, o que me confunde porque não sei o que isso significa.

Jones dá uma risada seca.

— Acho que tem razão.

Entro na passarela com uma carranca, a água escorrendo do meu corpo ao caminhar em direção ao grupo. Já vi o suficiente deles nas últimas três semanas, e estou farto das caras deles. Os olhos de Sawyer se arregalam de leve antes dela virar o rosto às pressas, pequenos pontos vermelhos se formando em suas bochechas.

Um sorriso puxa os cantos dos meus lábios – algo que ela vê com um rápido olhar. Então, tropeça antes que seu olhar se

solidifique e cole em mim, aqueles lábios vermelhos se abrindo quando me aproximo.

Porra, adoro minha pequena ladra.

— Sr. Vitale? — A voz súbita e intrusiva tira minha atenção, e meu sorriso se dissolve no mesmo instante.

— O quê?

Troy suspira de exasperação com meu tom.

— Vejo que ainda não está interessado em terapia — observa Jones, com os lábios curvados.

Tentaram empurrar um terapeuta para mim para lidar com o assassinato de alguém, mas não vejo por que, considerando que não perdi o sono por causa disso.

— Como percebeu?

Jones não se digna a me responder, mas solta uma risada seca.

— Você pode ser um bom exemplo para Trinity — interrompe Bancroft. — Ela pode se sentir mais à vontade para ir se você for.

Paro diante do grupo, olhando para os dois oficiais com uma carranca. Sawyer adiou a terapia, por enquanto, não querendo ir para alguém que foi nomeado para ela. É difícil procurar ajuda quando se é forçado a enterrar tudo o que lhe dá pesadelos, nunca sendo capaz de contar a ninguém sobre isso.

— Por que vocês estão aqui?

Sawyer esforça-se para não sorrir, balançando a cabeça para mim.

— Nossos investigadores viram evidências substanciais de autodefesa neste caso. Nós mesmos queríamos contar a boa notícia de que você não é mais o alvo da investigação.

Cruzo os braços, olhando para eles por um instante antes de dizer:

— Eu já sabia disso.

Os olhos de Troy se esbugalham. Ele tem medo da polícia, e desrespeitá-los não é melhor do que desrespeitar o primeiro-ministro.

— Sabia?

Encolho os ombros.

— Era óbvio, considerando que ele estava acumulando cadáveres.

— Ele está muito feliz em ouvir isso — interrompe Sawyer, olhando-me feio.

Eles não parecem convencidos, mas não me importo.

— Demos a Trinity alguns panfletos sobre assistência financeira e programas que podem ajudá-la a se adaptar à sociedade. Espero que você a incentive a encontrar sua própria independência, sr. Vitale — explica Bancroft, terminando a última frase com um tom severo e autoritário.

Uma sobrancelha está erguida, encarando-me como quando um pai espera que você vá para a faculdade em vez de viver no porão até que tenha 30 anos.

As freiras que me criaram são muito mais assustadoras do que ela.

Os folhetos estão nas mãos da Sawyer, e ela está olhando para eles como se planejasse queimá-los mais tarde.

— Trinity já é independente, oficial. Espero que você comece a lhe dar mais crédito — respondo, estoico.

Ela sorri, admitindo a derrota.

— Você mencionou querer mudar de nome, podemos indicá-la a um advogado que vai lhe ajudar durante esse processo. A partir daí, você também vai poder tirar sua identidade — continua Bancroft, voltando-se para Sawyer. — Já decidiu qual nome quer?

Os olhos de Sawyer se arregalam quando todos se concentram nela. Ela quer manter o nome — o nome verdadeiro —, mas está nervosa por tentar explicar à polícia. Não que ela tenha que explicar alguma coisa a alguém.

Pigarreando, ela diz:

— Sim. Sei que pode parecer estranho, mas queria homenagear Sawyer e usar seu nome. Meu primeiro nome, pelo menos. Ela... ela me ensinou muito, e eu a admirava. E ela merecia ter uma vida.

Bancroft poderia muito bem ter derretido numa poça.

— Isso é muito gentil — diz ela baixinho. — É um nome bonito também. Aquela pobre garota tinha uma vida muito

perturbadora. Tantas denúncias apareceram do terrível irmão dela. Imagino que ela tenha feito um favor ao mundo.

A boca de Sawyer se abre e depois se fecha, confusão escrita em seu rosto. Minhas próprias sobrancelhas erguem, surpreso que houvesse mais provas contra seu irmão e que Sawyer nunca soubesse disso. Suponho que ela evitou procurar qualquer coisa que tivesse a ver com ele a todo o custo.

— Denúncias? — repito.

Bancroft vira-se para mim.

— Ah, sim. O irmão dela estava abusando de meninas pequenas. Muitas denunciaram após a morte dele.

Sawyer empalidece, e está lutando para controlar suas expressões faciais.

— Tudo bem, não vamos fofocar — interrompe Jones, lançando um olhar para a parceira.

Bancroft encara Sawyer outra vez e descansa a mão no braço dela em um gesto reconfortante.

— Me avise se precisar de ajuda com alguma coisa. Tenho certeza de que está em boas mãos com o sr. Vitale, mas se precisar de mim basta ligar.

Sawyer dá um sorriso tenso e agradece aos oficiais. Eu os vejo sair, depois encaro Troy e Sawyer de novo. Troy está olhando para Sawyer, que parece um pouco enjoada.

Troy é a única pessoa que saberá a verdade. Ele sabe que eu o embrulharia com iscas e o jogaria na água com um tubarão se contasse a alguém, e considerando que matei Sylvester, ele não tem razão para não acreditar em mim.

— Você está bem? — pergunta ele, com as sobrancelhas abaixadas de preocupação.

Ela concorda rápido com a cabeça como se estivesse tentando se convencer.

— Sim — responde Sawyer com a voz aguda. Então começa a balançar a cabeça. — Não, na verdade. Não de verdade.

Passo por Troy, agarro o braço dela e a puxo para mim. Ela está tremendo como uma folha.

— Sabia que ele estava abusando de outras garotas? — pergunto, abaixando o queixo para encará-la. Ela inclina a cabeça para baixo, evitando-me.

Apertando seu queixo entre meus dedos, forço o olhar dela para o meu.

— Não — sussurra ela, desviando o olhar, as bochechas vermelhas.

— Mesmo assim, você fez um favor ao mundo — resmunga Troy. — Sendo honesto, não deveria se culpar por isso quando as salvou de mais abusos.

Sawyer acena com a cabeça, mas, outra vez, parece que está tentando se convencer.

— Sim, só me faz sentir estúpida por não perceber.

Troy encolhe os ombros. — Como você podia?

Ela franze a testa. — Precisava mesmo matar quem eu costumava ser?

— A Austrália teria lhe entregado aos Estados Unidos. E aí, você teria que ir a julgamento e reviver tudo, e há uma grande probabilidade de que fosse considerada culpada, apesar do abuso dele — digo. — Quase não há justiça para as vítimas de abuso nos Estados Unidos. É melhor que esteja tudo no passado.

— Você tem razão — suspira ela.

O tubarão mexe a água, desviando minha atenção.

— Vou terminar o trabalho. E depois vamos mudar seu nome. Já sei qual eu quero.

Seus olhos azuis deslizam para os meus, perplexos.

— Sabe qual você quer? — pergunta ela, atrevida.

Sorrio e Troy arqueja dramaticamente.

— Ei, ele acabou de sorrir?

Ignorando-o, declaro:

— Vou escolher seu sobrenome, *bella*.

Um mês depois

Algo macio pressiona a lateral do meu pescoço, me despertando de um sono profundo. Um segundo depois, esse toque gentil se torna insistente e forte. Arquejo, meus olhos se abrem quando Enzo afunda os dentes na carne abaixo da minha orelha.

— Enzo — gemo. — Minha vagina nunca esteve tão dolorida em toda a minha vida.

— Você aguenta — murmura ele, enfatizando sua declaração com outra mordida. — Sempre faz isso.

— Você é tão rude — resmungo. — Tão indiferente ao meu corpo machucado e maltratado.

Enzo pressiona seu pau nas minhas costas, um gemido suave passando por seus lábios. Esse pequeno som é suficiente para fazer o calor deslizar por todo o meu corpo, seguido por um arrepio. Pra ser sincera, é patético como ele é atraente. O cara podia negociar a paz mundial ou algo assim, juro.

Se ao menos se importasse com isso.

— Preciso discordar, srta. Vitale.

Meu coração bate forte com o lembrete.

Sawyer Vitale.

Meu primeiro nome é a única coisa que me resta da minha antiga vida, e soa tão delicioso cada vez que sai da língua de Enzo. Admito que essa pode ser uma das razões pelas quais formei um

forte apego ao nome, mas considerando que há muito tempo fujo dele, é bom enfim poder usá-lo.

Foi ideia de Enzo usar seu sobrenome. Discuti, é claro, mas ele não aceitava um não como resposta. E depois de suas técnicas muito persuasivas, não vi sentido em lutar contra isso.

É apenas um sobrenome...

Um nome que sempre me ligará a Enzo, mesmo que ele se canse de mim.

— Ainda não entendo por que insistiu que eu usasse seu sobrenome. Nós nem somos casados.

— O casamento é apenas um pedaço de papel. Esse sobrenome é permanente.

— Quero dizer, tecnicamente, meu sobrenome também é apenas um pedaço de papel.

Ele rosna e joga meu corpo para o lado, me forçando a ficar de costas enquanto paira em cima de mim. Dou uma risada do olhar feroz no seu rosto. Mesmo com nossa experiência de quase morte, ele não é mais simpático.

— Você é um bruto — provoco, meu sorriso escorrega quando ele desliza minha – *sua* – grande camiseta tocando na minha barriga, suas palmas ásperas resvalam na minha pele.

Estremeço, ainda não acostumada a como um único toque me faz derreter como manteiga.

Ele se inclina para perto, arrastando os lábios pelo meu pescoço.

— *Ti mangerei.*

— O que isso significa? — sussurro.

— Significa que eu poderia comê-la — explica ele, com a voz rouca, mordendo a lateral do meu pescoço outra vez. Reprimos um suspiro, minhas costas começando a arquear sem querer enquanto arrepios envolvem meu corpo, como um toque sensual de um amante.

Um gemido suave escapa e meus braços envolvem seu pescoço, prendendo-o em cima de mim, apesar de meu corpo protestar.

— Precisamos sair daqui a pouco — murmura ele, dando um beijo debaixo da minha orelha, depois outro no meu queixo.

— Para onde vamos? — ofego, meus olhos se fecham e sua boca se desloca pouco a pouco para a minha.

— Dar um passeio de barco — responde ele, e na mesma hora, meus olhos se abrem, uma recusa pronta. Aproveitando a oportunidade, ele mergulha a língua na minha boca, capturando meus lábios entre os dele em um beijo selvagem.

O filho da mãe usa a boca como se fosse um botão vermelho de uma bomba nuclear. E cada vez que ele pressiona na minha, solta o explosivo dentro de mim.

Sua mão desliza pelos meus cachos, agarrando-os com força ao aprofundar o beijo, roubando minha alma a cada golpe de sua língua.

Entendo por que ele nunca deixou ninguém provar seus beijos. Ficariam viciados, e ele nunca seria capaz de se libertar das garras dessas pessoas.

Seus dentes prendem meu lábio inferior, puxando a pele sensível para sua boca e sugando. Solto um gemido quando ele solta meu lábio, apenas para fazer isso outra vez, enrolando a língua na minha boca e enviando eletricidade pela coluna da minha garganta.

Quando Enzo se afasta, estou sem oxigênio, e fico atordoada quando ele volta a beijar o canto da minha boca e a descer beijos pelo meu pescoço.

— Acho que devemos desistir do passeio e ficar na cama hoje — digo sem fôlego, deslizando as mãos por sua cabeça recém-cortada. De volta ao cabelo curto, uma sensação incrível sob minhas palmas.

Ele se aproxima, me encarando com uma intensidade que faz meu coração cambalear ao tentar se libertar da gaiola.

— Então, vamos amanhã — afirma ele.

— Ah, poxa — falo lentamente. — Tenho uma coisa amanhã. Fica para a próxima?

— *Bella*, nunca mais vou nos colocar em perigo. Nada vai acontecer com você.

Pressiono os lábios. Não entro no barco desde o naufrágio, decidindo ir com calma. Tenho medo de que o carma ainda não tenha terminado comigo, mas uma parte ainda maior de mim não me deixa mais fugir.

Descobri que enfrentar meus medos é muito mais revigorante.

— Tudo bem. Mas tem uma coisa que quero fazer primeiro hoje. E então você pode me jogar para os tubarões onde vou morrer de ataque cardíaco, ok?

Ele balança a cabeça para meu drama, mas se afasta.

— Vá. Estarei esperando no porto ao meio-dia.

*

— Minha nossa, nem posso acreditar! E eu pensei que eu era o misterioso.

A voz traz um sorriso instantâneo a meu rosto, e antes que perceba, estou correndo para a parada de ônibus. Meus chinelos rosa-neon batendo na calçada enquanto eu corro até Simon.

Estive verificando a parada durante semanas, mas não o vi. Precisava esperar até a situação com a polícia fosse resolvida primeiro e depois tivesse tempo para me curar. Não queria que Simon me visse machucada e quebrada – queria que ele me visse melhor do que antes de eu naufragar naquela ilha.

Antes que ele possa dizer outra palavra, me sento no banco e envolvo meus braços em seu pescoço, descansando a cabeça no seu ombro e sentindo seu cheiro salgado do mar, com um toque de Old Spice.

Ele ri, todo o seu corpo vibrando ao dar um tapinha nas minhas mãos.

— Bem, também senti sua falta, mocinha.

— Desculpa — digo, me afastando. — Só achei que nunca mais veria você.

— Bem, esta cidade não é tão grande. Não posso ir tão longe, só para baixo.

Reviro os olhos, sorrindo para ele.

— Você não vai para o Inferno, Simon.

Ele bufa.

— Minha ex-mulher diria o contrário. — Ele se inclina para trás, virando o nariz para me inspecionar como se estivesse olhando para mim com uma lupa. — O que houve com você?

Coço a cabeça, debatendo o quanto devo dizer.

— Me perdi por um tempo. Mas agora estou em casa — decido.

— Aham — diz ele devagar, os olhos indo direto para o imobilizador no meu pulso. Está quase curado agora, mas ainda está um pouco fraco. Estou me recuperando, física e mentalmente.

Na maioria das noites, Enzo e eu batalhamos quem pode acordar o outro com um demônio mental primeiro, mas temos alguém para abraçar, e embora nenhum dos dois esteja curado por completo, não estamos sozinhos.

— Parece que você está pronta pra sua próxima tatuagem.

Sorrio, mostrando-lhe todos os meus dentes.

— Pode apostar que sim.

Ele ri e puxa um saco plástico com tinta e agulhas fechadas.

— O que você vai querer hoje, nesta bela manhã de terça-feira?

Não tinha percebido que dia é hoje, e parece um pouco como *déjà-vu*. Há três meses e meio, conheci Simon numa parada de ônibus numa terça-feira e fiz minha primeira tatuagem. Fiz um círculo completo, só que agora sou uma pessoa diferente de antes.

Eu estava triste, quebrada e mal sobrevivia.

E agora, ainda estou um pouco destroçada, mas não me sinto tão mal por estar viva. E enquanto sempre terei os lembretes do que aconteceu comigo gravados no meu cérebro, pelo menos vou ser capaz de olhar para a frente agora, em vez de para trás.

— Quero um cacto — digo depois de um tempo.

Ele faz uma pausa, olhando para mim com as sobrancelhas erguidas.

— Um cacto — ecoa ele. — Por que um cacto?

Encolho os ombros.

— Eles são fortes e resilientes, e sobrevivem sob condições extremas.

Meu amigo projeta o lábio inferior, considerando minha explicação.

— Ah, e eles não machucam uma mosca a menos que você os provoque.

Isso arranca outra risada que mexe todo corpo de Simon.

— Um cacto — repete ele mais uma vez com uma risada, balançando a cabeça quase maravilhado.

— É quem eu sou agora, quem escolho ser. Um cacto.

— Então é isso que vou fazer — confirma ele. — Onde você quer?

Tiro o imobilizador, estendo o braço e aponto para o pulso.

— Bem ali, por favor.

Sorrindo, Simon agarra meu pulso e o coloca na coxa. Depois de abrir a agulha e mergulhar a ponta em seu frasco de tinta de polvo, ele começa a trabalhar, e observo em silêncio confortável como a planta incompreendida se forma pouco a pouco.

Dói pra caramba, mas a dor sempre vem antes da beleza. De que outra forma gostaríamos?

— Feito — anuncia ele vinte minutos depois, endireitando para que eu possa inspecionar meu pulso.

— É tão fofo, Simon — proclamo, sorrindo para o cacto disforme no meu pulso. — Se ao menos pudesse fazer isso com o espinho de um cacto.

Ele gargalha.

— Não acho que haja cactos por aqui. Mas encontre um, e faça uma da próxima vez com ele.

— Você vai fazer o *quê* com ela?

Meus olhos se arregalam, e me viro para encontrar Enzo vindo em nossa direção, uma carranca franzindo seu rosto.

— O que faz aqui? — pergunto, me sentindo como uma criança com a mão no pote de biscoitos.

— Estava indo para a loja de iscas e vi uma pequena ladra loira sentada em um ponto de ônibus.

— Veja só...

— Está tudo bem — interrompo Simon, colocando a mão em cima da dele. — Ele é um rabugento, mas é o meu rabugento.

Simon olha para mim antes de se voltar para a expressão feroz de Enzo.

Olho para o rabugento e mostro meu pulso, um sorriso brilhante no meu rosto outra vez, mas, por dentro, estou negociando com o Satanás para não deixar este homem irritar meu único amigo.

— Simon fez outra tatuagem em mim. É um cacto.

Os olhos cor de avelã de Enzo caem no meu pulso, e então ele agarra meu braço e o aproxima. Mordo o lábio, meu corpo ficando mais quente com seu aperto forte.

Não sei se vou me acostumar com essa sensação, mas não me importo de tentar.

— Por que um cacto?

Dou a mesma explicação que dei a Simon, mas ele não reage. Apenas olha para a planta por mais alguns segundos antes de soltar meu braço.

— Isso não é higiênico — afirma ele depois de um tempo.

— Não é — concordo.

Ele volta o olhar para Simon, e outra vez, ele apenas o encara, com uma carranca no rosto. Não faço ideia do que ele está pensando, e como de costume, não sei se está chateado ou não. Seu rosto normal e seu rosto zangado parecem os mesmos.

Depois de um segundo, Simon ousa dizer:

— Bem, vai se sentar para fazer uma ou vai ficar me encarando como um peixe morto?

Enzo ergue uma sobrancelha, indiferente. Mas para minha total surpresa, ele se senta do outro lado de Simon e estende o pulso em silêncio.

— Seja rápido — resmunga ele.

Minha boca se abre, e agora *eu* sou o peixe morto enquanto Simon pega uma agulha nova.

— O que você quer?

— Um tubarão.

Sem se incomodar com as respostas curtas e rápidas de Enzo, Simon se inclina e começa a trabalhar na tatuagem. Olhos cor de avelã piscam para mim, depois caem na minha boca ainda aberta.

— Vai entrar mosca — avisa Simon, olhando para mim.

— Humm — é minha única resposta. Enzo arqueia a sobrancelha de novo, como se dissesse: *e aí? vai fechar a boca ou não?*

Fecho a boca com força suficiente para que meus dentes se choquem.

— Você é estranho — digo depois de um tempo.

Simon sorri.

— Ele se encaixa perfeitamente, não se encaixa?

Encontrando o olhar de Enzo outra vez, eu digo:

— Acho que sim.

Epílogo

Sawyer

Dois anos depois

— Enzo, espera, isto não é seguro. A gente vai morrer — imploro, o final da minha fala perdida por um gemido.

Ele afasta os quadris apenas para dar outra estocada profunda, fazendo meus olhos perderem o foco. Forço minha vista, encarando o idiota enquanto a besta a poucos metros de nós chicoteia a cauda, molhando nossos rostos com água do mar.

Enzo sorri e me fode com mais força em resposta, arrancando outro grito da minha garganta.

Estivemos na gaiola dos tubarões durante a última hora, observando três gigantes tubarões-brancos ao nosso redor. Todos morderam a gaiola, e enquanto estou me acostumando aos poucos com a visão da boca de um tubarão bem no meu rosto, isso não significa que minha bexiga ainda não está me ameaçando.

No momento em que saímos do equipamento de mergulho, com um sorriso aliviado no meu rosto por não morrer hoje, Enzo me pega e nos coloca de volta na água fria do oceano, embora ainda dentro dos limites da gaiola.

A parte superior do invólucro de metal está alguns metros acima do nível da superfície, a tampa aberta. Se os tubarões quisessem mesmo entrar, provavelmente conseguiriam cair por cima e nos comer.

Enzo está confiante que não vai acontecer, mas já vi aqueles filhos da mãe saltarem para pegar um pássaro. Quem sabe que um

não vai saltar e cair de barriga em cima de nós?

— Eles podem sentir como seu coração está acelerado — sussurra ele no meu ouvido, subindo minhas pernas ainda mais pela cintura. Ele me prendeu na gaiola de frente para o barco, mas não parece mais seguro.

— Enzo, pare com isso — choramingo, mas ele não escuta. Em vez disso, desliza a mão entre nossos corpos, os dedos hábeis acariciando meu clitóris enquanto continua me penetrando.

— Toda vez que eu te encho, eles sentem — diz ele, sua voz mais profunda do que o oceano em que estamos e mais forte do que as ondas que nos cercam.

Um dos tubarões avança de novo, enviando mais água sobre nossas cabeças.

— Não quero fazer isso agora — suspiro, tremendo quando uma barbatana aparece na minha visão periférica.

Ele ri, sombrio.

— Estamos jogando nosso joguinho de novo? Você está perdendo o jeito, *mia piccola bugiarda* — rosna ele antes de puxar meu lóbulo entre os dentes e morder.

Arquejo, minhas unhas marcando seus ombros bronzeados e minhas costas se arqueando. As diferentes sensações da adrenalina bombeando nas veias entre minhas pernas, e o que ele está fazendo com a boca, estão me sobrecarregando.

— Sua boceta está me agarrando com tanta força. Acha que acredito numa palavra vinda dessa boca? Aposto que se eu saísse agora, sua boceta choraria pela perda.

Balanço a cabeça, mas ele tem razão. Acho que choraria se ele parasse agora.

— Quero ouvir você dizer, Sawyer. Quero ouvir como você é uma cadelinha do meu pau, e quero ouvir você implorar para gozar nele.

— Por-por favor. — O gaguejo rasga minha garganta, quase sem pensar. Se alguém é a sereia, é ele. Ele subjuga minha vontade com um simples comando, e não resisto.

— Por favor, Enzo — grito, rangendo os dentes enquanto seu dedo médio esfrega meu clitóris com mais firmeza.

— Continue — encoraja ele, com um brilho perverso nos olhos.

— Sou uma cadelinha do seu pau — repito, assim que um tubarão aparece por trás dele, com os dentes em plena exibição agarrando-os na gaiola e sacudindo-a.

Um grito assustado segue minhas palavras, mas ele não cede, despreocupado pelos tubarões agitados.

— Não é suficiente — insiste ele, mantendo o ritmo constante, apesar da gaiola trêmula ao nosso redor.

— Por favor... por favor, me deixe gozar no seu pau — digo às pressas, gritando quando o tubarão bate na gaiola outra vez.

— Boa garota — elogia ele, sorrindo sem controle. Ele é muito desequilibrado, mas Deus, isso é tão bom.

— Agora, quero ouvir dizer que me ama.

— Eu amo você — ofego sem demora. — E adoro quando me faz gozar.

Ambas as covinhas aparecem quando sua mão livre desliza pela minha garganta, apertando com firmeza e o prazer invade todas as células do meu corpo. A cada estocada, seu aperto aumenta até minha visão escurecer e eu sentir meu crânio latejar.

Ele rosna e acelera o ritmo enquanto outro tubarão bate na gaiola, enviando-a para o barco.

Dou outro grito, meus olhos arregalados ao encarar o homem forçando meu corpo à submissão. Eu estava errada. O verdadeiro predador já está dentro da jaula, e eu estou presa entre seus dentes.

— Eu disse que meu amor ia doer pra caralho. Então, me diga, *bella ladra*, isso dói?

Um barulho ininteligível passa pela minha garganta apertada, e acho que minhas unhas estão afundando em sua carne. Não consigo me importar se o faço sangrar enquanto estamos cercados por três tubarões famintos.

Nenhuma morte será mais agonizante do que o orgasmo que ele me obriga a ceder.

Fecho os olhos com força, estrelas explodindo nas minhas pálpebras. O mundo exterior está começando a desvanecer, e a

única coisa que posso sentir é minha boceta se apertando em seu pau e como ele dedilha meu clitóris com experiência.

Minhas unhas se movem para a mão ao redor da minha garganta, arranhando desesperada enquanto ele me leva mais alto, minha consciência começando a escorregar.

— É isso, baby, lute para deixar esses gritos saírem — rosna ele, agora balançando os quadris, fazendo com que meus olhos disparem direto para a parte de trás da minha cabeça. A ponta do seu pau atinge aquele maldito ponto que só ele parece saber como alcançar, e um soluço completo tenta se libertar desesperado.

Enzo roça em mim com mais força e, em segundos, estou explodindo ao seu redor. Ele liberta minha garganta, e todo o sangue que corre da minha cabeça é suficiente para meu mundo se inclinar sobre seu eixo, e o que costumava ser o oceano é agora o espaço sideral.

Um grito rasga minha garganta, e procuro algo sólido para me agarrar, mas me sinto perdida nas ondas quando elas rasgam tudo o que me faz inteira.

De leve, sinto Enzo deslizar um braço por baixo do meu joelho e subir mais alto quando começa a perder o controle, buscando seu próprio orgasmo.

— Puta merda, essa boceta é muito boa — cantarola ele entredentes. E então solta seu próprio gemido profundo ao gozar dentro de mim, me enchendo toda.

Uma das suas mãos bate na barra de metal ao meu lado, e ele move os quadris em um movimento irregular e destacado.

— Porra, Sawyer — rosna ele, mas ainda parece longe.

Não dá para ouvir um grito no espaço, dá? Não pode haver som quando não há ar para falar.

Aos poucos, quase relutante, volto para baixo, e quando o faço, encontro a cabeça de Enzo apoiada na minha, e agora dois tubarões estão tentando entrar na gaiola, e *Jesus*, estou tonta.

— Sou oficialmente uma ameixa-seca, isso deve ter me dado uma infecção por fungos, e esses tubarões estão a dois segundos de entrar — resmungo, a baixa temperatura da água começando a voltar aos meus sentidos. — Agora, pode me deixar sair?

Os ombros de Enzo saltam enquanto ele ri, e então levanta o queixo e dá um beijo suave na minha testa.

— Claro, baby.

Ele se afasta de mim, e logo corro para cima e fora da gaiola, quase rastejando para *Ladra*. Enzo comprou este barco no dia em que aceitei me casar com ele.

Ele me levou para o mar no pôr do sol, os raios brilhando na superfície da água e deslizou o anel de diamante no meu dedo sem nem sequer me perguntar.

Enzo não faz discursos sentimentais, mas me venerou naquela noite enquanto me fazia gritar *sim* até minha voz ceder.

Três dias depois, fugimos para nos casar, Simon e Troy, nossas testemunhas. Eles são a única família que precisávamos.

Ainda estou convencida de que dá azar ele ter dado esse nome ao barco. Como tatuar o nome do seu parceiro em você, é, sem dúvida, amaldiçoado.

Ainda não naufragámos, mas se o nome deste barco for ladra, então é óbvio que vai roubar uma vida ou duas.

Enzo me chama de dramática, mas eu chamo de lógica.

No segundo em que meus pés tocam o piso do barco, fico tentada a ficar de joelhos e beijá-lo.

— Você tem sorte de eu não ficar enjoada no mar — murmuro, lutando para vestir meu biquíni devido às ondas que nos balançam com força por causa dos tubarões gigantes e irritados. Foi negada uma refeição a eles, e bem, isso é muito rude.

Enzo sobe no barco atrás de mim e, depois de cobrir a bunda com a bermuda, empurra a alavanca para o guindaste pendurado no barco, erguendo a gaiola. O zumbido mecânico é incapaz de mascarar a risada profunda vinda de seu peito.

— Isso é um desafio, *bella*?

Estreito os olhos.

— Se isso é uma insinuação sexual, vou transformar você em comida de tubarão.

— Odiaria que isso acontecesse — ronrona ele quando a gaiola sai do oceano, e apenas os respingos da água podem ser ouvidos. — Você e sua boceta ficariam tão solitárias sem mim.

Reviro os olhos.

— Vou sobreviver, cara. Sempre faço isso.

— Vai? — pergunta ele, diabólico, o queixo virando por cima do ombro. — Você e os deuses do feijão vão fazer companhia um ao outro?

Eu lhe dou uma dedada, mas num piscar de olhos me acovardo quando ele se vira para mim com um grunhido e dá um passo na minha direção. Corro de novo, uma risada preenchendo o ar salgado.

Desta vez, não tenho intenção de fugir.

Glossário

Bella/Bellissima – bela/linda

Ladra – ladra

Si – sim

Cazzo, quanto mi fai godere – Porra, isso é tão bom

Ecco la mia piccola ladra – Ali está minha pequena ladra

Cazzo – Porra

Piccola – Baby

Vieni qui – Venha aqui

Ancora una volta – Só mais uma

Guardami – Olhe para mim

Andiamo –Vamos

Cammina – Caminhe

Bravissima – Impressionante, bem feito

Che stronzo – Que imbecil/imbecil

Stronzo – Idiota/babaca

Merda – Merda

Amore mio – Meu amor

È davvero bellissima – É lindo

Lo uccido – Vou matá-lo

Capito? – Entendeu?

Perché – Por quê?

Che cazzo succede? – Que merda é essa?

Suor Caterina – Irmã Caterina. Significado literal: freira, usada no lugar de Irmã.

Vuoi sapere cosa vedo? – Quer saber o que eu vejo?

Maritozzo – Massa italiana doce recheada com chantilly

Non lo so – Não sei

È una maledetta bugiarda – Ela é uma maldita mentirosa

Mi sta facendo uscire pazzo, porca miseria – Ela está me deixando louco, merda

Cazzo, che cazzo hai fatto? – Porra, que merda você fez?

Concentrati – Se concentre

Attenta – Cuidado

Brava ragazza – Boa garota

Non ti odio – Eu não te odeio

Sorridi, piccola – Sorria, baby

Ti darò tutto – Eu vou te dar tudo

Morirà lentamente – Ele vai morrer lentamente

È impossibile odiarti quando mi fai sentire così vivo – É impossível odiar você quando faz eu me sentir tão vivo

Ed è esattamente per questo che voglio odiarti. Prima di incontrare te ero un sonnambulo. Cazzo, non ero pronto a svegliarmi – E é exatamente por isso que eu quero te odiar. Estava sonâmbulo até te conhecer, e não estava pronto para acordar

Ho sbagliato a dirti che eri debole. Sei così incredibilmente coraggiosa, vorrei che lo vedessi anche tu – Errei ao chamá-la de fraca. Você é muito corajosa. Gostaria que conseguisse ver isso

Ti penso ogni ora, ogni minuto, ogni dannato secondo. Non so che fare – Penso em você a cada hora, a cada minuto, a cada maldito segundo. Não sei o que fazer

L’oceano era l’unico posto in cui mi sentivo a casa – O oceano foi o único lugar em que me senti em casa

Era l’unica cosa che mi eccitava e dava pace. Hai rovinato anche questo. Sentirti su di me è meglio di immergersi nell’oceano. Neanche con questa rivelazione so che fare – Foi a única coisa que me deu emoção e paz. Você também estragou isso para mim. Estar dentro de você é melhor do que estar dentro do mar. Também não sei o que fazer com isso

Bancarelle – Uma barraca móvel onde os vendedores vendem suas mercadorias

Un giorno – Um dia

Cazzo, quanto sei bagnata – Você está tão molhada

Ma solo quando sono pronto a venire con te. Annegheremo insieme, bella ladra – Mas só quando eu estiver pronto para ir com você. Vamos nos afogar juntos, bela ladra

Svegliati – Acorde

Tu sei mia – Você é minha

Non ancora – Ainda não

Mostrami come amarti – Me mostre como te amar

Sapevo che lo stronzo stava mentendo – Sabia que o idiota estava mentindo

È il colore che preferisco su di te – Minha cor favorita em você

Sei così dolce. Sei un angelo – Você é tão meiga. Você é um anjo

Mia piccola bugiarda – Minha pequena mentirosa

Agradecimentos

Como sempre, primeiro quero agradecer aos meus leitores. Obrigada do fundo do meu coração por continuar a ler minhas palavras e por confiar em mim com seus corações e suas mentes, mesmo que talvez não devessem. Amo tanto vocês, e as palavras não podem descrever o quanto sou grata por cada um.

Em segundo, preciso agradecer a uma das minhas maiores redes de apoio, Victor. Você é meu parceiro no crime, na vida e, vamos ser honestos – na morte também. Obrigada por ser a cola que me mantém unida. Eu literalmente teria desmoronado sem você.

Obrigada minhas incríveis leitoras alfa: May, Amanda e Tasha. Vocês três são minhas rochas. Nenhum dos meus livros seria o que são sem vocês e, sem dúvida, seriam um lixo em chamadas. Amo tanto vocês.

Obrigada meus betas: Autumn, Taylor, Keri, Naomi e Kristie. Vocês arrasam. E muito obrigada Veronica por traduzir todo o italiano e Gabby por ensinar tudo da Austrália!

Além disso, não posso esquecer minha maravilhosa assistente pessoal por deixar minha vida em ordem e também ser minha beta. Tenho tanta sorte de tê-la.

Claro, sempre darei uma quantidade imensa de agradecimentos aos meus editores. Angie, você é minha família e agradeço por ser alguém em quem posso me apoiar. Obrigada por tomar conta de mim e dos meus livrinhos, e amo você demais. E Rumi, gosto muitíssimo de você, e obrigada por fazer um trabalho tão incrível com meus livrinhos.

Obrigada Cassie por fazer estes bebês tão bonitos por dentro. Amo tanto você, e sinto uma honra imensa por chamá-la de amiga.

Por último, mas não menos importante: obrigada Emily Wittig e Murphy Rae, meus designers de capa, pelo trabalho tão incrível. Vocês arrasaram e não sei como agradecer o suficiente.

Sobre a Autora

HD Carlton cresceu em uma pequena cidade em Ohio, e sofreu por anos pelas mãos da Mãe Natureza amaldiçoando a área com todas as quatro estações no espaço de uma semana. De dia, ela faz coisas adultas chatas, à noite, ela está colocando sua imaginação em palavras enquanto seu gato sobe em cima dela. Ela publicou alguns poemas, mas agora ela se dedica a transformar a poesia em uma história. Uma história que preferencialmente apresenta mundos perversos com o pior tipo de vilões que *não* falam de si em terceira pessoa.

